

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO” –
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS – CAMPUS DE ASSIS

BRUNA KAREN GRILO PEREIRA

**O Sentido de Família: implicações para a atenção a adolescentes em uma
Unidade Básica de Saúde**

**ASSIS
2022**

BRUNA KAREN GRILO PEREIRA

**O Sentido de Família: implicações para a atenção a adolescentes em uma
Unidade Básica de Saúde**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, para a obtenção do título de Mestre em Psicologia (Área de Conhecimento: Psicologia e Sociedade).

Orientadora: Claudia Aparecida Valderramas
Gomes

ASSIS

2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Laura Akie Saito Inafuko - CRB 8/9116

P436s Pereira, Bruna Karen Grilo
O sentido de família: implicações para a atenção a
adolescentes em uma unidade básica de saúde / Bruna Karen
Grilo Pereira. Assis, 2022.
244 p. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Cláudia Aparecida Valderramas Gomes

1. Família. 2. Adolescentes. 3. Significação (Psicologia).
I. Título.

CDD 616.8915

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Assis



ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE BRUNA KAREN GRILO PEREIRA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 07 dias do mês de outubro do ano de 2022, às 09:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de BRUNA KAREN GRILO PEREIRA, intitulada **O Sentido de Família: implicações para a atenção a adolescentes em uma Unidade Básica de Saúde**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. CLAUDIA APARECIDA VALDERRAMAS GOMES (Orientadora) – (Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia Social/ UNESP/FCL- Assis, Prof. Dr. RICARDO ELEUTÉRIO DOS ANJOS (Participação Virtual) do(a) Universidade Federal de Catalão (UFCAT), Prof. Dr. DEIVIS PEREZ BISPO DOS SANTOS (Participação Virtual) do(a) Departamento de Psicologia Social/ UNESP/Assis-FCL. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma virtual, a discente recebeu o conceito final **Aprovada**. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Profa. Dra. CLAUDIA APARECIDA VALDERRAMAS GOMES

Aos adolescentes e suas famílias, em especial, às famílias e lares brasileiros que não sustentam em sua dinâmica e organização um modelo ideal de família.

À Deus, tudo o que faço.

AGRADECIMENTOS

Minha perene gratidão aos participantes voluntários desta pesquisa e a todos os adolescentes que demandam atendimento psicológico pelo Sistema Único de Saúde (SUS), mediado pela Unidade Básica de Saúde (UBS) onde atuo e me despertaram para a realização deste estudo.

Agradeço a minha orientadora, Doutora Cláudia Aparecida Valderramas Gomes, que aceitou me guiar tão sabiamente na realização deste estudo, mostrando-me não só um percurso teórico e científico ao compartilhar seus conhecimentos, mas também sobre a leveza, serenidade e calma em meio aos meus ansiogênicos momentos. Sempre respeitosamente me direcionou, me encorajando com palavras de esperança. Gratidão.

Agradeço a minha Família, meus pais Abimael e Rosana, meus avós José e Maria e minhas irmãs Beatriz, Barbara e Brianne que sempre torcem pelo meu sucesso e são minha base para os dias difíceis. Também às minhas tias e sobrinhas, em especial, minha afilhada Gabi. Muito obrigada por tudo, eu amo vocês!

Agradeço ao meu amor Evandro, que compartilha comigo todos os dias, por tantos bons momentos partilhados durante esta pós e por toda preocupação e cuidado comigo neste processo. Obrigada pela paciência e por desejar o meu melhor. Eu te amo.

Agradeço o dia em que ainda estava no processo seletivo para entrar no mestrado e conheci minhas amigas Thainá e Jéssica na última fase (entrevistas); estava nervosa e elas, de forma tão singular e esperançosa me encorajaram e desejaram que conjuntamente realizássemos este sonho. Mais que isso, me fortaleceram durante todo este percurso e ganharam minha eterna admiração. Como aprendi com vocês! Vocês serão sempre queridas e minhas inspirações.

Não poderia deixar de citar que mesmo antes de entrar na pós, quando era aluna especial, conheci pessoas incríveis e que muito me ajudaram, renunciaram ao seu tempo para me orientar quanto às questões da pós sempre que precisei, gratidão Jéssica, Ruchelli, e especialmente, minha amiga Renata Xavier, que compartilhou comigo suas experiências, conhecimentos e me apoiou durante toda essa pós, você é incrível Re.

Agradeço também com muito carinho aos professores Doutores Deivis Perez B. dos Santos e Ricardo Eleutério dos Anjos que me aproximaram da teoria histórico-cultural e compartilharam comigo seus conhecimentos. Foi uma honra tê-los como banca em minha qualificação e defesa deste trabalho. Meu muito obrigada pelo aceite.

Agradecimentos à Faculdade de Ciências e Letras – FCL UNESP/Assis, por me acolher e me dar o privilégio de fazer parte deste Programa de Pós-Graduação, e pela honra de contar com docentes tão competentes.

Agradeço a todos que de alguma forma somaram para a concretização desta pesquisa. Meus amigos e minha psicoterapeuta Flávia Rodrigues.

Agradeço minha gatinha Briana, tão fofinha me acompanhou em vários momentos de estudo.

*[...] Não diga nunca “isto é natural”.
Perceba o horrível atrás do que já se tornou familiar.
Sinta o que é intolerável no dia a dia que se aprendeu a suportar.
Inquiete-se diante do que se considera habitual [...].*

Bertolt Brecht

RESUMO

As diferentes formas de organização da sociedade impuseram transformações na dinâmica familiar ao longo do tempo. Há um processo histórico de constituição da família no contexto da sociedade capitalista contemporânea e também de formação desse conceito que expressa um movimento contínuo de transformação das relações sociais no interior da instituição familiar e que está ligado a uma totalidade social. Considerando que há um significado social de família, entende-se que a Psicologia Histórico-Cultural oferece ferramentas teórico-conceituais, dentre elas, a unidade dos processos cognitivos e afetivos que estão plasmados em toda e qualquer imagem subjetiva do real, para entender como se produzem as ideias de família em cada sujeito singular. Esta pesquisa teve como objetivo apreender o sentido de família para adolescentes atendidos pelo serviço de psicologia em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) de um município localizado no interior do estado de São Paulo, onde a profissional e pesquisadora atua. O estudo se fundamenta nos pressupostos teórico-metodológicos do Materialismo Histórico-Dialético e da Psicologia Histórico-Cultural. O procedimento de pesquisa adotado para a produção dos dados foi a entrevista semiestruturada baseada no método da História Oral (ALBERTI, 2005), considerando seu alinhamento com a base teórica e os objetivos desta pesquisa. Foram realizadas entrevistas com dois adolescentes: um do gênero feminino e outro masculino, com idades entre 14 e 17 anos – faixa etária atendida na UBS. A análise dos dados foi realizada mediante a metodologia dos Núcleos de Significação (AGUIAR; OZELLA, 2006), desdobrando-se em quatro núcleos de significação: 1) Relação Família-Sociedade; 2) Família-adolescente: aspectos relacionais; 3) A demanda por atendimento psicológico e família; 4) Relações familiares e atividades na adolescência. Os resultados da pesquisa revelaram que o sentido de família é uma textura que incorpora as relações sociais e familiares, as experiências escolares, as de trabalho e o legado das gerações precedentes, ou seja, o sentido transparece como processo e produto da atividade de cada adolescente no mundo, uma imagem dotada de pensamentos e sentimentos que sintetiza as relações entre o passado, o presente e o futuro de diferentes pessoas e que são o esteio das concepções sobre si mesmos.

Palavras-chave: Família. Adolescentes. Sentidos. Psicologia Histórico-Cultural.

ASBSTRACT

The different forms of how society is organized imposed changes in family dynamics over time. There is not only a historical process of family constitution in the context of contemporary capitalist society but also the formation of this concept, which expresses a continuous movement of transformation of social relations within the family institution and which is linked to a social totality. Considering that there is a social meaning of family, it is understood that historical-cultural psychology offers theoretical-conceptual tools, among them, the unity of cognitive and affective processes that are shaped in each and every subjective image of reality, to understand how the idea of family in each individual subject is produced. This research aimed to comprehend the meaning of family for adolescents assisted by the psychology service in a Basic Health Unit - in a small city located in the interior of the state of São Paulo, where the professional and researcher works. The study is based on the theoretical-methodological assumptions of Historical-Dialectical Materialism and Historical-Cultural Psychology. The study is based on the theoretical-methodological assumptions of Historical-Dialectical Materialism and Historical-Cultural Psychology. The research procedure adopted for the production of data was the semi-structured interview based on the Oral History method (ALBERTI, 2005), considering its alignment with the theoretical basis and objectives of this research. Interviews were conducted with two adolescents, one female and the other male, aged between 14 and 17 years - age group served at the Basic Health Unit. Data analysis was performed using the methodology of The Meaning Core (AGUIAR; OZELLA, 2006), unfolding into four cores of meaning: 1) Family-Society Relationship; 2) Family-Adolescent: relational aspects; 3) The demand for psychological and family care; 4) Family relationships and activities in adolescence. The research results revealed that the meaning of family is a texture that incorporates social and family relationships, school and work experiences and the legacy of previous generations, that is, the meaning appears as a process and product of the activity of each adolescent in the world, an image endowed with thoughts and feelings that synthesizes the relationships between the past, the present and the future of different people and that are the mainstay of the conceptions about themselves.

Keywords: Family; Adolescents; Senses; Historical-Cultural Psychology.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Núcleos de Significação.....	106
Quadro 2 – Informações do participante e da participante da pesquisa.....	111

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I – FUNDAMENTOS TEÓRICO-FILOSÓFICO E METODOLÓGICO.....	19
1.1 A concepção marxiana de pessoa.....	19
1.2 A Psicologia Histórico-Cultural: contexto de surgimento.....	29
CAPÍTULO II – FAMÍLIA E ADOLESCÊNCIA.....	38
2.1 Família e sociedade.....	38
2.2 Considerações sobre a família brasileira.....	47
2.3 Adolescência na perspectiva histórico-cultural.....	52
2.4 O psiquismo do adolescente.....	57
CAPÍTULO III – A CONSTITUIÇÃO DO PSIQUISMO NA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL.....	69
3.1 A formação do psiquismo.....	69
3.2 A produção do sentido.....	83
CAPÍTULO IV – PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA.....	88
4.1 A abordagem teórico-metodológica: o materialismo histórico e dialético.....	88
4.2 O contexto da pesquisa.....	93
4.3 Procedimentos para a produção dos dados e os aspectos éticos envolvidos.....	95
4.4 O processo de análise dos dados.....	99
4.4.1 A organização dos Pré-indicadores.....	104
4.4.2 A sistematização dos Indicadores.....	104
4.4.3 A construção dos Núcleos de Significação.....	105
CAPÍTULO V – RESULTADOS: análise e discussão dos Núcleos de Significação.....	107
5.1 Relação Família-Sociedade.....	108
5.2 Família-adolescente: aspectos relacionais.....	123

5.3 A demanda por atendimento psicológico e família.....	140
5.4 Relações familiares e atividades na adolescência.....	158
INTERNÚCLEOS: articulação e considerações finais.....	172
REFERÊNCIAS.....	176
APÊNDICE A - Pré-indicadores construídos a partir das falas da adolescente M.A.....	184
APÊNDICE B - Pré-indicadores construídos a partir das falas do adolescente A.L.....	194
APÊNDICE C - Quadros dos Indicadores construídos a partir dos pré-indicadores.....	204
APÊNDICE D – Roteiro da entrevista de História Oral.....	236
ANEXOS.....	238

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa é parte integrante do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da Unesp – Campus de Assis. Está vinculada ao Grupo de Estudos Marxistas em Educação e Psicologia – GEMEPSI. O estudo se originou da minha vivência como profissional de psicologia em uma Unidade Básica de Saúde (UBS) em um município localizado no interior do estado de São Paulo.

Devo aqui expor os motivos que me levaram a pesquisar sobre o tema. Atuo com adolescentes no serviço público desde a graduação. No último ano do curso de Psicologia, em 2015, optei por estagiar em um Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). Nesse período integrava um estágio extracurricular pela prefeitura e o estágio obrigatório da graduação, desenvolvendo grupos socioeducativos, especificamente, com adolescentes entre 12 e 17 anos de idade, que se encontravam em situação de vulnerabilidade social.

No contato semanal com os (as) adolescentes e suas famílias – seja nos encontros presenciais ou em visitas domiciliares – surgia minha inclinação para trabalhar com esse público, mediante as políticas públicas. Nesse último ano da graduação, empenhei-me em estudar e fazer concursos públicos para atuar como psicóloga.

Em 2016 continuava minha trajetória, agora como servidora pública concursada, lotada em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), atuando novamente com adolescentes de 12 a 17 anos de idade (atualmente 14 a 17 anos), encaminhados para atendimento psicológico conforme assegurado pelo Código de Ética Profissional do Psicólogo (2005)¹. Foi, portanto, durante o processo psicoterapêutico, desde a anamnese com os pais (geralmente as mães) ou responsáveis (avós ou madrastras), depois os atendimentos aos (as) adolescentes, intercalado com as sessões de orientação aos pais, que me levaram a questionamentos e reflexões, pois observava uma estreita relação entre as queixas e o contexto familiar em que estavam inseridos (as).

Essa percepção de que as demandas dos (as) adolescentes tinham relação com suas famílias se deve a um número significativo de atendimentos a pais e filhos (as) que apresentam dificuldades/conflitos nessa relação, associadas também a outras demandas vivenciadas nessa etapa da vida. Portanto, será que a configuração familiar, sua história e sua cultura, influencia

¹ O Código de Ética Profissional do Psicólogo – art. 8º afirma a necessidade de que o acompanhamento psicológico contínuo de crianças, adolescentes ou interditos seja vinculado à autorização dos seus responsáveis. Portanto, todo o atendimento realizado na Unidade Básica de Saúde (UBS) era feito sob consentimento dos pais ou responsáveis.

na formação subjetiva do (a) adolescente? E de que forma este *sentido* influencia em outras áreas, tais como estudo, trabalho, sexualidade e religiosidade?

Destes questionamentos decorre o objetivo geral dessa investigação: apreender qual o sentido de família para os (as) adolescentes atendidos pelo serviço de psicologia de uma Unidade Básica de Saúde (UBS) do interior paulista. E os objetivos específicos são: 1) explicar a historicidade do significado social de família, capaz de dar inteligibilidade às noções que sustentam modos de pensar e de sentir na atualidade; 2) identificar a materialidade que caracteriza a situação social, econômica e cultural de cada composição familiar estudada; 3) avaliar como o conteúdo e a forma das vivências familiares concretizam a necessidade da atenção psicológica; 4) analisar se os pensamentos e sentimentos sobre a família confluem com outras demandas vivenciadas pelos (as) adolescentes, tais como estudo, trabalho, sexualidade e religiosidade.

O aporte teórico para essa pesquisa é a Psicologia Histórico-Cultural, cujo principal precursor foi L. S. Vigotski (1896-1934) que buscou explicar a formação dos processos cognitivos e afetivos da pessoa a partir das apropriações das condições histórico-sociais concretas da vida, fundamentado no Materialismo Histórico e Dialético desenvolvido por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895).

Ao tratar sobre a função do meio no desenvolvimento psíquico, a teoria vigotskiana afirma que para se compreender a sua influência no desenvolvimento infantil é necessário abordá-lo considerando que “[...] o papel de quaisquer elementos do meio se distingue de acordo com as diferentes faixas etárias” (VINHA & WELCMAN, 2010, p. 682). Logo, identificar o papel do meio no desenvolvimento psicológico da criança, no desenvolvimento da sua personalidade consciente, depende de dispormos da relação desta com a realidade – conceito denominado por Vigotski de “vivência” ou “*perejivanie*” (no russo).

A vivência, segundo o autor, se caracteriza por qualquer situação que depende da interpretação da criança, do sentido e significado dela sobre esta vivência para assim poder determinar a sua influência no seu desenvolvimento. É “como uma unidade de elementos do meio e de elementos da personalidade” (VINHA & WELCMAN, 2010, p. 687), que envolve qualidades emocionais, sensações e percepções, conduzindo a uma imersão do sujeito no mundo (TOASSA, 2011).

No que tange à instituição família, entende-se que esta ocupa uma dimensão particular, que possibilita inúmeras vivências pautadas nas relações objetivas que cada indivíduo tem com seu grupo familiar (DURIGAN & LEAL, 2017).

Contrário a esses argumentos, existe uma tendência de se estigmatizar a conduta e até mesmo o “adoecer psicológico” do adolescente, partindo de um modelo biologizante, que o isola do contexto em que este vive e desconsidera suas múltiplas determinações. Assim, com base na Psicologia Histórico-Cultural, buscamos romper com tais visões que se limitam ao natural e biológico da adolescência, e que desconsideram as determinações sociais desse período (AGUIAR, et.al, 2007).

Visando atender aos objetivos propostos, realizamos a produção de dados a partir do campo e estudos teóricos pautados na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural devido ao Materialismo Histórico e Dialético, que considera o homem como um produto social e histórico e a formação humana construída na relação dialética do homem com o mundo concreto.

Os dados foram produzidos na Unidade Básica de Saúde (UBS) onde os (as) adolescentes entre 14 e 17 anos são atendidos de forma individual e/ou grupal por uma psicóloga, responsável por essa faixa etária. A produção dos dados se deu por meio de entrevista com adolescentes, um de cada gênero, a fim de analisar se há também diferenças neste aspecto.

O critério para a seleção dos (as) participantes foi que o (a) adolescente e sua família buscasse por esse serviço na Unidade Básica de Saúde (UBS) e que a *queixa* explicitasse os seguintes aspectos, identificados no momento da anamnese: 1) que fosse representativa a preocupação, por parte dos pais e/ou responsáveis, de que os conflitos familiares se vinculassem às questões emocionais e comportamentais dos filhos e 2) que o (a) adolescente manifestasse, já na triagem individual, os conflitos/desacordos familiares também como causadores de pensamentos, afetos e comportamentos desagradáveis e/ou perturbadores.

O modelo de entrevista que adotamos baseia-se na proposta da História oral (ALBERTI, 2005), considerando seu afinamento com a base teórica e os objetivos dessa pesquisa, tendo em vista a historicidade da pessoa como eixo central de análise e a sua história de vida devidamente valorizada.

Destacamos que as entrevistas aconteceram de forma presencial em 2021, mesmo durante a pandemia da COVID-19, pois como funcionária pública me mantive trabalhando no local indicado quase todo o período da crise sanitária.

Para análise e interpretação dos dados foi utilizado o procedimento elaborado por Aguiar & Ozella (2006) denominado Núcleos de Significação.

Sobre o problema de pesquisa, Martins & Lavoura (2018, p. 234) colocam que as justificativas para a realização de uma investigação comportam uma relação de, pelo menos, três pressupostos gerais articulados entre si

Primeiro, a necessidade da investigação sobre algo que ainda não existe pesquisa a respeito; segundo, a necessidade de investigação em prol do avanço e desenvolvimento do conhecimento já existente, todavia ainda caracterizado como insuficiente; ou, terceiro, a necessidade de se fazer avançar e desenvolver o conhecimento sobre aquilo que se configura como inadequado ou equivocado, carecendo de revisão num movimento de superação por incorporação (MARTINS & LAVOURA, 2018, p. 234).

Para ancorar o estudo foram compilados dados de investigações acadêmicas produzidas nos últimos anos (2001 a 2020) sobre a temática do sentido de família para adolescentes e a Psicologia Histórico-Cultural. Consultas aos bancos digitais da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS-Psi), da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e do Repositório de Teses e Dissertações da Universidade Católica do Salvador (UCSal), por se tratar de um programa de pós-graduação *stricto sensu* em “Família na Sociedade Contemporânea”.

O processo de revisão bibliográfica ocorreu no período de junho de 2020 a junho de 2021, sendo analisados inicialmente artigos, dissertações e teses de acesso gratuito em língua portuguesa e publicados entre os anos de 2001 e 2020. Após a busca inicial, optou-se por indicar apenas dados de Dissertações e Teses com recorte temporal entre os anos de 2010 e 2020 por contemplarem produções científicas mais recentes e que mais se aproximavam da temática de estudo.

De início, pesquisamos na Biblioteca Virtual de Saúde (BVS-Psi) os descritores: “sentido AND família”, obtendo como resultado um total de 35 referências entre os anos de 2001 e 2020. Foram analisados os títulos e resumos dos trabalhos e todos foram devidamente descartados por não corresponderem a nossa temática. Posteriormente, na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), no intervalo de tempo compreendido entre 2010 e 2020, foram utilizadas as palavras-chave: Sentido + Família + "Psicologia Histórico-Cultural" + Adolescente, obtendo 4 resultados (2 Dissertações e 2 Teses) que envolviam adolescência em uma perspectiva histórico-cultural mas com ênfase na relação família e escola, trabalho e promoção de saúde, distanciando-se da nossa proposta. Ao refinar os descritores para “Sentido de Família + Adolescente” foram encontradas 134 teses, as quais tiveram seus títulos e resumos analisados. Aquelas que se distanciavam da nossa temática foram descartadas.

Após essa primeira avaliação, consideramos dois trabalhos relevantes para nossa temática. Depois de eliminar uma duplicada, selecionamos a tese “Relações entre Irmãos Adolescentes: Sentidos e Significados”, de Raquel Maracaípe de Carvalho (2011), que também tem como base a Psicologia Histórico-Cultural e se aproxima do nosso tema, porém com objeto de estudo diferente. Ao ampliar os descritores de busca para 'Sentido de Família + Adolescente + psicologia histórico-cultural' detectou-se 24 resultados que foram refinados do modo anterior, restando 1 uma dissertação: “Família - Abrigo - Rua: construção de significados dos adolescentes nas passagens por contextos de desenvolvimento”, de Selma Maria Gomes de Miranda Soares (2012), que investigou os significados e sentidos construídos por estes sujeitos em suas passagens pelos contextos da família, das instituições de acolhimento e da rua e que, em parte, baseia-se também na Psicologia Histórico-Cultural.

Também buscamos nos dados do Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES entre 2010 e 2020 com os descritores "Sentido de família" and "adolescente" and "psicologia histórico cultural". Pelo excesso de resultados, que compreenderam 90.871, refinamos a busca com as mesmas palavras-chave, mas optando pela Grande área de conhecimento em “ciências humanas”, área de conhecimento em “psicologia social” e área de concentração em “psicologia social e psicologia social e institucional”, assim, obtivemos 149 resultados, os quais tiveram seus títulos e resumos analisados.

Após descartar todos aqueles que não correspondiam à temática, restou 1 Dissertação de Mestrado intitulada “De volta para casa? Significado de reintegração familiar para crianças e adolescentes”, de Leilane Cristina Oliveira Pereira, desenvolvida no ano de 2013 e que investigou crianças e adolescentes que, após terem sido reintegradas à família de origem, retornaram ao acolhimento institucional; assim, a autora buscou o significado de família, acolhimento institucional e reintegração familiar, baseada na Análise Crítica do Discurso. Portanto, compreendemos que o objeto de pesquisa, bem como a fundamentação e análise dos resultados são distintas do que pretendemos neste estudo, embora o recorte “significado de família” e o grupo “adolescentes” nos tragam aproximações.

Delimitamos nossa pesquisa para o repositório da Universidade Católica do Salvador (UCSal) com os descritores: "sentido de família" and "adolescência" and "psicologia histórico cultural" no período de 2010 e 2019 (intervalo pré-estabelecido no site), sendo identificadas 49 Dissertações de Mestrado e 22 Teses de Doutorado. Essas, tratavam sobre diversas áreas de conhecimento e temáticas, tais como gravidez na adolescência e adolescente em conflito com a lei etc. Após a análise de refinamento, 1 estudo (Dissertação) intitulado “Relação pais e filhos adolescentes na sociedade contemporânea: um estudo sobre o olhar dos adolescentes” de autoria

de Daniela Maria Ladeira Reis (2014) foi considerado, pois se aproxima de nossa proposta, tratando-se de uma pesquisa que partiu do questionamento acerca da maneira como os filhos percebem o comportamento de seus pais. Porém, os pressupostos teórico-metodológicos utilizados se distanciam do nosso estudo.

Por meio dessa revisão foi possível notar um predomínio nos temas de pesquisa que focalizam adolescência e escola, trabalho, relação família e escola, família e instituição de acolhimento e poucas voltadas às questões que envolvem família e adolescente, tampouco na perspectiva histórico-cultural.

Deste modo, esperamos, com este estudo, poder avançar na investigação de um conhecimento ainda insuficiente sobre o tema. Acreditamos poder contribuir para uma análise que vá do imediato para o interpretativo, na compreensão do sentido de família constituído pelos adolescentes em um contexto específico. Acreditamos também colaborar para ampliar a compreensão dos (as) adolescentes pesquisados (as) sobre si mesmos (as), suas histórias, os nexos entre passado, presente e futuro, sobre suas famílias e os vínculos construídos com estas, além da compreensão sobre os diversos modelos familiares.

O procedimento metodológico utilizado para a produção dos dados, baseado na contação de suas histórias de vida, representa a possibilidade de dar a esses (as) adolescentes – que reconhecem e manifestam o interesse por trabalhar suas relações no âmbito familiar e a necessidade da mediação profissional – a oportunidade para a examinação e superação de tais dificuldades. Assim, voluntariamente, esses (as) adolescentes se colocam no processo de tomarem a si mesmo (as) como objeto de estudo, possibilitando sua autoconsciência e a reflexão sobre como as relações e os vínculos familiares confluem para outras situações de suas vidas.

Outro aspecto a destacar são as reflexões e aprendizados que uma pesquisa como esta pode trazer à pesquisadora/trabalhadora que também se coloca como objeto de examinação crítica de seu próprio trabalho e formas de atuação, dando novos sentidos e contornos à sua prática com os (as) adolescentes e suas famílias, o que se desdobra em um olhar mais ampliado sobre a totalidade social e novas formas de atuação no próprio campo da psicologia.

Por fim, destacamos a relevância da pauta família como instituição que demanda um olhar constante da sociedade e enfrenta discussões de cunho político, jurídico, social e religioso, especialmente no momento atual do país. Este conceito denota uma inclinação ideológica pelos conservadoristas, que nada mais é que a família nuclear burguesa, em sua gênese comporta a

exploração do homem pelo homem e, dialeticamente trabalha na manutenção de uma sociedade dividida em classes.

No que tange a organização deste texto, traçamos um caminho que se inicia com a fundamentação teórico-metodológica que embasou a pesquisa, passando pela elucidação teórica do objeto estudado e, finalmente, à análise dos resultados da pesquisa, visando oferecer ao leitor uma compreensão do (a) adolescente em sua totalidade.

No primeiro capítulo, “Fundamentos Teórico-filosófico e Metodológico”, pretende-se apontar o contexto histórico do surgimento da Psicologia Histórico-Cultural como teoria que se baseia nos fundamentos do Materialismo Histórico-Dialético.

No capítulo designado “Família e adolescência”, buscamos historicizar a família como instituição que sofreu e sofre alterações no percurso histórico da humanidade e que, numa relação dialética, transforma e é transformada pela sociedade. Do mesmo modo, abordamos o desenvolvimento da adolescência, considerando-a a partir da perspectiva histórico-cultural, a fim de avançar na compreensão do nosso objeto e embasar teoricamente a nossa análise.

O terceiro capítulo, intitulado “A constituição do psiquismo humano”, tem como objetivo apresentar o processo de desenvolvimento psicológico humano a partir da Psicologia Histórico-Cultural, refletindo sobre o papel da mediação para a explicação e o estudo do psiquismo humano. Abordamos também a constituição dos *sentidos* como produto da relação dialética entre subjetividade e objetividade. Tais fundamentos são de suma importância para a nossa análise. O quarto capítulo apresenta a “Metodologia da Pesquisa”, ou seja, o percurso percorrido desde a abordagem teórico-metodológica, passando pela produção dos dados, os procedimentos utilizados, o campo, os (as) participantes e, posteriormente, a análise interpretativa dos elementos coletados.

No quinto e último capítulo “Resultados”, temos como objetivo apresentar a análise e interpretação dos Núcleos de significação com base na proposta teórico-metodológica escolhida. Por fim, articulamos os inter núcleos à guisa de conclusão.

CAPÍTULO I

FUNDAMENTOS TEÓRICO-FILOSÓFICO E METODOLÓGICO

O propósito deste capítulo é apresentar os fundamentos teórico-filosóficos e metodológicos que embasam esta pesquisa, o que inclui o percurso histórico do surgimento da Psicologia Histórico-Cultural, que se alicerça nos pressupostos do Materialismo Histórico-Dialético, desenvolvido por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895). Essa visão apregoa que as características especificamente humanas não se desenvolvem por si só, mas numa relação dialética com o mundo objetivo, o qual foi historicamente criado pelas próprias pessoas, mediante sua atividade vital que é o trabalho.

Desse modo, ao passo que a pessoa foi modificando a natureza para suprir suas necessidades ela foi modificando a si mesmo (a) e se humanizando. Com base nisso, entraremos na parte que abordará o contexto histórico do surgimento da Psicologia Histórico-Cultural, que tem como fundador L.S.Vigotski (1896-1934) e seus colaboradores. Essa escola da psicologia, baseada nos pressupostos marxianos, buscou explicar a formação do psiquismo humano do ponto de vista histórico, decorrente das condições concretas de vida de cada pessoa.

1.1 A concepção marxiana de pessoa

Henri Lefebvre (2009), em seu livro *Marxismo*², apresenta três grandes concepções de mundo existentes. A primeira é a concepção cristã de mundo formada em supremacia pelos grandes teólogos católicos que, em sua essência, traz uma hierarquia estática dos seres, atos, formas e pessoas e, na qual, Deus se encontra no topo. Tal visão teve grande força e conveniência no período da Idade Média e permanece válida até os dias de hoje.

A segunda é denominada concepção individualista de mundo, surgida no final da Idade média com Montaigne. Nessa compreensão, o foco se afasta da hierarquia e se aproxima da

² Sobre os termos “marxista” e “marxiano” José Paulo Netto em sua obra “O que é o Marxismo” (2006, p. 8 - 9), difere: a obra original de Marx, isto é, a obra marxiana, “é uma teoria da sociedade burguesa e da sua ultrapassagem pela revolução proletária”. Segundo Netto, tal obra é necessária, mas não suficiente para explicar, compreender e revolucionar o mundo contemporâneo, assim, “todas as ideias de Marx (bem como de seus seguidores) devem ser testadas e verificadas sempre, jamais construindo verdades imutáveis e evidentes por si mesmas”, portanto, não existe “o marxismo”, mas sim “marxismos”, “vertentes diferenciadas e alternativas de uma já larga tradição teórico-política. Assim, o marxismo trata-se da conversão da obra de Marx em uma “concepção de mundo” que “naturalmente remonta muito do pensamento marxiano, mas convertendo-o em chave de interpretação para *todos* os fenômenos [...] um referencial global para o entendimento científico (segundo os modelos da ciência da natureza) do mundo e uma pauta de comportamento sociopolítico” (NETTO, 2006, p. 39).

pessoa, que agora é a realidade essencial porque possui, em si mesma, a razão. A ideia era uma teoria otimista (diferente da anterior, tida como pessimista, pelo seu aspecto imutável e puramente espiritual) e a harmonia natural das pessoas e das funções humanas. Essa concepção corresponde ao liberalismo, uma concepção burguesa do mundo.

Por último, a terceira trata-se da concepção marxista do mundo que, segundo o autor, recusa e não se limita às concepções anteriores. Não aceita uma hierarquia exterior as pessoas e, tampouco, se limita ao individualismo. “É ciente de realidades que escapam ao exame da consciência individualista: são realidades naturais (da natureza, do mundo exterior), práticas (trabalho e ação), sociais e históricas (estrutura econômica da sociedade, classes sociais etc.)” (LEFEBVRE, 2009, p. 12).

A filosofia marxiana é obra de Karl Marx³ (1818 – 1883) e de Friedrich Engels (1820 – 1895) que foram pares no exame crítico da economia capitalista, na militância política e nas produções científicas. Marx e Engels formulam seu pensamento tendo como base uma nova realidade social por eles observada, uma realidade que abarcava em si contradições da sociedade moderna: o proletariado e a classe operária. [...] “de um lado, o avanço técnico, o aumento do poder do homem sobre a natureza, o enriquecimento e o progresso; de outro, e contraditoriamente, a escravidão crescente da classe operária, cada vez mais empobrecida” (ARANHA & MARTINS, 1986, p. 271 – 272). Nesse contexto, a teoria marxista surge como uma concepção de mundo, no seio da sociedade moderna, com as grandes indústrias e com o proletariado industrial. Explica o mundo moderno, considera suas contradições e problemas e traz soluções racionais (LEFEBVRE, 2009).

³ Karl Marx nasceu em Treves, capital da província alemã do Reno (Renânia), em 5 de maio de 1818. Em 1836, iniciou na carreira jurídica na Universidade de Bonn, passando depois para a Universidade de Berlim. Desistiu, porém, da carreira jurídica, pois tinha grande interesse pela História e pela Filosofia, junto a isso, havia se ligado aos jovens Hegelianos – apesar de contrário ao idealismo de Hegel (1770-1831). Em 1841 conclui o doutorado e segue carreira universitária. Nos anos de 1842-1843 foi redator-chefe da Gazeta Renana, mas após sofrer pressões políticas e perseguições, abandona o cargo e parte para Paris. Durante o seu exílio em Paris, escreve os Manuscritos Econômico-filosóficos (1844), em que se centra na essência humana e no trabalho alienado. “Nesse mesmo ano (1844) Marx reencontra o amigo Friedrich Engels (1820-1895) com quem iniciaria uma estreita colaboração intelectual e política. Juntos escrevem A Sagrada Família (1845) e A Ideologia Alemã, este último redigido entre os anos de 1845-1846. Saviani (2004) explica que: “Na passagem dos Manuscritos de 1844 para as Teses sobre Feuerbach e A Ideologia alemã o conceito de essência humana passa a coincidir com a práxis, ou seja, o homem passa a ser entendido como ser prático, produtor, transformador” (SAVIANI, 2004, p.37-8). Em Bruxelas (1847) Marx e Engels ingressaram na Liga dos Justos, organização sediada na França, mas com ramificações internacionais – Liga Comunista – publicando no início de 1848 o Manifesto do Partido Comunista. Em 1852 publica O 18 Brumário de Luís Bonaparte, em que analisa os acontecimentos na França entre os anos de 1848-1851. Mas a obra máxima de Marx – O Capital – teve seu primeiro volume publicado apenas em 1867. Nesta obra, as premissas estabelecidas em A Ideologia Alemã vão ser aplicadas rigorosamente ao estudo do modo de produção capitalista, fundamentalmente naquilo que seria o desvelamento do que a “economia científica burguesa” jamais poderia explicar, o segredo da exploração do homem pelo homem. Marx morre em 14 de março de 1883, em Londres (GOMES, 2008, p. 28).

Sobre a teoria social de Marx, Netto (2006) nos explica que

tem como objeto a sociedade burguesa e como objetivo a sua ultrapassagem revolucionária: é uma teoria da sociedade burguesa sob a ótica do proletariado, buscando dar conta da dinâmica constitutiva do ser social que assenta na dominância do modo de produção capitalista. Sua estreita relação com o movimento operário, aliás, não é externa. Antes, é uma relação interna e orgânica: a obra marxiana concretiza, no plano teórico, o ponto de vista sociopolítico de classe do proletariado. Conhecimento do mundo burguês, vinculada umbilicalmente ao projeto revolucionário, a teoria social de Marx é uma daquelas matrizes culturais do mundo contemporâneo (NETTO, 2006, p. 19).

Marx e Engels para elaborarem sua teoria científica partiram da elaboração científica e do pensamento moderno. Procederam à crítica da especulação filosófica da dialética de Hegel, estudaram os escritos dos economistas Adam Smith, David Ricardo e os filósofos do socialismo utópico), entre outras pesquisas sobre os grupos sociais e a estruturação da sociedade dividida em classes (LEFEBVRE, 2009). Desse modo, “o marxismo é o sucessor legítimo do que de melhor criou a humanidade no século XIX: a filosofia alemã, a economia política inglesa e o socialismo francês” (LÊNIN, 1913, p. 1).

Nessa direção, Tonet (2013) afirma que os pressupostos materiais e intelectuais da teoria marxiana, configuram-se de modo mais concreto a partir da emergência da sociedade burguesa. No século XIX, a sociedade burguesa e, conseqüentemente a sociabilidade humana, alcança a plena maturidade e com isso há uma compreensão científica da realidade social, mas, ao mesmo tempo, uma limitação. Surgem, então, dois caminhos para a compreensão dessa realidade

De um lado, a elaboração de um conhecimento que contribua para a reprodução desta forma de sociabilidade. De outro lado, uma teoria que possibilite uma compreensão que articule a crítica radical com a transformação também radical da sociedade. É ocioso dizer que ambos os caminhos, assim como o evoluir do próprio processo histórico-social, não são, de modo nenhum, lineares (TONET, 2013, p. 66).

Esse segundo, caminho que traz a crítica e a possibilidade de transformação radical dessa sociedade, é uma necessidade da classe trabalhadora - que produz a riqueza material, é explorada pelo capital e possui condições de vida desumanas. Assim, a teoria de Marx - como resume Reinaldo Carcanhoto, na apresentação de “*Contribuição à crítica da Economia Política*” - “é intrinsecamente revolucionária, anticapitalista e humanista. Ela é uma teoria que sustenta a esperança e nos entrega instrumentos para a ação transformadora” (MARX, 2008, p. 11).

No campo metodológico, Marx constrói um método científico: o Materialismo Histórico- Dialético. Uma ciência comprometida com a pessoa e com a transformação da realidade social capitalista. É diante desses pressupostos e baseadas no método marxiano que buscamos compreender os fenômenos em sua historicidade e movimento e no comprometimento com a transformação social, pensando as pessoas como constituídas pela sociedade e, ao mesmo tempo, criadoras e capazes de transformá-la.

Tonet (2013) coloca que a classe trabalhadora “necessita, para poder ter acesso à riqueza que ela mesma cria e da qual é expropriada, superar completamente toda exploração do homem pelo homem”. Surge, então, a necessidade de uma explicação da origem do ser social e da compreensão da natureza do processo histórico e da desigualdade social. Só assim a possibilidade de uma transformação radical da sociedade e a superação da exploração do homem pelo homem seria fundamentada, mediante, conforme as palavras do autor, “a comprovação da radical historicidade e socialidade do ser social, isto é, a demonstração de que a realidade social é resultado integral da interatividade humana ao longo do processo histórico e não de forças naturais ou sobrenaturais” (TONET, 2013, p. 67-68).

Para tanto, faz-se necessário uma teoria geral do ser social, ou seja, uma ontologia do ser social que demonstre o caráter de totalidade desse ser. Não se trata de uma construção meramente teórica, mas antes, uma construção ideativa, que surge das necessidades da classe trabalhadora. Marx é afetado por essa realidade, que o levou a efetivar os fundamentos de uma concepção de pessoa e de mundo radicalmente nova e instaurar um novo modo de fazer ciência e filosofia, tratava-se de um novo padrão de conhecimento.

Esse novo padrão de conhecimento, segundo Tonet (2013), instaura-se como uma ontologia, pois Marx compreende que as questões relativas ao conhecimento só podem ser sanadas mediante a elaboração de uma teoria geral do ser social.

[...] Marx parte da gênese do ser social, do ato que funda a sociabilidade. É na análise desse ato que ele descobrirá a origem, a natureza e a função social essenciais do conhecimento científico”. [...] “Ora, se o conhecimento é apenas uma das dimensões da totalidade que é o ser social, então, sua origem, sua natureza e sua função social só poderão ser apreendidas na medida em que se conhecerem as determinações mais gerais e essenciais deste ser e na medida em que se identificar o lugar que o conhecimento ocupa na produção e reprodução do ser social como totalidade, ou seja, na práxis social (TONET, 2013, p. 74).

Para Marx, é por conta da objetividade da existência do objeto que se torna possível desencadear, por parte da pessoa, uma relação de conhecimento e é no conceito de práxis que

se traduz a forma como se articulam subjetividade e objetividade. Porém, a objetividade é o centro em todas as atividades humanas (TONET, 2013).

Em seus estudos, Marx examina que há duas concepções de mundo acerca da realidade: o materialismo e o idealismo. Na visão materialista, a realidade é vista como algo exterior a pessoa. No idealismo, pelo contrário, a realidade verdadeira é aquela da ideia, do espírito. No entanto, para Marx, ambas as correntes foram incapazes de encontrar o princípio que daria unidade a esses dois momentos. Esse princípio é a práxis.

[...] Para Marx, este princípio é a práxis, a “atividade humana sensível”, a “atividade real, sensível”. Espírito e matéria, consciência e realidade objetiva, subjetividade e objetividade são dois momentos que constituem uma unidade indissolúvel. E a práxis é esta atividade mediadora que faz com que da conjunção desses dois momentos se origine toda a realidade social. Deste modo, o defeito do materialismo está sanado quando a objetividade é captada como objetividade social (objetivação da subjetividade). Do mesmo modo, o defeito do idealismo está superado quando a realidade é capturada como resultado da “atividade real, sensível” (TONET, 2013, p. 78).

No Prefácio à *Contribuição para a crítica da economia política* (2008, p. 47, grifo nosso), Marx relata:

[...] Minhas investigações me conduziram ao seguinte resultado: as relações jurídicas, bem como as formas do Estado, não podem ser explicadas por si mesmas, nem pela chamada evolução geral do espírito humano; essas relações têm, ao contrário, suas raízes nas condições materiais de existência, em suas totalidades. [...] O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu-me de guia para meus estudos, pode ser formulado, resumidamente, assim: na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. *O modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência* (MARX, 2008, p.47 – grifos nosso).

Dessa forma, para o marxismo, é preciso partir de fatos, de pessoas concretas e de suas atividades, das relações que estabelecem entre si e de suas condições concretas de existência para assim apreender as suas determinações essenciais (TONET, 2013).

[...] indivíduos, reais e ativos, que se encontram em determinadas condições materiais de vida, condições essas, por sua vez, que já são o resultado da atividade passada de outros indivíduos e que continuam a ser modificadas pela atividade presente. Indivíduos cujo primeiro ato, imposto pela necessidade de sobrevivência, é a transformação da natureza, ou seja, o trabalho. [...] o trabalho é um intercâmbio do homem com a natureza. O que significa dizer

que o homem é também um ser natural. Como tal, o intercâmbio com a natureza é algo inseparável da autoconstrução humana (TONET, 2013, p. 81).

Portanto, o trabalho é o elemento fundamental na integração da pessoa com a natureza, dando origem a uma nova: a social.

Pode-se distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião ou pelo que se queira. Mas eles mesmos começam a se distinguir dos animais tão logo começam a produzir seus meios de vida, passo que é condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, os homens produzem, indiretamente, sua própria vida material (MARX & ENGELS, 2007, p. 87).

As pessoas são tal como exteriorizam sua vida, tanto sua produção como o modo como produzem. Porém, o que as pessoas são, depende da própria constituição dos meios de vida por elas já encontrados, ou seja, das condições materiais de sua produção (MARX & ENGELS, 2007).

A diferença entre o trabalho animal e o trabalho da pessoa é que, enquanto a atividade animal é limitada - pois o animal não chega a ser sujeito de sua atividade, apenas a realiza para a satisfação imediata de suas necessidades vitais – a pessoa, pode se distanciar de sua atividade imediata, estabelecer seus próprios fins e orientar sua atividade a fim de alcançá-los, em outras palavras, ela idealiza em sua mente o que irá produzir e depois atua sobre a natureza. Quando ela atua sobre a natureza externa para modificá-la de modo intencional, ao mesmo tempo, modifica e controla a sua própria natureza, gerando uma mudança qualitativa em seu natural. Ao realizar esse salto, ou seja, essa mudança qualitativa, que é dada num processo complexo e longo, “o momento predominante do desenvolvimento não mais será constituído por leis de caráter natural, mas, cada vez mais, por leis de caráter social” (TONET, 2013, p. 86).

O mesmo autor afirma ainda que, para Marx, o trabalho é o ato ontológico-primário na constituição do ser social, porém, há também outros elementos necessários para a compreensão dessa natureza, tal como o caráter radicalmente histórico

Ao capturar a natureza essencial do processo social, ele constatou que este é, ao mesmo tempo, uno e múltiplo, permanente e mutável, embora radicalmente histórico. Constatou, também, que estes aspectos não só não são conflitantes entre si, senão que se exigem mutuamente, compondo uma unidade indissolúvel. O fundamento desta grande descoberta marxiana está na sua constatação – a partir da análise do ato do trabalho – de que o homem tem uma essência, que também se constitui historicamente (“o conjunto das relações sociais”) – portanto não é imutável – que se articula com formas diversas de manifestação imediata, também evidentemente históricas. Deste modo, para Marx, o ser social seria um complexo indissolúvel de essência e fenômeno, ambos resultantes do processo histórico (TONET, 2013, p. 88 – 89).

A essência expressa a unidade e a identidade do ser social, permitindo falar de gênero humano, em história humana. O fenômeno expressa sua diversidade e sua mutabilidade. Ao longo de sua história vão se constituindo traços (resultados de atos humanos) que o marcarão definitivamente, conferindo-lhe uma identidade que permanece ao longo de toda a sua história, ou seja, a essência permanece mesmo na mudança, guarda a sua identidade (TONET, 2013).

Apesar de Tonet (2013) utilizar o termo identidade, este possui diferentes definições. No campo da Psicologia Histórico-Cultural, se refere

[...] é uma característica singular, ou seja, particular ao sujeito e à sua subjetividade, porém, complexa, plurideterminada, caracterizada e constituída em um processo contínuo social e histórico. A identidade é e sempre será, nessa abordagem, uma construção relacionada ao trabalho, à atividade, à ação humana, e, portanto, à sua subjetividade (BARBACELI, 2013, p. 60).

A autora ainda aponta que, para Martins (2007), a identidade “é atributo do indivíduo ou expressão máxima da sua individualidade humana” e sofre transformações de acordo com a realidade da pessoa, assim, é singular, mas é constituída socialmente (BARBACELI, 2013, p. 62).

Outro elemento necessário para a compreensão da natureza do ser social é *o caráter essencialmente social do homem* (TONET, 2013). Diferente dos animais que possuem em seu código genético as leis do seu desenvolvimento, a pessoa precisa da inter-relação com outros (as) humanos (as) para desenvolver suas capacidades. Sendo o trabalho o ato fundante do ser social, é por meio dele que as características individuais se tornam habilidades sociais num processo de reprodução cada vez mais complexo. Nessa direção, ressaltamos que a categoria trabalho na perspectiva do Materialismo Histórico-Dialético não se confunde com o trabalho assalariado, tal como vemos na modernidade capitalista, mas sim trabalho como atividade humana, atividade transformadora, em que a pessoa transforma a natureza e, ao mesmo tempo, a si mesmo. Nas palavras de Marx

O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Ele se confronta com a matéria natural como com uma potência natural [Naturmacht]. A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio (MARX, 2011, p. 326 – 327).

Desse modo, nesse processo que é coletivo, as pessoas planejam suas ações e modificam a natureza para satisfazer suas necessidades, assim, e transformam e se humanizam.

É neste sentido que Marx afirma que o homem é um ser genérico e universal, pois o devir do indivíduo não se dá apenas, e nem principalmente, como um desdobramento de leis genéticas, mas implica, sobretudo, a apropriação das objetivações que se tornaram patrimônio do gênero humano. [...] o indivíduo é social por natureza e não porque viva em sociedade (TONET, 2013, p.90).

Portanto, a pessoa singular é uma expressão do ser social composta por uma unidade de dois polos: o individual e o genérico, resultado do processo social. “Sua natureza essencial nada mais é do que uma síntese peculiar de determinadas relações sociais” (*idem*, 2013, p. 91).

O autor (2013) revela ainda um terceiro elemento fundamental para a compreensão da natureza do ser social, qual seja, *o caráter de totalidade* que o caracteriza. Afirma, como já apontado, que o trabalho é o ato originário do ser social, porém esse ser não se reduz a ele e que Marx, em seus estudos, não alega o trabalho como o elemento que determina inteiramente a vida humana e que esgota o ser social. O que ocorre é que o trabalho é o alicerce para uma complexificação cada vez maior desse ser social.

Esta complexificação, que tem na divisão do trabalho um dos seus momentos mais importantes, implica que, ao longo do processo, surjam necessidades e problemas, cuja origem última está no trabalho, mas que não poderiam ser atendidas diretamente na esfera dele. Daí o nascimento de outras esferas de atividade – tais como linguagem, ciência, arte, direito, política, educação etc. (TONET, 2013, p. 93).

O filósofo Karel Kosik (1976, p. 49) ao tratar sobre a totalidade concreta afirma

Princípio metodológico da investigação dialética da realidade social é o ponto de vista da totalidade concreta, que antes de tudo significa que *cada fenômeno pode ser compreendido como momento do todo*. Um fenômeno social é um fato histórico na medida em que é examinado como momento de um determinado todo; desempenha, portanto, uma função *dupla*, a única capaz de dele fazer efetivamente um fato histórico: de um lado, definir a si mesmo, e de outro, definir o todo; ser ao mesmo tempo produtor e produto; ser revelador e ao mesmo tempo determinado [...]. Esta recíproca conexão e mediação da parte e do todo significam a um só tempo: os fatos isolados são abstrações, são momentos artificialmente separados do todo, os quais só quando inseridos no todo correspondente adquirem verdade e concreticidade. Do mesmo modo, o todo de que não foram diferenciados e determinados os momentos é um todo abstrato e vazio (KOSIK, 1976, p. 49)

Deste modo, para o marxismo, a realidade social é um conjunto articulado de partes, isto é uma totalidade, porém cada uma dessas partes também é, em si mesma, uma totalidade, numa complexidade maior ou menor. Outro ponto é que cada uma dessas partes que constituem cada um desses conjuntos vai se determinando mutuamente, num permanente processo e existe uma relação dialética entre o todo e as partes, sendo o todo determinante. Esse conjunto é

permeado por *mediações* e *contradições*, “que resultam no dinamismo próprio de todos os fenômenos sociais e na específica concretude de cada um deles” (TONET, 2013, p. 96).

Se a realidade é um todo dialético e estruturado, o conhecimento concreto dessa realidade é um processo de concretização que precede do todo para as partes e vice-versa, do fenômeno para a essência e do mesmo modo, da essência para o fenômeno, da totalidade para as contradições e das contradições para a totalidade. Assim, nesse processo espiral em que todos os conceitos se movimentam mutuamente, a concreticidade é alcançada (KOSIK, 1976). Portanto, [...] “o conhecimento da realidade implica a captura do complexo processo de articulação entre essência e aparência e o modo específico como isto se dá em cada objeto” (TONET, 2013, p. 117), pois a forma fenomênica da realidade imediata não compõe a totalidade, tampouco coincide com a sua essência.

Por meio dessa filosofia afirma-se que a realidade social de forma imediata/fenomênica possui um caráter de pseudoconcreticidade, apresentando-se falsamente como se constituísse a totalidade da realidade, sendo necessário, portanto, ir além dessa pseudoconcreticidade, da aparência externa do fenômeno, por trás do movimento visível. Dito de outro modo, é indispensável buscar o movimento real interno, qual seja, a essência dos fenômenos. [...] “Compreender o fenômeno é atingir a essência. Sem o fenômeno, sem a sua manifestação e revelação, a essência seria inatingível” (KOSIK, 1976, p. 16).

Nesta direção, Tonet (2013) aponta que a realidade imediata é apenas o ponto de partida. Para apreendê-la em sua integralidade deve-se percorrer do imediato através do mediato até uma síntese de vários elementos e uma articulação entre essência e aparência

É preciso fazer a crítica dos dados imediatos, isto é, dissolver a sua imedaticidade, de modo a que emerga a essência que lhes confere seu verdadeiro sentido. Esta desmistificação, porém, só é possível na medida em que se desvele o processo histórico e social que deu origem aos fatos que compõem a realidade. *Fatos, dados e acontecimentos são sempre resultados condensados de relações e práticas sociais e históricas determinadas. Por isso mesmo, essas relações e práticas sociais e históricas tem que ser resgatadas para que se possa compreender o sentido deles.* A desistoricização de qualquer categoria – por exemplo, propriedade privada, capital, trabalho assalariado, mercadoria, dinheiro, *família*, Estado – contraria frontalmente a natureza essencial da realidade social, deforma o seu conhecimento e, por isso mesmo, cumpre a função ideológica de sustentar a imutabilidade de determinada ordem social (TONET, 2013, p. 118).

Assim, para o Materialismo, a realidade social pode ser conhecida em sua concreticidade (totalidade) ao descobrir a sua natureza, eliminando o falseamento se for

concebida como unidade dialética de base e supraestrutura. A pessoa como sendo objetiva, histórica e social. “A realidade social *não* é conhecida como totalidade concreta se a pessoa, no âmbito da totalidade, é considerada apenas e, sobretudo, como *objeto* e na *práxis* histórico-objetiva da humanidade não se reconhece a importância primordial da pessoa como *sujeito*” (KOSIK, 1976, p. 52, grifos do autor).

Portanto, na visão marxiana, o ser social se funda por meio do trabalho, que, por sua vez, é a mediação que coloca a pessoa numa relação transformadora da natureza em decorrência de suas necessidades e que, ao mesmo tempo, transforma/constrói a si mesma. Pela natureza do trabalho, a pessoa é essencialmente interativa, social, universal, consciente e livre. Mediante o trabalho e pela exigência da complexificação do ser social, como já relatado, vão surgindo outras dimensões da atividade humana, em que cada uma concorre para uma função na reprodução do ser social.

Por fim, da análise do trabalho emana a comprovação de que *a pessoa é radicalmente histórica e social* e sua humanização não se dá de modo natural e aleatório, mas de maneira processual.

Ao longo desse processo, o ser social se torna cada vez mais heterogêneo, diversificado, multifacetado e, ao mesmo tempo, cada vez mais unitário. Entre todos estes momentos heterogêneos, dois assumem um papel especialmente relevante: o momento da singularidade (indivíduo) e o momento da universalidade (sociedade); unidade indissolúvel, cujas relações e cuja contraposição só podem ser compreendidas a partir da própria lógica do processo real e jamais tomadas como um dado ontológico constitutivo do ser social (TONET, 2013, p. 99).

Nesse aspecto da unidade indissolúvel entre indivíduo e sociedade, continuamos com Tonet (2013) no que tange aos elementos fundamentais para a compreensão da natureza do ser social. Ele apresenta, por fim, um quarto elemento para essa compreensão, qual seja, *a forma como se originam e se relacionam as categorias da subjetividade e objetividade*. Para ele, ambas se constituem e se determinam reciprocamente.

Mesmo em suas especificidades, espírito e matéria formam uma unidade/síntese que origina o ser social, síntese essa em que a objetividade possui predominância sobre a subjetividade, visto que, mediante o trabalho/atividade prática humana, o que estava apenas na consciência se materializa em objeto, porém, dialeticamente, o que estava na consciência não se criou por si só, mas é resultado de elementos que foram apreendidos da própria realidade objetiva daquela pessoa.

Em suma, os postulados de Marx muito contribuíram para a compreensão da formação da subjetividade humana por meio da materialidade. Para ele, estudar a pessoa inclui a história e, notadamente, a atividade humana objetiva realizada na história, ou seja, a práxis, que influi na constituição da subjetividade humana (GOMES, 2008). Foi a partir das categorias estudadas por Marx que L.S. Vigotski⁴ se apropriou e apontou outra direção para a ciência psicológica de sua época.

Desse modo, a filosofia marxiana dá sustentação a uma concepção de pessoa, de história, e da sociedade e é a partir desses fundamentos que no próximo tópico avançaremos para a compreensão de como se deu o surgimento da psicologia proposta por Vigotski. Uma psicologia com fundamentos teórico-filosóficos e metodológicos de cunho marxista e comunista, que propôs a superação das cisões entre corpo e mente, entre objetividade e subjetividade, entre o individual e o social ou, ainda, entre o natural e o cultural e o comprometimento com a realidade e transformação social.

1.2 A Psicologia Histórico-Cultural: contexto de surgimento

A Psicologia Histórico-Cultural é uma abordagem da psicologia que se fundamenta no Materialismo Histórico-Dialético⁵. Parte do princípio de que a pessoa é produto histórico, cultural e social e se desenvolve na e a partir das relações com o mundo concreto e não, isoladamente, por si mesma.

As primeiras produções teóricas dessa escola surgem no início do século XX, na antiga União Soviética (URSS) e tem como fundadores L.S.Vigotski⁶ (1896-1934), A. N. Leontiev

⁴ A grafia do nome do autor neste trabalho pode variar de acordo com a fonte citada, encontramos variações tais como Vygotski, Vygotsky, Vigotski.

⁵ Cabe ressaltar que existem outras teorias da Psicologia que se embasam no Materialismo histórico-dialético, tal como a Psicologia de Henry Wallon; em seu artigo Psicologia e Materialismo Dialético (1951, p. 2) ele coloca “A Dialética Marxista permitiu à Psicologia compreender o organismo e seu ambiente em interação constante, como uma totalidade unificada. E finalmente, na Dialética Marxista, a Psicologia encontra uma ferramenta para explicar os conflitos nos quais o indivíduo tem que evoluir seu comportamento e desenvolver sua personalidade. A Psicologia de forma alguma está sozinha nesse respeito. O Materialismo de Dialético é pertinente a todo domínio de conhecimento, como também a todo domínio de ação. Mas a Psicologia, a fonte principal das ilusões antropomórficas e metafísicas, deve, mais que qualquer outra ciência, encontrar no materialismo dialético sua base e princípios-guia”.

⁶ Lev Semenovich Vigotskii nasceu em 1896 em Orsha, Bielo-Rússia, e faleceu prematuramente, aos 38 anos, em 1934, vítima da tuberculose. Estudou Direito e Filosofia na Universidade de Moscou, em 1917. Formou-se também em Medicina, lecionou literatura e psicologia em Gomel, no período entre 1917 e 1924. Mudou-se novamente para Moscou, onde trabalhou no instituto de Psicologia e fundou, posteriormente, o Instituto de Defectologia. De 1925 a 1934, lecionou psicologia e pedagogia em Moscou e Leningrado. Nesse período, iniciou seus estudos sobre a crise da psicologia buscando uma alternativa dentro do materialismo dialético para o conflito entre as correntes idealista e mecanicista. Como desdobramento, tal estudo levou Vigotskii e seus colaboradores A. R. Luria e A. N.

(1903-1979) e A. R. Luria (1902-1977), também denominada de Psicologia Sócio-histórica, Teoria Histórico-Cultural e ainda Teoria da Atividade – a partir dos trabalhos de Leontiev (PASQUALINI, 2006).

Situaremos o contexto social, histórico e político onde ocorreu o surgimento dessa teoria, visto que é impossível dissociar as produções teóricas de Vigotski da conjuntura revolucionária russa do início do século XX, pois este autor estava atendo às necessidades da Rússia pós-revolucionária e aos problemas enfrentados pelos homens naquele momento histórico (TULESKI, 2008).

Ao tratar do período de consolidação das correntes psicológicas, em especial da Psicologia Histórico-Cultural, Zanella (2007), afirma que o início do século XX foi marcado por contradições sociais, pelo domínio de alguns países sobre outros, pela busca por territórios, pela preservação de fronteiras e por melhores condições de vida. No início desse século, a Europa se fortalecia e se expandia em impérios, o processo de industrialização avançava e a economia capitalista, espalhada por todos os países, já vinha se transformando desde o fim do século XIX.

A necessidade de expandir seu mercado interno e aplicar o capital excedente levou as grandes potências europeias, tais como Inglaterra, França, Alemanha, Rússia etc. unidas aos Estados Unidos e Japão, na busca desenfreada por novas colônias, levando os países do terceiro mundo a completa dependência e a uma acirrada rivalidade entre as nações, o que no futuro ocasionaria a Primeira Guerra Mundial.

O antissemitismo e a exploração dos sentimentos nacionalistas serviam como base à manutenção dos impérios e intervenção armada na recuperação e conquista de territórios. Na Rússia, por exemplo, nas mãos do governo de Nicolau II, os judeus eram limitados socialmente. A Alemanha, por sua vez, reivindicava para si grande parte das áreas subdesenvolvidas do mundo, pautada no sentimento nacionalista e por se achar injustiçada na divisão territorial mundial. Como forma de proteção, nesse clima de tensão, a Europa se dividiu em dois grupos rivais: a Tríplice Aliança composta por Alemanha, Áustria-Hungria e Itália e a Tríplice Entente formado por França, Inglaterra e Rússia e, depois, a Bélgica, a Servia e o Japão (ZANELLA, 2007).

Leontiev a teorias sobre as temáticas de pensamento e linguagem, desenvolvimento infantil e o papel da instrução no desenvolvimento. As obras de Vigotskii foram ignoradas no Ocidente e suspensas na União Soviética de 1936 a 1956. No entanto, suas obras trouxeram importantes contribuições e a partir de suas divulgações, seus trabalhos têm sido estudados e valorizados.

Como consequência desse contexto, em 1914, é desencadeada a Primeira Grande Guerra. O conflito da guerra foi tomando grandes dimensões e envolvendo potências mundiais como os EUA que, ao entrar na guerra, mudou o seu curso. Isso porque dentro da própria Europa os países já se debatiam em conflitos internos

[...] a Rússia deparou-se com a queda da monarquia em março de 1917 e a ascensão dos socialistas ao poder em novembro desse mesmo ano; a França debatia-se com problemas no front, pois as derrotas levaram as tropas a se amotinarem. A Inglaterra debatia-se com problemas econômicos e sociais sérios. A Alemanha, por sua vez, via enfraquecer o seu poderio de guerra devido a problemas tais como o esgotamento e a falta de suprimentos enfrentados pelas tropas nos campos de batalha (ZANELLA, 2007, p.31).

O império Russo, de acordo com Alves (2017, p. 1), formava um dos “elos mais fracos” da cadeia imperialista. Desse modo, foram várias as circunstâncias históricas singulares deste país que contribuíram para a Revolução de 1917, das quais a Primeira Guerra Mundial também colaborou degradando a condições sociais da Rússia, “acelerando o tempo histórico e criando uma névoa de imprevisibilidade diante dos desdobramentos da deterioração da dominação política do tsarismo”.

A Primeira guerra, encerrada em 1918, deixou graves consequências como o número de mortos que chegou a dez milhões, problemas de ordem social e econômica, terreno fértil para uma nova guerra, vinte anos mais tarde. No aspecto político, na maioria dos países europeus houve a queda da monarquia, “houve, portanto, uma vitória da democracia e dos princípios liberais” (ZANELLA, 2007, p.31).

Sobre a Rússia do início do século XX, a autora acima aponta situações precárias de vida para a maioria da população. No comando de Czar Nicolau II, a Rússia inicia esse século em protestos e atos terroristas, grande era a ambição expansionista e crescia a insatisfação dos russos. Em 1904, tem início a guerra Russo-Japonesa, que levou a Rússia a derrota, ficando claro que o regime monárquico autoritário de Czar estava enfraquecido e desatento aos problemas sociais da população (Zanella, 2007).

Diante da derrota do país, houve um agravamento da economia interna que atingiu não só as classes subalternas, mas também a burguesia liberal.

Entretanto, não foram só as classes subalternas que estavam insatisfeitas com o regime de Nicolau II. A burguesia liberal demonstrava também insatisfação com a autocracia tsarista, buscando canais alternativos de expressão política. Diante do crescente clima de revolta, tsar prometeu, por meio do Manifesto de Outubro, realizar grandes reformas no país: estabelecer um governo constitucional, dando fim ao absolutismo, e convocaria eleições gerais para o

parlamento (a Duma), que elaboraria uma constituição para a Rússia. Os partidos de orientação liberal burguesa (como o Partido Constitucional Democrata ou partido dos “cadetes”) deram-se por satisfeitos com as promessas do tsar. Entretanto, as classes subalternas foram isoladas, não sendo atendidas suas reivindicações de reforma democrática e popular (ALVES, 2017, p. 2).

Com o aumento das greves e participação popular chegou ao episódio denominado Domingo Sanguento em 1905, que marcou para sempre a vida da população russa

“Domingo Sangrento” foi um massacre que aconteceu em 9 de janeiro de 1905 na cidade de São Petersburgo, onde manifestantes pacíficos marcharam até o Palácio de Inverno para pedir uma petição ao tsar, mas foram baleados pela Guarda Imperial. Cerca de 1.5 mil pessoas foram mortas e cerca de 6 mil ficaram feridas (ALVES, 2017, p. 2).

Tal acontecimento revelava o que estava por vir: a queda da monarquia e a ascensão do povo ao poder em 1917. Apesar da Revolução Russa de 1905 ter sido derrotada pelo tsar, para Lênin serviu de “ensaio geral” para a Revolução de 1917 (ALVES, 2017).

Com a entrada da Rússia na Primeira Guerra, em 1914, o seu comando passou de Nicolau II a Czarina Alexandra, que recebia orientações de Rasputin, deixando a população ainda mais descontente. Nesse novo governo, os russos temiam constantemente pelo futuro do país. Com a entrada do exército russo na Primeira Guerra, esse cenário de crise se agravou, [...] “O povo não suportava mais ver seus homens sendo dizimados pelas tropas alemãs, assim como não suportava mais as enormes filas enfrentadas para se conseguir a cota diária de pão” (ZANELLA, 2007, p.37). Em resposta ao desagrado com o governo, o povo saiu às ruas

Em 1917 a situação chegou a tal ponto que o povo saiu às ruas para protestar contra a guerra e protestar contra o regime monárquico. O levante de mais de dois milhões de habitantes de Petrogrado fez com que, no dia 15 de março de 1917, o Czar Nicolau II abdicasse do trono imperial em favor de seu irmão, Mikhail Romanov. No dia seguinte, este novo imperador também abdicou, pondo fim à dinastia dos Romanov e, conseqüentemente, ao regime monárquico russo (ZANELLA, 2007, p.37).

Meses depois, no dia 17 de julho de 1918, a família imperial russa dos Romanov – composta por Nicolau II, sua esposa Czarina Alexandra e seus cinco filhos Olga, Tatiana, Maria, Anastásia, e Alexei e todos aqueles que escolheram acompanhá-los no exílio [...] foram executados em Ecaterimburgo por tropas bolcheviques (ALVES, 2017, p. 2).

Sobre aspecto político, cabe um adendo. Os partidos russos estavam mais amplos por conta da participação do proletariado urbano nos movimentos. Em 1903, a partir do partido social-democrata, dois novos partidos de orientação marxista são criados: o Bolchevique e o Menchevique. Esse último tinha como líderes Kerenski e Lvov – que defendiam uma transição

gradual do capitalismo ao socialismo e, para tanto, uma aliança com a burguesia para o alcance de reformas progressistas. Já o primeiro, tinha como líder Vladimir Ilitch Ulianov, conhecido como Lênin, “o mais influente líder e teórico político do marxismo no século XX” (BOTTOMORE *apud* ZANELLA, 2007, p.34). Ambos os partidos tinham em comum o ideal político de implantar a organização sociopolítica do socialismo no país, mas se diferenciavam nas estratégias para esse fim.

Voltando à queda da monarquia, segundo Tuleski (2008), para assumir o comando da revolução, os mencheviques Kerensky e Lvov lideraram provisoriamente o país, porém, para o descontentamento dos russos, esse governo não conseguiu atender as demandas da população, já que estavam ligados aos burgueses. Mais uma vez, a população vai às ruas, dessa vez liderada pelos bolcheviques, desencadeando a derrubada do governo provisório em 1917.

Na liderança, os Bolcheviques – com o lema de poderio aos conselhos de operários e camponeses – buscam mudanças sociais e políticas que há muito eram reivindicadas.

[...] Medidas urgentes deveriam ser tomadas para que a revolução se estendesse ao campo e, para tanto, o governo bolchevique determinou o confisco dos bens rurais que estavam sob o controle dos latifundiários. Estes foram colocados à disposição dos soviets rurais para que os camponeses pudessem fazer uso novamente das terras e desfrutar dos benefícios do seu próprio trabalho. Com essas medidas, a maioria dos camponeses viu suas condições de vida melhoradas, as conquistas sociais e econômicas a tanto almejadas pareciam, enfim, acontecer (ZANELLA, 2007, p.39).

A Revolução de Outubro de 1917 consistiu num marco histórico, pois “nunca os trabalhadores de todo o mundo tinham alcançado tantas conquistas como as que se seguiram à revolução” (HOBSBAWN *apud* ZANELLA (2007, p. 40). Mas apesar do feito extraordinário de Lênin em transformar a anarquia e revolta popular em poder Bolchevique, seu objetivo era que a Rússia iniciasse uma revolução que deveria ser expandida a toda a Europa, porém isso não aconteceu, deixando a Rússia Soviética condenada ao isolamento do mundo capitalista, ao empobrecimento e atraso que superavam a época do czarismo.

Nesse sentido, Tuleski (2008, p. 79) explica

Este empobrecimento e atraso diz respeito, à princípio, às forças produtivas. Esta situação só se agravou com os anos que se seguiram à Revolução, devido à guerra civil e intervenção estrangeira que ocasionaram grande destruição do patrimônio industrial e agrícola russo. Além disso, a Rússia, país de grandes dimensões geográficas, possuía centros altamente avançados nos níveis cultural, político, econômico e industrial e, contraditoriamente, populações que viviam em isolamento, em regiões remotas e distantes, com alto índice de analfabetismo (TULESKI, 2008, p. 79).

Deste modo, segundo a autora, as relações capitalistas foram transformadas parcialmente, já que sua manifestação continuava se apresentando e se reproduzindo através da moeda, do preço, do salário, lucro, etc. O que ocorreu foi que, apesar dos avanços e conquistas da revolução de 1917, os russos precisaram lidar com as consequências da situação pós-revolução. “A luta de classes, de interesses antagônicos (burgueses e proletários), não desaparece com a abolição da propriedade privada dos meios de produção, ela metamorfoseia-se em cada etapa da construção do socialismo russo” (TULESKI, 2008, p.77).

Apesar de a autora apontar a continuidade das manifestações capitalistas tal como a moeda, do preço etc., Marx e Engels (2013) rompem significativamente com qualquer interpretação evolucionista, unilinear e eurocêntrica da teoria da história baseada no etapismo. Para eles, as formas de transformações históricas poderiam ser múltiplas, numa perspectiva dialética.

A sociedade russa - apesar de enorme em proporções geográficas - no período pós-guerras encontrava-se atrasada econômica e culturalmente. Precisava encontrar meios de sobrevivência sem apoio e auxílio e em meio às ameaças militares, políticas e econômicas vindas do ocidente (TULESKI, 2008). Esse período de pós-revolução (1917- 1929), tornou-se terreno fértil para a abertura de um amplo debate nas diversas ciências, inclusive na psicologia. Para Pasqualine (2006), o desenvolvimento da ciência passa a estar a serviço da solução dos problemas enfrentados no processo de construção da sociedade socialista, o que refletiu diretamente nos postulados teóricos de Vigotski.

Nos anos que se seguiram à Revolução Socialista, não se pode dizer que a aparência da sociedade soviética correspondesse à sua essência, ou à essência do projeto coletivo que a impulsionou, pois o fato de ter sido abolida juridicamente a propriedade privada, não garantia que, automaticamente, as relações burguesas haviam sido eliminadas. Esta contradição, intrinsecamente ligada à luta de classes no interior da Rússia e ao período de reconstrução da sociedade, que ora imprimia características burguesas, ora socialistas, às relações de produção, será o fio condutor para a análise da psicologia Vygotskiana (TULESKI, 2008, p. 80).

Vigotski fazia questão de tecer suas contribuições considerando o momento histórico daquele período, bem como o que deveria ser superado pelas necessidades que eram impostas às pessoas nessa época. Baseado nas lutas desencadeadas pelo processo revolucionário, ele reitera em seus escritos a importância de diferenciar entre o velho e o novo, afirmando o estudo do comportamento humano a partir do ponto de vista marxista, diferenciando-se das outras correntes da psicologia que se desenvolviam até então. Tuleski (2008, p. 48) afirma que os escritos dele são pautados na sua vivência como marxista e comunista,

Ignorar sua formação marxista e seu envolvimento teórico-prático com o projeto coletivo de construção do comunismo significa abstrair suas ideias das lutas vividas por ele e que lhe dão significado. No entanto, grande parte do material escrito sobre Vygotski relega a segundo plano seu envolvimento com o comunismo e sua formação marxista, aparecendo brevemente em alguns resumos biográficos poucas citações sobre os locais em que trabalhou e autores em que se baseou, sem estabelecer relação com seus postulados teóricos (TULESKI, 2008, p. 48).

Assim, no que tange ao contexto do nascimento da Psicologia Histórico-Cultural na Rússia, temos, por um lado, o desenvolvimento geral da emergente ciência psicológica e, por outro, a Revolução de Outubro de 1917. Ambos os acontecimentos estão fundamentalmente vinculados, visto que a Psicologia Histórico-Cultural busca no Materialismo Histórico-Dialético a base metodológica para propor superações na ciência psicológica e, ao mesmo tempo, enfrentar a situação pós-revolucionária e os desafios impostos por tal situação em todas as esferas da vida social, o que abrange as ciências e, notadamente, a psicologia (MARTINS, 2016).

A aceitação da filosofia materialista dialética enquanto suporte para a construção de uma [...] psicologia ganhou destaque na URSS após os acontecimentos de outubro de 1917. Com o advento da revolução socialista a psicologia social progressista - entendida enquanto psicologia fundamentada nos pressupostos do materialismo histórico e dialético encontrou um campo profícuo para desenvolver-se. Antes disso, o desenvolvimento da psicologia soviética apresentava características que a aproximavam da psicologia ocidental, ou seja, a separação entre dois grupos distintos de estudos: os de caráter mecanicista e os de cunho idealista (ZANELLA, 2007, p. 63-64).

Para Martins (2016), a origem da psicologia como ciência remonta ao século XIX e consolida-se no século XX como uma ciência multifacetada, que dicotomizava a existência concreta e psíquica dos indivíduos. A partir disso, Vigotski e seus colaboradores fizeram uma análise detalhada das principais correntes ligadas ao que eles denominam *velha psicologia*, pesando os prós e contras, mostrando os seus avanços e retrocessos “historicamente determinados, como uma luta que se descola do mundo real e se afirma no mundo das ideias e vice-versa, [...]” (TULESKI, 2008, p. 81).

Nesse sentido, Duarte (2000) coloca que, por meio dessa análise, os fundadores da Psicologia Histórico-Cultural constataram que a psicologia passava por uma crise, marcada pela seguinte contradição: de um lado, a acumulação de dados mediante pesquisas empíricas e, por outro, a fragmentação da psicologia em correntes teóricas com bases pouco sólidas. Argumentavam, então, quanto a urgência de uma psicologia geral que superasse a crise existente, afirmando a necessidade de uma psicologia de cunho marxista.

Vygotski pregava uma psicologia que desse conta de superar a dicotomia entre corpo e mente e realizasse a síntese, pois essa dicotomia era o cerne da discórdia entre as correntes psicológicas que foram historicamente classificadas entre idealistas e materialistas (TULESKI, 2008). Igualmente, nas palavras de Martins (2016), o desafio era edificar uma psicologia que superasse os aspectos organicistas (naturalizantes), a-historicos e idealistas sobre a formação humana. Uma psicologia em que a pessoa fosse compreendida por meio de uma unidade dialética com o mundo objetivo, ou seja, nas suas relações e condições concretas de vida ao longo do processo histórico.

Para que isso fosse possível, Vigotski incorporou à Psicologia, o método proposto por Marx e Engels, constituindo a ponte que eliminaria a cisão entre a matéria e o espírito. Ele necessitava de uma teoria que desempenhasse para a psicologia o mesmo papel que a obra de Karl Marx “O Capital” desempenha para a análise da sociedade capitalista burguesa, uma psicologia genuinamente científica.

A construção da psicologia marxista era vista por Vigotski não como o surgimento de mais uma entre as correntes da psicologia, mas sim como o processo de construção de uma psicologia verdadeiramente científica. Essa psicologia científica não seria, entretanto, construída através da justaposição de citações extraídas dos clássicos do marxismo a dados de pesquisas empíricas realizadas por meio de métodos fundamentados em pressupostos filosóficos contraditórios ao marxismo. Vigotski entendia ser necessária uma teoria que realizasse a mediação entre o materialismo dialético, enquanto filosofia de máximo grau de abrangência e universalidade, e os estudos sobre os fenômenos psíquicos concretos. Vigotski fazia um paralelo entre essa teoria psicológica mediadora e o materialismo histórico, pois este também tem o papel de estabelecer as necessárias mediações entre o materialismo dialético e a análise das questões concretas, neste caso, as questões concretas da história das sociedades e de cada formação social específica, como o capitalismo, estudado de forma científica por Karl Marx (Duarte 2000, p. 80).

O objetivo era a incorporação do método marxiano à psicologia, um método materialista histórico e dialético que compreendesse a natureza humana em sua totalidade com suas determinações históricas e sociais e que rompesse com a psicologia tradicional, que se limitava apenas em descrever os fenômenos psíquicos. Era necessário avançar para a explicação dos fenômenos psicológicos, a partir da própria condição concreta e histórica da pessoa e constituir uma psicologia comprometida com as necessidades sociais.

Essa perspectiva histórica está no cerne da psicologia de Vygotski. Para este autor, o homem é um ser eminentemente social, pois é a partir das relações estabelecidas com outros que paulatinamente constrói suas características singulares e constitui-se enquanto sujeito, ou seja, enquanto alguém que, ao mesmo tempo em que é marcado pelo contexto social e histórico em que se insere, é capaz de regular sua própria conduta e vontade, de reconhecer-se

enquanto ser resultante da história e, ao mesmo tempo, seu produtor (ZANELLA, 2007, p. 72).

Desse modo, em sua relação com o mundo, a pessoa se objetiva e concomitantemente se subjetiva, isto é, constitui-se como enquanto humana. A psicologia proposta por Vigotski apregoa uma relação dialética e indissociável das pessoas com a sociedade. Afirma que a explicação da pessoa e de seu psiquismo deve tomar como base as relações concretas estabelecidas entre essa e toda a história humana ao longo do tempo.

Nessa direção, Alves (2011, p. 14), aponta que o discurso da subjetividade “em si” oculta a uma verdade essencial: “a subjetividade é intrinsecamente intersubjetiva”. Outro teórico que criticou esse “isolamento da subjetividade em si” foi Rey (2015), o que ele denomina de *subjetivismo* (ênfase intrapsíquica) em que a pessoa é concebida isolada de suas condições concretas de vida e de suas relações. Ele defende, como veremos no Capítulo 3, que a *subjetividade* representa a qualidade geral dos processos humanos, individuais e sociais. Portanto, não é possível pensar a pessoa sem considerá-la como uma individualidade social.

Não podemos conceber o sujeito sem a teia de relações sociais nas quais ele está inserido. [...] Ora, o Eu não é sujeito, mas é constituído sujeito por meio de uma relação constitutiva com o Eu-Outro. O que significa que as relações sociais são imprescindíveis para a constituição do sujeito [...], já que para se constituir precisa ser o outro de si mesmo. [...] O homem enquanto ser genérico se constitui por meio de um processo de *reconhecimento* do outro enquanto eu alheio nas relações sociais, e o reconhecimento do outro enquanto eu próprio, na conversão das relações interpsicológicas em relações intrapsicológicas (ALVES, 2011, p. 18, *itálico do autor*).

Entretanto, a psicologia tradicional tende a conceber a subjetividade como algo interno, inerente a pessoa e, assim, trabalha em sintonia com o capital, que reforça o individualismo burguês, compactuando com a ideia de que a pessoa é o centro, descontextualizando-o das condições e relações sociais. Diante disso, refutamos tal visão quando nos baseamos na Psicologia Histórico-Cultural, pois compreendemos a formação humana enquanto constituída dialeticamente nas relações sociais. Portanto, para analisarmos o nosso objeto de estudo, isto é, os sentidos de família para a adolescente e o adolescente desta pesquisa, buscamos compreendê-los dentro da realidade concreta dessas pessoas.

CAPÍTULO II

FAMÍLIA E ADOLESCÊNCIA

2.1 Família e Sociedade

[...] Para alguns, família é a base da sociedade e garantia de uma vida social equilibrada, célula sagrada que deve ser mantida intocável a qualquer custo. Para outros, a instituição familiar deve ser combatida, pois representa um entrave ao desenvolvimento social; é algo exclusivamente nocivo [...] e onde se exerce a mais implacável dominação sobre as crianças e as mulheres. No entanto, o que não pode ser negado é a importância da família tanto ao nível das relações sociais, nas quais ela se inscreve, quanto ao nível da vida emocional de seus membros. É na família, mediadora entre o indivíduo e a sociedade, que aprendemos a perceber o mundo e a nos situarmos nele. É a formadora da nossa primeira identidade social. Ela é o primeiro “nós” a quem aprendemos a nos referir (REIS, 1989, p. 99).

Nesta seção serão apresentadas algumas concepções sobre família e seu desenvolvimento histórico baseado no Materialismo Histórico-Dialético, abarcando os novos arranjos e os dramas vivenciados, principalmente pelas de baixa renda – alvos desta pesquisa.

Defende-se aqui a concepção de que a instituição familiar não é dada naturalmente, mas construída no bojo das relações entre as pessoas, estabelecendo-se de diversas formas a depender do contexto e época, visando responder às demandas sociais. Caracterizada como instituição social, as pessoas vão internalizando suas representações de família, que são engendradas socialmente e, assim, vão orientando a conduta de seus membros. A família possui uma função ligada à reprodução biológica, mas também exerce um papel ideológico.

Segundo Reis (1989), é no seio familiar que as pessoas são educadas a continuar biológica e socialmente a estrutura familiar e deve ser compreendida dentro da complexa trama social e histórica que a envolve

Ao realizar seu projeto de reprodução social, a família participa do mesmo projeto global, referente à sociedade na qual está inserida. É por isso que ela também ensina a seus membros como se comportar fora das relações familiares em toda e qualquer situação. A família é, pois, a formadora do cidadão (REIS, 1989, p. 102).

Do ponto de vista jurídico, o Estatuto da Família (projeto de lei PL nº 6.583-A, de 2013), em seu artigo 2º, discorre: “Para os fins desta Lei, define-se entidade familiar como o núcleo social formado a partir da união entre **um homem e uma mulher**, por meio de casamento ou união estável, ou ainda por comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes” (BRASIL, 2013, grifos no original). No entanto, essa definição gerou muitas discussões e

debates nos diversos âmbitos da vida social, política, jurídica, acadêmica etc. por apresentar uma concepção excludente às diversas formas de famílias que representam a conjuntura da sociedade brasileira atual, tais como famílias formadas por apenas um dos genitores, avós que criam seus netos, tios que educam sobrinhos, casais homoafetivos, e uma gama de outras pessoas que, a depender de cada caso, suas famílias são inexistentes perante o Estado e, consequentemente, das políticas públicas fixadas pelo Estatuto⁷.

A esse respeito, o Conselho Federal de Psicologia (CFP), em 2014, divulgou uma nota de repúdio a essa tramitação: “O projeto não pode ser aprovado da forma como está, desconsiderando as múltiplas formas de composição familiar e o Estado laico” (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2014).

Desse modo, nota-se que existe uma tendência à representação da instituição familiar como algo natural e imutável e, ainda, a um modelo ideal de família, isto é, a família nuclear burguesa. A esse respeito, Reis (1989, p. 100) argumenta que Freud trouxe importantes descobertas à psicologia ao esclarecer o funcionamento da estrutura interna familiar e seus desdobramentos psíquicos envolvidos. “... mas o que para Freud é “a família”, na realidade trata-se apenas de uma das formas que a instituição familiar assume em determinado momento histórico – a família burguesa”. Esse modelo burguês é representante do padrão familiar, o que acaba reduzindo suas noções a certo psicologismo, que exclui os aspectos sociais, políticos e econômicos e, como resultado, naturaliza e universaliza esse modelo de família.

Numa contestação a este ponto de vista, Lessa (2012, p. 10) afirma que não é possível uma sociedade sem família, pois os modos de sobrevivência requerem alguma forma de estrutura familiar, todavia, questiona ele, “quem pode provar que a única forma de organização familiar é a família burguesa?”

O modelo burguês de família se tornou um padrão se espalhando para as demais classes sociais. No entanto, não se pode negar a existência de outras formas de vida familiar, tampouco impor um molde a todas as unidades familiares. “[...] A família burguesa, ao se apresentar não apenas como aquela que é “normal”, mas também como a única possibilidade, nada mais faz do que cumprir sua função ideológica” (REIS, 1989, p. 105).

⁷[...] embora o PL [6583/2013] remonte à data de 2013, ainda se encontra em trâmite junto à Câmara dos Deputados e sempre que colocado em pauta reverbera inúmeras discussões de cunho político e jurídico, ao passo que denota uma inclinação ideológica de seus defensores e pode vir a implicar num retrocesso, uma vez que pretende legalizar um conceito de família inflexível e exclusivista, qual seja, uma conformação dada exclusivamente pela união de um homem e uma mulher (FORTENELLE; MADEIRA, 2021).

Contrariando esse paradigma, defende-se aqui que as relações entre família e sociedade são essenciais ao estudo das determinações históricas da estrutura familiar. A família, portanto, não pode ser interpretada como constituída naturalmente e desenvolvida a partir de um ideal, mas sim a partir de condições concretas de vida das pessoas, ao longo de toda a história da humanidade.

No que tange à determinação histórica da estrutura familiar, o antropólogo Lewis Henry Morgan (1818 – 1881) foi quem deu início a essa discussão em seus estudos sobre as relações de parentesco em diversas tribos indígenas americanas. Engels (1984), baseado nas descobertas de Morgan, estudou a origem da família monogâmica partindo do Materialismo Histórico-Dialético. Esse autor (1984) divide a história humana em três épocas principais: estado selvagem, barbárie e civilização, fases estas que se relacionam ao desenvolvimento da pessoa, o qual foi se apropriando da natureza para ter satisfeitas as suas necessidades.

No estado selvagem ou infância do gênero humano, as pessoas permaneciam nos bosques tropicais ou subtropicais e se alimentavam de frutos e peixes (graças ao fogo) tendo como principal avanço a formação da linguagem articulada e a invenção de instrumentos (arco e a flecha) que viabilizaram a caça - uma ocupação costumeira. Já na barbárie, segundo Engels (1984), foi introduzida a cerâmica, tendo como principal característica o início de criações domésticas de animais, como o gado e o cultivo de plantas, e que finaliza com as primeiras fundições do minério de ferro, passando à fase da civilização com a invenção da escrita alfabética. Na civilização “o homem continua aprendendo a elaborar os produtos naturais, período da indústria propriamente dita e da arte” (ENGELS, 1984, p. 28).

Esse autor (1984) enfatiza que, durante os períodos pré-históricos até a barbárie, grandes grupos (nômades) de homens se uniam a grupos de mulheres. O casamento consistia numa união grupal e, neste caso, os filhos pertenciam a todo o grupo. O trabalho era dividido entre os homens e as mulheres, as quais eram responsáveis pelo âmbito doméstico e aqueles pela caça. A partir da barbárie, os grupos começaram a se fixar, porém, segundo Engels (1984), o sistema de agrupamento foi sendo destituído pouco a pouco em virtude do crescimento da população, dada a dificuldade de subsistência dos membros do grupo. Assim, com o tempo, foram se formando novas configurações familiares, embasadas na moral sexual, tais como: a família consanguínea, a punaluana, a pré-monogâmica e monogâmica.

A família consanguínea foi a primeira etapa da família. Os grupos aqui eram classificados por gerações, passando a ser proibida a relação sexual entre pais e filhos. A família punaluana, por sua vez, passa a proibir, aos poucos, a relação sexual entre os irmãos. E, de modo processual, caminhou-se à família pré-monogâmica/sindiásmica, que passou a

reconhecer a necessidade de que a mulher possuísse apenas um parceiro, ao passo que a família monogâmica se baseia no regime em que, cada pessoa tem apenas um cônjuge, desdobrando-se na família como instituição privada (ENGELS, 1984).

A família sindiásmica [pré-monogâmica] aparece no limite entre o estado selvagem e a barbárie, [...]. É a forma de família característica da barbárie, como o matrimônio por grupos é a do estado selvagem e a monogamia é a da civilização. Para que a família sindiásmica evoluísse até chegar a uma monogamia estável, foram necessárias causas diversas [...] (ENGELS, 1984, p. 56).

Deste modo, a família monogâmica⁸ surgiu a partir de necessidades sociais e materiais das pessoas; quando o homem - que vivia em grandes grupos - não conseguia atender às necessidades desses. Assim, com a propriedade se tornando privada, mediante a restrição sexual, o aumento populacional é refreado garantindo meios de sobrevivência

A família moderna contém, em germe, não apenas a escravidão (*servitus*) como também a servidão, pois, desde o começo, está relacionada com os serviços da agricultura. Encerra, *em miniatura*, todos os antagonismos que se desenvolvem, mais adiante, na sociedade e em seu Estado. Esta forma de família assinala a passagem do matrimônio sindiásmico à monogamia (grifos no original) (ENGELS, 1984, p. 62).

A família monogâmica traz em sua base e origem o predomínio do homem. Seu objetivo é o de procriar filhos que possuam uma paternidade irrefutável, visando a que estes herdem os bens de seus pais (ENGELS, 1984). Os estudos de Morgan mostram “na evolução da família monogâmica um progresso, uma aproximação da plena igualdade de direitos entre ambos os sexos, sem considerar, entretanto, que esse objetivo tenha sido alcançado” (*idem*, 1984, p. 91).

Nessa direção, Lessa (2012, p. 10) afirma que “a monogamia é a expressão, na vida familiar, da exploração do homem pelo homem”. A origem desse modelo de família se dá na transição da sociedade primitiva à sociedade de classes. Na luta contra a exploração os escravos, servos, proletários etc., precisavam buscar a sobrevivência de modo individual e não mais coletivo, para tanto, os laços primitivos, que conseqüentemente trazia a toda a comunidade a sobrevivência, precisavam ser desfeitos.

⁸ A monogamia se reduziria a um preceito a ser seguido na relação “honesta” entre duas pessoas que se amam. Duas pessoas que se amam, reza a moral, devem constituir um núcleo familiar (por isso, família “nuclear”) separado da vida comunitária, comum. E a fidelidade mútua dos cônjuges é um elemento indispensável para a sobrevivência desse núcleo familiar (LESSA, 2012, p. 9 - 10). Porém, ressalta Lessa, [...] “esta concepção tão comum nem sequer questiona por que nos organizamos em famílias nucleares. Não deixa espaço ao menos para perguntarmos se, na história, já houve outra forma de organização da vida familiar. [...] a monogamia é muito mais do que mero preceito moral da vida cotidiana – ela é, na verdade, um aspecto decisivo da organização da sociedade de classes (2012, p. 10).

[...] É assim que a família se descola do coletivo e se constitui em núcleo privado: essa nova forma de organização de família é a família monogâmica ou família nuclear. Sem exceção, em todas as sociedades fundadas em uma das modalidades de trabalho alienado (as sociedades escravista, feudal, capitalista ou asiática), isto é, em todas as sociedades de classe, a exploração do homem pelo homem impôs a família monogâmica como substituta da antiga família comunal (LESSA, 2012, p. 26).

A família, deste modo, é produto do sistema social e deve progredir, sofrer mudanças, na medida em que a sociedade se modifica e avança. Ou seja, tanto a família monogâmica, quanto a sociedade capitalista precisam ser superadas

Estamos propondo que as relações amorosas devam ser pautadas apenas e tão somente pelas decisões livres, emancipadas, das pessoas. Para isso, como veremos, é preciso superar a sociedade de classes com tudo o que ela implica: o Estado, a violência, a miséria, a exploração do homem pelo homem, as guerras, a propriedade privada, a destruição ecológica... e o patriarcalismo (LESSA, 2012, p. 11).

Em suma, há três formas de matrimônio que se relacionam com os três estágios da evolução humana, como coloca Engels (1984, p. 81). “Ao estado selvagem corresponde o matrimônio por grupos, à barbárie, o matrimônio sindiástico/pré-monogâmico, e à civilização corresponde a monogamia com seus complementos: o adultério e a prostituição”.

Ao estudar sobre a questão de **gênero** nas famílias de classe média e católicas de Florianópolis, Lisboa (1987) traz um apontamento histórico distinguindo a família em hierárquica (tradicional) e igualitária (moderna), caracterizando, os termos “tradicional” e “moderno” como paradigmas, evitando uma leitura desses de maneira estanque. Segundo a autora, a **família tradicional** baseia-se na hierarquia, as posições são definidas pelo sexo e idade, demarcando as fronteiras entre os gêneros e as gerações. O papel da mulher se refere aos cuidados no âmbito doméstico, já o do homem, ao domínio público e ao trabalho. “O comportamento do homem e da mulher são avaliados em função dos valores diferentes alocados em cada um, numa visão naturalizada do feminino e do masculino, como se a cada sexo correspondesse um tipo de comportamento pelo fato biológico em si” (LISBOA, 1987, p. 10).

Em decorrência dessa divisão, há diferenças em vários planos. Na sexualidade, por exemplo, a mulher é associada ao sagrado e aos valores do coração, e estes, associados ao lar, à família. O homem, por sua vez, representa autoridade moral, despido de afetividade. Cabe-lhe o domínio da sexualidade feminina “para salvaguardar a sua própria honra depositada na imagem feminina” [...] (DAUSTER, 1984 *apud* LISBOA, 1987, p. 10). Dessa forma, à mulher é dado o lócus da honra masculina e da família. No tocante à divisão de tarefas, a mulher (destinada ao lar) se torna responsável pelo cuidado e educação dos filhos, bem como pelo

trabalho doméstico. O homem (responsável pelos aspectos públicos), é encarregado do trabalho externo e, conseqüentemente, provedor da família.

O trabalho da mulher fora de casa é aceito nos casos em que a renda do marido não lhes é suficiente, entretanto, não deve interferir nos seus deveres domésticos de mãe e dona de casa, sua vocação principal (LISBOA, 1987). Nesse contexto, cabe dizer, que os filhos também possuem o seu papel, numa relação assimétrica com seus pais, em especial o pai, filhos e filhas lhes devem respeito e obediência.

Um ponto a ser destacado é que o desenvolvimento da família monogâmica apresenta em sua gênese a imposição da exploração do homem pelo homem e, nesse contexto, instala-se a “supremacia” dos indivíduos masculinos das classes dominantes. A estes caberão as atividades que favoreçam a reprodução desse novo tipo de sociedade, dividida por classes, isto é, impreterivelmente a exploração do trabalhador.

A economia, o Direito, a política, a religião, a guerra, o comércio, as artes, a filosofia, a ciência, a exploração e a conquista de novos territórios surgem já como atividades masculinas. A vida dos indivíduos masculinos está, na nova sociedade, diretamente articulada aos destinos coletivos; todas as “grandes questões sociais”, tudo o que diz respeito ao destino da classe, à história do período, estará a cargo dos indivíduos masculinos; serão, agora, tarefas que cabem “aos homens” As questões que dizem respeito à totalidade da sociedade, ao destino comum, serão masculinas – as mulheres estarão delas excluídas.

A antiga relação consensual e igualitária é substituída por uma relação de poder. Aos indivíduos masculinos cabe o poder da propriedade privada, serão eles os maridos. Às mulheres cabem as atividades que não geram a riqueza privada: serão esposas ou prostitutas. [...] Na família monogâmica, a relação entre os homens e as mulheres, entre os pais e os filhos, entre as irmãs e os irmãos, entre as crianças de diferentes famílias é inteiramente distinta, qualitativamente distinta – ontologicamente distinta – das relações que encontramos nas sociedades igualitárias primitivas. Tal como nas sociedades primitivas não encontramos sequer um átomo do Estado, das classes sociais, da propriedade privada e do trabalho excedente, também não encontramos nelas nada que se assemelhe ao marido, à esposa e à prostituta. As relações primitivas entre os homens e as mulheres, entre os adultos e as crianças, as formas de parentesco etc., por mais distintas ao longo do tempo e entre diferentes civilizações, não exibem traço algum das relações de poder que são a essência do casamento monogâmico. A entrada na história da família monogâmica representou a gênese de uma nova relação social, de um novo complexo social – que é fundado pela passagem do trabalho de coleta ao trabalho alienado (explorado) (LESSA, 2012, p. 27-28).

Pode-se concluir, portanto, a partir dessas observações, que tais divisões nos papéis masculinos e femininos que foram acima destacadas por Lisboa (1987), como sendo características da família tradicional, não podem ser consideradas como dadas naturalmente

pelos aspectos biológicos do “homem” ou da “mulher”, mas sim como fruto de um contexto histórico de transformação da sociedade que culminou nessas diferenças, cedendo privilégios à classe masculina.

Com tais divisões no âmbito da família, o homem se encarrega das questões externas, enquanto a mulher, às internas ao ambiente doméstico. No entanto, a passagem da sociedade primitiva para a de classe eleva a sociedade a um patamar mais acelerado de desenvolvimento das forças produtivas (LESSA, 2012). Os trabalhadores produzem riquezas e estas são desapropriados pela classe dominante, possibilitando à elite recursos para o desenvolvimento de suas atividades econômicas bem como o aumento das forças produtivas. “Por meio da exploração do homem pelo homem é que a humanidade foi capaz de se elevar do seu estágio primitivo” (LESSA, 2012, p. 29).

Houve grande desenvolvimento no decorrer dos séculos desdobrando nas Revoluções Industrial (1776-1830) e Francesa (1789-1815). “Tudo isso – e muito mais – foi resultado do desenvolvimento sem precedentes das forças produtivas” (LESSA, 2012, p. 30). Um desenvolvimento espetacular e importante, mas às custas da divisão da sociedade em classes, que exige a destruição de uma parte de seus componentes.

Dessa forma, apesar dos avanços históricos dessa forma de sociedade

Seu caráter bárbaro apenas foi se evidenciar em escala social quando o desenvolvimento das forças produtivas trazido pela Revolução Industrial tornou a propriedade privada o grande obstáculo ao desenvolvimento humano – e, então, a sociedade de classes exibiu toda a sua barbárie (LESSA, 2012, p. 30).

Destarte, emerge, segundo o autor acima (2012), uma contradição antagônica entre as relações de produção capitalista e o desenvolvimento da humanidade, o que pôde ser visto também com a família monogâmica.

Por um lado, ela representa uma forma específica das alienações dos homens, mulheres e crianças na organização familiar. Por outro lado, é o solo histórico que possibilitou o desenvolvimento dos indivíduos masculinos e femininos até o que hoje somos, com nossas grandezas e misérias (LESSA, 2012, p. 30).

A família monogâmica, portanto, vai sendo enfraquecida, a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918) causa um primeiro ponto de ruptura nesse modelo de família. Em decorrência do grande número de mortos, aleijados e doentes mentais, que, majoritariamente são homens, maridos e provedores, as famílias ficam desprovidas de seu sustento, conseqüentemente, a mulher entra em cena como provedora. Como resultado da crise nos padrões familiares, as mulheres ocupam a chefia da família. Por meio desse processo, houve espaço para as

individações femininas que foram marcadas por recuos e tensões, culminando no movimento feminista dos anos de 1960 (LESSA, 2012).

Assim, a luta contra a família monogâmica perpassa, nesses tempos, a luta pela igualdade de gênero dentro desse modelo de casamento. Lessa (2012) aponta que com a força da burguesia sobre o proletariado, gerando à classe trabalhadora lutas, mas derrotas significativas, suscitou na humanidade a possibilidade de o sistema capitalista ser seu único futuro e, conseqüentemente, uma concepção de vida ainda pior.

Livre das pressões das lutas operárias, o capital acumulou e cumpriu seu papel histórico: aprofundou as desumanidades, intensificou os mecanismos de controle e opressão, ampliou a produção da abundância e nos conduziu ao aguçamento da crise estrutural do capital. O medo passa a ser um traço comum dos processos de individuação. Os indivíduos, sem a possibilidade de romper o sistema do capital, recorrem ao único mecanismo de defesa que encontram: o aprofundamento do individualismo (LESSA, 2012, p. 78).

Conseqüentemente, o casamento monogâmico continua em crise. No início do século XXI, a maioria das famílias dos EUA não possuíam mais o padrão burguês de família

Variações da organização familiar vão se tornando cada vez mais frequentes: casais homossexuais, famílias em que a esposa é provedora e, bem atrás nas estatísticas, famílias compostas somente pelo pai e pelos filhos. Uma quantidade crescente de casais – hetero ou homossexuais – opta por não ter filhos (LESSA, 2012, p. 79).

Portanto, na família moderna (igualitária) ocorre o questionamento dos critérios que definem os gêneros masculino e feminino com o objetivo de dissolver tais diferenças, gerando mudanças no plano da sexualidade, na diluição de fronteiras rígidas e na divisão das tarefas, visto que agora homem e mulher trabalham fora de casa, dividindo os afazeres domésticos e a educação dos filhos. Há agora a valorização da relação entre pais e filhos, um relacionamento baseado no diálogo. No papel do pai é valorizada a participação e envolvimento afetivo com os filhos (LISBOA, 1987).

Segundo a autora, na família moderna, muda também a concepção sobre o casamento, possibilitando a sua dissolução, que é pautada na felicidade e realização individual, havendo, nesses casos, tolerância e a legitimação em casos de ruptura. A relação do casal se baseia na negociação, na busca pela valorização e manutenção da individualidade, da identidade pessoal e liberdade de cada um. Outro ponto a destacar é sobre a importância que, agora, tem o amor nas relações familiares, entre o casal e entre pais e filhos, sentimento este que “é a marca de modernidade” (LISBOA, 1987, p. 14).

Destacamos que a família moderna, tal como descrito pela autora acima (Lisboa, 1987), guarda nexos com o capitalismo tradicional e o neoliberal dos dias atuais, permeado de ideologias de manutenção do sistema capitalista, cumprindo um papel ideológico de legitimação da noção de liberalismo – liberdade, segurança, igualdade, propriedade, inviolabilidade da privacidade, possibilidade de manifestação de opinião, liberdade de ir e vir e de fazer escolhas (ainda que isto seja somente no plano ideal), etc.

Portanto, a família não se isola do contexto histórico e cultural em que está inserida, pelo contrário, na realidade capitalista ela carrega as multideterminações das formações sociais e influencia as relações internas e externas a ela.

Dito isso, compreendemos que a instituição familiar possui funções reprodutivas e, de igual modo, um papel ideológico⁹, “isto significa que além da reprodução biológica ela promove também sua própria reprodução social: é na família que os indivíduos são educados para que venham a continuar biológica e socialmente a estrutura familiar” (REIS, 1989, p. 102). Logo, nesta reprodução social, a família participa do projeto global referente à sociedade na qual vive, formando seus cidadãos. Deste modo, dentro da sociedade capitalista na qual vivemos, emerge uma concepção universal e imutável de família, isto é, o modelo nuclear burguês como sinônimo de organização familiar, “outras formas, quando existentes, são consideradas, no máximo, estruturas que ainda vão se diferenciar em direção a esse modelo ideal de família” (REIS, 1989, p. 100).

Por fim, essa família burguesa/nuclear deriva da exploração do homem pelo homem, da sociedade dividida em classes e corrobora o individualismo burguês. O dito “o amor do período burguês foi, por isso, portador também das alienações inerentes à nova situação [...] as desumanidades que brotam do capital penetraram em quase todas as relações sociais, tanto na totalidade social quanto nos indivíduos” (LESSA, 2012, p. 54).

2.2 Considerações sobre a família brasileira

⁹ Segundo Reis (1989, p. 103) a ideologia opera dentro da família apresentando uma noção ideologizada da própria família. “essa noção, veiculada principalmente pelos pais, os principais agentes da educação, ensina a ver a família como algo natural e universal e, por isso, imutável. Depois passa a apresentar da mesma forma o mundo extrafamiliar e todas as relações sociais. É claro que a família cumpre sua função ideológica em complementação a outros agentes sociais (como a escola e meios de comunicação)”. Porém, segundo esse autor “sua importância, às vezes relativizada no processo global da transmissão da ideologia dominante, não pode ser negada”, [...] “pois não resta dúvida de que essa eficiência só é possível porque apoia-se sobre as bases ideológicas estabelecidas pela família”.

Acerca do processo de formação de famílias no âmbito da sociedade brasileira, Samara (1989) retrata que o modelo de família na colonização do Brasil tinha como base o patriarcado, por consequência, os membros da família dependiam da autoridade paterna e eram estimulados a conviver com seus parentes. Nesse contexto, incorporava-se ainda, por questões defensivas e econômicas outros indivíduos.

Estruturalmente, era uma vasta parentela que se expandia, verticalmente, através da miscigenação e, horizontalmente, pelos casamentos entre a elite branca. Analisando sua composição, esta apresentava, de uma forma simplificada, uma estrutura dupla: um núcleo central acrescido de outros membros. O núcleo central era composto pelo chefe da família, esposa e legítimos descendentes: filhos e netos por linha materna ou paterna. A estrutura da camada periférica era mais complexa e menos delineada e dela faziam parte: parentes, filhos ilegítimos ou de criação, afilhados, amigos, serviçais, agregados e escravos. Incorporando ainda [...] por razões econômicas, políticas ou por quais outros vínculos, estavam os vizinhos (pequenos sitiantes, lavradores e roceiros) e os trabalhadores livres e migrantes (SAMARA, 1989, p. 17).

Assim, a família colonial ganhava estabilidade, possuía funções econômicas e sociais mais importantes, em que, muitas vezes, a Igreja, o Estado e as Instituições econômicas e sociais eram influenciados por certos grupos familiares. Esse modelo de família patriarcal foi herdado da família portuguesa e adaptado no Brasil. As mulheres passavam, com o casamento, da autoridade do pai à do marido, cuidando das funções domésticas e dos filhos. Para Samara (1989), tal situação era reforçada pela monocultura, o latifúndio e a escravatura.

Sobre o casamento colonial Viscome, et.al., (2012) assinalam que este não era baseado no afeto, mas em contratos com objetivos econômicos e de continuação da linhagem. O prestígio da família e parentes, sua riqueza e o ofício dos possíveis cônjuges eram os principais critérios. “Para se casarem, as mulheres de famílias abastadas recebiam um dote, definido como um adiantamento da herança. O valor do dote decaía após a mulher completar 26 anos, o que se definia pela queda da taxa de fecundidade” (VISCOME, et.al, 2012, p. 110).

No cenário masculino, a situação se apresentava diferente, pois os homens escolhiam mulheres mais jovens para se casar enquanto esses (considerando a província de São Paulo nesse período) casavam-se a partir dos 25 anos. Além do mais, na tradicional família colonial os indivíduos se casavam dentro do próprio grupo social e étnico. Casar-se entre família servia para manter a linhagem e a riqueza daquele grupo (VISCOME, 2012).

Havia algumas exceções em que se poderia aceitar uniões com indivíduos com condição social considerada inferior. Nelas poderiam ser encaixadas situações

que se constituíam em miscigenação, uma vez que por interesses econômicos poderia se fazer vista grossa a uniões com indivíduos com ascendência indígena ou africana. Nesse sentido, mestiços passavam a ser considerados brancos, quando em realidade não o eram (VISCOME, et.al. 2012, p. 112).

A mulher branca nesse tempo foi incumbida a uma função eugenizadora, de aproximar o biótipo dos nativos e escravos ao do colonizador. No entanto, havia esforços para se evitar a miscigenação numa tentativa de manter a riqueza e linhagem dos colonizadores, mas ainda assim essas relações aconteciam. A exploração da mulher negra, indígena e branca de camadas inferiores da sociedade era naturalizada, os colonizadores, que eram em sua maioria homens, aproveitam-se sexualmente dessas mulheres que eram vítimas da violência sexual e doméstica

Na vida familiar de uma grande propriedade rural colonial, a maternidade da mulher negra não tem um momento próprio para ser referenciada, são lembradas apenas em questões que se referem à bastardia. Por conta disso, ao contrário da expectativa que viria sobre a gestação das mulheres brancas, sobre a gestação das mulheres negras não há registros escritos ou mesmos artísticos. Para as mulheres escravizadas, a gravidez se apresenta com duplo sentido conforme o local e ocasião em que se apresenta: se por um lado, a gravidez poderia ser um período de poderes, privilégios, mistérios e fascinação devido à concepção de um novo ser, também poderia ser um momento em que a interrupção de uma gestação poderia ser um ato de resistência ao regime escravagista ou forma de a mulher manter seus atrativos sensuais para pequenas conquistas na casa grande (VISCOME, et.al. 2012, P. 118).

Outro aspecto importante a ser destacado é a ausência dos pais, maridos ou companheiros nesse período de colonização, pois estes ficavam distantes por até meses deixando, exclusivamente, com a mulher a casa e os filhos. No afastamento constante da família de origem, marcada também por questões de mobilidade geográfica, tais maridos tinham relacionamentos sem compromissos com outras mulheres, o que acarretava, por vezes, a geração de outros filhos (VISCOME, et.al., 2012).

A maternidade nessa época era vivenciada de diferentes maneiras a depender das orientações do Estado e da Igreja, e estava estritamente relacionada à condição da mulher e à sua classe social.

Nas camadas mais empobrecidas da população observa-se um tipo de família e de dedicação à maternidade [...] sendo comum a existência de mães solteiras, que em determinadas situações eram vítimas da exploração sexual e doméstica. Com raras exceções, essas relações com elementos de outra condição social ou origem étnica, davam início a uma vida de humilhações e abandono por parte do progenitor da criança (VISCOME, et.al., 2012, p. 117).

Em decorrência deste cenário, a pobreza acarretava o abandono dessas crianças. As autoras acima referenciadas (2012), remetendo aos escritos de Del Priore (1989) apontam que no século XVIII a população livre e pobre cresceu, e, conseqüentemente, as crianças eram abandonadas pelas ruas e lugares precários, ficando em função da “roda dos expostos”, constituídas pelas câmeras e Santas Casas, acolher essas crianças. Porém, o abandono e o infanticídio não ocorriam apenas em classes empobrecidas, mas as mulheres brancas, da elite, que engravidavam de relações ilícitas, também o faziam no intuito de manter sua honra.

No Brasil, assim como em Portugal até o século XIX, o gênero influenciava nas relações jurídicas e na autoridade familiar (SAMARA, 2002). No entanto, com o tempo, esse modelo de família se modificou. Segundo essa autora (2002, p. 34) as mudanças econômicas após esse período provocam mudanças na sociedade.

Essas mudanças vão se acentuar ao longo do século XIX, com o desenvolvimento econômico no Sul do país provocado pela cafeicultura. Ocorreram, além disso, modificações políticas importantes (Independência em 1822 e República em 1889), alterações no sistema de mão-de-obra com a abolição da escravidão (1888) e a entrada de imigrantes. Os reflexos de tudo isso serão sentidos na distribuição espacial da população brasileira e também no mercado de trabalho (SAMARA, 2002, p.34).

Nessa direção, o projeto de modernização, baseado em ideais positivistas, faz vista grossa às características étnico-culturais encontradas na população brasileira e nela desenvolvida. Além dos brancos, havia uma grande quantidade de ex-escravos, negros, miscigenados de procedência africana e indígena, que era “considerada como “raça inferior”, “vadios”, sem instrução e em nítida desvantagem em relação aos imigrantes na disputa por trabalho na ordem capitalista emergente” (SOARES, 2012, p. 23, aspas do autor). A esta população, excluída, negou-se terras, eram pessoas tidas como incapazes de cuidar das propriedades, e vistas como perigosas e responsáveis pela própria condição de pobreza. O que claramente também é observado na atualidade.

Com o processo de industrialização, sobretudo do sistema fabril, o trabalho feminino de mulheres das famílias pobres tornou-se necessário, porém se mantendo desqualificado e dominado pelos homens, expressando as formas de sociabilidade vivenciada no interior da família. Conseqüentemente, a relação do cuidado mãe e filho torna-se difícil.

Assim, para Soares, (2012) nota-se que os ideais da ordem burguesa sobre a organização e composição da família nuclear é improvável para as classes de ordem popular, em condições desfavoráveis para exercer esse modelo ideal de família. “[...] Infere-se ainda que os esforços

mobilizados pelas famílias pobres no sentido de corresponderem aos modelos socialmente hegemônicos atuam como circunscritores que introduzem tensões e justificam rupturas em seus ciclos de vida, fragilizando a rede de relações” (SOARES, 2012, p. 25).

As famílias pobres brasileiras possuem uma dinâmica com algumas características destacadas por Sarti (2003). Possuem uma organização em rede, que vai de encontro a ideia de família em núcleo. A casa como unidade doméstica da família é enfraquecida, “uma vez que leva a desconsiderar a rede de relações na qual se movem os sujeitos em família e que provê os recursos materiais e afetivos com que contam”. Possuem uma relação hierárquica, de gênero, em que o homem ocupa um lugar de autoridade moral; como chefe da mulher e esta chefe da casa. Os papéis são definidos, tendo o homem a responsabilidade pelo respeito da família, já à mulher, cabe-lhe manter a unidade familiar. “Ela é quem cuida de todos e zela para que tudo esteja em seu lugar [...]” (SARTI, 2003, p. 28).

Outra característica das famílias empobrecidas é que, com raras exceções, elas passam pelos ciclos de desenvolvimento do grupo, em especial dos seus filhos, sem que haja rupturas (SARTI, 2003, p. 29), assim, “[...] as dificuldades enfrentadas para a realização dos papéis familiares no núcleo conjugal, diante de uniões instáveis e empregos incertos, desencadeiam arranjos que envolvem a rede de parentesco como um todo, a fim de viabilizar a existência da família” (SARTI, 2003, p. 29).

Sobre as crianças, no caso de instabilidades familiar como separações ou morte, somadas a instabilidade econômicas e a escassez de políticas públicas e instituições que substituam as funções familiares, essas passam a não ser de responsabilidade apenas da mãe ou do pai, mas de toda a rede social do contexto dessa família. Portanto, para esse grupo social pobre, a delimitação de família não esbarra no grupo genealógico, mas na questão moral. “Dispor-se às obrigações morais recíprocas é o que define a pertinência ao grupo familiar”, assim, “*são da família aqueles com quem se pode contar, quer dizer, aqueles em que se pode confiar*” (SARTI, 2003, p. 33, *italico no original*).

Alguns dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontados por Soares (2012), podem trazer aproximações sobre a situação das famílias brasileiras na atualidade

De acordo com dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) em 2010, o Brasil conta com mais de 60 milhões de arranjos familiares, sinal de que tais grupos vêm se reconfigurando. O quantitativo de núcleos familiares que acompanham o modelo tradicional (pai, mãe e filhos) representa menos da metade (47%) do total, enquanto as famílias compostas por apenas uma pessoa de referência (chefe de família), sem cônjuge e com filho(s) já somam 19,5%. Na última década, observa-se um aumento no

número de mulheres que cuidam sozinhas dos filhos (de 17,1% para 17,4%), além da redução no tamanho das famílias (de 3,4% para 3,1%), do número de casais com filhos (de 55,0% para 47,0%) e o crescimento de famílias constituídas por casal sem filhos (de 13,3% para 17,0%). Os dados demonstram ainda que houve um aumento no número de pessoas vivendo só. Dentre essas pessoas, 51% são mulheres e 41% correspondem a pessoas com mais de 60 anos (idosos). Vê-se também que o índice de casamento cai em relação às uniões consensuais e que há um declínio das taxas de fecundidade e aumento da esperança de vida ao nascer. É de 48,0% o percentual de famílias pobres (renda mensal per capita de até $\frac{1}{2}$ salário mínimo) que vivem na região Nordeste e apresentam 28,8% da renda familiar advinda de programas assistenciais de transferência de renda, como o Bolsa-Família¹⁰ (SOARES, 2012, p. 26).

É importante trazer outros dados apontados pelo Relatório de Programas e Ações do Ministério da Cidadania (2021), que oferece elementos a partir de informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sobre as condições socioeconômicas das famílias brasileiras. Ao tratar, especificamente do estado de São Paulo, que possui uma população aproximada de 46.289.333 de habitantes, aponta que 1.005.734 pessoas vivem em situação de extrema pobreza, dentre os quais 221.035 são crianças entre zero e nove anos.

O mesmo relatório (2021) também assinala números do Ministério da Cidadania de dez/2020, referentes às famílias que estão no Cadastro Único¹¹, totalizando 4.209.597, dentre as quais 1.582.035 em situação de Extrema Pobreza, 475.924 em situação de Pobreza e 988.618 em situação de Baixa Renda. Quando se refere às famílias que são beneficiárias do programa de transferência de renda Bolsa Família (dados de fevereiro/2021), os números são de 1.603.961, com benefício médio mensal de R\$ 172,11.

A partir desses dados, pode-se inferir que na família brasileira atual predomina um modelo tradicional (nuclear) de família, composta por pai, mãe e filhos. No entanto, como já observado, as famílias brasileiras nas últimas décadas vêm apresentando mudanças expressivas em sua configuração íntima. O modelo idealizado de família burguesa perpassa desde a colonização até os dias atuais, mas não se sustenta tendo em vista as condições econômicas, sociais e políticas que atravessam a realidade das famílias. Como consequência, inúmeras

¹⁰ O Programa Bolsa Família (PBF) era um programa de transferência direta de renda, criado em 2003 durante a gestão do ex-presidente Lula (PT), beneficiando famílias em situação de pobreza e de extrema pobreza no Brasil. Foi extinto pelo Governo de Jair Messias Bolsonaro em 2021, após 18 anos de existência, e substituído pelo denominado “Auxílio Brasil”, que tem recursos previsto até 2022, o que trouxe insegurança às famílias brasileiras.

¹¹ Programa do Governo brasileiro que reúne informações sobre as famílias brasileiras em situação de pobreza e extrema pobreza.

configurações familiares surgiram, influenciando os modos de conceber a família em tempos atuais e desempenhando mudanças significativas na estrutura da sociedade.

Sobre as famílias de classes menos favorecidas e pobres, alvo deste estudo, considerou-se de suma importância destacar algumas de suas características acreditando que a situação de vulnerabilidade social e econômica pode acarretar, conforme aponta Soares (2012, p. 27), eventos como “o desemprego, a monoparentalidade, a prole numerosa, a presença de doenças físicas e mentais” que, entre outros fatores, dificultam a tarefa do cuidado com os filhos [...].

Desse modo, “a classe social na qual a família se insere interfere na visão de mundo e de valores que são transmitidos aos filhos pelos pais, assim como as visões hegemônicas da sociedade onde a família se constitui” (NETA & KAHHALE, 2019, p. 212).

Para Lessa (2012), não há desenvolvimento social sem interferência no desenvolvimento da pessoa, de igual modo, não há desenvolvimento da pessoa que não interfira na sociedade, o que pressupõe uma relação dialética entre pessoa e sociedade, e, na mesma medida, entre família e sociedade.

Durigan & Leal (2017), fazem um levantamento histórico, embasadas pela Psicologia Histórico-Cultural, onde a família é o primeiro grupo social do qual a criança faz parte. O primeiro ambiente de mediação da relação criança-mundo, fundamental para a formação do psiquismo desta, servindo como base para o seu desenvolvimento físico, afetivo e psicológico. Assim, a pessoa se forma no vínculo com o coletivo e a família é a base que sustenta este desenvolvimento

A formação da identidade humana se constitui a partir das (e nas) relações sociais, por meio da aprendizagem, o que se dá inicialmente no contexto familiar, que permite a mediação entre vida pública e privada, pois se consolida como constituição integral do ser social, no processo de diferenciação entre si e o “outro” (DURIGAN & LEAL, 2017, p. 136).

O que Vigotski distingue sobre o papel do meio no desenvolvimento psíquico da criança pode ser analisado observando o contexto familiar e as relações sociais que, por meio desse núcleo, são estabelecidas (VINHA & WELCMAN, 2010).

2.3 A Adolescência na perspectiva histórico-cultural

A teoria histórico-cultural entende o homem como um ser histórico, constituído no seu movimento, através do tempo, das condições concretas, das relações sociais e culturais da humanidade (AGUIAR, et.al, 2007).

A partir disso, nesse subtópico, pretende-se abordar alguns aspectos para a compreensão da adolescência, tendo como fundamento a Psicologia Histórico-Cultural. Nessa perspectiva, busca-se romper com visões naturalizantes do desenvolvimento humano, que partem de concepções hegemônicas da psicologia, apresentando a adolescência como fase invariável e universal para a pessoa e, nesse caminho, desconsideram suas determinações históricas e sociais.

A adolescência, nesta linha, é entendida como uma fase do desenvolvimento constituída na sociedade e na história da humanidade. Trata-se de um período na vida que pode ser terreno fértil para o desenvolvimento de potencialidades, diferente das concepções atuais que abordam essa idade de forma negativa, denominando-a como “aborrecência”, fase da rebeldia etc. (LEAL & FACCI, 2014).

Sobre a concepção histórico-cultural da adolescência, Aguiar, et al (2007, p. 167) afirmam

É uma concepção que “despatologiza” o desenvolvimento humano na medida em que o torna histórico. Passamos a compreender que as formas que assumimos como identidades, personalidades e subjetividades são construídas historicamente. [...] A adolescência, na forma como se constitui, deve ser entendida no seu movimento e suas características devem ser compreendidas no processo histórico de sua constituição (AGUIAR, et al, 2007, p. 167).

Portanto, as características da adolescência têm sua base nas relações sociais e na cultura, sendo considerado “normal” aquilo que interessa as pessoas valorizarem em determinada época, e não algo natural, tampouco eterno. Assim. Tais atributos dessa fase não podem ser explicados a partir do próprio desenvolvimento da pessoa enquanto adolescente, presumindo ser um período natural do desenvolvimento, mas sim uma etapa entendida como “um momento significado, interpretado e construído pelos homens” (AGUIAR, et al, 2007, p. 168).

Nessa direção aponta Anjos (2017, p. 50),

[...] As teorias idealistas ignoram o fato de que os aspectos sociais e históricos são o ponto de partida para todas as mudanças que ocorrem na adolescência ou em qualquer outra época do desenvolvimento humano. Ignoram, portanto, o fato de que tais aspectos são a verdadeira fonte do desenvolvimento [...] (ANJOS, 2017, p. 50).

Não se trata, porém, de negar as mudanças biológicas que ocorrem na adolescência, bem como em qualquer fase do desenvolvimento humano, “pois as relações entre o biológico e o social no ser humano são de incorporação daquele por este e não de eliminação ou mesmo

separação entre ambos” (ANJOS, 2017, p. 77). Para Vygotski (2006a, p. 36, tradução nossa)¹² o problema incide porque “os cientistas biológicos tendem a esquecer com grande frequência que o adolescente não é apenas um ser biológico, natural, mas também histórico, social”.

Ou seja, não é sobre um processo excludente entre biológico e social, como bem colocou Anjos (2017), mas sim da superação de concepções que limitam a adolescência ao biológico, principalmente aquelas que repulsam os aspectos materiais, econômicos, políticos e histórico-culturais desse fenômeno. Portanto, a adolescência do ponto de vista sócio-histórico é resultado das necessidades materiais e econômicas dos grupos sociais, com suas características formadas e reforçadas historicamente (AGUIAR, et al 2007).

Sobre o surgimento da adolescência, Leal & Facci (2014) apontam que esta fase não era considerada uma etapa distinta na vida da pessoa. Houve um tempo em que apenas a infância era diferenciada e, desconsiderando até mesmo a puberdade, passavam à vida adulta. Porém, a partir do século XX, como fruto de uma construção histórica, que respondeu a interesses políticos e econômicos, existiu um processo de transformações sociais que suscitou mudanças significativas nos modos de se conceber a infância e o seu papel social, consequentemente, a adolescência começa a ganhar forma.

Sobre esse processo, Bock (2007) afirma que a adolescência foi desencadeada por mudanças advindas da produção da vida das pessoas, a partir do século XVIII. Essa etapa da vida emergiu como um período intermediário entre a infância e a vida adulta, como um fenômeno das sociedades modernas, que surgiu no final do século XIX e início do século XX.

A autora (2007), destaca um estudo desenvolvido por Clímaco (1991)¹³, que assinala como fatores sociais, econômicos e culturais possibilitam compreender o surgimento da adolescência. Segundo Clímaco, a sociedade moderna, com suas revoluções industriais, gerou significativas mudanças nas formas de vida. O trabalho, agora sofisticado pela tecnologia, começou a exigir maior tempo de formação escolar, reunindo, num mesmo ambiente, os (as) jovens e os distanciando do mundo do trabalho por determinado período. “Além disso, o desemprego crônico/estrutural da sociedade capitalista trouxe a exigência de retardar o ingresso dos jovens no mercado e aumentar os requisitos para essa entrada, o que era respondido pelo aumento do tempo na escola” (BOCK, 2007, p. 68). Essa ampliação no período escolar gerou

¹² “Los científicos biólogos suelen olvidar con gran frecuencia que el adolescente no es tan sólo un ser biológico, natural, sino también histórico, social”.

¹³ CLÍMACO, A. A. S. Repensando as concepções de adolescência. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991. Acesso restrito.

um distanciamento entre os (as) jovens e seus pais e suas famílias, conseqüentemente, houve maior aproximação com grupos de pares.

Porém, torna-se importante destacar que, o afastamento do mundo do trabalho ocorreu apenas com os (as) filhos (as) das classes médias e altas. Os (as) da classe trabalhadora continuaram a trabalhar, mesmo enquanto os (as) da camada privilegiada prosseguiram tendo acesso aos estudos e à formação (ANJOS, 2013). Dessa forma, esse autor, remetendo aos escritos de Isambert-Jamati (1966), reitera que o distanciamento dos (as) jovens de seus pais não se explica apenas pela via da necessidade de escolarização (privilégio da burguesia),

[...] durante muito tempo, a maior parte da população foi separada de seus pais, devido o contrato anual de trabalho dos jovens rurais, ou devido à aprendizagem junto de um artífice distante. [...] tais rupturas eram praticamente definitivas e tais compromissos, bem como a entrada ao exército, convento ou seminário, frequentemente aconteciam a partir dos 12 ou 13 anos de vida. Enquanto a industrialização do século XIX obrigou as classes inferiores a uma infância muito curta, causando a dissociação das famílias de classe operária por serem compelidas a enviarem seus filhos para o trabalho a partir dos oito anos de idade, a burguesia, por sua vez, ofereceu longos estudos para seus filhos, no objetivo de prepará-los para os negócios econômicos (ANJOS, 2013, p.16).

É a partir dessas condições concretas de vida que, gradativa, e historicamente, vai surgindo a necessidade de preocupação com os direitos das crianças. O movimento histórico da passagem da sociedade servil à industrial, acarretou, segundo Klein (2012), um aumento da pobreza generalizada, alocando pais, mães e seus filhos (crianças e adolescentes), majoritariamente, a serem trabalhadores fabris em condições precárias de vida.

[...] é essa outra criança [filha do proletariado], capturada pela fábrica, objeto da violência sistemática do capital, que obriga a sociedade a pensar sobre ela. Essa preocupação emerge no processo social de luta pelas leis fabris, fulcradas na proibição do trabalho de crianças menores de 8 anos, na proibição de trabalho noturno de adolescentes e mulheres e diminuição da jornada de trabalho (inicialmente, para crianças, depois para adultos). [...] É esse debate, que se impõe a toda a sociedade europeia ao longo do século XIX, que torna presente uma preocupação específica com as crianças, fazendo com essa categoria se consolide no universo discursivo com um conteúdo historicamente dado, vale dizer, com o conteúdo das lutas fabris (KLEIN, 2012, p. 3391).

Desta forma, pode-se destacar que esses fatores socioeconômicos foram determinantes para o desdobramento da adolescência como uma etapa diferenciada no conjunto do desenvolvimento humano, e, dentre esses aspectos, a educação escolar também corroborou para

a constituição dessa fase da vida, uma vez que, paulatinamente, foi universalizada para além das classes dominantes, alcançando também as classes empobrecidas. No entanto, vale ressaltar que, para a classe trabalhadora a educação escolar além de ocorrer morosamente ela ainda é dada de forma distinta, nos dias atuais, objetiva uma adaptação do (a) jovem às exigências do capital e não, como deveria, a apropriação dos conteúdos científicos elaborados historicamente.

Nesse sentido, resume Bock (2007, p. 68)

A adolescência se refere, assim, a esse período de latência social constituída a partir da sociedade capitalista gerada por questões de ingresso no mercado de trabalho e extensão do período escolar, da necessidade do preparo técnico. Essas questões sociais e históricas vão constituindo uma fase de afastamento do trabalho e o preparo para a vida adulta. As marcas do corpo, as possibilidades na relação com os adultos vão sendo pinçadas para a construção das significações (BOCK, 2007, p. 68).

Todo esse processo instala uma contradição, constituída histórica e socialmente, que é o fato de a sociedade moderna impor, como naturais, tendências e características de uma fase da vida como se fossem universais, típicas da adolescência, tão somente para manter o afastamento dessas pessoas do mundo adulto, sob a justificativa da necessidade de preparação intelectual e afetiva desses jovens para assumir outro papel na sociedade

Vamos assistir à construção da contradição básica que caracterizará a adolescência: os jovens apresentam todas as possibilidades de se inserir na sociedade adulta, em termos cognitivos, afetivos, de capacidade de trabalho e de reprodução. No entanto, a sociedade adulta pouco a pouco lhes tira a autorização para essa inserção. O jovem se distancia do mundo do trabalho e, com isso, se distancia também das possibilidades de obter autonomia e condições de sustento. Aumenta o vínculo de dependência do adulto, apesar de já possuir todas as condições para estar na sociedade de outro modo (BOCK, et. al, 2007, p. 170).

Sendo assim, é a partir dessa vivência contraditória que vão surgindo as características que compõe a adolescência, um novo grupo social com padrão coletivo de comportamentos, nomeadas pela sociedade como rebeldia, instabilidade, a busca pela identidade, tendência grupal, necessidade de intelectualizar e fantasiar e os conflitos, características essas, tão valorizadas e pregadas pela Psicologia tradicional como naturais, mas que, na verdade, são constituídas historicamente, “vão se transformar ou ser reforçadas, dependendo das condições materiais da vida de um determinado grupo social” (BOCK, et al., 2007, p. 170).

Aqui cabe outro ponto importante. Segundo Leal (2010), a sociedade de classes não permite o acesso aos bens culturais de modo igualitário a todos, a maioria não tem acesso à grande parte do que é produzido. E isso irá influenciar e acarretar diferentes formas de viver a

adolescência, visto que, apesar de ser considerada um fenômeno universal e único, será vivida diferentemente a depender dos segmentos sociais.

Bock (2007, p. 70), também aponta “... alguns grupos sociais que ficam excluídos da escola e ingressam cedo no mundo do trabalho se “adultizam” e não têm acesso à adolescência, como uma condição social”.

Importante registrar que, na medida em que esse fato social da adolescência se configura, tomando contornos mais claros, a sociedade como um todo registra e dá significado a esse momento. A ciência a estuda, a conceitua, a expressa em livros e descreve suas características (tomadas como se fossem naturais da idade). A sociedade reconhece, então, uma fase do desenvolvimento de seus filhos e jovens e atribui-lhe significados; espera algumas condutas de seus filhos e jovens. A adolescência se instala de forma inequívoca na sociedade. Os jovens que não possuíam referências claras para seus comportamentos utilizam, agora, essas características como fonte adequada de suas identidades: são agora adolescentes. Não há nada de patológico; não há nada de natural (BOCK, 2007, p. 70).

Disso se depreende que a adolescência não possui um padrão, baseado em traços corporais e biológicos, mas que essa etapa é um fenômeno dinâmico, podendo ocorrer de maneiras diferentes de acordo com os contextos. E, que, embora existam traços comuns a esse grupo, tais características foram criadas com o tempo, como resultado dos modos de produção da vida, entre as pessoas. Deste modo, essa fase é interpretada e significada socialmente e, dialeticamente, a subjetividade dos (as) jovens vai se constituindo. Nesse sentido, para se elucidar melhor os (as) adolescentes estudados nesta pesquisa, no próximo subitem será tratado sobre o desenvolvimento psíquico nesta idade de transição, também numa perspectiva histórica e dialética.

2.4 O psiquismo do adolescente

Este subtópico tem como objetivo discorrer sobre o desenvolvimento psicológico do (a) adolescente à luz da Psicologia Histórico-Cultural, que avança para além das questões biológicas e analisa as determinações culturais como essenciais na constituição do psiquismo humano.

A Psicologia Histórico-Cultural compreende a adolescência como um período de transição, um momento de construção de novas possibilidades e superação das já estabelecidas. Uma fase que representa a passagem entre a infância e a vida adulta, “uma transição para formas mais desenvolvidas de conduta, num processo de superação por incorporação e não como uma

simples recapitulação do vivido na infância” (ANJOS, 2017, p. 50, grifos do autor). Uma fase em que se forma a adultez.

Vygotski (2006a) se contrapõe à teoria evolucionista, a qual afirmava que no desenvolvimento não há nada de novo, e que a pessoa se desenvolve pelo crescimento e amadurecimento em sua ordem natural. Diferentemente, o autor russo defende que no cerne do desenvolvimento se dão novas formações qualitativas, possuindo um ritmo próprio e necessitando sempre de mediações especiais, ou seja, “[...] o desenvolvimento é um processo contínuo de automovimento, que se distingue, em primeiro lugar, pela permanente aparição e formação do novo, não existente em estágios anteriores” (VYGOTSKI, p. 254, tradução nossa)¹⁴. Desse modo, essas novas formações são o que diferencia os períodos de desenvolvimento e expressará um novo tipo de estrutura da personalidade “as mudanças psíquicas e sociais que, pela primeira vez, produzem-se no indivíduo e que determinam, fundamentalmente, a consciência e a relação que se estabelecem com o meio, com a vida interna e externa do sujeito e com o curso do seu desenvolvimento (LEAL & FACCI, 2014, p. 23).

As autoras acima (2014) também esclarecem, baseadas em Vygotski, que essas novas formações em cada fase do desenvolvimento servem como guia para o desenvolvimento daquele período e para a reorganização da personalidade da criança sobre uma nova etapa. “A personalidade da criança vai sofrendo pequenas mudanças, que vão se acumulando até um certo limite, manifestando-se depois como uma formação repentina e qualitativamente nova do período” (LEAL, 2010, p. 44).

Outro elemento importante na concepção de Vigotski é a existência de períodos de crise no desenvolvimento do (a) adolescente, que apareceriam de modo imperceptível, mas agudo em certo momento, tornando-a visível. “Esses períodos críticos seriam provocados pela própria lógica interna do desenvolvimento, provocando a necessidade de uma viragem, um direcionamento do desenvolvimento” (LEAL & FACCI, 2014, p. 24). A idade crítica não é diferenciada pelo surgimento de novos interesses, atividades ou de vida interior, mas sim por características opostas, isto é, a perda dos interesses que impulsionavam a atividade anterior. “Nesse momento de viragem, as relações com as pessoas e mesmo sua vida interior se esvaziam, mudando o significado positivo e criador que estava tendo, o que pode originar alguns conflitos, com outros e consigo mesmo” (LEAL & FACCI, 2014, p. 24).

¹⁴ [...] el desarrollo es un proceso continuo de automovimiento, que se distingue, en primer lugar, por la permanente aparición y formación de lo nuevo, no existente en estadios anteriores.

O desenvolvimento nessa perspectiva vigotskiana não se dá de forma evolutiva, mas revolucionária, dialética, pois os períodos de crises se interpõem com os estáveis e demonstram o momento da viragem, assim, novas possibilidades surgem a partir do já adquirido, que é abandonado pela mudança de necessidades da criança (LEAL, 2010). “O conteúdo negativo dos períodos de crise é “apenas a faceta inversa das mudanças positivas da personalidade, dependendo diretamente desses processos. Essas mudanças positivas da personalidade constituem o sentido básico e principal das idades críticas” (LEAL, 2010, p. 45 – 46). Desse modo, no período de transição, os velhos interesses se esvaem e surgem os novos. O (a) adolescente precisa domar um novo conteúdo, sendo necessário para isso que ele internalize o que era externo, “como convicções, interesses, concepções de mundo, normas éticas, regras de conduta, ideias, esquemas de pensamento. Os novos estímulos que surgem nesta etapa impulsionam o desenvolvimento e os mecanismo do pensamento” (LEAL, 2010, p. 45).

Para Vygotski (2006a), os cientistas biólogos esqueceram que o (a) adolescente, além de biológico (a), é também histórico (a) e social. Que traço principal desta fase de transição é a maturação sexual e, ao mesmo tempo, a maturação social da personalidade. Assim, vão surgindo novas atrações, servindo como base biológica que reorganiza todo o sistema de interesse do (a) adolescente. Portanto, a criança não apenas muda de lugar nas relações sociais estabelecidas, mas a partir da mudança de interesses em sua atividade, mediante novos estímulos se torna consciente e interpreta suas relações. O (a) adolescente experiencia uma inclusão na forma de vida social de seu contexto, envolve-se em determinadas atividades sociais que antes, quando criança, não se envolvia. “Altera-se o lugar que ele ocupa na vida dos adultos que o rodeiam, nos negócios da família” (LEAL & FACCI, 2014, p. 27). Tornando-se apto, por vezes, a estar em condições semelhantes à dos adultos.

Uma participação mais intensa na realidade social é possibilitada pelo seu desenvolvimento psíquico e pela maior capacidade de abstração, pela formação dos conceitos, o que lhe permite maior compreensão da realidade, favorecendo maior inserção no meio cultural. Os interesses ou as necessidades, bem como o comportamento, modificam-se significativamente neste período (LEAL & FACCI, 2014, p. 27).

O psiquismo na fase da adolescência

O caráter histórico e social do psiquismo humano estrutura-se sobre a base dos processos neurofisiológicos e qualquer psicologia que desconsidere esse fato estará fora do campo científico. Daí a importância do materialismo histórico-dialético para uma correta compreensão desses fenômenos (ANJOS, 2017, p. 77-78).

Portanto, para uma compreensão materialista histórico-dialética do psiquismo é necessário superar os dualismos entre externo e interno, matéria e espírito, subjetivo e objetivo e compreender esses fenômenos em unidade, “pois para a psicologia histórico-cultural, o psiquismo é a unidade material e ideal expressado no reflexo subjetivo da realidade objetiva” (ANJOS, 2013, p. 60).

Foi a partir dos pressupostos do Materialismo Histórico-Dialético que Vygotski (2006a) apontou que a psicologia tradicional se equivocou ao afirmar que na idade de transição as mudanças emocionais eram o núcleo central e o conteúdo básico de toda a crise. Discordando dessa afirmação, o autor assegura que há nessas teorias uma inversão na ordem do que, de fato, acontece, pois, segundo ele, não é na adolescência que as emoções predominam, mas sim nas crianças mais novas. O (a) adolescente é pensante

O desenvolvimento sucessivo de tal ponto de vista conduz a banal concepção que tende a reduzir toda a maturação psíquica do adolescente a uma elevada emocionalidade, a impulsos, imaginações e demais produtos semivisionários da vida emocional. O fato de que o período da maturação sexual seja um período de potente auge no desenvolvimento intelectual, que pela primeira vez ocupe o pensamento neste período o primeiro plano, não somente passa despercebido com semelhante concepção, mas parece até misterioso e inexplicável (VYGOTSKI, 2006a, p. 49, tradução nossa¹⁵).

No que tange aos processos psíquicos do adolescente, Vygotski (2006a) ainda assinala que a possibilidade de mudança da estrutura psicológica da personalidade é o principal conteúdo do desenvolvimento psicológico do (a) adolescente, sendo essa mudança caracterizada pela maturação das funções superiores que ocorrem em um processo distinto das funções inferiores ou elementares. As funções elementares, no entanto, não são extintas, o que acontece é um salto qualitativo culminando com uma superação por incorporação, assim, as funções superiores se formam nas complexas combinações das funções elementares com sínteses complexas, elas se “prolongam e dão continuidade às funções elementares” (ANJOS, 2013, p. 72).

Para Vygotski (2000), esse processo não ocorre de forma espontânea a partir do próprio desenvolvimento interno da criança, mas sim pela mediação externa, isto é, pela mediação social. Portanto, toda função psíquica superior foi, primeiramente, externa, uma relação social

¹⁵ El desarrollo sucesivo de tal punto de vista conduce a la banal concepción que propende reducir toda la maduración psíquica del adolescente a una elevada emocionabilidad, a impulsos, imaginaciones y demás productos semivisionarios de la vida emocional. El hecho de que el periodo de la maduración sexual sea un periodo de potente auge en el desarrollo intelectual, que por primera vez ocupe el pensamiento en este periodo el primer plano, no solo pasa desapercibido con semejanza planteamiento, sino que parece hasta misterioso e inexplicable.

entre duas ou mais pessoas antes de ser internalizada. Desse modo, ele formula a denominada “Lei genérica geral do desenvolvimento cultural”

Toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes, em dois planos; primeiro no nível social e depois no nível psicológico, em primeiro lugar entre os homens como categoria intersíquica e, em seguida, no interior da criança como categoria intrapsíquica. Isso se refere igualmente à atenção voluntária, à memória lógica, à formação de conceitos e ao desenvolvimento da vontade (VYGOTSKI, 2000, p. 150, tradução nossa)¹⁶.

Dá a importância da relação entre pessoas com mais experientes para que esta mediação ocorra; “no caso do (a) adolescente, Vigotski asseverou que o meio social apresenta e cria as necessidades que conduzem ao desenvolvimento do pensamento conceitual, [...] o desenvolvimento deve ser entendido de maneira dialética” (ANJOS, 2013, p. 121). Portanto, as funções superiores que podem surgir nesta idade de transição não são fruto dos aspectos biológicos e sim do desenvolvimento histórico do comportamento, na dependência do meio e da experiência sociocultural do adolescente (VYGOTSKI, 2006a).

Apoiado em Vigotski, Anjos (2013, p. 72) afirma que o desenvolvimento psicológico do (a) adolescente possui como característica a ascensão das funções e consequentemente a “formação de sínteses superiores (ou seja, a personalidade e a concepção de mundo)”. As funções psíquicas superiores: sensação, percepção, atenção, memória, pensamento, linguagem, sentimento etc. se desenvolvem num sistema complexo e hierárquico, sendo todas essas funções, neste período da adolescência, conduzidas por uma função central ou condutora que é o desenvolvimento do pensamento, isto é, “a função de formação de conceitos”. Logo, “todas as outras funções se unem a essa formação nova, integram com ela uma sínteses complexa, se intelectualizam, se organizam sobre a base do pensamento em conceitos” (VYGOTSKI, 2006a, p. 119, tradução nossa¹⁷).

Apesar de a função do pensamento baseado em conceitos¹⁸ ser fundamental nesta fase da vida, Anjos (2013, p. 72) pontua

¹⁶ toda función en el desarrollo cultural del niño aparece en escena dos veces, en dos planos; primero en el plano social y después en el psicológico, al principio entre los hombres como categoría intersíquica y luego en el interior del niño como categoría intrapsíquica. Lo dicho se refiere por igual a la atención voluntaria, a la memoria lógica, a la formación de conceptos y al desarrollo de la voluntad.

¹⁷ Todas las restantes funciones se unen a esa formación nueva, integran con ella una síntesis compleja, se intelectualizan, se reorganizan sobre la base del pensamiento en conceptos.

¹⁸ Conceito é uma síntese de conhecimentos sobre o objeto ou fenômeno dado. [...] Em outras palavras, o conceito representa, num campo subjetivo, a realidade dos objetos que são encontrados no campo objetivo. Vale destacar

Neste momento cabe assinalar o tratamento especial que Vigotski dá à função de formação de conceitos, ou seja, ao pensamento. Por mais importante que seja o pensamento conceitual, ele não determina, por si só, a adolescência, pois as fases da vida humana não são determinadas somente pelo intelecto. Ao que parece, o autor assevera que o pensamento conceitual não é a única função, mas é a função condutora, a função central do desenvolvimento psíquico na adolescência. Isto não significa, portanto, que Vigotski esteja ignorando que o psiquismo existe num sujeito concreto, que ocupa uma posição numa determinada sociedade e que realiza determinados tipos de atividade. Destarte, afirmar a centralidade do pensamento por conceitos na formação do psiquismo do adolescente não significa reduzir a adolescência a um processo que ocorre dentro da mente do indivíduo (ANJOS, 2013, p. 72).

Desta forma, são as funções psicológicas superiores que formam a base da estrutura da personalidade e dão ao (a) adolescente um maior domínio e consciência de seu comportamento, mediante a função condutora que é o pensamento por conceitos. Para Anjos (2017), as funções psíquicas neste período, regidas pelo pensamento conceitual, são convertidas em lógicas e livres, independentes das leis naturais, tornando-se voluntárias. Nesta fase de transição, a novidade é que é possível que o (a) adolescente tenha domínio sobre sua conduta, suas emoções, sua atenção, outras funções psicológicas e conceba antecipadamente suas ações.

Deste modo, para Vigotski, a principal diferença entre a criança e o (a) adolescente é a possibilidade desse salto caracterizado pelo domínio do externo ao interno das funções superiores, em que “na criança predomina o domínio externo das funções psíquicas, enquanto que no adolescente, o domínio interno” (ANJOS, 2017, p. 93). Tais funções psicológicas são “funções afetivo-cognitivas que, unidas, caracterizam o psiquismo humano e estão a serviço da inteligibilidade do real”, proporcionando ao adolescente uma leitura mais abrangente da realidade onde está inserido (ANJOS, 2013, p. 74 – 75).

Destarte, o desenvolvimento das funções psicológicas nesta idade corrobora o domínio do afeto, da própria conduta, de si mesmo, a capacidade de intencionar o próprio comportamento a um fim e alcançá-lo, movimento esse que exige uma série de premissas, mas, a mais importante é o pensamento por conceitos

O conceito nos proporciona o primeiro conhecimento da realidade no verdadeiro sentido dessa palavra, pois pressupõe a regularidade do fenômeno que se conhece. O adolescente, graças ao conceito, passa do nível da vivência ao nível do conhecimento. Somente com a passagem ao pensamento em conceitos se produz a definitiva separação e desenvolvimento da

que, somente por meio da mediação dos conceitos, “a realidade será captada em sua gênese e em seu desenvolvimento, ou seja, como síntese de múltiplas determinações.” (MARTINS, 2011, *apud* ANJOS, 2013, p. 79).

personalidade e da concepção de mundo do adolescente (VYGOTSKI, 2006a, p. 198, tradução nossa¹⁹).

Sobre a separação, o desenvolvimento da personalidade e da concepção de mundo, mediante o pensamento por conceitos na idade de transição, Anjos (2017, p. 184) afirma

A “separação” da qual asseverou Vigotski outra coisa não é, senão, a diferenciação ou a identificação consciente dos momentos subjetivos e objetivos, a formação dos polos da personalidade e da concepção de mundo que caracteriza a época da adolescência. Trata-se da superação da muda coexistência de particularidade e genericidade [...] bem como da formação da consciência do “eu” dentro de um sistema de relações sociais. Portanto, há uma relação dialética entre esses dois polos. A personalidade (a autoconsciência, as formas conscientes de ação, pensamento e sentimento do indivíduo), não pode ser desenvolvida fora das relações sociais que se estabelecem [...] e a apropriação das riquezas materiais e ideativas produzidas pelo gênero humano possibilita a formação de uma concepção de mundo que é, ao mesmo tempo, condição e produto da personalidade (ANJOS, 2017, p. 184)

Dito isto, para o autor russo (2006a), o pensamento em conceitos é a novidade nesta etapa, é o núcleo fundamental que organiza as mudanças no pensamento. O conteúdo do pensamento é desenvolvido estabelecendo um tipo de atividade superior, que é historicamente formada, “é o nível qualitativamente novo e não simples amadurecimento de formas anteriores; essas sínteses complexas que se produzem resultam da vida social, do desenvolvimento cultural e da atividade laboral” (LEAL & FACCI, 2014, p. 40).

O mundo se apresentará ao adolescente com novas possibilidades, desenvolve-se uma concepção do mundo político-social, favorecida pela maior participação do adolescente na atividade social. Formam-se as concepções sobre a vida, a sociedade, o mundo ao redor. Os novos problemas que a vida apresenta ao adolescente exigem formas superiores do pensamento (LEAL & FACCI, 2014, p. 40).

Através do pensamento por conceitos todo o conteúdo do pensamento do (a) adolescente se renova e se reorganiza, ele possibilita ao (a) adolescente o mundo da consciência social objetiva, o mundo da ideologia social²⁰ (VYGOTSKI, 2006a).

¹⁹ el concepto nos proporciona el primer conocimiento de la realidad en el verdadero sentido de esa palabra, pues presupone la regularidad del fenómeno que se conoce. El niño, gracias al concepto, pasa del nivel de la vivencia al nivel del conocimiento. Tan solo con el paso al pensamiento en conceptos se produce la definitiva separación y desarrollo de la personalidad y de la concepción del mundo del niño.

²⁰ Anjos (2013, p. 78) traz uma observação a esse respeito. Ele coloca, “Considerando-se que para Vigotski, como marxista, a consciência e a ideologia são sempre sociais, o uso do adjetivo “social” significa, nesse contexto, que se trata da formação da concepção de sociedade, da concepção de mundo na adolescência. Essa observação é necessária para que não se pense, equivocadamente, que Vigotski entendesse que a consciência somente se tornasse social na adolescência.

Vygotski (2006a) ainda ressalta que sem o pensamento por conceito não se pode compreender as relações existentes por trás dos fenômenos, tampouco os nexos que estão por detrás da aparência imediata dos fenômenos. Com a formação do conceito o (a) adolescente pode pensar dialeticamente, trata-se de uma nova forma de atividade intelectual que revela os profundos nexos da realidade e revela as leis que a regem. O autor ainda coloca que a função de formação de conceitos desempenha outro papel importantíssimo nesta etapa, “pois permite que o (a) adolescente entre em sua realidade interna, no mundo de suas próprias vivências” (p. 71, tradução nossa²¹) e, portanto, venha a compreender melhor a si mesmo.

A formação de conceitos pressupõe, principalmente, o aprendizado e o domínio do curso dos próprios processos psicológicos, mediante palavras ou signos, assim, se o domínio dos próprios comportamentos com ajuda de instrumentos só é possível por completo na adolescência, há que se reforçar o papel da educação escolar como atividade social essencial neste processo de formação das funções psicológicas superiores, uma vez que possibilita ao estudante a apropriação de conteúdos que favorecem o desenvolvimento desse tipo de pensamento, de teor complexo, científico e, portanto, não cotidiano. Assim, “não é qualquer produção cultural que possibilita o desenvolvimento do pensamento conceitual” (ANJOS, 2017, p. 94).

Portanto, o domínio da conduta para si²², apresenta-se apenas como possibilidade para o adolescente. No cerceamento da apropriação de conteúdos e atividades que requeiram o desenvolvimento do pensamento conceitual e, por consequência, o domínio das funções psíquicas superiores, o comportamento adolescente pode manifestar-se de forma espontânea, involuntária, sem domínio das emoções, ocasionando comportamentos não livres e desorientados. Não seriam esses os sintomas “naturais” e “normais” da adolescência, tão difundidos pelas psicologias biologicistas e idealistas? (ANJOS, 2017, p. 94 – 95).

²¹ [...] pues permite que el adolescente se adentre en su realidad interna, en el mundo de sus propias vivencias.

²² O domínio da conduta, ou seja, o domínio das funções psíquicas não é um atributo natural e biológico, mas sim artificial, pois é engendrado pela mediação de um sistema de signos. [...] O domínio da conduta, portanto, pode não ocorrer se o indivíduo não se apropriar das objetivações humanas que servem de mediação para a condução de sua vida. Em outras palavras, o indivíduo não pode dirigir, de maneira consciente, as atividades de sua vida cotidiana sem a mediação das produções culturais que favoreçam tal domínio da conduta (ANJOS, 2017, p. 93). Baseado em Duarte (2013), Anjos (2017, p. 24 - 25) explica que as produções do gênero humano que tem como objetivo atender demandas da vida cotidiana são chamadas de “objetivações genéricas em si”, tais como a linguagem falada, costumes e instrumentos utilizados por determinada cultura, assim denomina-se “em si” pelo modo espontâneo que as pessoas se relacionam com essas objetivações na vida cotidiana, desse modo, os indivíduos vão se apropriando, mas sem uma exigência de reflexão sistematizada. Já as “objetivações genéricas para si” são mais desenvolvidas e não são imprescindíveis às finalidades pragmáticas da vida cotidiana. Pertencem a esse grupo a ciência, a arte e a filosofia. [...] Essas requerem a superação da espontaneidade e do imediatismo da cotidianidade (p. 24). Se por meio dos objetos, da linguagem e dos costumes os seres humanos constituem o gênero humano em si, por meio da ciência, da arte e da filosofia constituem o gênero humano para si [...] importa que o indivíduo supere por incorporação, sua individualidade em si com vistas à formação da individualidade para si, concebida como a máxima possibilidade da formação do indivíduo. “O indivíduo para si dirige sua vida cotidiana [...] se relaciona com a realidade para além de sua manifestação aparente, superficial” (ANJOS, 2017, p. 25).

Essas concepções a-históricas e naturalizantes do desenvolvimento psíquico e do comportamento dos adolescentes levam a percepções desta fase adjetivando-a como problemática, de rebeldia, doentia etc. Anjos (2017) descreve o problema dessas visões que, de um jeito ou de outro, contribuem para interpretar a adolescência como uma fase negativa. Ele exemplifica: por um lado, o comportamento do (a) adolescente é involuntário, instável e incontrolável naturalmente, dentro do que é “normal” e um dia melhoraria graças à maturação biológica. Por outro lado, se o (a) adolescente não apresenta esses “sintomas” deve-se preocupar. Ou seja, esse período, para essas teorias é sempre problemático.

A partir de uma concepção materialista histórico-dialética, portanto, científica, entendemos que a falta de domínio da conduta, ou a falta de domínio das funções psíquicas na adolescência seria tão somente o objeto, ou seja, o produto final de um processo que engendrou tal fenômeno. Numa sociedade onde predomina o domínio do homem sobre outros seres humanos, não é interessante que os indivíduos de tal sociedade tenham domínio de seus comportamentos. [...] Destarte, os conflitos ocorrentes na adolescência, outra coisa não é, senão, o reflexo de conflitos decorrentes de uma sociedade alienada (ANJOS, 2017, p. 95).

Por fim, e não menos importante, considera-se relevante destacar de modo mais sintetizado a periodização do desenvolvimento do psiquismo humano partir da Psicologia Histórico-Cultural. Por periodização²³ compreende-se momentos, fases ou etapas do desenvolvimento que vai desde o nascimento até a idade adulta e velhice (TULESKI & EIDT, 2020). A psicologia tem buscado por meio de suas diversas abordagens teóricas estudar o desenvolvimento do psiquismo e do comportamento das pessoas, no entanto, pendeu ora para o reducionismo biológico, ora para explicar as mudanças no desenvolvimento como resultado de um acúmulo de experiências e hábitos (TULESKI & EIDT 2020).

No entanto, Pasqualini (2020) esclarece que Vigotski se contrapõe a essas teorias à medida que defendeu que a explicação do desenvolvimento psicológico não deve ser embasada na descrição dos sintomas ou indícios observados no comportamento da pessoa, ou seja, deve-se superar uma abordagem sintomática, meramente descritiva e fenomenológica da periodização, para tanto, faz-se necessário decodificar a lógica interna que orienta o processo

²³ Para um estudo mais aprofundado da periodização do desenvolvimento humano na Psicologia histórico-cultural, recomenda-se a leitura do livro: MARTINS, L. M.; ABRANTES, A. A.; FACCI, M. G. D. (Orgs.). Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice. Campinas, SP, 2ªed: Autores Associados, 2020.

de desenvolvimento do psiquismo. A captação da lógica interna do desenvolvimento psicológico se refere a uma concepção geral sobre o problema particular da periodização.

Vigotski, baseado no método materialista histórico, opõe-se as correntes psicológicas que explicam os fenômenos a partir do que se mostra aparente, para o autor russo, é fundamental que o estudo do psiquismo se baseie na busca por desvelar a essência oculta por trás da aparência. “Apreender as determinações essenciais que fazem avançar o desenvolvimento do psiquismo implica, na teorização vigotskiana, compreender as mudanças internas do próprio desenvolvimento e a dinâmica da transição a novos períodos” (PASQUALINI, 2020, p. 65). Deste modo, apreender a essência interna dos objetos a partir do materialismo histórico significa desvendar e captar o movimento de sua constituição, explicar, portanto, sua gênese, suas determinações e mediações.

O que buscaram os autores da Escola de Vigotski²⁴ foi a formulação de leis que pudessem explicar as regularidades que se apresentam no curso do desenvolvimento do psiquismo. Para além de arrolar e descrever as características de cada período, a teoria busca compreender por que essas características – e não outras – estão presentes nesse período, desvelando a relação que existe entre as diferentes características que convivem no interior de um mesmo período e iluminam sua gênese e devir (PASQUALINI, 2020, p.66).

Partindo desses preceitos, Elkonin (1987), baseado nos estudos de Vigotski e Leontiev, distinguiu alguns períodos do desenvolvimento da pessoa: a primeira infância, a infância e a adolescência. Anjos (2017) esclarece a sistematização elaborada pelo autor

[...] Cada um desses períodos apresenta uma atividade-guia (ou dominante): **no primeiro ano de vida:** a atividade de comunicação emocional direta; **primeira infância:** atividade objetual manipulatória; **idade pré-escolar:** atividade de jogos de papéis; **idade escolar:** atividade de estudo; **adolescência inicial:** atividade de comunicação íntima pessoal; **adolescência:** atividade profissional/de estudo. [...] As atividades são dominantes em determinados períodos e em outros não. Na vida surgem novos tipos de atividade e seu surgimento e conversão em atividades-guia não elimina as atividades anteriores, mas sim, muda seu lugar nas relações que a criança tem com a realidade (ELKONIN, 1987 *apud* ANJOS, 2017, p. 45 – 46, grifos do autor).

Destaca-se as atividades dominantes na adolescência por se tratar do período específico de desenvolvimento estudado nesta pesquisa. Dito isto, buscar-se-á aqui compreender melhor,

²⁴ Os alicerces da teoria histórico-cultural da periodização foram estabelecidos por Vigotski, com destaque às formulações do autor no texto “El problema de la edad” (Vygotski, 1996). Por sua vez, Leontiev (2001) trouxe decisiva contribuição ao formular o conceito de atividade dominante, e Elkonin (1987, 1998) foi o responsável máximo pelo desenvolvimento e sistematização da teoria, incorporando as contribuições de Leontiev e Vigotski (PASQUALINI, 2020, p. 64).

para embasar este estudo, a atividade de comunicação íntima pessoal e a atividade profissional/de estudo, que se colocam como possíveis atividades na idade de transição.

No que tange a *atividade de comunicação íntima pessoal*, Elkonin (1987) aponta para a possibilidade dessa atividade como dominante na fase inicial da adolescência. Ela representa a relação mais próxima do (a) adolescente com seus coetâneos, isto é, relações íntimas entre os (as) adolescentes e seu grupo, o que o autor descreve como “código de companheirismo” baseado na confiança, respeito e comunidade da vida interior. O estabelecimento de relações com o grupo de pares com base no companheirismo é de suma importância para o desenvolvimento da personalidade na idade de transição. A partir desta atividade que o (a) adolescente formará pontos de vista gerais sobre a vida, sobre os relacionamentos sociais e sobre o seu futuro, assim, formará o sentido pessoal da vida (ELKONIN, 1987)²⁵. Outro destaque do autor sobre esta atividade-guia na idade de transição é que ela representa um modo de reprodução entre os (as) adolescentes das relações presentes entre as pessoas adultas, portanto são baseadas em normas e éticas mediadas pelo entorno do (a) jovem, tendo o (a) adulto como referência e objeto de imitação. “A ideia que o (a) adolescente terá de si mesmo e de seu futuro é baseada nas relações sociais, ou seja, entre seus (as) colegas e entre os (as) adultos” (ANJOS & DUARTE, 2020, p. 199). Daí a importância de se compreender quais as referências adultas no mundo do (a) adolescente. Especificamente, neste estudo, pessoas adultas no âmbito familiar são pais, avós, tios, madrastas etc., como veremos melhor no processo de análise.

Avançando para a próxima atividade-guia ou dominante da adolescência, Elkonin (1987) discorre que a atividade de comunicação, a qual vimos acima, dá base para a origem de novas tarefas e motivos da atividade, transformando-se em atividade orientada para o futuro. Assim, outra atividade que ganha destaque na segunda metade da adolescência é a atividade profissional/de estudo.

Ao tratar desta última atividade, os autores Anjos & Duarte (2020), embasados em Elkonin (1987) esclarecem que a atividade profissional de estudo se caracteriza pelo motivo fundamental de estudar para se preparar para o futuro. O (a) jovem passa a descobrir o significado do conhecimento científico e, portanto, desenvolve os interesses cognoscitivos científicos. “[...] Tem possibilidade de manter uma relação mais direta entre trabalho e conhecimentos científicos” (ANJOS, 2017, p. 57).

²⁵ Traduções nossas.

O interesse por determinado ramo de conhecimento estimula a escolher uma profissão que se apoia nos dados desta ciência. Por outro lado, a escolha da profissão influi na atitude frente os objetos de estudo: motiva interesses para os que correspondem à profissão escolhida e obriga a ocuparem-se destes de maneira mais séria (ELKONIN, 1960, *apud* ANJOS, 2017, p. 58).

Na incumbência de romper com qualquer visão idealista que relaciona a educação escolar e a escolha profissional, Anjos (2017) destaca que muitos dos (as) brasileiros (as) ingressam no mercado de trabalho não por escolha de determinada profissão, mas sim pelas necessidades materiais de subsistência e com limitações concretas quanto as alternativas de empregos que lhes são ofertadas.

Nessa perspectiva, por meio da educação escolar, mesmo nas condições objetivas que impedem um desenvolvimento mais amplo da formação humana, os educadores comprometidos com uma educação transformadora devem oportunizar reflexões críticas diante do tema da escolha da profissão, considerando as múltiplas determinações envolvidas nessas escolhas. [...] Deve favorecer ao adolescente uma análise histórico-social das escolhas profissionais, deve apresentar-lhes as contradições da sociedade capitalista e conscientizá-los dos graus de alienação do trabalho. (ANJOS, 2017, p. 58).

CAPÍTULO III

A CONSTITUIÇÃO DO PSIQUISMO NA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Este capítulo tem como objetivo apresentar alguns elementos que fundamentam um entendimento do desenvolvimento psicológico da pessoa, a partir da Psicologia Histórico-Cultural e dos pressupostos do Materialismo Histórico-Dialético e refletir sobre o papel da mediação para a explicação e o estudo do psiquismo. Tratará também da constituição dos *sentidos* como produto da relação dialética entre subjetividade e objetividade.

A abordagem histórico-cultural da psicologia, proposta pela Escola de Vigotski, apregoa uma relação dialética e indissociável da pessoa com a sociedade. Defende que a explicação da pessoa e de seu psiquismo deve tomar como base as relações concretas estabelecidas e toda a história humana ao longo do tempo. Para tanto, parte dos aportes teórico-metodológicos marxianos de que “[...] o modo de produção da vida material condiciona o processo de vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência” (MARX, 2008, p. 47).

No entanto, a subjetividade humana é bastante confundida, como coloca González Rey (2015, p. 13), com o subjetivismo, o qual, por sua vez, enfatiza a gênese intrapsíquica humana de modo isolado das condições concretas de vida, a subjetividade, porém, representa a qualidade geral dos processos das pessoas, tanto individuais como sociais. “[...] A subjetividade é qualidade específica dos processos e fenômenos nas condições da cultura, algo inseparável das condições de vida da pessoa, ainda que não seja uma expressão direta e linear dessas condições”.

Desse modo, tais fundamentos da Psicologia Histórico-Cultural são de suma importância para a análise desse estudo, em que se busca avançar para a explicação dos fenômenos psicológicos a partir da própria condição concreta e histórica dos (as) adolescentes estudados, entendendo que as condições sociais e materiais de existência são a base que propiciam a constituição de suas características subjetivas.

3.1 A formação do psiquismo humano

A formação da subjetividade na psicologia tradicional muitas vezes é tomada como algo interno a pessoa, algo que o diferencia e estabelece uma dicotomia com a sociedade. Essas

correntes na psicologia são perspectivas que estão em sintonia com o atual sistema capitalista, em que a pessoa é tida como o centro deste sistema. Trabalha, portanto, em prol do individualismo burguês. Entretanto, na concepção dialética da subjetividade, adotada pela Psicologia Histórico-Cultural, essa visão é superada, pois acredita-se que a formação humana se efetiva no bojo da realidade concreta.

Desse modo, a formação humana não prescinde dos aspectos único, singular e histórico (AGUIAR & OZELLA, 2006). Elementos que, aparentemente, são antagônicos, tais como subjetivo e objetivo, interno e externo, pessoa e sociedade se constituem mutuamente, e isso se dá pela mediação, numa relação dialética. Trata-se de olhar para os elementos não de forma dicotomizada e excludente, mas do ponto de vista da totalidade, em que os fenômenos são integrados a um todo, composto por partes que se interpenetram à luz da mediação, categoria que estabelece relações, fazendo conexões, a exemplo da relação entre pessoa e objeto.

Portanto, ao pensar na constituição humana, o método materialista histórico-dialético de Marx e Engels, traz fundamentos que não opõe pessoa e sociedade, subjetivo e objetivo, mas é capaz de apreender e desvelar suas mediações constitutivas, como será visto ao longo deste capítulo.

Há muito tempo a origem da espécie humana e a diferença entre a pessoa e o animal vem sendo estudada por meio de diferentes correntes teóricas, as quais produziram explicações científicas e religiosas.

Darwin, ao elaborar sua teoria, conhecida como a evolução da espécie biológica, afirmou que “o homem é o produto da evolução gradual do mundo animal e tem uma origem animal” (LEONTIEV²⁶, 2004, p. 279). Outra teoria, baseada na espiritualidade, prega a criação humana como divina, distanciando-se do campo científico e valorizando crenças religiosas no decorrer da história humana.

No entanto, para explicitar a formação da subjetividade humana, outra teoria foi desenvolvida. Nessa vertente “o homem é um ser de natureza social, e tudo o que tem de humano nele, provém da sua vida em sociedade no seio da cultura criada pela humanidade” (LEONTIEV, 2004, p. 279). Esse autor, defende que a pessoa evoluiu e se desenvolveu mediante suas atividades, caracterizadas pelos meios de produção, assim, modificou a natureza

²⁶ Alexis N. Leontiev, 1903-1979, foi um dos importantes psicólogos soviéticos junto a Vigotskii e Luria. Recebeu em 1968 o título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Paris. Preocupou-se em pesquisar as relações entre o desenvolvimento do psiquismo humano e a cultura, ou seja, a evolução das funções psicológicas e a assimilação individual da experiência histórica. Também busca no materialismo histórico e dialético uma base para a construção de uma nova psicologia, em que defende a natureza sócio-histórica do psiquismo humano. Seu campo de estudo abarcou a pedagogia, a cultura e o problema da personalidade.

concreta, trabalhando e se relacionando com seus pares, a fim de que pudesse sobreviver. Por conseguinte, na medida em que a pessoa estabeleceu relações com outros (as) foi modificando a natureza, modificou também a si mesma e se desenvolveu.

Essa vertente supera concepções idealistas e naturalistas utilizando o método Materialista Histórico e Dialético no estudo da subjetividade humana. Considera “que a natureza que influi exclusivamente sobre o homem são as condições históricas e que o homem atua sobre a natureza e a transforma, criando, assim, novas condições de existência” (BERNARDES, 2010, p. 301). Desse modo, o trabalho torna-se condição fundamental da existência humana, como bem colocou Leontiev (2004, p. 76), a hominização dos antepassados animais da pessoa se deve ao trabalho, pois mediante ele é que se forma o homem e sua consciência. O trabalho “acarreta a transformação e hominização do cérebro, dos órgãos de atividade externa e dos órgãos dos sentidos”.

Leontiev afirma, ao tratar das ideias de Engels sobre “A Origem das Espécies” de Darwin

Engels, sustentando a ideia de uma origem animal do homem, mostrava ao mesmo tempo que o homem é profundamente distinto dos seus antepassados animais e que a hominização resultou da passagem à vida numa sociedade organizada na base do trabalho; que esta passagem modificou a sua natureza e marcou o início de um desenvolvimento que, diferentemente do desenvolvimento dos animais, estava e está submetido não às leis biológicas, mas a leis sócio-históricas (LEONTIEV, 2004, p.208).

De acordo com Leontiev (2004) inicia-se com o estágio da preparação biológica da pessoa, que se tratava de animais que viviam de forma gregária, serviam-se de utensílios rudimentares, não trabalhados e possuíam uma comunicação muito primitiva, eram regidos por leis biológicas. O segundo estágio é designado como o da passagem ao homem, nessa fase se inicia formas embrionárias de trabalho e de sociedade, seu marco é o início da fabricação de instrumentos, porém a formação humana ainda é regida pelo biológico, com a ocorrência de alterações anatômicas de geração a geração hereditariamente. No entanto, elementos novos surgem no desenvolvimento, conforme afirma o autor

Começavam a produzir-se, sob a influência do desenvolvimento do trabalho e da comunicação pela linguagem que ele suscitava, modificações da constituição anatômica do homem, do seu cérebro, dos seus órgãos dos sentidos, da sua mão e dos órgãos da linguagem; em resumo, o seu desenvolvimento biológico tornava-se dependente do desenvolvimento da produção (LEONTIEV, 2004, p. 280)

Esse processo de produção é desde o seu início social, desenvolvendo-se mediante leis sócio-históricas. Ao citar a explicação de Leontiev, Bernardes (2010, p. 301) coloca que “[...] por meio da influência do desenvolvimento do trabalho (atividade produtiva não alienada) e da comunicação pela linguagem (instrumento simbólico), as leis sócio-históricas passam a gerir o desenvolvimento do homem [...]”, processo que Leontiev denomina de terceira etapa, a da viragem, o estágio em que aparece o *Homo sapiens*

É o momento com efeito em que a evolução do homem se liberta totalmente da sua dependência inicial para com as mudanças biológicas inevitavelmente lentas, que se transmitem por hereditariedade. Apenas as leis sócio-históricas regerão doravante a evolução do homem (LEONTIEV, 2004, p. 281).

Portanto, a pessoa formada já possui toda a biologia necessária ao seu desenvolvimento sócio-histórico, não necessita mais de mudanças anátomo-fisiológicas, podendo se desenvolver de forma diferenciada do mundo animal. Portanto, a hominização ocorre diante das necessidades de sobrevivência da própria pessoa e encerra com o desenvolvimento da história social da humanidade (*idem*, 2004).

O homem não só se adapta ao meio, mas, principalmente, promove transformações no meio em que vive. Nesse processo, o homem constrói habitações e produz bens materiais por meio da atividade criativa e produtiva, que se caracteriza como a atividade humana fundamental, o trabalho. Essa, por sua vez, promove mudanças na constituição do próprio homem, desenvolvendo aptidões motoras, complexidade fonética e transformando os órgãos dos sentidos e da percepção humana em órgãos “sociais” na sua constituição. (BERNARDES, 2010, p. 301- 302)

Dessa maneira, ocorreu a evolução humana ao longo do processo histórico que não deixa de se enriquecer e se modificar e as conquistas dessa evolução vão passando de geração a geração, dando continuidade ao progresso histórico da humanidade. As conquistas e aquisições humanas vão se fixando, não por hereditariedade, mas mediante a atividade produtiva humana, ou seja, o trabalho. Assim, cada geração está imersa numa gama de criações realizadas pelas gerações anteriores, em que vão se apropriando através da produção e de diversas formas de atividades sociais, consequentemente, desenvolvem aptidões especificamente humanas (LEONTIEV, 2004).

Com efeito, [...] a aptidão para usar a linguagem articulada só se forma, em cada geração, pela aprendizagem da língua. O mesmo se passa com o desenvolvimento do pensamento ou da aquisição do saber. Está fora de questão que a experiência individual de um homem, por mais rica que seja, baste para produzir a formação de um pensamento lógico ou matemático

abstrato e sistemas conceituais correspondentes. Seria preciso não uma vida, mas mil. De fato, o mesmo pensamento e o saber de uma geração formam-se a partir da apropriação dos resultados da atividade cognitiva das gerações precedentes (*idem*, 2004, p. 284).

Destarte, a pessoa vai constituindo a sua história social em busca de sobrevivência. Diferentemente do animal, que naturalmente busca satisfazer suas necessidades biológicas, a pessoa possui necessidades sociais, reflete o meio em que está inserida, e toma decisões intencionais para atender suas necessidades.

Neste sentido, Biavatti (2021, p. 30), sintetiza

Gradativamente, a atividade coletiva vai se modificando, os instrumentos nela envolvidos vão se alterando e constituindo a cultura e a história, e nesse processo, em decorrência da aprendizagem do uso dos instrumentos na consecução das atividades, o próprio homem, enquanto espécie, modifica-se, biológica e socialmente (BIAVATTI, 2021, p. 30).

Karl Marx foi o primeiro a desenvolver uma análise teórica da natureza social da pessoa e de seu desenvolvimento sócio-histórico. Para Marx, as relações da pessoa com o mundo, todos os seus órgãos e sentidos, o pensamento, os afetos, a atividade e suas particularidades são apropriações da realidade humana (LEONTIEV, 2004).

Foi a partir da filosofia materialista dialética de Marx, que Vigotski encontrou suporte para o desenvolvimento de uma psicologia científica. Para ele, a psicologia deveria, enquanto ciência, ser capaz de explicar como os processos psicológicos são constituídos mediante as relações sociais, no convívio entre as pessoa, que são criadoras da cultura e da história. “Em uma perspectiva dialética, a cultura resulta da atividade humana conjunta; por sua vez, as características singulares de cada pessoa, em particular, também resultam da atividade social” (ZANELLA, 2007, p. 74). Desse modo, por intermédio da atividade social, isto é, do trabalho, a pessoa se objetiva e, concomitantemente, se subjetiva e se desenvolve.

A atividade humana tem como especificidade seu caráter mediado, aspecto essencial na obra de Vigotski, como destacado por Zanella (2007, p. 75)

[...] via atividade instrumental o homem, ao transformar o meio físico e social em que se encontra, também se transforma. A atividade instrumental é entendida, portanto, como unidade que preserva as propriedades do todo numa perspectiva dialética, isto é, compreende tanto o indivíduo quanto o meio físico-social, em interação recíproca (ZANELLA, 2007, p. 75).

Portanto, deriva do trabalho a necessidade de cooperação e, conseqüentemente, a comunicação e a fala, determinando o surgimento e a evolução do órgão vocal, “assim, o trabalho e a linguagem ocasionaram transformações no cérebro e nos órgãos sensoriais. Todo esse desenvolvimento, bem como a evolução da consciência e a [...] abstração, agiram sobre o trabalho e a linguagem, possibilitando maior evolução” (LEAL, 2010, p. 80). Assim sendo, mediante o trabalho é que as pessoas se organizaram coletivamente, desenvolveram o processo criativo de instrumentos a serem utilizados e criaram a linguagem para se comunicarem.

De acordo com a Psicologia Histórico-Cultural proposta por Vigotski, ao produzirem instrumentos, as pessoas produzem sua própria humanidade e desenvolvem o seu psiquismo.

A mediação²⁷ é um conceito fundamental na obra de Vigotski para compreender o funcionamento psicológico. Ao trabalhar com a ideia de instrumentos mediadores, Vigotski aponta que esses podem ser de duas naturezas: os instrumentos físicos e os representacionais, isto é, os signos. Ambos apresentam características distintas

Para Leontiev (2004), o instrumento é produto da cultura material e contém características da criação humana. É um objeto social que incorpora e fixa as operações de trabalho criadas historicamente. Ele possui a função que foi intencionada pelas pessoas, ou seja, uma função social para a qual foi criada e que vai sendo transmitida de geração em geração, intermediando a relação da pessoa com o mundo. Diferente dos animais que não se apropriam de seus instrumentos de modo intencional, tampouco passam às gerações posteriores, apenas os utilizam em momentos específicos e esses se tornam indiferentes para eles.

Isto explica por que nos animais não existem processos de aquisição do instrumento, isto é, o emprego do instrumento não forma neles novas operações motoras. O instrumento fica subordinado a operações naturais e instintivas. Na pessoa, este processo é inverso, porque nesta a apropriação do instrumento implica uma reorganização dos seus movimentos naturais e a criação de processos psicológicos de ordem superior. Nas palavras do autor:

A aquisição do instrumento consiste, portanto, para o homem, em se apropriar das operações motoras que nele estão incorporadas. É ao mesmo tempo um processo de formação ativa de aptidões novas, de funções superiores, “psicomotoras” que “hominizam” a sua esfera motriz (LEONTIEV, 2004, p. 287 - 288).

²⁷ Mediação: a experiência nos ensina que em todos os objetos com os quais lidamos existe uma dimensão imediata (que nós percebemos imediatamente) e existe uma dimensão mediata (que se vai desvelando por meio de operações lógicas do raciocínio, se vai construindo ou reconstruindo gradativamente). A mediação é essencial para chegarmos ao conhecimento sobre as coisas. Para que o nosso conhecimento avance é preciso ir além das aparências e penetrar na essência dos fenômenos, ou seja, é preciso realizar operações de síntese e de análise que esclareçam não só a dimensão imediata como também a dimensão mediata dos mesmos (CHAUI, 1995, 1986, *apud* MARTINS, 2016, p. 75).

Isso se aplica também aos fenômenos da cultura intelectual, por exemplo, nos processos que envolvem a aquisição da linguagem

Assim, a aquisição da linguagem não é outra coisa senão o processo de apropriação das operações de palavras que são fixadas historicamente nas suas significações; é igualmente a aquisição da fonética da língua que se efetua no decurso destes processos que se formam no homem as funções de articulação e de audição da palavra [...] (LEONTIEV, 2004, p. 288).

A principal característica resultante do processo de apropriação e aquisição descritos é, portanto, criar na pessoa novas aptidões, dito de outro modo, novos arranjos que produzem outras qualidades às funções psicológicas. Estas novas funções e aptidões desenvolvidas no decurso da história não se fixam no cérebro da pessoa, tão pouco são passadas as gerações posteriores por meio da hereditariedade, embora seja “absolutamente evidente que uma aptidão ou uma função não pode ser senão a função de um órgão ou de um conjunto de órgãos determinados” (LEONTIEV, 2004, p. 289).

A questão é que tais órgãos constituem o substrato material dessas funções superiores, que vão se formando ao longo da história de apropriação humana dos objetos e fenômenos criados pela humanidade, ou seja, da apropriação da cultura. Nesse sentido, a pessoa vem ao mundo inerte, possuindo apenas uma aptidão que o distingue dos seus antepassados animais – a envergadura para formar aptidões especificamente humanas.

As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas são aí apenas postas. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles as suas aptidões, “os órgãos da sua individualidade”, a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através doutros homens, isto é, num processo de comunicação com eles [...] (LEONTIEV, 2004, p. 290).

A história se movimenta, portanto, através da transmissão das conquistas e aquisições da cultura às gerações futuras, ou seja, por meio do processo educativo. A esse respeito cabe um adendo. Para Leontiev (2004, p. 301), as conquistas e as aquisições da cultura mediante a educação, numa sociedade de classes como a atual, são limitadas, pois para a maioria das pessoas que vivem em caráter restrito à sua própria atividade, a apropriação dessas conquistas históricas “só é possível dentro limites miseráveis”.

Nesse caso, o problema não se coloca na capacidade em se apropriar das conquistas culturais, mas sim que cada homem tenha a possibilidade de desenvolvimento sem entrave, e isso seria possível se de cada homem fosse retirado o fardo da busca pela sobrevivência, se a

divisão entre trabalho físico e intelectual fosse suprimida, e se fosse criado um sistema de educação que garanta ao homem “um desenvolvimento multilateral e harmonioso que dê a cada um a possibilidade de participar enquanto criador em todas as manifestações de vida humana” (LEONTIEV, 2004, p. 302).

Voltando a questão da mediação, para Vigotski, os instrumentos e os signos possuem essa função, a criação e o uso dos instrumentos pelas pessoas, implica um movimento de reorganização dos seus aspectos naturais, possibilitando o surgimento de funções psicológicas de ordem superior, especificamente humanas.

Para Vygotski (1991), análoga à invenção e uso dos instrumentos no trabalho, surgem os signos, mas agora no campo psicológico. Esse autor coloca que o signo age como um instrumento da atividade psíquica, como forma de auxiliar na solução de determinado problema psicológico, por exemplo, lembrar, comparar, relatar, escolher etc. Os signos, também designados instrumentos psicológicos, são orientados para a psiquê e o comportamento, dessa forma, a inclusão do instrumento na conduta humana introduz profundas mudanças em toda sua estrutura.

Ao inserir-se no processo de comportamento, o instrumento psicológico modifica de forma global a evolução e a estrutura das funções psíquicas, e suas propriedades determinam a configuração do novo ato instrumental do mesmo modo que o instrumento técnico modifica o processo de adaptação natural e determina a forma das operações laborais (VIGOTSKI, 1999, p. 94).

Instrumentos e signos são semelhantes se considerados ambos como elementos mediadores²⁸, mas, apesar de comportar a mesma categoria, são essencialmente diferentes. Nesse sentido, afirma

[...] A diferença, essencial, entre o signo e a ferramenta, é a base da divergência real de ambas as linhas, é sua distinta orientação. Por meio da ferramenta o homem influi sobre o objeto de sua atividade, a ferramenta está dirigida para fora: deve provocar umas ou outras mudanças no objeto. É o meio da atividade exterior do homem, orientado a modificar a natureza. O signo não modifica nada no objeto da operação psicológica: é um meio de que se vale o homem para influir psicologicamente, bem em sua própria conduta, bem na dos demais; é um meio para sua atividade interior, dirigida a dominar o próprio ser humano: o signo está orientado para dentro. Ambas as atividades

²⁸ Cabe ressaltar que para Vygotsky o conceito de atividade mediadora não se limita ao uso dos instrumentos (ferramentas) e signos. “[...] Queremos tão somente assinalar que não podem ser considerados em nenhum caso como iguais por sua significação e importância, pela função que realizam, que não esgotam, ademais, todas as dimensões do conceito de atividade mediadora. Juntamente com elas poderíamos enumerar outras muitas atividades mediadoras já que o emprego das ferramentas e dos signos não esgota a atividade da razão (VYGOTSKY, 1995, p. 94).

são tão diferentes que a natureza dos meios empregados não pode ser a mesma nos dois casos)²⁹ (VYGOTSKI, 2000, p. 94, tradução nossa).

Vygotski acrescenta que os signos também são criados pelas pessoas e possuem uma função de autoestimulação no psiquismo, como se observa

Chamamos signos os estímulos – meios artificiais introduzidos pelo homem na situação psicológica que cumprem a função de auto estimulação; outorgando a este termo um sentido mais amplo e, ao mesmo tempo, mais exato do que se dá habitualmente a essa palavra. De acordo com nossa definição, todo estímulo condicional criado pelo homem artificialmente e que se utiliza como meio para dominar a conduta – própria e alheia – é um signo³⁰ (VYGOTSKI, 2000, p.83, tradução nossa).

Desse modo, os signos - como instrumentos psicológicos, auxiliam as pessoas na regulação de sua atividade psíquica; são mediadores que modificam a relação da pessoa consigo mesma e com os (as) demais. Nas palavras de Vygotski (1991, p. 39) [...] “a essência de seu uso (uso de signos) consiste em os homens afetarem o seu comportamento através dos signos”. Acrescenta ainda o autor, “O signo, por outro lado, não modifica em nada objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado internamente” (1991, p. 40).

Para o psicólogo russo (1991), o uso de meios artificiais, a atividade mediada, acarreta mudanças em todo o funcionamento psíquico. O uso de instrumentos torna ilimitada “a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar” (p.40), ou seja, a soma dos instrumentos e signos na atividade psíquica, acarreta funções psicológicas de ordem superior.

Para Vigotski as funções psicológicas superiores se desenvolvem a partir do contexto histórico-cultural e são mediadas, haja vista que seu principal instrumento de mediação é a

²⁹ Original: la diferencia, esencial, entre el signo y la herramienta, que es la base de la divergencia real de ambas líneas, es su distinta orientación. Por medio de la herramienta el hombre influye sobre el objeto de su actividad la herramienta está dirigida hacia fuera: debe provocar unos u otros cambios en el objeto. Es el medio de la actividad exterior del hombre, orientado a modificar la naturaleza. El signo no modifica nada en el objeto de la operación psicológica: es el medio de que se vale el hombre para influir psicológicamente, bien en su propia conducta, bien en la de los demás; es un medio para su actividad interior, dirigida a dominar el propio ser humano: el signo está orientado hacia dentro. Ambas actividades son tan diferentes que la naturaleza de los medios empleados no puede ser la misma en los dos casos (p. 94).

³⁰ Original: Llamamos signos a los estímulos-medios artificiales introducidos por el hombre en la situación psicológica, que cumplen la función de autoestimulación; adjudicando a este término un sentido más amplio y, al mismo tiempo, más exacto del que se da habitualmente a esa palabra. De acuerdo con nuestra definición, todo estímulo condicional creado por el hombre artificialmente y que se utiliza como medio para dominar la conducta —propia o ajena— es un signo (p. 83).

linguagem. Sobre isso, afirma Leal (2010, p. 85) “[...] os processos psíquicos, as funções psicológicas superiores, adquirem uma estrutura que tem, como elo, os meio e métodos transmitidos pelo desenvolvimento histórico e social da humanidade, no processo de elaboração e comunicação”. Desse modo, as funções psíquicas superiores só se constituem mediante a inter-relação entre as pessoas, como processo que passa do interpsicológico ao intrapsicológico, ou seja, de externo a interno

O mecanismo psicológico geral de formação e desenvolvimento das funções psíquicas superiores é a imitação, graças a ela se assegura a assimilação de diversas funções entre as pessoas [...]. Configuram a lei do desenvolvimento cultural das funções psíquicas superiores. Toda função no desenvolvimento cultural da criança aparece em cena duas vezes, em dois planos: primeiro no social e depois no psicológico; no início entre os homens como categoria interpsíquica e logo no interior da criança como categoria intrapsíquica (VYGOTSKI, 2000, p. 361, tradução nossa)³¹.

A concepção tradicional da psicologia acerca do desenvolvimento das funções psicológicas superiores é errônea. Segundo Vygotski (2000), por ser incapaz de considerar tais funções como fruto do desenvolvimento histórico e pela avaliação dessas funções como constituídas no processo natural, evidenciando, portanto, a confusão entre natural e cultura, natural e histórico, biológico e social no desenvolvimento do psiquismo da criança.

O autor russo também assinala que a psicologia infantil se encontra num estudo embrionário sobre o desenvolvimento das funções superiores, pois esse conceito de desenvolvimento das funções psíquicas superiores é ignorado por esse campo que acaba por limitar o desenvolvimento psíquico da criança ao desenvolvimento natural e biológico das funções elementares (que dependem da maturação cerebral da criança). Acerca da distinção entre funções psíquicas elementares e funções psíquicas superiores, Anjos (2017, p. 88), com base em Vygotski discorre

Devido à complexidade da atividade social, o ser humano criou estímulos-meio que lhe possibilitaram o rompimento da relação natural e direta que estabelecia com o objeto ou fenômeno dado. Essa relação natural, ou seja, as formas de comportamento naturais denominadas funções psíquicas elementares, é caracterizada por um processo de estímulo-resposta, comuns aos seres humanos e aos demais animais. A criação dos estímulos-meio, ou seja, dos signos, imprime formas de comportamento artificiais e mediadas, com as quais o ser humano controla seus próprios comportamentos. A essas

³¹ El mecanismo psicológico general de formación y desarrollo de las funciones psíquicas superiores es la imitación, gracias a ella se asegura la asimilación de diversas funciones entre las personas [...] Configuran la ley del desarrollo cultural de las funciones psíquicas superiores. -Toda función en el desarrollo cultural del niño aparece en escena dos veces, en dos planos: primero en el social y después en el psicológico; al principio entre los hombres como categoría interpsíquica y luego en el interior del niño como categoría intrapsíquica (p. 361).

novas propriedades psicofísicas, resultados e condições para o trabalho social, Vygotski [...] denominou funções psíquicas superiores (ANJOS, 2017, p. 88).

Todavia, é importante afirmar que não se deve considerar que essas funções psíquicas sejam separadas e observadas de modo dicotômico, “trata-se, portanto, de uma concepção dialética de superação por incorporação, onde a via social engendra, do ponto de vista filo e ontogenético, dadas propriedades no psiquismo que, objetivamente, retroagem na própria vida social” (ANJOS, 2017, p. 88-89).

O autor esclarece

Portanto, as funções psíquicas são sensação, percepção, atenção, memória, pensamento, linguagem, imaginação, sentimentos e emoções, que, umbilicalmente unidas, constituindo um sistema funcional complexo, corroboram a formação da imagem subjetiva, no cérebro, da realidade objetiva, ou seja, a formação do psiquismo. Tais funções tornam-se superiores, voluntárias, à medida que o ser humano vai dominando o universo simbólico objetivado ao longo da história da humanidade (ANJOS, 2017, p. 89).

Desse modo, à medida em que a pessoa domina os sistemas de signos (instrumentos psicológicos) traz a si a possibilidade do domínio dos seus próprios processos psicológicos, produzindo um salto qualitativo das funções elementares às superiores; dito de outro modo, o comportamento elementar, que é biológico, transforma-se (por incorporação) em comportamento sócio cultural, por meio dos sistemas psicológicos que auxiliam essa transição (ANJOS, 2017).

Apesar de não ser o objetivo dessa seção, pois foi abordado no capítulo anterior, cabe relembrar brevemente que, para Vygotski (2006a), é na idade de transição, isto é, na adolescência, que ocorre a possibilidade do desenvolvimento das funções superiores, também denominadas funções culturais, que são resultados do processo histórico do comportamento em total dependência com a realidade, ou seja, formam-se mediante o desenvolvimento sociocultural do (a) adolescente.

Os grupos culturais em que as crianças nascem e se desenvolvem produzem adultos (as) que operam psiquicamente de uma determinada maneira, de acordo com aquela determinada cultura. Nesse caso, a dimensão sociocultural do desenvolvimento envolve aspectos amplos, tais como país e nível socioeconômico da pessoa, mas também, aspectos do grupo cultural em que está inserida, pois esse é carregada de significações que, por sua vez, são apropriadas pelas outras pessoas, engendrando nesses modos de perceber e organizar a realidade.

Dessa forma, ao estudar a linguagem como um sistema simbólico básico das pessoas, Vigotski busca compreender o seu desenvolvimento e sua relação com o pensamento como categoria central em sua obra.

O desenvolvimento da linguagem serve como paradigma [...]. A linguagem origina-se em primeiro lugar como meio de comunicação entre a criança e as pessoas que a rodeiam. Só depois, convertido em linguagem interna, transforma-se em função mental interna que fornece meios fundamentais ao pensamento da criança (VIGOTSKI, 2006b, p. 114).

Assim, a linguagem e o pensamento nascem do complexo das inter-relações estabelecidas no contexto da criança e são a base do desenvolvimento do psiquismo. Através da linguagem e do pensamento, vinculados às atividades materiais, é que se forma a consciência.

Na obra “A Construção do Pensamento e da Linguagem” (VIGOTSKI, 2001), o autor afirma que pensamento e linguagem, na filogênese, têm origens genéticas diferentes, e processam-se em linhas diversas ao longo de todo o reino animal. Desse modo, Vigotski (2001), em seus estudos, encontrou nos animais dois processos. Um denominou de *pensamento pré-verbal* - um tipo de pensamento prático, sem linguagem, voltado a solução de um problema prático, a exemplo, a utilização de instrumentos e manipulação de objetos. Um modo de funcionamento intelectual que é independente da linguagem. O segundo, denominou *linguagem pré-intelectual* – uma linguagem própria mediante sons, gestos e expressões faciais que objetivam o alívio emocional, uma forma rudimentar de função social da linguagem. Trata-se do uso da linguagem circunstancial, sem pensamento e sem nenhuma significação. Conclui “Na filogênese do pensamento e da linguagem podemos constatar, sem dúvida, uma fase pré-fala no desenvolvimento do intelecto e uma fase pré-intelectual no desenvolvimento da fala” (VIGOTSKI, 2001, p. 128).

O autor (2001) segue apontando que na ontogênese pensamento e linguagem também possuem raízes genéticas e linhas de desenvolvimento diferentes. Ele coloca que desde o nascimento, o (a) bebê apresenta um processo semelhante ao descrito anteriormente entre os animais, a criança, no primeiro ano de vida, apresenta claramente uma fase pré-verbal no desenvolvimento do pensamento e uma fase pré-intelectual no desenvolvimento da linguagem. Contudo, Vigotski (2001, p. 130) aponta que mais ou menos por volta dos dois anos de idade “as curvas da evolução do pensamento e da fala, até então separadas, cruzam-se e coincidem para iniciar uma nova forma de comportamento característico do homem”. A fala se torna intelectual com função simbólica e o pensamento se torna verbal, mediado por significações

dadas pela linguagem. Desse modo, a pessoa começa a expressar o conteúdo de seus pensamentos.

Graças a fusão de pensamento e linguagem, a pessoa passa a comportar a possibilidade de um funcionamento psíquico mais complexo, guiado, como já visto, pelo sistema simbólico da linguagem. O desenvolvimento do pensamento verbalizado como predominante na ação psicológica tipicamente humana, não ocorre de uma forma inata e natural, mas é resultado sócio-histórico, interessa, portanto, que a psicologia, nos estudos dos processos psicológicos ultrapasse os limites metodológicos das ciências naturais e compreenda tais processos pela via do desenvolvimento histórico da sociedade humana (VIGOTSKI, 2001, p. 149).

Ao tratar do estabelecimento do pensamento e da linguagem, Leontiev (2004), afirma que o pensamento verbal abstrato ocorre graças a aquisição das generalizações que foram elaboradas socialmente, que são transmitidas socialmente. O pensamento, coloca o autor, é o “processo de reflexo consciente da realidade, nas suas propriedades, ligações e relações objetivas” [...] (*idem*, 2004, p. 90).

Desse modo, por conta do pensamento e da linguagem a consciência humana vai se desenvolvendo como imagem da realidade, “refratada através do prisma das significações e dos conceitos linguísticos, elaborados socialmente” (LEONTIEV, 2004, p. 94). Portando, a palavra é categoria central na formação da consciência, como coloca Leal (2010, p. 90) “ [...] nela se objetivam, se sedimentam e se atualizam os conhecimentos que permitem ao homem adquirir consciência da realidade”.

Vigotski (2001) aponta que a principal falha metodológica nas investigações sobre pensamento e linguagem se encontra na consideração desses dois processos como elementos independentes e isolados um do outro. Ele substitui o método por decomposição dos elementos de análise e parte do método de análise por unidades, que considera que a unidade contém em si as propriedades do todo, sendo, portanto, indecomponíveis. Desse modo, investiga qual seria a unidade essencial da relação entre pensamento e linguagem e afirma

Encontramos no **significado da palavra** essa unidade que reflete da forma mais simples a unidade do pensamento e da linguagem. O significado da palavra, [...] é uma unidade indecomponível de ambos os processos e não podemos dizer que ele seja um fenômeno da linguagem ou um fenômeno do pensamento. A palavra desprovida de significado não é palavra, é um som vazio. Logo, o significado é um traço constitutivo indispensável da palavra. É a própria palavra vista no seu aspecto interior (VIGOTSKI, 2001, p. 398, grifo nosso).

Assim, continua Vigotski (2001), não existe palavra desprovida de significado e todo significado é uma generalização ou conceito, ou seja, um fenômeno do pensamento

Assim, o significado da palavra é, ao mesmo tempo, um fenômeno de discurso e intelectual, mas isto não significa a sua filiação puramente externa a dois diferentes campos da vida psíquica. O significado da palavra só é um fenômeno de pensamento na medida em que o pensamento está relacionado à palavra e nela materializado, e vice-versa: é um fenômeno de discurso apenas na medida em que o discurso está vinculado ao pensamento e focalizado por sua luz. E um fenômeno do pensamento discursivo ou da palavra consciente, é a unidade da palavra com o pensamento (VIGOTSKI, 2001, p. 398).

O autor acima ainda coloca que o significado da palavra se desenvolve e se transforma, ou seja, apresentam um caráter inconstante. A palavra, ao longo do desenvolvimento da criança, vai tendo o seu significado modificado, que muda sobre diferentes formas de funcionamento do pensamento também, “uma vez que o significado da palavra pode modificar-se em sua natureza interior, modifica-se também a relação do pensamento com a palavra” (VIGOTSKI, 2001, p. 408). Essa relação, por sua vez, é um processo que passa por inúmeras fases e estágios, “um movimento do pensamento à palavra e da palavra ao pensamento” (VIGOTSKI, 2001, p. 408).

Outro ponto destacado pelo autor é que a linguagem não é uma simples resposta do pensamento acabado, mas que, o pensamento, ao passar à linguagem, sofre alterações em sua estrutura, modificando-se. Portanto, a palavra não expressa diretamente o pensamento, visto que “o pensamento não se expressa, mas se realiza na palavra” (VIGOTSKI, 2001, p. 412).

O autor aqui referenciado ainda buscou compreender a relação entre pensamento e linguagem através do estudo das linguagens exterior, egocêntrica e interior. No capítulo “Pensamento e Palavra”, de seu livro, aponta que existem diferenças na sua dinâmica e funcionamento. Por meio dessa discussão, ele apresenta o conceito de “Sentido da palavra”, considerando que os significados da palavra circulam social e historicamente e são internalizados pelas pessoas que lhes atribui um sentido individual.

Em suma, tendo em vista que o pensamento se realiza através das palavras e neste estudo busca-se compreender o sentido de família para os (as) adolescentes, torna-se importante compreender a formação e o desenvolvimento do psiquismo a fim de entendermos como se dá a constituição dos significados construídos socialmente e como eles são incorporados, individual e singularmente, na categoria de sentido pessoal, objeto desta pesquisa.

3.2 A produção do sentido

A categoria sentido na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural foi introduzida por Vygotsky ao final da constituição do seu pensamento científico, ficando suspensa na psicologia soviética até a década de oitenta em que Leontiev passa a estudá-la, denominando-a de sentido pessoal (GONZÁLEZ-REY, 2007).

No já citado livro “A construção do Pensamento e da Linguagem”, especificamente no capítulo “Pensamento e Palavra”, Vigotski (2001) se apropria dos estudos do psicólogo alemão Paulhan - que avançou na construção da relação entre sentido e significado da palavra, associada ao uso da linguagem - e traz a noção de sentido relacionando-o à análise psicológica da linguagem interna, que é dirigida ao próprio sujeito. Como se lê:

[...] O sentido de uma palavra é a soma de todos os fatos psicológicos que ela desperta em nossa consciência. Assim, o sentido é sempre uma formação dinâmica, fluida, complexa, que tem várias zonas de estabilidade variada. O significado é apenas uma dessas zonas do sentido que a palavra adquire no contexto de algum discurso e, ademais, uma zona mais estável, uniforme e exata. Como se sabe, em contextos diferentes a palavra muda facilmente de sentido. O significado, ao contrário, é um ponto imóvel e imutável que permanece estável em todas as mudanças de sentido da palavra em diferentes contextos. Foi essa mudança de sentido que conseguimos estabelecer como fato fundamental na análise semântica da linguagem. O sentido real de uma palavra é inconstante. Em uma operação ela aparece com um sentido, em outra, adquire outro (VIGOTSKI, 2001, p. 465).

Sobre as categorias de sentido e significado, Aguiar & Ozella (2013, p. 304) afirmam, conforme já mencionado na seção acima, que o pensamento passa por inúmeras transformações para ser expresso em palavras, desta forma, “a transição do pensamento para a palavra passa pelo significado e o sentido”, elementos fundamentais para a compreensão da relação entre pensamento e linguagem. Os autores acima ainda destacam que as categorias de sentido e significado - que sempre aparecem conjuntamente, são categorias diferentes, porém, apesar de serem distintas, não devem ser compreendidas descoladas uma da outra, pois uma não existe sem a outra.

Os significados são constituídos socialmente no decorrer da história humana e fazem a mediação entre pensamento e palavra. Nesse sentido, assinala Leontiev (2004, p. 100) que a significação está intimamente ligada aos acontecimentos concretos e históricos

A significação é a generalização da realidade que é cristalizada e fixada num vetor sensível, ordinariamente a palavra ou a locução. É a forma ideal, espiritual da cristalização da experiência e da prática sociais da humanidade. A sua esfera das representações de uma sociedade, a sua ciência, a sua língua existem enquanto sistema de significação correspondentes. A significação

pertence, portanto, antes de mais ao mundo dos fenômenos objetivamente históricos. É deste fato que devemos partir (LEONTIEV, 2004, p. 100).

Porém, coloca esse autor (2004, p. 100) que a significação não existe apenas como fenômeno objetivamente histórico, mas “também como fato da consciência individual”. Ao tratar da estrutura interna da consciência humana, Leontiev aponta o sentido e o significado como principais categorias que se relacionam e compõe a consciência, mas frisa não serem essas as únicas. Por exemplo, ele destaca outro componente da consciência, o seu conteúdo sensível. Trata-se de sensações, imagens de percepção e representações, que, segundo ele, dão base e condições a estruturação da consciência

De certo modo, é o tecido material da consciência que cria a riqueza e as cores do reflexo consciente do mundo. Por outro lado, este conteúdo é imediato na consciência; ele é aquilo que cria diretamente “a transformação da energia do estímulo exterior em fato de consciência”. Mas na medida em que este “componente” é a base e a condição de toda a consciência, ele não exprime em si toda a especificidade da consciência. (LEONTIEV, 2004, p. 105, aspas do autor).

Sobre a significação como componente da consciência, Leontiev (2004, p. 101), discorre que esta se enriquece ao passo que a pessoa se apropria dos significados sociais construídos pelas gerações precedentes, “pois não se trata apenas de sua experiência individual”. No entanto, a pessoa fica limitada às representações e conhecimento de sua época e contexto social, na medida em que assimila suas significações.

A significação, enquanto fato da consciência individual não perde por isso o seu conteúdo objetivo; não se torna de modo algum uma coisa puramente “psicológica”. [...] As significações não têm existência fora dos cérebros humanos concretos; não existe qualquer reino de significações independente e comparável ao mundo platônico das ideias. [...] A diferença não é entre o lógico e o psicológico, mas entre o geral e o particular, o individual. Um conceito não deixa de ser conceito quando se torna o conceito de um indivíduo. Poderia existir um conceito que não fosse o de uma pessoa? (LEONTIEV, 2004, p. 101).

Destarte, a realidade aparece ao sujeito significada e de maneira particular. Esse autor exemplifica:

A minha consciência não reflete uma folha de papel apenas como um objeto retangular, branco, quadriculado ou como uma certa estrutura, uma certa forma acabada. A minha consciência reflete-a como uma folha de papel, como *papel*. As impressões sensíveis que percebo da folha de papel refratam-se de maneira determinada na minha consciência, porque possuo as significações correspondentes; se não as possuísse, a folha de papel não passaria pra mim de um objeto branco, retangular etc. (LEONTIEV, 2004, p. 101 – 102).

No entanto, a pessoa em geral, não é consciente dessas significações da realidade. A significação “retrata o percebido ou o pensado, mas ela própria não é conscientizada, não é pensada” (LEONTIEV, 2004, p. 102). Logo, ao perceber um fenômeno/objeto da realidade, a pessoa percebe o objeto real e não a sua significação. Assim, a significação é o reflexo da realidade que suscita na consciência, um reflexo generalizado do mundo concreto que foi elaborado pela humanidade e fixados como conceitos, “de um saber ou mesmo de um saber-fazer (“modo de ação” generalizado, norma de comportamento etc.)” (LEONTIEV, 2004, p. 102).

Ainda sobre os significados, Aguiar e Ozella (2006) esclarecem que a atividade humana é composta pela unidade de ações externas e internas, ambas as situações operam com os significados, portanto uma característica da atividade humana é o fato de ela ser significada. Esses significados quando internalizados tendem a transformar os processos naturais em culturais.

Os significados são, portanto, produções históricas e sociais. São eles que permitem a comunicação, a socialização de nossas experiências. Muito embora sejam mais estáveis, “dicionarizados”, eles também se transformam no movimento histórico, momento em que sua natureza interior se modifica, alterando, conseqüentemente, a relação que mantêm com o pensamento, entendido como um processo (AGUIAR & OZELLA, 2006, p. 226).

Esses autores (2006; 2013) reiteram que os significados dizem respeito a conteúdos mais fixos, compartilhados, produções históricas e sociais apropriadas pelas pessoas, de tal modo que estes seriam o ponto de partida para sua compreensão, mas que num trabalho de análise mais profunda pode-se caminhar para zonas mais instáveis, fluídas e profundas, isto é, para as zonas de sentido.

As noções de significado-sentido, segundo Leontiev (2004), indicam que o significado possibilita refletir a realidade sem, necessariamente, depender diretamente da relação que se estabeleça com ela. Por exemplo, ao nascer a criança se depara com um conjunto de significações já estabelecidos historicamente e, assim, vai se apropriando dele a depender das possibilidades concretas, como o faz com os instrumentos. A questão é o que uma dada significação, quando apropriada pelo sujeito, torna-se para ele e para sua personalidade, e isso implica um sentido subjetivo e pessoal que essa significação tenha para ele.

Portanto, ao tratar dos sentidos, Aguiar & Ozella (2006) trazem que o sentido é muito mais amplo que o significado, pois este constitui a articulação de eventos psicológicos que o sujeito produz sobre determinada realidade

O sentido refere-se a necessidades que, muitas vezes, ainda não se realizaram, mas que mobilizam o sujeito, constituem o seu ser, geram formas de colocá-lo na atividade. O sentido deve ser entendido, pois, como um ato do homem mediado socialmente. A categoria sentido destaca a singularidade historicamente construída (AGUIAR & OZELLA, 2006, p. 227).

Os autores esclarecem que o sentido, como categoria que se aproxima mais do mundo subjetivo, expressa “a unidade de todos os processos cognitivos, afetivos e biológicos” (2006, p. 227). Portanto, para que se compreenda os sentidos, faz-se necessário que estes sejam analisados à luz de uma perspectiva dialética, considerando que as expressões humanas comportam cognições e afetos.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o pensamento se caracteriza por um processo psicológico que inclui cognição, mas também é caracterizado pelas significações e emoções que se articulam em sua expressão, não tendo, portanto, um simples caráter cognitivo (AGUIAR & OZELLA, 2006; 2013).

Deste modo, o pensamento compreende a dialética entre cognição e afetos, “pois a análise do pensamento pressupõe necessariamente a revelação dos motivos, necessidades e interesses que orientam o seu movimento” (AGUIAR & OZELLA, 2006, p. 227). Os significados sociais, ao serem apropriados, fixam nele impressões particulares, saturadas de afetos e motivos que impulsionaram o seu agir no mundo. Dessa maneira, os sentidos estão absolutamente relacionados às necessidades da pessoa, quando inserido num contexto específico

Ao se apreender o processo por meio do qual os motivos se configuram, avança-se na apropriação do processo de constituição dos sentidos, definidos como a melhor síntese do racional e do emocional. Aproximamo-nos, dessa forma, do processo gerador da atividade, ao mesmo tempo gerado por ela. Apreendemos o que é a atividade para o sujeito, e, assim, algumas zonas de sentidos da atividade, claro que atravessadas pelos significados, mas, no caso, revelando uma forma singular de vivê-las e articulá-las (AGUIAR & OZELLA, 2006, p. 228).

Na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, o sentido é constituído por meio das relações sociais, mediante as interações das pessoas com signos do seu próprio contexto, permitindo o processo de sua singularização. Para Barros et al. (2009) ele se produz nas práticas sociais e na articulação dialética da história e cultura que embasam o mundo psicológico com a sua experiência atual; podendo, assim, ocorrer múltiplas construções de sentidos.

Os sentidos possuem, como fonte, as vivências da realidade objetiva e são dinâmicos (TOASSA, 2020). Dessa forma, ao pensar na constituição dos sentidos, é preciso considerar

que se trata de formas singularizadas, mas constituídas socialmente, a partir das tessituras sociais específicas daquela pessoa

Esse enriquecimento das palavras que o sentido lhes confere a partir do contexto é a lei fundamental da dinâmica do significado das palavras. A palavra incorpora, absorve de todo o contexto com que está entrelaçada os conteúdos intelectuais e afetivos e começa a significar mais e menos do que contém o seu significado quando a tomamos isoladamente e fora do contexto: mais, porque o círculo dos seus significados se amplia, adquirindo adicionalmente toda uma variedade de zonas preenchidas por um novo conteúdo; menos, porque o significado abstrato da palavra se limita e se restringe àquilo que ela significa apenas em um determinado contexto (VIGOTSKI, 2001, p. 465 - 466).

Desse modo, a palavra deve ser apreendida como imbricada ao seu contexto de fala e às redes de interações que viabilizaram o seu surgimento constituindo sentidos que comportam múltiplas zonas, o que faz dele um conteúdo plurideterminado e inesgotável.

Os sentidos podem ser sempre vários, mas dadas certas condições de produção, não podem ser quaisquer uns. Eles vão se produzindo nos entremeios, nas articulações das múltiplas sensibilidades, sensações, emoções e sentimentos dos sujeitos que se constituem como tais nas interações; vão se produzindo no jogo das condições, das experiências, das posições, das posturas e decisões desses sujeitos; vão se produzindo numa certa lógica de produção, coletivamente orientada, a partir de múltiplos sentidos já estabilizados, mas de outros que também vão se tornando possíveis (SMOLKA, 2004, *apud* BARROS, et al., 2009, p. 180).

Os autores acima (2009) também reafirmam que no conceito e nas produções de sentido há dimensões cognitivas e afetivas, processos coletivos e individuais, sendo essa categoria uma importante ferramenta, dentro da Psicologia Histórico-Cultural, para romper com dualismos que tendem a dicotomizar aspectos internos e externos, sociais e individuais, mente e corpo etc., presentes na psicologia burguesa, de base naturalista e idealista, arduamente criticadas por Vigotski, pois para ele o psiquismo é um sistema dinâmico e integrado.

CAPÍTULO IV

PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este capítulo tem como objetivo apresentar, de maneira ordenada, todo o caminho percorrido para a realização deste estudo. Para tanto, será apresentada a abordagem teórico-metodológica utilizada, o Materialismo Histórico-Dialético desenvolvido por Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) método pelo qual L. S. Vigotski (1896-1934) se fundamentou para consolidar a psicologia de base marxista, propondo, no conjunto de sua obra, uma construção científica desta ciência.

Na sequência, avançaremos para o contexto da pesquisa e os aspectos éticos envolvidos, abarcando os procedimentos realizados para a produção dos dados. E, por último, será apresentada a análise e interpretação dos dados.

4.1 A abordagem teórico-metodológica: o materialismo histórico e dialético

Duas grandes tendências surgiram a fim de explicar o mundo de modo que abrangesse a natureza, a origem da vida e do universo e a relação da pessoa com a realidade: o materialismo e o idealismo. A primeira trata de uma concepção filosófica que toma a matéria como elemento fundante de qualquer ser, coisa ou fenômeno que possa existir no universo - sua base é a concretude do movimento histórico. A segunda, contraposta ao materialismo, defende outra visão de mundo, em que o elemento fundamental é a ideia, a consciência, o espírito.

Os Filósofos Karl Marx e Friedrich Engels subverteram essas concepções de ciência. Ao procederem à crítica da especulação filosófica da dialética hegeliana, da economia política e do socialismo utópico, se tornaram fundadores da ciência da história, reforçando a concreticidade dos fatos na produção e reprodução das formas materiais de existência social (FERNANDES, 1984).

Partiram da elaboração científica e do pensamento moderno que já havia sido realizado antes deles, aprofundaram-se nos escritos dos economistas ingleses Adam Smith, David Ricardo, entre outros, dos filósofos do socialismo utópico, e da filosofia de Hegel, que trouxe conceitos importantes como as contradições da pessoa na natureza e na história (LEFEBVRE, 2009). Embasaram-se também em outras pesquisas e estudos sobre grupos sociais, sobre a

estruturação da sociedade em classes distintas, e nos antagonismos de classes (MARX & ENGELS, 1998).

O marxismo representa em seu cerne uma visão contrária ao pensamento liberal capitalista. “Do ponto de vista metodológico, representa uma alternativa à visão dominante objetivista, que reduzia ou excluía a subjetividade do processo social ou a apresentava como uma essência do sujeito individual” (GONÇALVES, 2007, p. 50). Marx, se apropria da dialética de Hegel e introduz na investigação científica uma perspectiva dialético-materialista, que “expressa a realidade de transformação constante de todas as coisas a partir da contradição que encerram. O pensamento dialético representa a possibilidade de superar a dicotomia entre objetividade e subjetividade, a partir da categoria contradição (*idem*, 2007, p. 44). Portanto, objetivo e subjetivo são, ao mesmo tempo, unidade de contrários, em um movimento constante de transformação. “E o sujeito, que atua sobre o objeto, é tomado na historicidade resultante de sua ação de transformação do objeto, ação que ocorre, necessariamente, em sociedade” (GONÇALVES, 2007, p. 44).

Nesta perspectiva, os fenômenos materiais são processos e para o materialismo dialético não existem oposições dualistas/dicotômicas entre as instâncias sociais e individuais, objetividade-subjetividade, interno-externo. Perspectiva essa que dará sólida base à Psicologia Histórico-Cultural. Proposta por Vigotski, essa psicologia busca o estudo dos fenômenos psíquicos como resultado de um processo de constituição social da pessoa, sendo a subjetividade construída pelas mediações sociais.

A dialética foi proposta como procedimento de análise da realidade, revelando “as leis do movimento dos objetos e processos do mundo objetivo, um método de análise concreta do real, dos fatos, dos objetos e do homem” (GOMES, 2008, p.30). Trata-se de um procedimento em que a realidade e os fenômenos pessoais e sociais devem ser pensados num contínuo processo em que o movimento e a transformação histórica advêm da atividade exercida pelas pessoas. Como método científico, a lógica dialética para Marx afirma a unidade entre o abstrato e o concreto na produção teórica. “A importância do método dialético está na possibilidade deste alcançar a essência dos fenômenos, entendendo por essência as múltiplas determinações que cercam a natureza de todo e qualquer fato humano” (*idem*, 2008, p. 30).

Baseado em “*A Dialética da Natureza*” de Engels, Gil (2008) discorre sobre as três leis do materialismo dialético, como um método de interpretação da realidade. Marx e Engels

criticam o pensamento dialético de Hegel e apresentam uma dialética materialista, tendo em vista suplantam o caráter idealista

a) *A unidade dos opostos*. Todos os objetos e fenômenos apresentam aspectos contraditórios, que são organicamente unidos e constituem a indissolúvel unidade dos opostos. Os opostos não se apresentam simplesmente lado a lado, mas num estado constante de luta entre si. A luta dos opostos constitui a fonte do desenvolvimento da realidade.

b) *Quantidade e qualidade*. Quantidade e qualidade são características imanentes a todos os objetos e fenômenos e estão inter-relacionados. No processo de desenvolvimento, as mudanças quantitativas graduais geram mudanças qualitativas e essa transformação opera-se por saltos.

c) *Negação da negação*. A mudança nega o que é mudado e o resultado, por sua vez, é negado, mas esta segunda negação conduz a um desenvolvimento e não a um retorno ao que era antes (GIL, 2008, p. 13).

Diante disso, a compreensão da realidade social exige que o pesquisador a considere como uma totalidade, num conjunto articulado de partes que, em si mesmas, são também uma totalidade de menor ou maior complexidade, ou seja, há uma relação dialética entre essas partes e o todo que vão se determinando reciprocamente, e todo esse conjunto é permeado por mediações e contradições (TONET, 2013). A finalidade essencial do conhecimento científico é que o (a) pesquisador (a) consiga reproduzir a realidade como ela realmente é, do modo mais genuíno possível, para isso, é necessário apreender o movimento de articulação entre aparência e essência, partindo da aparência, do imediato (ainda incapaz de explicar a totalidade) em direção à essência, ou seja, a totalidade, as determinações daquele fenômeno (TONET, 2013).

Sobre a unidade entre aparência e essência dos fenômenos no processo de conhecimento, Gomes (2008), baseada no Método da Economia Política de Marx (2005) discorre sobre os dois momentos que o autor apresenta como movimento na atividade de conhecimento do (a) pesquisador (a)

Pelo primeiro movimento, o sujeito é capaz de captar, apenas, os dados empíricos que se apresentam a ele sob a forma de um conjunto de percepções sensíveis. Neste caso, ele está fixado na aparência externa do fenômeno, só alcança aquilo que é imediatamente perceptível acerca do objeto, o que pode ser tomado como uma abstração, já que não abarca a totalidade do objeto. Diferentemente, à medida que o sujeito avança e, por meio do pensamento teórico analisa o objeto, vai reconhecendo as infinitas possibilidades e as múltiplas conexões e relações que o configuram e, caminhando na direção de uma síntese teórica, chega ao concreto que segundo Marx [...] é concreto porque é a síntese de múltiplas determinações, isto é unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como o processo da síntese, como resultado [...] (MARX, 2005, *apud* GOMES, 2008, p. 31).

Portanto, para a filosofia materialista histórico-dialética, ao caminhar na apreensão da totalidade do real, todo o processo de teorização deve ter a realidade como base, esta deve ser explicada mediante categorias, tais como a contradição, a mediação, a totalidade e historicidade etc., indo além da mera apreensão exterior em busca de suas determinações.

Desse modo, o (a) pesquisador (a) avança no descobrimento da natureza do objeto estudado, num caminho que lhe permite chegar ao real por meio das ideias, podendo, portanto, transformar essa realidade (GOMES, 2008). Isso é possível mediante a eliminação do falseamento da coisa imediata, e se a pessoa for reconhecida como uma produção da sua relação com o mundo concreto e social e não como simples produto de sua evolução natural. Nesse sentido, Martins & Lavoura (2018, p 225) afirmam:

À luz do materialismo histórico-dialético, o conhecimento científico se constitui na prática social humana à medida que a própria vida social vai se desenvolvendo e se complexificando, e os homens vão adquirindo condições determinadas social e culturalmente de refletir e teorizar (com métodos cada vez mais desenvolvidos) sobre essa mesma prática social e seus objetos e fenômenos constitutivos. Trata-se, por conseguinte, de se conceber o conhecimento como produto do trabalho dos indivíduos que são historicamente situados, de decodificação abstrata sobre a realidade concreta (MARTINS & LAVOURA, 2018, p 225).

No que se refere à pesquisa científica na psicologia, tendo como base o Materialismo Histórico-Dialético, Vigotski se apropria da dialética de Marx em dois princípios para a construção científica em psicologia, quais sejam: a abstração e a análise da forma mais desenvolvida, trazendo, nesse sentido, a ideia de que as manifestações externas - imediatas, do objeto, não traz em si sua autêntica e verdadeira essência, necessitando, assim, da análise e da abstração dos processos subjacentes para tal. É por meio da abstração que é possível isolar e examinar determinado fenômeno da realidade, examinando-o em suas particularidades, e extraíndo suas múltiplas determinações. “Apreender um fenômeno como síntese de múltiplas determinações significa, em última instância, apreendê-lo no complexo de relações que comportam sua existência objetiva” (MARTINS & LAVOURA, 2018, p. 226). Nessa perspectiva, a psicologia busca, ao analisar os fenômenos psicológicos, incorporar o método dialético, pois considera que na análise da subjetividade não há dicotomias, mas sim o caráter unitário e contraditórios dos fenômenos

[..] este método supera as dicotomias quantitativo x qualitativo, subjetividade x objetividade, individual x social, indução x dedução e outras, por entender que nelas subjaz um questionamento acerca da possibilidade de construção do conhecimento racional e objetivo da realidade humana em sua complexidade

e totalidade. [...] a lógica dialética, própria ao método colocado em tela, não é excludente, uma vez que incorpora a lógica formal indo além, isto é, incorpora por superação. Disso resulta a necessidade de uma clara compreensão sobre o que seja oposição e contradição. Levar em conta tais preceitos não significa reconhecer opostos confrontados exteriormente, mas tê-los como interiores um ao outro, no que reside um dos mais importantes preceitos da lógica dialética, denominado identidade dos contrários (MARTINS & LAVOURA, 2018, p. 229).

Portanto, para os autores supracitados, nesta forma de conhecer a realidade, radica a contraposição marxiana aos dualismos dicotômicos da lógica formal. Nesta visão a realidade é vista como unidade indissolúvel de opostos, em que determina saber o objetivo como subjetivo, o externo como interno, o individual como social e vice-versa.

Para se compreender a relação dialética entre a objetividade e subjetividade, faz-se necessário olhar para totalidade do fenômeno, buscando compreender as mediações que se estabelecem nas relações vivenciadas pelo indivíduo. Os autores Oliveira (2005); Tonet (2013) e Pasqualini e Martins (2015) concordam, que a essência do fenômeno não se apresenta ao (a) pesquisador (a) de maneira imediata, mas mediatizada, sendo tal mediação realizada pelo processo de análise e abstrações, a fim de se ultrapassar o imediatismo - ponto de partida, para conhecer as raízes processuais.

O caminho para a compreensão dos fenômenos subjetivos pressupõe entender a relação estabelecida entre singular-particular-universal, sem dicotomias, considerando ainda o caráter contraditório dos fenômenos. É preciso “decodificar as determinações que agem sobre a singularidade, captando essa individualidade-particular como expressão singular-particular da universalidade” (PASQUALINI & MARTINS, 2015, p. 370).

O fenômeno, em sua dimensão particular, releva o que ele é em sua imediatez, que é o ponto de partida para o conhecimento, já em sua expressão universal mostra sua complexidade, ou seja, suas conexões internas, “as leis de seu movimento e evolução, enfim, a sua totalidade histórico-social” (MARTINS & LAVOURA, 2018, p. 231).

Desse modo, colocam os autores que nenhum fenômeno irá se expressar apenas em sua singularidade ou universalidade, mas, como opostos, existe uma contínua tensão entre eles que é a particularidade do fenômeno. “Em sua particularidade, o fenômeno assume as especificidades pelas quais a singularidade se constitui em dada realidade de modo determinado, porém, não completo, não universal” (MARTINS & LAVOURA 2018, p. 231). Sendo então, o particular, a categoria de mediação entre o singular e o universal, devendo ser compreendida no processo e conjunto (totalidade) entre singular-particular-universal e de modo dialético para a construção do conhecimento científico.

Deste modo, para conhecer os fenômenos da realidade é necessário um caminho que vá das determinações mais simples à totalidade social em suas múltiplas relações e que vá desta às determinações mais simples novamente (OLIVEIRA, 2005). Esse conhecimento se torna possível na dimensão teórico-metodológica do Materialismo Histórico-Dialético, pois esse método é capaz de apreender a lógica da contradição dos fenômenos, e desvelar suas mediações constitutivas

Portanto, se queremos descobrir a essência oculta de um dado objeto, isto é, superar sua apreensão como real empírico, pseudoconcreto, não nos bastam descrições acuradas, sejam elas escritas, filmadas ou fotografadas; não nos bastam relações íntimas com o contexto da investigação, ou seja, não nos basta fazer a fenomenologia da realidade naturalizada e particularizada nas significações individuais que lhes são atribuídas. É preciso caminhar das representações primárias e das significações consensuais em sua imediatez sensível em direção à descoberta das múltiplas determinações ontológicas do real. Todavia, a atividade teórica por si mesma em nada altera a existência concreta do fenômeno. A alteração apenas se revela possível quando a atividade teórica orienta a intervenção prática transformadora da realidade, sendo sua função precípua (MARTINS & LAVOURA, 2018, p. 230 - 231).

À vista disso, a psicologia que se embasa na filosofia marxiana parte da dimensão concreta da existência e visa explicar a dimensão subjetiva como expressão singular do gênero humano. Pretende superar a perspectiva formal da velha psicologia, que explica os fenômenos psicológicos de maneira dicotomizada, a-histórica e, muitas vezes, descolada da realidade material, podendo ainda, de maneira consciente, transformar a realidade estudada.

4.2 O contexto da pesquisa

Os dados desta pesquisa foram produzidos numa Unidade Básica de Saúde (UBS) do Sistema Único de Saúde (SUS), localizada em um município no interior do oeste paulista.

Nesta Unidade Básica de Saúde (UBS), os atendimentos psicológicos realizados à população (de modo individual ou grupal) são divididos entre sete profissionais psicólogos (as), responsáveis por faixas etárias específicas. A demanda para o atendimento aos (as) adolescentes é subdividida entre duas profissionais. Uma atende a faixa etária de 11 a 13 anos e a outra atende de 14 a 17 anos, sendo este último grupo, o alvo desta pesquisa.

Por se tratar de um estudo desenvolvido na Atenção Básica (AB), pertencente ao Sistema Único de Saúde (SUS), será tratado brevemente sobre o seu funcionamento e sobre o

trabalho do (a) profissional psicólogo (a) neste campo, a fim de contextualizar o solo desta pesquisa e ampliar a compreensão dos fenômenos estudados.

De acordo com Cintra & Bernardo (2017), foi partir da constituição de 1988, que a saúde no Brasil se tornou pública, um direito de todos e dever do Estado. Dois anos depois, em 1990, mediante a Lei nº 8.080/1990, o Sistema Único de Saúde (SUS) é instituído, objetivando ações de promoção, proteção e recuperação da saúde, baseando-se em princípios que regulamentam esses serviços, tais como a universalidade, a igualdade, a integralidade, a descentralização, entre outros (BRASIL, 1990). O Sistema Único de Saúde (SUS se divide em três níveis de atenção

[...] o **nível terciário** (que envolve procedimentos de alta complexidade, tecnologia e custo); o **nível secundário** (que visam atender agravos à saúde que demandem profissionais especialistas ou recursos mais avançados que o nível primário) e o **nível primário**, [...] em que são realizados os procedimentos que necessitam de menos tecnologia e equipamentos, capazes de dar resolutividade à maioria dos problemas comuns à população. (CINTRA & BERNARDO, 2017, p. 885),

O nível primário, do qual se trata o campo dessa pesquisa, também recebe o nome de Atenção Básica. Caracteriza-se como sendo a porta de entrada para os usuários do Sistema Único de Saúde (SUS), para que assim, caso necessário, sejam encaminhados a serviços especializados (CINTRA & BERNARDO, 2017).

Sobre a atuação do (a) profissional psicólogo (a) na atenção primária, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) no documento “Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas (os) na Atenção Básica à Saúde” (2019), coloca que, principalmente na atenção básica, o conceito de saúde extrapola a doença, indo além do tratamento, devendo compor ações de prevenção e promoção em saúde. Que nesse nível, embora careça do uso de menos equipamentos tecnológicos, as necessidades de saúde são muito complexas, pois envolvem pessoas, instituições e problemas de ordem social e que exigem uma rede que ultrapassa o âmbito da saúde, necessitando, portanto, de competências por parte dos (as) profissionais que atuam nesse nível, o que por vezes, extrapola os limites do que se estuda nos cursos de graduação.

É neste sentido que a psicologia deve avançar, pois o trabalho dos (as) psicólogos (as) nos serviços de saúde, frequentemente, ainda é “voltado para concepções biologizantes e mecanizadas da vida, pautadas por diagnóstico e prescrições engessadas dos modos de existência, construídas a partir de uma atuação individualizada e verticalizada” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019, p.13).

Para Cintra & Bernardo (2017), o (a) psicólogo (a) que trabalha nesse nível de atenção, embora já tenha avançado para um trabalho mais crítico (de acordo com seus estudos) deve atuar de forma contextualizada, promovendo condições para que as pessoas e a coletividades efetivem mudanças em suas próprias vidas.

O Conselho Federal de Psicologia (CFP) preconiza, que ao tratar de saúde, é preciso considerar os seus determinantes sociais e reconhecer que as demandas (também as de saúde mental) possuem múltiplas determinações

[...] Tais demandas, ainda que possam estar articuladas a fenômenos que se relacionam ao corpo biológico, terá como condição *sine qua non* o vínculo com o sujeito e as condições que se fizeram presentes para tal condição no território, seja elas condições concretas dos espaços de vida, vínculos, relações e até projetos de vida (p. 30). [...] Ter boa saúde e qualidade de vida, [...] está ligado a condições que envolvem moradia, saneamento básico, educação, emprego e ambiente de trabalho, alimentação, **situação familiar** e rede de apoio, mobilidade e segurança, enfim, uma série de fatores (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2019, p. 34, grifo nosso).

O (a) profissional psicólogo (a) que atua na Atenção Básica (AB) deve se inserir no cotidiano dos (as) usuários/pacientes, buscando sempre compreender suas dinâmicas de maneira profunda e com comprometimento social, partindo do pressuposto de que “aquelas pessoas que frequentam a unidade de saúde, tem uma situação sócio histórica que determina o seu processo de adoecer e de ter saúde, um *ethos* a ser transformado” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2019, p. 32).

Cintra & Bernardes (2019) apontam as que formações com perspectivas críticas, como da Psicologia Sócio Crítica, contribuem para que a atuação dos (as) profissionais seja mais reflexiva, pautada num compromisso ético-político acerca da realidade.

4.3 Procedimentos para a produção dos dados e os aspectos éticos envolvidos

Quanto aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa demandou a produção de dados a partir do campo, pois é onde “o objeto/fonte é abordado em seu meio ambiente próprio” (SEVERINO, 2007, p. 123).

Por se tratar de um estudo envolvendo pessoas, inicialmente esta pesquisa foi submetida à aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp/Campus de Assis-SP.

Após a aprovação pelo Comitê³², foram definidos quem participaria da pesquisa e a produção dos dados ocorreu por meio de entrevistas baseadas no modelo da História Oral (ALBERTI, 2005), considerando seu afinamento com a base teórica e os objetivos deste estudo, tendo em vista a historicidade do sujeito como eixo central de análise e a sua história de vida devidamente valorizada.

No que se refere à entrevista, Duarte (2004) afirma que entrevistas são imprescindíveis quando há necessidade de mapear práticas, crenças e valores de universos sociais específicos, em que os conflitos e contradições não estejam claramente explicitados. Assim, a entrevista pode dar ao (a) pesquisador (a) maior profundidade sobre como a pessoa percebe e significa a sua realidade e maior compreensão do funcionamento das relações que se estabelecem no interior daquele grupo.

Para Severino (2007) a entrevista é uma técnica muito utilizada nas pesquisas da área das Ciências Humanas, em que o (a) pesquisador (a) busca entender o que as pessoas pensam, representam e sabem. As entrevistas, segundo ele, podem ser não-diretivas, estruturadas e de história de vida. Sobre a última, que diz respeito a essa pesquisa, o (a) pesquisador (a) busca informações da trajetória pessoal de um (a) ou vários (a) informantes.

A entrevista baseada na História Oral (ALBERTI, 2005), escolhida para este estudo, foi difundida no início da década de 1970, nos (e a partir dos) Estados Unidos e Europa. É um método de pesquisa, portanto, não pode ser utilizada como um fim em si mesma, mas como meio de conhecimento, podendo ser empregada em diversas disciplinas das ciências humanas e tem relação estreita com categorias como biografia, tradição oral, memória, linguagem falada e métodos qualitativos etc.

[...] Pode ser definida com *método* de investigação científica, como *fonte* de pesquisa, ou ainda como *técnica* de produção e tratamento de depoimentos gravados. [...] Sua especificidade está no próprio fato de se prestar a diversas abordagens, de se mover num terreno multidisciplinar (ALBERTI, 2005, p.17-18, grifos da autora).

Segundo a autora supracitada, a entrevista de História Oral permite recuperar o que não se encontra em documentos de outra natureza como acontecimentos pouco esclarecidos ou nunca evocados, experiências pessoais, impressões particulares etc. Trata-se de tomar a entrevista produzida como documento, dando ênfase não somente ao fato em si, mas sim à forma como foi e é apreendido e interpretado pela pessoa que o vivenciou.

³² Comitê de Ética 5401 – UNESP – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis. CAAE: 45195721.8.0000.5401.

A principal característica do documento de história oral não consiste no ineditismo da informação colhida, mas sim de toda uma postura em relação à história e as configurações socioculturais, que favorecem a recuperação do vivido do ponto de vista de quem viveu, ou seja, envolve biografia e memória, a recuperação do vivenciado atualizado através da linguagem (ALBERTI, 2005). Para essa autora, existe uma visão de mundo que norteia o depoimento e que imprime significados que são individuais e particulares aos fatos e aos acontecimentos narrados. Mas apesar do aspecto singular vivenciado pelo (a) depoente, constitui elemento indispensável para a compreensão da história de seu grupo social, sua geração, sua nação e da humanidade como um todo, considerando que há universais nas diferenças.

A entrevista de História Oral se divide em dois tipos – Temática e a de História de vida. As entrevistas Temáticas versam sobre a participação do (a) entrevistado no tema escolhido, podendo ser um período determinado cronologicamente, uma função que foi desempenhada ou ainda sua experiência em acontecimentos específicos. O tema é extraído da história de vida e torna-se objeto das entrevistas. Já as entrevistas de História de Vida têm como interesse a própria pessoa na história, o que inclui sua trajetória desde a infância até o momento atual (da fala), passando por diversos acontecimentos vivenciados ou de que ele se inteirou. Essa forma de entrevista contém em si várias entrevistas temáticas, visto que ao longo da narrativa da história de vida, os temas relevantes para os objetivos da pesquisa são aprofundados. Ambos os tipos de entrevista de história oral têm como eixos a biografia do (a) entrevistado (a), sua vivência e sua experiência (ALBERTI, 2005).

Observados esses dois modelos e os objetivos deste estudo, foram realizadas entrevistas de “História de Vida” com os (as) adolescentes selecionados (as), buscando historicizar suas vidas e aprofundar o tema do sentido atribuído por estes (as) às suas famílias. Para tanto, utilizou-se de um roteiro prévio e geral (Apêndice D) com questões que pudessem impulsionar a entrevista, de acordo com os objetivos.

No que tange à escolha dos (as) entrevistados (as), Alberti (2005) assinala que a pesquisa que se utiliza da entrevista de História oral deve seguir critérios qualitativos e não quantitativos, ou seja, o número de entrevistados (as) dependerá dos objetivos do estudo. Desse modo, deve-se considerar um quantitativo que garanta a possibilidade de articular os depoimentos entre si e, conseqüentemente, alcançar inferências significativas para os objetivos da pesquisa.

[...] uma única entrevista pode ser extremamente relevante, mas ela só adquire significado completo no momento em que sua análise puder ser articulada com

outras fontes igualmente relevantes. No caso da metodologia de história oral, essas outras fontes são também e prioritariamente outras entrevistas (ALBERTI, 2005, p. 36).

Considerando essa orientação, selecionamos uma adolescente do sexo feminino e outro masculino, que já é atendido (a) pela profissional psicóloga e responsável por esta pesquisa. Sendo da faixa etária de 14 e 17 anos, moradores na mesma cidade onde está localizada a Unidade Básica de Saúde (UBS) – local de trabalho da pesquisadora.

Como critério para a seleção, considerando os objetivos desse estudo, foi estabelecido que os (as) adolescentes e suas famílias tivessem buscado por atendimento psicológico na Unidade Básica de Saúde (UBS) e que a **queixa** explicitasse os seguintes aspectos identificados no momento da triagem inicial: 1) que fosse representativa a preocupação, por parte dos pais e/ou responsáveis, de que os conflitos familiares se vinculassem às questões emocionais e comportamentais dos filhos e 2) que o (a) adolescente manifestasse, já na triagem individual, os conflitos/desacordos familiares também como causadores de pensamentos, afetos e comportamentos desagradáveis e/ou perturbadores.

Ao iniciar o processo de acolhimento (sessão individual com o (a) adolescente), foi consultado (a) sobre o interesse em participar da pesquisa. Foi esclarecido que suas identidades seriam preservadas e indagado se autorizariam a efetivação da entrevista, a qual poderia se prolongar por mais de uma sessão, caso necessário, tendo em vista atender aos objetivos do estudo.

Após o de acordo, o contato com os (as) responsáveis legais foi realizado para explicar os objetivos do estudo e solicitar a autorização por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). No ato da assinatura, reforçamos novamente os objetivos da pesquisa e todos os aspectos que a envolvem. Também aproveitamos para agendar a próxima sessão e iniciar as entrevistas.

As entrevistas foram realizadas e gravadas no formato de registro de áudio (gravador). A transcrição seguiu as orientações de Alberti (2005) e o conteúdo das transcrições analisados à luz dos Núcleos de Significação, metodologia proposta por Aguiar & Ozella (2006).

Vale destacar que as entrevistas aconteceram de maneira presencial, mesmo durante a pandemia do Coronavírus (SARS-COVID-19), pois a pesquisadora é funcionária pública e continuou trabalhando, diariamente, na Unidade Básica de Saúde (UBS).

4.4 O Processo de análise dos dados

De acordo com Aguiar & Ozella (2006), um (a) pesquisador (a) para produzir dados em um estudo, pode fazer uso de instrumentos como indicadores não-verbais/observação, relatos escritos, narrativas, história de vida, frases não concluídas, autoconfrontação, vídeo-gravação, e ainda questionários ou desenhos, se complementados com entrevistas. Para os autores (2006), a entrevista constitui um dos métodos de coleta de dados mais ricos quando se trata de acessar os processos psíquicos, particularmente os sentidos e significados. Sendo assim, nesta pesquisa, conforme indicado, os dados foram produzidos mediante entrevistas de História Oral (ALBERTI, 2005), que foram registradas em áudio (gravador) e posteriormente transcritas.

Feito isso, como procedimento de análise e interpretação dos dados colhidos, coerente à abordagem histórico-cultural, utilizou-se a proposta de Aguiar & Ozella (2006), Núcleos de Significação. A base dessa metodologia de análise parte do pressuposto de que “a compreensão do objeto investigado só ocorre quando o pesquisador se aproxima das determinações sociais e históricas desse objeto” (AGUIAR, et al., 2015, p. 58). Ou seja, quando o (a) pesquisador (a) supera o imediato (aparência do fenômeno) e alcança a realidade como unidade de fenômenos contraditórios (sua essência).

Partindo desse pressuposto, Aguiar & Ozella (2006; 2013) estabeleceram os Núcleos de Significação como um procedimento de investigação que auxilia o (a) pesquisador (a) na apropriação das significações constituídas pela pessoa frente à realidade. Um procedimento metodológico que possibilita ao (a) pesquisador (a) “apreender esse processo para além do empírico e que, assim, permita-lhe passar da aparência das palavras (significados) para sua dimensão concreta (sentidos)” (AGUIAR, et.al., 2015, p. 61).

Desse modo, os significados de uma palavra vão muito além da dimensão linguística do pensamento e da dimensão intelectual da fala, eles são o ponto de partida, contendo muito mais do que aparentam de imediato. Daí a importância de um método científico que

em lugar de reduzir os significados à mera descrição descontextualizada de palavras, luta por apreender e explicar, por meio de categorias metodológicas fundamentais, a riqueza das mediações que neles se ocultam e determinam sua relação de constituição mútua com os sentidos. Compreendendo que a palavra com significado tem origem na articulação dialética do pensamento com a linguagem, [...] somente “por meio de um trabalho de análise e interpretação pode-se caminhar para as zonas mais instáveis, fluídas e profundas, ou seja, para as zonas de sentido (AGUIAR, et. al, 2015, p. 61).

Desse modo, Aguiar & Ozella (2006) colocam que para se avançar na compreensão da pessoa, ou seja, dos seus sentidos, é preciso considerar ainda, nos processos de análises, que todas as expressões humanas sejam cognitivas e afetivas, e que o pensamento emocionado não é algo linear, de fácil captação, algo pronto e acabado

É interessante quando Vigotski afirma que o pensamento muitas vezes termina em fracasso, não se converte em palavras. Com essa afirmação, podemos entender que vivências ocorrem, que um processo está ocorrendo, mas que não se expressa claramente, ou nem é significado claramente, objetivamente, e, assim, podemos concluir que as vivências são muito mais complexas e ricas do que parecem (AGUIAR & OZELLA, 2006, p. 229).

Sendo assim, a palavra com significado destaca-se como primeira unidade de análise em uma pesquisa. O ponto de partida para a análise

Como síntese do pensamento e da fala, a palavra é um sistema complexo constituído de função tanto semântica quanto psicológica. Para compreendê-la, temos que nos apropriar não apenas da palavra em si, mas das condições materiais (objetivas e subjetivas) em que ela é produzida, mesmo que isso se faça no nível mais elementar. Por isso, ela é o elemento mais importante para se tomar como ponto de partida na análise das significações da realidade (AGUIAR, et. al., 2015, p. 63).

Dessa forma, não se trata de qualquer palavra, mas partir das palavras “inseridas no contexto que lhes atribui significado, entendendo aqui como contexto desde a narrativa do sujeito até as condições histórico sociais que o constituem” (AGUIAR & OZELLA, 2006, p. 229-230).

Foi a partir desses pressupostos que se iniciou o processo de análise dos dados colhidos nesta pesquisa. Seguindo as orientações de Aguiar & Ozella (2006), iniciou-se a transcrição do material registrado em áudio e várias leituras flutuantes das entrevistas, visando obter maior familiaridade com o conteúdo a fim de se alcançar os núcleos de significação. “Os núcleos de significação expressam o movimento de abstração que, sem dúvida, contém o empírico, mas pela sua negação, permitindo o caminho em direção ao concreto” (AGUIAR & OZELLA, 2013, p. 308). Busca-se, a partir do que foi dito, compreender aquilo que não foi dito.

Para tanto, alguns passos sistematizados foram necessários:

O **primeiro passo** se baseia na organização dos *pré-indicadores*, nesta etapa a palavra possui importância acentuada, mas não se trata de qualquer palavra, mas “palavras inseridas no contexto que lhe atribui significado” (AGUIAR, et. al., 2015, p. 63).

A organização dos pré-indicadores “consiste na identificação de palavras que já revelam indícios da forma de pensar, sentir e agir do sujeito, que, como ser mediado pela história, se

apropria das características de sua cultura e as converte em funções psicológicas” (AGUIAR, et.al., 2015, p. 61-62).

Esse movimento inicial do pesquisador sobre as palavras enunciadas pelo sujeito, movimento que vai da dimensão empírica à abstração da realidade, se faz necessário porque, conforme Kosik [...] “o homem não pode conhecer o contexto do real a não ser arrancando os fatos do contexto e tornando-os relativamente independentes” (AGUIAR, et.al., 2015, p. 64).

São temas repetitivos e reiterados pelo sujeito na entrevista e que possuam importância enfatizada em sua fala, seja pela carga emocional presente, pelas ambivalências ou contradições e que sejam relevantes para atender aos objetivos do estudo. É comum que os pré-indicadores sejam em grande número, eles irão compor um quadro vasto de possibilidades para a construção de núcleos futuros (AGUIAR & OZELLA, 2013).

Ainda sobre essa etapa, os autores acima (2015, p. 64) afirmam que o (a) pesquisador (a) deve traduzir os pré-indicadores não como discursos plenos e absolutos, “mas como teses que, na tríade dialética (tese-antítese-síntese), configuram-se como produções subjetivas mediadas por objetivações históricas das quais a pessoa se apropria”. Desse modo, devem ser compreendidos como construções sociais, ou seja, o discurso do sujeito é mediado pela cultura e história que “constituem o movimento dos processos de significação da realidade” (AGUIAR, et.al., 2015, p. 64).

Concluída essa etapa, que ainda é uma fase empírica de apreensão dos significados, segue-se para a **segunda etapa**. O objetivo é articular e organizar os pré-indicadores em *indicadores*. Esta etapa parte do pressuposto metodológico de que, ao articular dialeticamente os pré-indicadores, esses permitem o conhecimento mais profundo sobre as significações da pessoa, diferentemente de quando analisados separadamente. É nessa fase que o (a) pesquisador (a) alcance uma abstração que o (a) leve mais próximo dos sentidos constituídos pela pessoa. Para tanto, é preciso fazer múltiplas leituras para analisar o conteúdo produzido até o momento, de maneira que o (a) pesquisador (a) busque apreender e organizar os indicadores que formarão os núcleos de significação. “O que se pretende na segunda etapa é, portanto, apreender o modo pelo qual os pré-indicadores se articulam constituindo as formas de significação da realidade” (AGUIAR, et.al., 2015, p. 68).

Deste modo, os pré-indicadores serão filtrados pela sua importância de acordo com os objetivos da investigação, assim, serão aglutinados pela similaridade, pela complementariedade ou pela contraposição, levando a uma menor diversidade (AGUIAR & OZELLA, 2006).

Nesta etapa já é possível observar um momento de síntese, porém, ainda provisório. Nesse movimento dialético de análise e sistematização dos indicadores é que o (a) pesquisador (a) vai superando a dimensão empírica do conhecimento pela dimensão concreta. A sistematização dos indicadores tem como objetivo a busca pela articulação parte/todo, visto que o concreto une o diferente e contraditório. Assim, este momento de constituição dos indicadores tem como fim a negação do discurso em sua aparência, nega-se o dito

Para que isso seja possível, é preciso explicitar, por meio do processo de análise e síntese, as contraditórias relações existentes entre os pré-indicadores, relações estas que, inclusive, nos levam a articulá-los para compor os indicadores. Por se revestirem da dimensão contraditória da realidade, são os indicadores que permitem ao pesquisador avançar em direção ao processo da síntese, isto é, dos sentidos constituídos pelo sujeito (AGUIAR, et.al., 2015, p. 68).

Portanto, a categoria contradição torna-se essencial nesse processo, pois por meio dela se torna possível vir à tona as contradições presentes nas relações constitutivas entre os indicadores, possibilitando que o (a) pesquisador (a) se aproprie do movimento dos pré-indicadores que se chocam, contrastam entre si e se constituem, necessitando serem articulados para indicarem uma nova síntese (AGUIAR, et.al., 2015).

Desse processo resulta a **terceira etapa** dessa proposta metodológica para análise e interpretação dos dados – a construção dos *núcleos de significação*. De acordo com Aguiar, et.al., (2015, p. 70), esse é o momento mais voltado para a síntese e tem como objetivo a superação do discurso aparente, que é descolado da realidade social e histórica. Assim, nesta fase, o (a) pesquisador (a) busca, mediante a articulação dialética dos indicadores, “a realidade concreta, ou seja, os sentidos que, histórica e dialeticamente, articulam a fala e o pensamento do sujeito”. Nesse trecho, continuam os autores:

[...] “o caminho metodológico a ser seguido pelo pesquisador não pode ser outro senão aquele que, partindo das categorias simples apreendidas no primeiro movimento, busca perceber, por meio de suas principais categorias metodológicas, as relações, mesmo aquelas mais ocultas, que configuram o processo de constituição dos sentidos” (AGUIAR, et.al., 2015, p. 70).

Essa etapa de organização dos núcleos é composta por duas partes. A primeira é voltada para inferência e organização dos núcleos de significação a partir da articulação dos indicadores, a segunda, é a parte em que o (a) pesquisador (a) fará a discussão teórica dos conteúdos que constituem os núcleos, ou seja, a interpretação dos sentidos, que são produzidos social e historicamente, configurando modos de pensar, sentir e agir dos (as) participantes da pesquisa.

Ambas as fases objetivam levar o (a) pesquisador (a) ao movimento de síntese, sendo a segunda – interpretação dos sentidos – um momento que exigirá maior poder de síntese, num trabalho construtivo-interpretativo para alcançar as zonas de sentido.

Os núcleos devem expressar aspectos essenciais do sujeito. Eles devem superar tanto os pré-indicadores como os indicadores. Devem, assim, ser entendidos como um momento superior de abstração, o qual, por meio da articulação dialética das partes – movimento subordinado à teoria –, avança em direção ao concreto pensado, às zonas de sentido (AGUIAR & OZELLA, 2013, p. 310).

Cabe ainda ressaltar que, apesar de esta etapa ter como foco a síntese, o (a) pesquisador (a) não deixa de pensar analiticamente. Esse processo, que é construtivo-interpretativo, é atravessado pela sua compreensão crítica acerca da realidade. O (a) pesquisador (a) deve ter o domínio da técnica, das etapas propostas e dos pressupostos teórico-metodológicos como base no processo de análise e interpretação “das formas de significação da realidade pelo sujeito” (AGUIAR, et.al., 2015, p. 73), evitando, assim, que essa proposta se torne algo instrumental, somente um procedimento técnico

Noutras palavras, os pré-indicadores devem apontar teses próprias dos sujeitos, que serão superadas no movimento de articulação com o todo que é a realidade histórica e social, e não como temos presenciado algumas vezes, uma articulação circunscrita ao contexto da fala. Aqui nos referimos, por exemplo, [...] aos aspectos socioeconômicos e culturais e tantos outros que possam constituir essa articulação (AGUIAR, et.al, 2015 p. 73).

Desse modo, a apreensão dos significados, mediante a fala do (a) participante, não deve se limitar a essa fala, mas deve ser articulada com o seu contexto social, político, econômico e histórico, permitindo uma compreensão da pessoa em sua totalidade, revelando o seu movimento e buscando a articulação com o campo teórico do (a) pesquisador (a) (AGUIAR & OZELLA, 2006).

Portanto, essa forma de análise e interpretação, mediante os núcleos de significação, vai além de descrever apenas a formas de significação, mas busca revelar as contradições que as engendram, considera que é por meio das relações sociais/humanas que a contradição se constitui, e que os fatos devem ser negados como fenômenos aparentes e compreendidos como síntese de múltiplas determinações, ou seja, do todo social.

Ao mesmo tempo, acredita-se poder avançar para uma análise que vá do imediato para o interpretativo, buscando compreender qual o sentido de família constituído pelo (a)

adolescente em um contexto específico e contribuir para a compreensão sobre si mesmo (a) e sobre como as relações e os vínculos familiares confluem para outras situações da sua vida.

4.4.1 A organização dos Pré-indicadores

A primeira das três fases da proposta metodológica dos Núcleos de Significação é a identificação e organização dos pré-indicadores. Desse modo, após várias leituras flutuantes e recorrentes do material produzido, ou seja, das entrevistas de História Oral realizadas com o (a) adolescente, os pré-indicadores³³ foram organizados em quadros, um para cada. Como forma de organização, os pré-indicadores estão destacados em negrito e contextualizados em seus trechos, conforme as respostas às perguntas que foram realizadas.

Cabe reiterar que os pré-indicadores foram filtrados perseguindo os objetivos desta pesquisa, para tanto, buscou-se identificar palavras que apontaram modos de pensar, sentir e agir do (a) participante. Palavras, que, conexas, possuem significados, revelando a sua materialidade histórica. No entanto, ressaltam Aguiar, et.al, (2015), por meio dos pré-indicadores desponta-se apenas a pessoa empírica, isto é, indícios a serem investigados a fim de possibilitar captar a pessoa histórica.

4.4.2 A sistematização dos Indicadores

Realizada a primeira etapa da proposta, os pré-indicadores foram agrupados a fim de sistematizar os indicadores. Para isso, os primeiros foram articulados tendo em vista critérios de similaridade, complementariedade e contraposição, constituindo uma nova síntese que nos permitiu uma maior aproximação dos sentidos constituídos pelos sujeitos (AGUIAR & OZELLA, 2006).

Para a formação dos indicadores foram articuladas as falas do (a) participante da pesquisa em um único quadro, “entendendo que as significações se afetam, se reorganizam, constituindo-se mutuamente” (AGUIAR, et.al., 2021, p. 8), possibilitando aprofundar o entendimento de um contexto específico, com suas contradições e possibilidades.

Desse modo, foram constituídos doze indicadores, abaixo representados:

1. Configuração e modelos familiares;
2. Condições e características socioeconômicas das famílias;

³³ Para a consulta, os quadros se encontram no Apêndice A e B, das páginas 201 a 220.

3. Família de origem X família atual: noções sobre gerações;
4. Ideias construídas sobre si mesmo (a) e sobre como é visto (a) pela família;
5. Concepções sobre família: pensamentos e sentimentos;
6. Percepções sobre as relações familiares e ambiente/clima familiar;
7. Pensamentos e sentimentos sobre formas de castigos utilizadas pela família;
8. A busca por atendimento psicológico: percepções da adolescente e do adolescente;
9. Compreensão sobre pensamentos e sentimentos e a relação com o contexto familiar;
10. Contexto familiar e relacionamentos afetivos e sociais;
11. Contexto familiar e a relação com os estudos e o trabalho;
12. Contexto familiar e o lazer, cuidados com a saúde e religiosidade.

4.4.3 A construção dos Núcleos de Significação

Realizadas as duas etapas anteriores, passamos para a terceira e última fase desse procedimento teórico-metodológico, a construção dos núcleos de significação. Após a formação dos indicadores, foi realizada a releitura dos seus conteúdos (pré-indicadores) e iniciada a etapa de construção e nomeação dos Núcleos de significação, mediante a articulação dos indicadores por semelhanças, complementariedade e conteúdos contraditórios (AGUIAR & OZELLA, 2006).

Após a elaboração e nomeação dos núcleos de significação, iniciou-se o processo de análise e discussão teórica dos conteúdos que compõe cada um dos núcleos e que será realizada no próximo capítulo. Esta etapa é mais voltada para a síntese, objetiva a superação do discurso aparente, descontextualizado e a-histórico, buscando a realidade concreta, isto é, os sentidos, que são produzidos por cada pessoa a partir da sua história e que configuram modos de pensar, sentir e agir do (a) participante desta pesquisa.

Quadro 1 – Núcleos de Significação

INDICADORES	NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO
Configuração e modelos familiares	Relação Família-Sociedade
Condições e características socioeconômicas das famílias	
Família de origem X família atual: noções sobre gerações	
Ideias construídas sobre si mesmo (a) e sobre como é visto(a) pela família	Família-adolescente: aspectos relacionais
Concepções sobre família: pensamentos e sentimentos	
Percepções sobre as relações familiares e ambiente/clima familiar	
Pensamentos e sentimentos sobre formas de castigos utilizadas pela família	
A busca por atendimento psicológico: percepções da adolescente e do adolescente	A demanda por atendimento psicológico e família
Compreensão sobre pensamentos e sentimentos e a relação com o contexto familiar	
Contexto familiar e relacionamentos afetivos e sociais	Relações familiares e atividades na adolescência
Contexto familiar e a relação com os estudos e o trabalho	
Contexto familiar e o lazer, cuidados com a saúde e religiosidade	

Fonte: elaborado pela autora.

CAPÍTULO V

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS NÚCLEOS DE SIGNIFICAÇÃO

Para analisar e interpretar o conteúdo obtido por meio das entrevistas de História Oral com o (a) participante desta pesquisa, partimos do pressuposto de que as falas contêm muito mais do que aparentam de imediato, ou seja, os significados de uma palavra são apenas o ponto de partida, permitindo-nos, por meio da análise e interpretação, apreender como se dá a construção subjetiva da realidade objetiva experienciada por ele (ela) e captar as mediações sociais que o constitui, passando da aparência ao não dito, buscando as relações processuais, no contexto desta pesquisa.

Partindo disso, embasamo-nos no procedimento de análise e interpretação dos dados proposto por Aguiar & Ozella (2006), metodologia de análise para apreensão dos sentidos e significados constituídos pela pessoa frente à realidade, formulados sob os fundamentos da Psicologia Histórico Cultural e do Materialismo Histórico-Dialético. Desse modo, tem-se como premissa que o (a) investigador (a) alcança a compreensão do objeto investigado quando este supera a aparência das palavras (significados) e se aproxima das determinações sociais e históricas desse objeto, alcançando sua dimensão concreta (sentidos) (AGUIAR, et.al., 2015).

Foi na busca de nos desprender da imediatez dos dados empíricos e avançar para o desvelamento do real, considerando a historicidade do significado social de família e suas implicações para a formação subjetiva do (a) adolescente, que este capítulo tem como objetivo apreender os sentidos constituídos por ele e ela sobre suas famílias. Esse processo é construtivo-interpretativo, e desponta o movimento que orienta a pesquisadora, partindo das falas do e da participante passando por três momentos, tais como descritos no capítulo anterior: o arrolamento dos pré-indicadores, a aglutinação dos pré-indicadores em indicadores e a construção dos Núcleos de Significação e análise destes em intra e internúcleos.

Cabe ressaltar, ainda, que a apreensão dos sentidos não se encerra em uma resposta definitiva e acabada, mas sim parciais, em que as expressões são marcadas por contradições, indicando formas de ser a partir de suas vivências, que estão em constante movimento e, por vezes, o (a) próprio (a) adolescente não possui consciência de tais vivências.

Dito isso, apresentaremos na sequência, em subtópicos, os quatro (4) Núcleos de Significação que foram inferidos e construídos a partir dos dados produzidos, mediante as entrevistas de História Oral com o (a) adolescente, um momento que traduz a análise e

teorização, permitindo-nos uma maior compreensão e das mediações sociais estabelecidas em suas realidades.

Os Núcleos de Significação são:

- 1) *Relação Família-Sociedade;*
- 2) *Família-adolescente: aspectos relacionais;*
- 3) *A demanda por atendimento psicológico e família;*
- 4) *Relações familiares e atividades na adolescência.*

5.1 Núcleo 1 - Relação Família-Sociedade

*Diga quem mora na sua casa quem mora com você
Com quem você divide o que gosta
Quem olha por você*

*Moro com meu pai, minha mãe e minha irmã
Eu moro com a minha avó
Moro com minha mãe, meu avô e meu irmão
Eu moro só com o meu pai*

*Diga quem mora na sua casa quem mora com você
Com quem você divide o que gosta
Quem olha por você*

*Moro com meu pai, minha mãe e três irmãos
Meu cachorro mora aqui também
Moro com a minha mãe, seu marido e meio-irmão
E no sábado com meu pai*

*Tantas famílias tão diferentes
Famílias com pouca, com muita gente
Isso não importa, o gostoso é ter
Sempre uma família bem pertinho de você*

[Canção de Rita Rameh]

Este núcleo é resultado do processo de síntese e articulação entre os seguintes indicadores: 1) Configuração e modelos familiares; 2) Condições e características socioeconômicas das famílias; 3) Família de origem X família atual: noções sobre gerações.

Na incumbência de apreender as significações que captamos neste núcleo, articulamos, dialeticamente os indicadores que tratam das características específicas das famílias estudadas

e buscamos explicitar as particularidades que medeiam a relação entre família e sociedade, apontando, as questões de ordem estruturais que dão conteúdo e forma às questões familiares desta pesquisa. Desse modo, consideramos a totalidade social, em um movimento entre as partes e o todo que é a realidade histórica e social. “Assim, a apreensão das significações só é possível a partir de uma compreensão dialética das relações parte/todo que constituem a realidade, isto é, a partir de um amplo conjunto de elementos objetivos e subjetivos que a configuram e determinam seu movimento” (AGUIAR, et.al., 2015, p. 74).

Para a melhor compreensão da análise deste núcleo, avaliamos indispensável apresentar as características que contextualizam a realidade concreta das famílias da adolescente e do adolescente, participantes desta pesquisa. Cabe ressaltar que faremos esta descrição de modo individual, inclusive apresentando as informações contidas nos prontuários da triagem psicológica, (primeira consulta antes da entrevista para pesquisa, realizada pela psicóloga/pesquisadora), de modo a ampliar a análise quanto às multideterminações dessas famílias.

5.1.1 Condições que revelam a materialidade da família do adolescente A.L

O adolescente entrevistado do sexo masculino, chamaremos de A.L, possui 17 anos. Seus pais biológicos foram casados por mais de 13 anos. Divorciaram-se quando A.L tinha aproximadamente 13 anos. Na separação, o adolescente optou por sair de casa junto com seu pai, ficando seus outros 3 irmãos com a mãe durante alguns meses, posteriormente, os outros também decidiram ir morar com o pai. A.L. relaciona o motivo da separação dos pais ao excesso de brigas entre o casal (as pautas das discussões eram sobre serviços domésticos e dinheiro). Atualmente A.L mora com seu pai e seus três irmãos (ã) (de pai e mãe), sendo: um irmão (15), uma irmã (16) e o irmão caçula (7). O pai (38) é casado a aproximadamente 4 anos. A esposa (48) possui um filho adolescente (16) que também reside com eles. Ao todo são 7 pessoas na casa. Segundo A.L, quase não possui contato com a sua mãe, pois relata que sofria violência física e psicológica.

Sobre as condições socioeconômicas da família, A.L relatou que sempre foram sitiantes. O pai trabalha como caseiro numa propriedade rural. A madrasta cuida da casa e dos filhos que,

assim como A.L, ajudam o pai nas atividades do sítio. A família tem Cadastro Único para Programas Sociais (CadÚnico), sendo beneficiários do Atual Programa Auxílio Brasil (PAB)³⁴.

5.1.2 Condições que revelam a materialidade da família da adolescente M.A:

A adolescente do sexo feminino, M.A, possui 15 anos. Seus pais biológicos foram casados por 10 anos e se separaram quando M.A tinha 3 anos. Segundo os dados produzidos pela pesquisadora/psicóloga na triagem com a mãe, o motivo da separação foi a traição conjugal e abuso de drogas pelo marido. Atualmente M.A mora com sua mãe (40), mantém uma relação próxima com seus familiares maternos (avós, tia e tio, também divorciados, e dois primos).

Do casamento entre seus pais M.A é filha única, mas possui outros 3 irmãos somente por parte de pai (48). Duas filhas de um relacionamento, sendo uma de 7 anos que mora com a mãe em outro estado e outra de 8 anos que mora com o seu pai na mesma cidade que M.A. Além destas duas, também tem um irmão de 4 meses, que mora com a mãe dele.

Na separação dos pais, M.A permaneceu morando com sua mãe, mantendo contato com seu pai até os 6 anos de idade até que este foi embora para a cidade vizinha e então só voltaram a ter contato quando M.A fez 13 anos, depois que seu pai voltou a morar na mesma cidade. Mas mesmo assim, não são próximos.

Vale destacar que, apesar de M.A dormir em sua casa com a mãe, fica durante o dia com seus avós maternos. A partir disso, podemos considerá-la em uma configuração de família extensa, em que moram oito pessoas da mesma família em duas casas próximas.

Sobre as condições socioeconômicas da família, M.A relata dificuldades financeiras, tendo em vista que seu pai nunca pagou pensão e sua mãe tem problemas de saúde – diagnóstico de depressão (desde o pós-parto) e coluna, condições que a impossibilita de exercer atividade remunerada, por isso entrou com pedido de aposentadoria por invalidez, porém ainda está sem receber o auxílio.

Por isso recebem ajuda do avô materno e das vizinhas, quando necessário. Praticamente todas as refeições são feitas na casa dos avós. A família também é cadastrada no Cadastro Único

³⁴ Destina-se a Famílias inscritas no Cadastro Único em situação de extrema pobreza (renda familiar por pessoa de até R\$ 100,00 mensais) ou famílias em situação de pobreza (com renda por pessoa entre R\$ 100,01 e R\$ 200,00 mensais) que possuem em sua composição gestantes ou pessoas com idade até 21 (vinte e um) anos incompletos (GOV.BR, 2022) disponível em <https://cadunico.dataprev.gov.br/#/programas-sociais>, acesso em 25/07/2022.

para Programas Sociais (CadÚnico), sendo beneficiária do atual Programa Auxílio Brasil (PAB).

Quadro 2 – Resumo com as informações do participante e da participante da pesquisa

Características	Adolescente A.L	Adolescente M.A
Identidade de gênero	Homem	Mulher
Idade	17	15
Escolaridade em curso	2º colegial	9º ano
Com quem mora	7 pessoas: pai, madrasta, 3 irmãos (de pai e mãe) e 1 filho da madrasta	8 pessoas: mãe, avós, tios e primos (maternos)
Configuração familiar	Família recomposta, formada por filhos de outro casamento ou relação anterior)	Monoparental e extensa
Condições econômicas	Baixa renda	Baixa renda
Casa própria	Não	Financiada

Fonte: elaborado pela pesquisadora

Dadas as informações, iniciaremos a discussão com as falas³⁵ que ilustram as configurações e modelos familiares do participante e da participante desta pesquisa.

Quando questionados sobre com quem moram e a dinâmica de suas famílias, relatam:

[...] eu vivia na casa da minha tia antigamente, eu gostava de lá [...] agora tá morando minha tia, meus dois primos e meu tio e meu vô, tá morando todo mundo lá [na casa da avó materna]. [...] Moro só com minha mãe... Minha avó materna mora na mesma rua...minha mãe mora num quarteirão e ela no outro... [...] [mora] todo mundo junto... nós só vai pra dormir praticamente em casa...nóis vive na minha vô; agora mesmo ela [mãe] tá lá arrumando as coisas. [M.A].

Ah, moro com meu pai, minha madrasta e meus irmãos e o filho da minha madrasta [...] primeiro meus irmãos ficaram com minha mãe, só eu que fiquei com meu pai já [na separação] só que eles ficaram com minha mãe porque eles achavam que meu pai tava errado, eles ficaram uns meses pra lá e quiseram vim... ficaram com ela lá, aí assim que eles perceberam quiseram vir embora com meu pai. [A.L].

Estes fragmentos, descrevem com quem residem e sobre quem consideram como sua família. Nota-se que, em ambos os casos, a estrutura e a configuração familiar rompe com o modelo tradicional e ideal de família, isto é, o modelo nuclear burguês composto por pai, mãe e filhos.

Observamos que M.A, apesar de possuir uma casa onde mora com sua mãe, sua família se organiza em rede. Sarti (2003), aponta que essa organização em rede, diferencia-se da ideia de família em núcleo, sendo uma das características que configuram as famílias pobres

³⁵ Cabe reiterar que as falas são seguidas das siglas que indicam quem as falou, sendo M.A para a adolescente (15) e A.L para o adolescente (17).

brasileiras. Segundo esta autora, nas famílias de baixa renda, a casa como unidade doméstica é enfraquecida, “uma vez que leva a desconsiderar a rede de relações na qual se movem os sujeitos em família e que provê os recursos materiais e afetivos com que contam” (SARTI, 2003, p. 28). A autora continua

Nos casos de instabilidade familiar por separações e mortes, aliada à instabilidade econômica estrutural e ao fato de que não existem instituições públicas que substituam de forma eficaz as funções familiares, as crianças passam a não ser uma responsabilidade exclusiva da mãe ou do pai, mas de toda a rede de sociabilidade em que a família está envolvida (SARTI, 2003, p. 31).

Outras falas de M.A reforçam a ideia de família em rede vinculada às necessidades materiais de sobrevivência

Ah, não sei...*eu não sou muito de reparar nessas coisas* [questões econômicas], *meu vô memo ele dá de tudo, não deixa faltar nada.* [M.A]

[...] *é mais ou menos* [condições financeiras]... *porque quando começa a faltar as coisas, um pouquinho dentro de casa, mas não é que é um monte de coisa, só um pouquinho, às vezes quando não dá pra comprar, aí começa apertar um pouco, meu vô fica devendo às vezes no carro, mais aí é coisa de um mês, dois mês só que falta.* [M.A]

dá um jeito [quando falta], as vizinhas às vezes...*ai minha vó pega na vizinha da frente, ela também pega lá, minha vó pega lá, minha vizinha pega lá, uma vai trocando com a outra quando falta, a vizinha é praticamente da família, mas é vizinha.* [M.A]

M.A relata que, até mesmo a vizinha é “praticamente da família”, considerando-a como rede de apoio às necessidades materiais de sua família, que não é composta somente por sua mãe, mas por seus avós maternos, tios e primos. Essa configuração foi reestabelecida após a separação conjugal dos três filhos dos avós (mãe e dois tios de M.A), conforme explica a autora “envolvem a rede de parentesco como um todo, a fim de viabilizar a existência da família” (SARTI, 2003, p. 29).

Outro ponto a destacar nas falas acima é a perpetuação do papel do homem como “chefe de família”, o que segundo a autora acima (2003), também representa outra característica das famílias de baixa renda. Em outras palavras, estas famílias possuem, em sua configuração, uma relação hierárquica de gênero, em que ao homem pertence a autoridade moral como chefe da mulher e a responsabilidade pelo respeito da família. Nesse sentido, percebemos que M.A e sua mãe contam financeiramente com o socorro do avô, ou seja, na ausência de um provedor masculino, a mãe de M.A assume o papel de provedora. Porém, segundo Sarti (2003), mesmo quando a mãe se torna responsável pelo sustento da casa, esta designa, em algum nível, um chefe masculino, neste caso, o avô materno

Não é, portanto, o controle dos recursos internos do grupo doméstico que necessariamente fundamenta a autoridade do homem, mas seu papel de intermediário entre a família e o mundo externo, como guardião da respeitabilidade — lugar masculino que corresponde à representação social de gênero que identifica o homem como a autoridade moral da família. Diz respeito à ordem moral que a organiza, que se reatualiza nos diversos arranjos feitos pelas famílias com seus poucos recursos (SARTI, 2003, p. 31).

Outro destaque a se fazer é sobre a aproximação dos avós nos novos arranjos familiares, em que também participam da gestão familiar, no caso de M.A, além da relação estreita com o avô materno, sua avó também faz parte do seu cotidiano. Segundo ela, de sua configuração familiar, “[mora] **todo mundo junto...** [...] **nóis vive na minha vó**” [M.A.]”.

Nesse sentido, ao tratar da participação dos avós nos novos arranjos familiares Vitale (2003, p. 94) contribui

[...] as mudanças dos laços familiares e a vulnerabilidade que atinge as famílias demandam novos papéis, novas exigências para essas figuras, personagens que ganham relevo não só na relação afetiva com os netos, mas também como auxiliares na socialização das crianças ou mesmo no seu sustento, mediante suas contribuições financeiras (VITALE, 2003, p. 94).

O lugar dos avós nas famílias brasileiras de hoje, portanto, muito se vincula às questões socioeconômicas

[...] o aumento do número de crianças que vivem com os avós é fato. A pobreza, o desemprego, o aumento da desigualdade social, a insuficiência das políticas públicas e sociais podem ter levado ao aumento de sua contribuição na rede familiar. A precária condição em que vivem os netos tende a mobilizá-los na direção de lhes prestar atendimento. Os avós cuidadores, com sua pouca aposentadoria, procuram ajudar nas dificuldades da família. Existem trocas informais na rede familiar a serem consideradas, e os idosos integram o sistema de apoio mútuo, em especial nas famílias pobres. Convém lembrar que essas trocas não se dão sem tensões no seio da família (VITALE, 2003, p. 96).

Notamos assim, que a demanda pelo apoio familiar intergeracional tem sido solicitada como uma alternativa em potencial para o enfrentamento dos problemas sociais e econômicos que desafiam as famílias de baixa renda (VITALE, 2003). Portanto, a presença dos avós no seio familiar também pode imprimir diferentes legados. Os modos de vida no cotidiano da família se modificam ao receber as mediações e transmissão dos avós, assim corroboram para a formação de diferentes sentidos atribuídos à família.

No que tange a A.L, constatamos também o rompimento com o modelo ideal de família nuclear. Sua família compreende o pai, a madrasta, os irmãos e o filho da madrasta. Deste modo, como discorrido no segundo capítulo dessa dissertação, apesar de a família brasileira atual

representar em grande número o modelo tradicional (pai, mãe e filhos), nas últimas décadas vêm apresentando mudanças expressivas em sua configuração íntima. Durigan (2015), ao tratar das forças ideológicas que perpassam os vínculos sociais, focalizando as relações entre família e cultura, discorre

[...] muito embora o modelo nuclear não seja o “retrato” da imensa parte dos homens, ele é propagado como algo natural a todas as dinâmicas familiares, ainda na Contemporaneidade. Desse modo, para além de aclarar o trajeto histórico da instituição da família para compreender as implicações socioeconômicas e a maneira de concebê-las nos dias atuais, é necessário investigar as forças ideológicas presentes nas formas de representar a instituição da família na dimensão simbólica da sociedade. Isso implica discutir as condições sociais e objetivas do cenário cultural atual, as quais atravessam a formação dos indivíduos e as relações humanas, sobretudo nas famílias das camadas populares, cuja realidade não atende aos predicados do modelo de família nuclear burguês (DURIGAN, 2015, p. 46).

Dito isso, compreendemos que a instituição familiar possui funções reprodutivas biológicas e, de igual modo, um papel ideológico³⁶. “Isto significa que além da reprodução biológica ela promove também sua própria reprodução social: é na família que os indivíduos são educados para que venham a continuar biológica e socialmente a estrutura familiar” (REIS, 1989, p. 102). Logo, nesta reprodução social, a família participa do projeto global referente à sociedade na qual vive, formando seus cidadãos.

Portanto, dentro da sociedade capitalista na qual vivemos, emerge uma concepção universal e imutável que é a família nuclear burguesa como sinônimo de família, “outras formas, quando existentes, são consideradas, no máximo, estruturas que ainda vão se diferenciar em direção a esse modelo ideal de família” (REIS, 1989, p. 100). Tanto que é comum ouvirmos o discurso social de que as famílias que fogem a esse padrão nuclear burguês são desestruturadas. Assim, reiteramos a crítica de Reis (1989, p. 105) de que a família burguesa, ao se colocar como “normal” e “única possibilidade”, desempenha a sua função ideológica.

Apesar de o modelo burguês de família se apresentar nas demais classes sociais, não se pode negar a existência de inúmeros arranjos e configurações de vida familiar, menos ainda, impor um padrão a todas as unidades familiares.

³⁶ Segundo Reis (1989, p. 103) a ideologia opera dentro da família apresentando uma noção ideologizada da própria família. “essa noção, veiculada principalmente pelos pais, os principais agentes da educação, ensina a ver a família como algo natural e universal e, por isso, imutável. Depois passa a apresentar da mesma forma o mundo extrafamiliar e todas as relações sociais. É claro que a família cumpre sua função ideológica em complementação a outros agentes sociais (como a escola e meios de comunicação)”. Porém, segundo esse autor (1989, p. 103) “sua importância, às vezes relativizada no processo global da transmissão da ideologia dominante, não pode ser negada”, [...] “pois não resta dúvida de que essa eficiência só é possível porque apoia-se sobre as bases ideológicas estabelecidas pela família”.

Segundo dados do Conselho Federal de Psicologia (CRP) (2019), que trata sobre a atuação de profissionais da psicologia em varas de família, as novas dinâmicas familiares evidenciam o aumento do número de divórcios que aparecem com sentença de guarda compartilhada, assim como um acréscimo de pais pleiteando a guarda dos filhos, embora prevaleça a guarda para as mães. No caso desta pesquisa, constatamos que o adolescente também a adolescente provêm de pais divorciados. M.A fica sob a guarda de sua mãe (e de sua família extensa materna), mas que A.L mais seus três irmãos, provenientes do mesmo casamento, ficam sob a guarda do pai, situação que pode reforçar os dados acima sobre o avanço da guarda paterna em relação aos filhos

Segundo o primeiro relatório sobre “A Situação da Paternidade no Brasil” (INSTITUTO PROMUNDO, 2016) muitos estudos e experiências confirmam o impacto positivo da paternidade cuidadora na saúde e no desenvolvimento das crianças, na equidade de gênero, na redução da violência e do machismo, no bem-estar do próprio homem e na qualidade de seus relacionamentos afetivos (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2019, p. 20).

Nessa direção, ao tratar das configurações e novos arranjos familiares, não podemos nos descolar das condições econômicas, sociais e políticas que atravessam as condições concretas e materiais e influenciam o modo de organização das famílias. Como consequência, inúmeras configurações familiares surgiram, influenciando os modos de conceber a família em tempos atuais e desempenhando mudanças significativas na estrutura da sociedade.

Reforçando as questões de ordem econômicas e estruturais que incidem sobre as famílias, destacamos trechos relatados por M.A e A.L, quando questionados sobre como percebem e se sentem em relação as condições econômicas de suas famílias

*[...] a dificuldade da minha mãe que ela tava passando...compra meu material, compra comida pra dentro de casa, um monte de coisa...[emoção, choro]... ai eu vi que precisava pagar pensão [pai], [pois] ajuda. [M.A]
Quando começa faltar às vezes alguma coisinha, às vezes não tem dinheiro pra comprar as coisas, ou quando atrasa alguma conta ai eu percebo que tá faltando um pouco de dinheiro, mais é pouca coisa às vezes... [M.A]*

*[...] desde quando eu nasci, [que mãe não trabalha] porque pós parto ela entrou em depressão... ai então não tá trabalhando, às vezes ela faz uma faxina aqui outra ali com coisa que ela aguenta. [...] Ela [mãe] não pode trabalhar porque ela operou da coluna. [M.A]
ah, meu vô ajuda bastante lá dentro de casa [...]*

Ah eu me sinto normal, não fico muito atenta ali no meio, é mais com eles, eu fico normal, não to pagando conta, não me preocupo com nada, fico normal, quetinha. [M.A]

da minha mãe [avô paterno] trabalha até hoje, vai fazer setenta anos quase, **trabalha até hoje como pedreiro**. [M.A]

Na sequência, destacamos as falas da A.L

Eu ainda tenho raiva dela [mãe], [...], **ela tenta arrancar dinheiro do meu pai sabendo que a gente não tem condições** [emocionado] [A.L]

[...] **eu ajudo ele [pai] com dezessete anos, ele disse também que com quinze ele já tinha carteira registrada na roça**, antigamente podia né, hoje não pode mais e **hoje eu trabalho o máximo que eu posso com ele**, to esperando fazer dezoito anos... **Talvez o patrão do meu pai vai me chamar pra trabalhar também, ai vou tá fazendo o mesmo serviço, só que agora eu ganho meu dinheiro, tendeu?** [A.L]

[...] **meu pai trabalha, ele ganha bem até... o negócio é que gosta de gastar (risos), ele comprou umas vaca né, pra ajuda a gente no leite, tá dando um dinheirinho, mas o dinheiro que ele gastou nas vacas foi mais. Ah é boa as a condições, a gente não passa necessidade**. [A.L]

Ah, tipo assim a minha... **parei de trabalhar agora não tenho [condição financeira], tenho um dinheiro pra receber de um cara, mas ele também tá enrolado [...]. Minha família, a gente tem as condição boa até, é que meu pai faz muita conta sem necessidade**. [A.L]

Ah... acho tipo...**meu pai, ele sempre quis ter um sítio ne, a gente tem, mas não é nosso, é alugado**, tipo **porque a gente sempre veio do sítio, então ai ele se inspirou nisso dai né, ele se inspirou nisso dai e é isso que a gente vive hoje, eu não acho ruim acho bom até, é melhor do que ficar na cidade até...** muito barulho, muita bagunça tendeu? [A.L]

[como se sente sobre a condição financeira] – [emocionado: raiva] Ah, normal, **eu penso que ele [pai] podia parar de fazer conta, paga as que tem primeiro, dar um jeito de quitar as que têm, pra depois ele ir voltando pra comprar as coisas que ele precisa**, que ele quer comprar tudo assim em cima já, mas ele não vai pagando as que tem, **ele paga as que dá**, entendeu? **ai é desse jeito...que vai vivendo**. [A.L]

Pudemos depreender das falas do adolescente e da adolescente que ambos revelam contradições entre perceber que a família passa por necessidades econômicas (falas dotadas de emoção) e negarem essa percepção, em suas próprias narrativas. Ambos relatam que possuem “**condições boas até**” [A.L]; “**falta pouca coisa às vezes**” [M.A], porém relatam, na maior parte das falas, que “**a gente não tem condições**” [A.L]; “[percebi] **a dificuldade da minha mãe que ela tava passando...** [pra] **compra meu material, compra comida pra dentro de casa, um monte de coisa**” [M.A].

Outro ponto a destacar são as falas de A.L. Ele atribui ao seu pai as dificuldades financeiras. Relata várias vezes que seu pai é que “gasta demais”; “**a gente tem as condição boa até, é que meu pai faz muita conta**”, o que pode indicar uma relação de causa e efeito, tal

como a ideia de que se seu pai não fizesse dívidas, assim como a “*compra das vacas para ajudar no leite*”, o problema da dificuldade financeira seria resolvido.

As autoras Melsert & Bock (2015 p. 780), em um estudo no qual investigam a dimensão subjetiva da desigualdade social em adolescentes ricos (as) e pobres, observaram que as desigualdades sociais foram naturalizadas pelos (as) adolescentes, “carregam uma visão simplista, naturalizada e ideológica sobre as desigualdades sociais, não considerando que são produzidas socialmente”. Os (as) jovens do estudo tinham ciência de que há pobres e ricos (as), no entanto, não demonstravam ser capazes de explicar sua condição social. Para eles (as) o aspecto principal e decisivo para ultrapassarem a condição de pobreza e ascenderem a riqueza era mediante o esforço pessoal para tal superação. Neste aspecto ressaltamos a concepção de mundo engendrada nestes (as) jovens através da cultura atual: numa sociedade neocapitalista tal como vivemos a própria naturalização socialmente inculcada é de que é o esforço pessoal que condiciona a ultrapassagem da pobreza à riqueza.

Assim, observamos também na fala de A.L sobre seu pai, quando utiliza o adjetivo “culpado” pelas condições financeiras, as quais poderiam ser melhores se este mudasse o seu comportamento de gastador. É necessário considerar que não pretendemos diminuir ou anular o pensamento de A.L sobre o possível consumismo pai, que, de qualquer forma, também se coaduna e reafirma o modelo capitalista de estímulo ao consumo o tempo todo, porém o que queremos ressaltar é que A.L apresenta uma justificativa para a pobreza centrada no sujeito, baseada no pensamento liberal, que define as pessoas pelas suas potencialidades e características individuais.

A pobreza nem sempre é percebida como resultado das diferenças em nossa sociedade e das relações de poder nela estabelecidas. Posto que a visão de que o pobre é responsável por sua condição, bem como por criar estratégias para sair dela, está enraizada no pensamento não apenas da classe dominante, mas também atinge o imaginário da população com pouquíssimas condições financeiras e os adolescentes dessa camada. [...] a meritocracia é propagada e internalizada em diversos contextos (TADA, et.al., 2021, p. 202).

Por conseguinte, a desigualdade social é pilar na sociedade de classes e, ao comando do capital, tal desigualdade se exacerba com o aumento da extrema pobreza e contraditoriamente de muitas riquezas. Destacamos, portanto, que a família não se isola do contexto histórico e cultural em que está inserida, pelo contrário, no contexto atual e neoliberal permeado pelas ideologias de manutenção do sistema capitalista, ela carrega as multideterminações das relações sociais e influencia as relações internas e externas a ela. Lessa (2012), reforça esta questão ao

dizer que não há desenvolvimento social sem interferência no desenvolvimento da pessoa e que esse desenvolvimento também interfere na sociedade, o que pressupõe uma relação dialética entre a pessoa e a sociedade e, de igual modo, entre família e sociedade.

As significações do adolescente e da adolescente sobre as condições socioeconômicas de suas famílias revelam que estes percebem e sentem as dificuldades materiais enfrentadas no âmbito familiar. Mesmo em alguns momentos em que ambos relataram “ter boas condições” constatamos que M.A e A.L compreendem os momentos de carência material e que, quando falam sobre isso, demonstram emoções, tais como tristeza e raiva pela condição que experimentam.

Diante dessas interpretações sobre as condições concretas e materiais, percebemos também que M.A manifesta comportamentos de choro e de isolamento, além de mudar sua percepção sobre a necessidade de seu pai ajudar pagando a sua pensão (esse aspecto será melhor explanado no Núcleo 3, atrelado à queixa). Enquanto que A.L, diante da vivência de dificuldades econômicas, culpa seu pai pelo excesso de gastos e, ao mesmo tempo, em suas palavras, “**trabalha o máximo que pode para ajudar ao pai**”. Disso se conclui que, em ambos os casos, não se reconhece os nexos entre as condições socioeconômicas em que vivem e as desigualdades sociais, assim como os (as) adolescentes estudados por Melsert & Bock (2015).

Insistimos nesse ponto que esse “não reconhecimento” é uma característica da concepção de mundo idealista e neoliberal. Há, portanto, uma interconexão entre esses (as) adolescentes e as concepções de mundo hegemônicas, essa interconexão, que orienta os modos de pensar, sentir e agir da pessoa no mundo revelam os sentidos (TOASSA, 2008).

Abordamos ainda, neste núcleo, as significações atribuídas por ambos às pessoas da família, no que tange as gerações anteriores. Ou seja, as relações por ele e ela percebidas entre a família de origem (avós) com seus pais. Quando questionada sobre o que conhece da origem de seus pais, M.A relata:

meus bisavôs sei muito não, **dos meus avôs** [paternos], **só sei que ele** [avô] **tinha um monte de coisa, casa, mercado dele aqui** [na cidade], **era bem de vida só que perdeu tudo na pingaiada, pingaiada que hoje em dia ele anda bebum aí pelas ruas.** [...] **ele e minha vó são casados e aposentados** [paternos]. [...] **ela aposentada por doença e ele por tempo de serviço, de carpinteiro** [M.A]

O pai da minha mãe trabalha até hoje, ele vai fazer quase **setenta anos**, ele e minha vó também são casados uns 56 anos, aí teve minha mãe primeiro, depois veio meu tio e minha tia [...] agora **do meu pai é vagabundo... o meu vó** [M.A]

Notamos que as significações de M.A sobre seus avós se atrelam às condições materiais e financeiras de vida com foco na figura masculina como chefe e provedor, “possuidor de bens”, tal qual o papel designado ao homem, historicamente edificado. Parece ainda haver uma visão naturalizada das construções dos papéis sociais, bem como das desigualdades que engendram a pobreza, as doenças, os vícios etc. Os sentidos atribuídos ao avô materno, que inclusive ajuda financeiramente a ela e sua mãe, é de um homem trabalhador, que quase aos setenta anos de idade ainda trabalha.

Por meio desse raciocínio, M.A estabelece uma relação de comparação entre os avós, “**agora do meu pai é vagabundo...o meu vô**”. Ou seja, mesmo que o avô paterno esteja aposentado por tempo de serviço, na função de carpinteiro, evidenciamos que para M.A, a produtividade constante é estimada, aspecto que revela os valores de uma sociedade baseada nos modos de produção capitalista, que inclusive invalida o idoso “improdutivo”. Ideias que revelam como a subjetividade de M.A vai sendo constituída dialeticamente com seu contexto social e histórico.

Perguntamos se M.A percebe alguma relação das famílias dos seus avós e bisavós com a família atual (seus pais). A adolescente relata aspectos mais voltados à educação escolar e aos modos como ela é educada, principalmente voltados a sua mãe e a relação desta com seus avós maternos, já que não possui tanto contato com seu pai e sua família

ah nenhum pouquinho, minha mãe talvez só um tiquinho do meu vô, **meu pai** acho que foi da família da minha vó da mãe dele, **bem pouca coisa**. [M.A]
Ah, **minha mãe do jeito de criar puxou totalmente a mãe dela, meu pai, acho que ele puxou... acho que ele puxou minha vó, ele é quietão na dele, ele não fala nada, mais quando ele fica bravo ele vem pra valer só que ele não bate**, ele não sabe bate, se ele bate vai bate de soco. [M.A]

ah... tipo na escola mesmo **minha vó sempre foi bem firme com minha mãe**, só com minha mãe, porque com os outros dois tios nenhum pouco, **com minha mãe foi bem firme, ela ensina, minha mãe também me ensina às vezes**, eu só... eu tenho bem dificuldade de aprender às vezes... **de boquejar, essas coisas, minha mãe puxou minha vó também, ela também bate, ela não é de falar às vezes**, só que agora com o celular, ela tira do celular...**minha mãe, puxou mais minha avó**. [M.A]

aprendi mais com a minha mãe né, porque a convivência é mais com ela, na escola mesmo, [...] minhas notas é tudo boa igual da minha mãe... só que eu **não puxei muito ela nesse negócio de briga** com os outros, **eu não sou de brigar, sou mais ou menos igual meu pai, gosto de ficar quietão, não sou muito de briga, odeio briga**. [M.A]

Evidenciamos que, inicialmente, a adolescente parece não encontrar aspectos relacionais. No entanto, à medida que vai contextualizando suas falas, ela percebe que sua mãe “puxou” os modos de criar de sua avó materna e seu pai “puxou o jeito”, aspectos que indicam seu modo de ser, com a mãe dele. Ela continua dizendo que, em relação à escola, sua mãe é bem firme com ela, que a ensina, assim como foi a avó materna. Reitera que suas notas são boas, iguais às de sua mãe, o que pode indicar uma reprodução geracional da valorização dos estudos. Sobre os aspectos que demonstram a maneira como lida com suas cognições e afetos, M.A aponta que sua mãe age como sua avó em relação às formas de educar e castigar. Logo, declara que “*odeia brigas*”, mas é interessante destacar que, quando questionamos sobre os motivos que fizeram ela e sua família buscar atendimento psicológico (analisados no núcleo 3), afirma “*qualquer coisa eu também brigava*” [...].

A partir das falas de M.A identificamos a categoria geração. “O conceito de geração comporta um aspecto relacional, ou seja, uma geração produz a outra. E esse movimento entre as gerações é dialético, no sentido de que, para afirmar-se, uma geração nega a antecedente e ao mesmo tempo a perpetua” (MOREIRA, 2001³⁷ *apud* CARVALHO, 2011, p. 126 – 127).

Nesta direção, assinalam Marx & Engels (2007, p. 422)

[...] o desenvolvimento de um indivíduo é condicionado pelo desenvolvimento de todos os outros, com os quais ele se encontra em intercurso direto ou indireto, e que as diferentes gerações de indivíduos que entram em relações uns com os outros possuem uma conexão entre si, que a existência física das últimas gerações depende da existência de suas predecessoras, que essas últimas gerações, recebendo das anteriores as forças produtivas e as formas de intercâmbio que foram acumuladas, são por elas determinadas em suas próprias relações mútuas. Em poucas palavras, é evidente que um desenvolvimento sucede e que a história de um indivíduo singular não pode ser de modo algum apartada da história dos indivíduos precedentes e contemporâneos, mas sim é determinada por ela (MARX & ENGELS, 2007, p. 422).

Desse modo, as experiências e os legados de uma geração a outra são apreendidas dialeticamente através da interação entre as famílias. A categoria geração contribui para a compreensão da constituição da subjetividade num espaço, nas relações sociais e num determinado momento histórico.

Observamos isso também nas falas do adolescente A.L, quando recuperamos o histórico de seus avós e o perguntamos se percebia alguma relação com seus pais. Inicialmente ele descreve sobre a condição de seus avós

³⁷ Moreira, Maria Ignez Costa. Gravidez na adolescência: análise das significações construídas ao longo de gerações de mulheres. Tese (Doutorado em Psicologia) – PUC-SP, 2001. Acesso restrito.

Tenho [avós paternos vivos], só que *eles são separados também*, mas sempre tão... *eles é de boa, hoje eles são amigos, a gente combina um almoço em família, aí meu pai chama os dois porque fica chato chamar um só... eles sentam, assim, eles conversam*, minha vó com o marido dela agora e meu vô é sozinho, eles tem... ele mora com o amigo dele e eles conversa, dá risada fica junto é isso aí, *amizade*. [A.L]

Materno só meu avô está vivo, mas *nem converso com ele porque ele também é ruim e ele bebe, bebe, o dia inteiro, todos os dias ele bebe, então pra você fala com ele tive sã, é raro, raro, então não converso com ele não*. [A.L]
[quando diz também é ruim se refere à sua mãe].

Ao questionar se ele percebe alguma relação da família dos avós com sua vivência familiar atual, A.L relata sobre a família do pai – sua avó e seu pai cuidam/educam do mesmo modo, porém, seus trisavós paternos eram muito agressivos na forma de castigar, no entanto, percebemos que ao longo das gerações esse padrão na família paterna mudou

E, tipo, *o jeito que eles cuida eu acho que é do mesmo jeito, meu pai*, agora o vô da minha vó [paterna] *diz que o vô dela era muito agressivo, aqueles povo antigo né, se você não fizesse o certo tinha uma vez só pra resolver isso depois ia apanha, apanhava*. [A.L].

Sobre os avós maternos, A.L também discorre sobre as ideias que construiu deles

[...] *sempre beberam, meu vô e minha vó por parte dela [mãe] beberam, e eles brigavam, brigavam entre si e queriam bate neles [filhos] também, só que aí depois que eles [filhos] foram ficando maior, mais velhos né, eles não deixavam mais apanha de graça, eles não revidava, mas segurava né, no seu limite, e tava certo!* porque *ficar apanhando de pessoa bêbada por motivo de pinga*, isso aí eu não tenho muito deles...ela [mãe] só falava a mesma história, ela sempre contou a mesma história e meus tios se perguntar pra eles confirmam, só isso aí mesmo. [A.L]

A.L, influenciado pelas histórias que a mãe lhe contava, constituiu uma ideia sobre a maneira como os avós maternos se relacionavam com sua mãe e com os outros filhos. Ele afirma que os filhos estavam certos em “não apanhar de graça”, evidenciando sua desaprovação sobre a forma de correção mediante o castigo físico

[...] *a gente vive coisa completamente diferente*, é uma relação assim que *eles era difícil [pais] e ela [mãe] que se tornou pessoa ruim por causa de motivo dela, dos pais dela, mas isso não significa que a gente tem que ter também pelos motivos dela, pelo motivo dela a gente tinha que sofrer*, entendeu? [A.L]

... porque *é errado né, a gente crescer apanhando por motivo nenhum, por motivo da infância do seu pai ou da sua mãe*. [A.L]

[...] pela família da minha mãe ela é meio ruim por causa que meu vô é ruim, ele é italiano daqueles ruim, [...] só que ele [avô materno] levou uma vida muito difícil também, os dois bebia muito, a infância da minha mãe e dos meus tios, pela parte da minha mãe, também foi ruim, [...] às vezes ela acha porque a infância dela foi ruim... ela não tem que deixar a infância minha e dos meus irmãos ruins também, entendeu? [A.L]

Seguindo as falas de A.L, podemos inferir que os sentidos constituídos por ele em relação aos seus avós maternos, bem como sobre sua mãe são de “pessoas ruins”. Verificamos que, para ele, sua mãe não deveria utilizar os mesmos recursos que os avós (bater para corrigir), pois agora já vivem de modo diferente. Apreendemos também que A.L considera a sua infância (período em que morava com pais, ainda casados) como sofrida e ruim, assim como foi a de sua mãe, e que ele parece estabelecer nexos da “**vida muito sofrida**” de seu avô com a de sua mãe e depois a sua e de seus irmãos, indicando assim, os legados que são apreendidos e transmitidos de uma geração à outra, dialeticamente, pelas suas relações.

Neste raciocínio, destacamos ainda a categoria mediação, que estabelece o processo intermediário entre os fenômenos. Ao analisarmos tais fenômenos, de imediato, vemos apenas sua aparência, mas desvelando as suas mediações constitutivas podemos alcançar sua essência. A mediação demonstra que o homem singular “jamais pode se constituir a partir do isolamento social” (SOARES, 2011, p. 37). As mediações são dadas nos espaços coletivos, em que uma pessoa atua na relação com outras e com objetos, ocorrendo a objetivação humana e a subjetivação da realidade. Portanto, a pessoa é sempre mediada pelas objetivações históricas do contexto em que está inserida e do qual se apropria, seu pensamento individual é mediado pelo pensamento coletivo e social.

A mediação foi uma importante categoria proclamada pela teoria de Vigotski, o qual nos diz que “cada pessoa é em maior ou menor grau o modelo da sociedade, ou melhor, da classe a que pertence, já que nela se reflete a totalidade das relações sociais” (VIGOTSKI, 1999, p. 368). Logo, na tentativa de compreendermos os sentidos atribuídos às famílias pelo adolescente e pela adolescente nesta pesquisa, não podemos nos descolar da realidade concreta em que tais sentidos são constituídos.

Observamos que há um padrão nas mediações apropriadas por essas famílias quanto às formas de correção dos (as) filhos (as). Reproduzem comportamentos que são reforçados em determinada época histórica, no entanto, também constatamos que houve, por exemplo, na família paterna do adolescente, um rompimento com as formas de correção mediante castigo físico, o que pode nos indicar que o grupo familiar de seus avós paternos, bem como seu pai, foram mediados por outros instrumentos que não a agressão física, aspecto que indica também

a atuação dos sujeitos como agentes de transformação da história. Igualmente, as apreensões destacadas neste núcleo revelam que a pessoa é determinada e, dialeticamente, determinante das relações sociais e históricas (a estrutura social).

Finalmente, avigoramos que no atendimento às famílias e seus integrantes numa perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural³⁸ deve-se intentar alcançar as raízes que desencadeiam os problemas que levam ao sofrimento psicológico e adoecimentos. Nesta direção, reforçamos as contradições próprias a uma sociedade dividida em classes.

[...] ao se pensar a atuação da psicologia junto à família, esta precisa ser tomada como uma família concreta que se constitui historicamente. A partir de uma abordagem dialética, entende-se que a natureza psicológica desenvolve-se em nível interno (em si ou intrapsicológico) a partir do externo (relação social entre as pessoas ou interpsicológico) (OLIVEIRA, 2020, p. 151).

5.2 NÚCLEO 2 – Família-adolescente: aspectos relacionais

Este núcleo é resultado do processo de síntese e articulação entre os seguintes indicadores: 1) Ideias construídas sobre si mesmo (a) e sobre como é visto (a) pela família; 2) Concepções sobre família: pensamentos e sentimentos; 3) Percepções sobre as relações familiares e ambiente/clima familiar e 4) Pensamentos e sentimentos sobre formas de castigos utilizadas pela família.

Neste núcleo buscamos apreender as significações do entrevistado e da entrevista sobre as ideias que constituíram a respeito de si mesmo (a) e como consideram que são vistos (as) por suas famílias. Suas ideias acerca das relações no âmbito familiar e formas de castigos presentes nas suas famílias, entendendo que esses aspectos se entrecruzam nos sentidos constituídos até esta etapa da vida sobre o que é família.

Vale notar que a subjetividade humana pode vir a ser confundida com o subjetivismo, o qual, por sua vez, enfatiza a gênese dos processos intrapsíquicos de modo isolado das condições concretas de vida. Entretanto, a subjetividade representa a qualidade geral dos processos, tanto individuais como sociais. “[...] A subjetividade é qualidade específica dos processos e fenômenos humanos nas condições da cultura, algo inseparável das condições de vida da

³⁸ Oliveira, R.B.S.O. Os fundamentos teórico-metodológicos da Psicologia Histórico-Cultural para o atendimento de família. (Dissertação de Mestrado). Maringá, 2020. Disponível em: <http://www.ppi.uem.br/arquivos-para-links/teses-e-dissertacoes/2020/rafael-barbosa>.

pessoa, ainda que não seja uma expressão direta e linear dessas condições”. (GONZÁLEZ REY (2015, p. 13).

Sobre os aspectos subjetivos do (a) adolescente, ressaltamos ainda que para Vygotski (2006a) o pensamento por conceito, que é possível se desenvolver na idade de transição, corrobora para que o (a) jovem possa compreender os nexos e as relações ocultas dos fenômenos. Nesse sentido, trata-se de uma forma de atividade intelectual que proporciona ao (a) adolescente pensar dialeticamente, permitindo que este (a) penetre sua realidade interna, suas próprias vivências e assim compreenda melhor a si mesmo (a).

Dito isto, iniciaremos com alguns trechos das respostas de M.A e de A.L que revelam como se percebem. Neste aspecto, cabe ressaltar, que não perguntamos diretamente como se percebiam, mas observamos durante as entrevistas que no contexto das falas ele e ela traziam ideias constituídas sobre si, o que consequentemente reflete ideias que também consideram sobre o que é ser adolescente, já que se encontram nesta etapa da vida que foi construída e significada socialmente.

A ideia construída de si é produto e, ao mesmo, condição das relações estabelecidas em sociedade. Assim, tais ideias estão interrelacionadas com as formas de vida de seus familiares, tais como mãe, pai, avós, tios etc. Alguns fragmentos abaixo revelam a ideia de que M.A formou de si

[...] pra eu pegar confiança é difícil, eu sou uma pessoa bem vergonhosa, igual minha tia. [...] eu sou vergonhosa, um pouco. [...] eu não confio muito em todo mundo, tenho poucas pessoas. [M.A]

eu sou uma aluna boa, mais ou menos, não tão nerd, mas uma das melhores alunas da sala de aula, igual ela [mãe], ela fala que eu sento no mesmo lugar que ela senta na escola, [...] [M.A]

eu não puxei muito ela [mãe] nesse negócio de briga com os outros, eu não sou de brigar, sou mais ou menos igual meu pai, gosto de ficar quietão, não sou muito de briga, odeio briga. [M.A]

sei não a causa... vem de repente, parece que você se emociona muito na hora da raiva, quando **eu fico com raiva dá vontade de ir pra cima, daí eu pego e saio e saio chorando e fico quieta no canto, senão vou brigar muito. [M.A]** saia pra não brigar... **eu não gosto muito de brigar. [M.A] é que eu ficava muito fechada. [M.A]**

ah não, **qualquer coisa eu também brigava, qualquer coisa eu também chorava, era um monte de coisa... [M.A]**

não sei explicar sobre minhas emoções, não sou muito de ficar vendo as emoções... é boa, divertida, aventura. [...] eu gosto de aventuras, eu gosto muito de ficar aventurando. [...] é, eu gosto mais de atividade física [...] gosto muito de cuidar da minha saúde [M.A]

[...] acho que quando eu tiver filho vai ser um e olha lá, filho dá muito trabalho. Porque tem que comprar as coisas, tem que dar respeito, ensinar as coisas, é muita coisa. [...] o trabalho que eu do pra minha mãe já dá pra ver, Deus me livre... [M.A]

Nas falas de M.A apreendemos que ela formou sentidos sobre si como alguém que é difícil de confiar nos outros, que é vergonhosa, assim como sua tia. Se vê como boa aluna, “umas das melhoras da sala”, assim como sua mãe. “Odeia brigas” e, nesse sentido, aponta relação com o comportamento de seu pai, que é diferente de sua mãe que briga, “não puxei ela neste negócio de briga”. No entanto, em outros momentos revela que “qualquer coisa também brigava”. Diz também que gosta de aventuras e atividades físicas, (como veremos melhor no núcleo 4), essas preferências relaciona com os de seus tios com quem convive diariamente. A adolescente demonstra ainda a ideia que construiu sobre filhos (“filho dá muito trabalho”) e assim relata a imagem de si como dando trabalho à sua mãe, isso, segundo ela, porque **“tem que comprar as coisas, tem que dar respeito, ensinar as coisas, é muita coisa”**.

A adolescente M.A estabelece relações entre si, seu modo de se comportar e alguns de seus familiares, tal como sua mãe, seu tio e tia. Relata que odeia brigas, mas, contraditoriamente, diz que qualquer coisa também brigava. Neste caso, parece não estabelecer relação alguma com o seu contexto, embora constatem, sua mãe tinha comportamento de brigas. Quando questionada sobre qual o motivo de achar que filho dá muito trabalho, ela declara primeiramente as questões econômicas, que como vimos no núcleo 1 e 3, despontam como dificuldades financeiras da família, porém ela também parece não relacionar as questões de ordem socioeconômicas da família com a estrutura de nossa sociedade, dividida em classes. O que consideramos, como já relatado anteriormente, uma reprodução da lógica da sociedade neocapitalista na qual vivemos.

Sobre os nexos que a adolescente estabelece entre os sentidos que possui de si e a semelhança com seus familiares, faz-se necessário frisar que o psiquismo, do ponto de vista histórico e dialético, desenvolve-se a partir das relações entre as pessoas. A este desenvolvimento dos processos psicológicos do (a) adolescente, Anjos (2013, p. 72), apoiado em Vigotski, coloca que esta etapa de transição possui como característica a ascensão das funções psicológicas e consequentemente a “formação de sínteses superiores (ou seja, a personalidade e a concepção de mundo)”.

Assim, é dada a importância da relação pessoa com outras mais experientes para que esta mediação ocorra, “no caso do adolescente, Vigotski asseverou que o meio social apresenta

e cria as necessidades que conduzem ao desenvolvimento do pensamento conceitual [...], o desenvolvimento deve ser entendido de maneira dialética” (ANJOS, 2013, p. 121). Portanto, as funções superiores, que podem surgir nesta idade de transição, não são fruto dos aspectos biológicos e sim do desenvolvimento histórico do comportamento, na dependência do meio e da experiência sociocultural do adolescente (VYGOTSKI, 2006a).

Quanto ao adolescente A.L também observamos em vários trechos da entrevista os sentidos que ele construiu de si

[...] de sociabilidade...***eu não tenho muita conversa pra ter amigo, sabe? Eu sou meio quieto...*** [A.L]

tem, tipo, quando ***eu fico um pouco estressado, muito nervoso, eu tipo, eu não consigo me controlar***, eu começo a chorar e, sei lá, fico quente, sentindo muito calor, muito nervoso. [A.L] é estresse... estresse aí... [...] ***eu perco o controle fácil.*** [A.L]

[...] ***não tenho paciência*** com ele não [irmão], ele é teimosão, não quer fazer as coisas certas [A.L]

Pra mim eu ***sou uma pessoa calma, mas tudo no limite né, eu ajudo o máximo que eu posso lá*** [no sítio], ***faço tudo o máximo que eu posso na visão deles*** [família], pra mim é isso aí. [A.L]

[...] Eu ***difícilmente eu vou fazer alguma coisa errado*** porque já é eu faço sempre as coisas da minha rotina eu ***num bebo, num fumo nem nada... ai difícilmente acontece ai de precisar ser corrigido só questão de briga com meu irmão*** ai é meu pai tem que entra no meio... isso ai tá certo [A.L]

[quando o nervosismo começou?] foi...nem sei, foi quando, hum...tipo, sei lá, ***adolescência? Fiquei mais forte parece***, aí que começou essa questão, ***eu não conseguia mais ter paciência pra ficar escutando***, mas não de querer partir pra cima dos outros... que eles [as pessoas sobre sua família, sua relação com mãe etc.] começam a falar muito, aí não dá. ***Eu fico irritado e perco o controle...*** [A.L]

Não porque meu pai sempre de vez em quando ele fala que eu tenho que sair, ir pra rua, conhecer alguém, aí eu falo “não... ***eu tô de boa porque isso ai agora de adolescência, isso ai não faz sentido, um monte de adolescente de dezesseis, quinze anos pra trás namorando e arrumando briguinha por causa de coisa aleatória***”, [...] ***os adolescente de hoje só quererem sair, beber e ir pra farra... eu não, vou ficar ajudando a minha família e é isso ai.*** [A.L]
O que que eu espero [da família]? Não espero mais nada porque já deu agora ***eu já to velho, eu tenho que construir a minha vida né*** [...] ***isso ai já é uma coisa minha da adolescência né, porque acho que todo adolescente gosta de jogar, mas eu falo assim, eu gosto sem exceção, eu já cheguei varar a noite jogando quando eu não precisava trabalhar*** na outra noite. [A.L]

As falas de A.L indicam que a ideia que ele construiu de si é de que ele possui dificuldade para ter amigos (as), pois “é meio quieto”. Também demonstra ter dificuldade para

se controlar quando está nervoso “**eu perco o controle fácil**” [A.L], por outro lado, se considera “uma pessoa calma”, que faz o “máximo que pode para ajudar a sua família”, alguém que dificilmente faz algo de errado, tal como beber e fumar.

Quanto às significações sobre o que considera a fase da adolescência, primeiramente ele relata sobre o nervosismo, o qual parece ter se acentuado quando entrou na adolescência, já que ficou mais forte “**adolescência?... Fiquei mais forte parece**”, “**não conseguia mais ter paciência**”. Em outro trecho (analisado no núcleo 3, sobre a queixa para atendimento), ele associa o nervosismo com questões biológicas “**acho que é mais dos neurônios memo, sei lá**”, o que nos mostra uma naturalização desta etapa da vida. No entanto, A.L afirma que não vivencia a adolescência como os outros (as) adolescentes, ele constituiu ideias próprias sobre como é ser adolescente nos dias atuais: **isso aí agora de adolescência, isso aí não faz sentido, um monte de adolescente de dezesseis, quinze anos pra trás namorando e arrumando briguinha por causa de coisa aleatória**”, [A.L] **os adolescente de hoje só quererem sair, beber e ir pra farra... eu não, vou ficar ajudando a minha família e é isso aí...** [...]. Em sua penúltima fala ele reitera essa ideia quando diz é “velho”, ou seja, parece não se considerar um adolescente tal como os (as) outros (as). Entretanto, quando questionado sobre seus momentos de lazer ele relata que gosta muito de jogar online, “**é uma coisa minha da adolescência né, porque acho que todo adolescente gosta de jogar**” [A.L].

Diante disso, a adolescência é tida, muitas vezes, como uma etapa natural ao desenvolvimento humano e recheada de características negativas, relacionadas principalmente às maturações biológicas típicas deste período. Sobre esta questão, Ozella & Aguiar (2008, p. 103), destacam um estudo³⁹ que realizaram com adolescentes, em que entrevistaram vários (as) jovens, questionando suas concepções sobre esta etapa da vida

Uma das características mais marcantes em todos os adolescentes, de todas as classes, dos dois sexos, de todas as faixas etárias e raças, é a reprodução de concepções socialmente instituídas sobre o que vem a ser adolescência [...]. Os adolescentes, do mesmo modo que Erikson, Aberastury, Debesse, Knobel, para citar alguns, afirmam a adolescência como momento de crise, rebeldia, transitoriedade, turbulência, tensão, ambigüidade, conflito (OZELLA & AGUIAR, 2008, p. 103).

³⁹ Os sujeitos foram 856 jovens do ensino médio da Grande São Paulo com idade entre 14 e 21 anos, de ambos os sexos, das classes socioeconômicas de A a E e de três etnias presentes na população estudada (brancos, negros, orientais).

Para Vygotski (2006a, p. 36, tradução nossa)⁴⁰ o problema incide porque “os cientistas biológicos tendem a esquecer com grande frequência que o adolescente não é apenas um ser biológico, natural, mas também histórico, social”. Foi a partir dos pressupostos do Materialismo Histórico-Dialético que ele apontou que a psicologia tradicional se equivocou ao afirmar que na idade de transição as mudanças emocionais eram o núcleo central e o conteúdo básico de toda a crise. Discordando dessa afirmação, assegura que há nessas teorias uma inversão na ordem do que, de fato, acontece, pois, segundo ele, não é na adolescência que as emoções predominam, mas sim nas crianças mais novas, já o (a) adolescente é na verdade um ser pensante. Assim, pela primeira vez o pensamento neste período ocupa o primeiro plano, como já vimos anteriormente.

Quando A.L afirma que seu nervosismo começou na adolescência, atribuindo ao fato de ele ter ficado mais forte, na verdade, percebemos uma mudança em sua forma de pensar, tal como ele diz “não conseguia mais ficar escutando” [as pessoas falando dos problemas de sua família], e não um processo puramente biológico, “dos neurônios” como ele diz.

Na adolescência a relação do (a) jovem com o mundo se modifica, tornando-se capaz de compreender a realidade na qual está inserido (a). A partir da relação com os (as) outros (as), ele (a) passa a compreender os valores que lhes são ensinados e a formar suas próprias concepções, assim, com o desenvolvimento intelectual, isto é, o pensamento por conceitos. O (a) jovem pode ter uma inteligibilidade do real, de si mesmo (a) e da própria conduta (LEAL & SOUZA, 2014).

Na continuação, veremos o relato de M.A. sobre a percepção que suas famílias têm dela

ah tipo **tenho vários apelidos na minha família...pro meu vô fala que sou a cowboy dele**, ele gosta de andar a cavalo comigo, e para minha tia eu sou, ah, **praticamente eu ando mais com minha tia**, para os lugar, sair, minha tia chama mais eu do que o filho dela, **meu tio, eu saio com ele**, tipo assim, ele entrega foto aí eu vou entregar foto com ele isso aí, com meus primos **eu brinco bastante...**minha vó nem tem como explicar porque ela vive domindo vinte e quatro horas por causa da diabete, **pra minha mãe eu sou normal, pra ela eu sou muito estudiosa**. [M.A.]

[...] ah, outras pessoas falando mal, falando ruim da gente, que eles não sabem o que a gente passa, o que a gente vive, e fica falando porcarias por aí né... e minha **mãe, ela me xingava de tudo quanto é nome**, sem motivo, na hora que ela tava brava querendo bater no zoto. Ela me xingava de muito nome. Ela **me xingava me chamava de palhaço, bosta, inútil, vagabundo... só que eu tinha dez anos, aí tipo, eu ficava com isso aí...** [pensamentos sobre mãe] [A.L.]

⁴⁰ “Los científicos biólogos suelen olvidar con gran frecuencia que el adolescente no es tan sólo un ser biológico, natural, sino también histórico, social”.

É, A primeira vez quando ela veio perguntar com quem eu ia ficar aí que eu falei que ia ficar com o pai, aí ela [mãe] começou a vim com aquele papinho de mãe “aí não sei o que, eu te pus no mundo e você não quer ficar comigo, ***você não me agradece por nada, você é um ingrato não sei o que...***” aí eu falei não do mesmo jeito de ficar com ele. [A.L]

A com a visão da minha família [atual] me sinto muito melhor por causa que eles sentem que eu posso fazer, tipo, eu vou fazer o que posso pra ajudar em tudo, por minha mãe não por minha mãe já me sinto horrível, porque pra ela quer mais, eu não vou fazer mais mesmo ela pedindo, a pessoa ruim do jeito que ela é ela não merece, não merece. Entendi? [A.L]

As falas nos permitem interpretar que muitos dos sentidos que descrevemos acima, se relacionam com a internalização que os (as) jovens vão produzindo a partir de seu meio, e das relações vivenciadas nesse contexto. A adolescente M.A, em seu relato, demonstra a relação estreita que possui com seus tios, avô e sua mãe e que as ideias que eles possuem dela, relacionam-se com a que ela internalizou, tal como ser *boa aluna*, ser *divertida*, como apontado quando ela falou dos sentidos sobre si mesma.

Já o adolescente A.L diz que, para sua família, ele é muito desatento. Sobre o pensamento da sua mãe relata “***ela me xingava de tudo quanto é nome, palhaço, bosta, inútil, vagabundo***, depois, ***ingrato***, e em sua última fala “***por minha mãe já me sinto horrível***”. Em relação à família atual, relata que eles “***sentem que ele vai fazer o que pode pra ajudar em tudo***”, “***faço tudo o máximo que eu posso na visão deles***”, e, portanto, se “***sente melhor com essa visão***”.

No que tange às ideias construídas sobre si, vamos observar que A.L se considera também desatento, conforme analisado no núcleo 3 sobre a queixa. Explica que não consegue prestar atenção na escola, o que denota que ele internalizou que possui essa dificuldade, bem como a dificuldade para ter amigos e de que é um jovem que “ajuda sua a família o máximo que pode”, como é percebido pela atual família. Essa ajuda que ele menciona, muito se relaciona com o fato de ajudar seu pai no sítio, como veremos melhor nos próximos núcleos, diante do que se pode inferir que A.L já está inserido no mundo do trabalho, e em sua concepção ele se vê diferente dos outros (as) adolescentes.

Importa destacar que os aspectos relacionais que definem os modos como os pais e os familiares de A.L e M.A. se relacionam com ele e ela e, por conseguinte, produzem as ideias, são o substrato dos processos cognitivo-afetivos que acontecem no interior das relações cotidianas e vão dando contornos aos modos de pensar sobre si, sobre a família e sobre como a família pensa.

Dando seguimento, perguntamos a A.L e M.A. quais **as concepções que eles possuem sobre “família”**. O que é e suas percepções acerca das famílias em que está inserido (a), seus pensamentos e sentimentos, isto é, seus sentidos.

[o que é família?] *família é... é a pessoa que te ajuda, que tá ali reunido, se divertindo, quando o outro briga depois pede desculpa se tiver errado... uma mão lava a outra, na família tem que ser.* [M.A]

[percepção sobre sua família] ah bem, *tem os defeitos, mas é uma família é bem reunida, bem comunicativa, as vezes tem uma briga ali, mas briga boba, daqui meia hora está todo mundo bem.* [M.A]

[o que pensa sobre sua família] ah, *eu penso que é uma família boa, tem pontos negativos... é uma família ótima até, comparado umas famílias que tá pior que a gente, nois tá bem.* [M.A] ah *eu me sinto feliz, alegre, eu me sinto bem, eu gosto disso, minha família.* [M.A]

Os relatos permitem verificar que as significações que M.A produziu sobre o que é família se conecta às ideias que ela trouxe anteriormente, como diversão e os aspectos de brigas. Família para ela é estarem reunidos, se divertindo e que, em caso de brigas pedem desculpas. São pessoas que se ajudam (a relação de ajuda entre sua família fica bem evidente no núcleo 1, em que foi constatado que sua família se configura em rede). Quando reflete sobre sua família (trecho 2 acima), retrata exatamente estes aspectos e, por fim, ela parece estabelecer uma comparação com outras famílias e conclui que a sua é ótima e, portanto, diz que se sente feliz e gosta de sua família.

[O que é família?] *Família é as pessoas que tão sempre ali do seu lado que cuida de você que vão te ajudar, te proteger de qualquer coisa, e sempre que você precisar eles vão estar lá, meus pais, meus pais, assim, meu pai,* minha madrasta e meus avôs [paternos], eles sempre vão tá lá pra ajuda. [A.L]

Minha família sempre que preciso de alguma coisa eles tentam me ajudar o máximo que eles podem também né do mesmo jeito eu tento retribuir pra eles, o máximo que eu posso. [A.L] [pensamento e sentimento sobre a família] *tudo ótimo, tudo beleza, não tem muito pensamento, a gente tá ali vivendo o que da.* [A.L]

[E sobre a família anterior?] *Era muito ruim né, sempre um clima chato dentro de casa, minha mãe acordava todos os dias estressada, brigando, aí acordava a hora ela queria também, mesmo meu pai querendo sair para trabalhar ela continuava achando ruim de tudo* [A.L].

Para o adolescente A.L, as significações constituídas sobre o que é família também são permeadas pela concepção de ajuda, às quais ele acrescenta ideias de cuidado e proteção. Relaciona ainda com pessoas que estarão sempre ali, caso precise. Deve-se ponderar, também, que ele considera a sua família atual (pai, madrasta, incluindo os avós). Com isso, relata que

está “tudo ótimo, tudo beleza”. Quando perguntado sobre sua família anterior (pai, mãe e irmãos), percebemos que seus pensamentos se diferenciam, sobre essa família ele construiu ideias de que “**era muito ruim**”, um clima chato, brigas etc., se contrapondo aos sentidos que possui de sua família atual.

Sobre as significações de M.A e de A.L sobre o que é família deve-se ressaltar que há um processo histórico de constituição da família no contexto da sociedade capitalista contemporânea e também de formação desse conceito, que expressa um movimento contínuo de transformação das relações sociais no interior da instituição familiar e que está ligado a uma totalidade social.

Considerando que há um significado social de família, Leontiev (2004, p. 101) discorre sobre a significação como componente da consciência. Para ele, este conteúdo se enriquece à medida que a pessoa se apropria dos significados sociais construídos pelas gerações precedentes, “pois não se trata apenas de sua experiência individual”. No entanto, a pessoa fica limitada às representações e conhecimento de sua época e contexto social, conforme assimila suas significações. A significação é o reflexo da realidade que suscita na consciência um reflexo generalizado do mundo concreto que foi elaborado pela humanidade e fixados como conceitos. A questão é o que uma dada significação, quando apropriada, se torna para ele (a) e para sua personalidade e isso implica um sentido subjetivo e pessoal que essa significação tem.

Portanto, podemos dizer que M.A e A.L se apropriaram dos significados sociais de família e, a partir de suas vivências familiares singulares, constituíram uma ideia para si do que é família e, conseqüentemente, de como as relações em seu interior deveriam se dar, tais como os padrões de ajuda, cuidado, proteção, diversão, perdão etc.

Dito isso, também veremos quais os sentidos que M.A e A.L formaram sobre suas **relações familiares** e seu ambiente familiar:

tá bem reunido, todo dia nós fica na minha vó [materna] [...] às vezes os alemão faz churrasco lá, ***vai todo mundo... a família inteira***, meus tios e meus primos ***ai fica tudo reunido*** [...] [M.A].

Antigamente nós não era assim, minha tia de lá de baixo não vinha pra cá, meu tio [...] não vinha muito pra cá... [M.A] ***agora com minha vó também está melhor, a gente quase não briga mais*** ela está pegando mais no pé do meu primo agora meu primo tá morando lá faz muita bagunça muita arte... [M.A].

[relação com mãe] ah, ***nunca foi tão ruim, sempre foi bom, mas... a minha mãe fica mais na colega dela do que em casa, então tá bom a relação com***

minha mãe... nois conversa, brinca às vezes, nois vê kwai junto, essas coisas [M.A].

[relação com pai] *a nossa relação é mais menos... quando dá vontade eu converso, quando não dá não converso, às vezes a gente fica semanas, meses sem se falar, nem ligo muito pro meu pai, nunca cresci com ele. [...] Eu passei só acho que uma semana só na casa dele, eu ficava em um quarto ele ficava em outro*, ele só chega, faz a janta e vai deitar, ele acorda as quatro horas da manhã para ir trabalhar... *então meio ruim*. [M.A] com ele eu vim ter contato agora *depois de uns doze anos que eu fui ter contato com meu pai*, que ele foi morar pra P. aí *não tinha muita relação*, aí *quando ele separou da minha mãe, até uns seis anos ele vinha me buscar, mais depois nunca mais veio, aí voltou agora com uns treze quatorze anos eu tinha...* [M.A]

Me sentia normal, nem ligava muito [período distante do pai]. *Eu nem me lembro muito quando era pequena, tem poucas fotos nossa, nem sei, eu ficava mais com a mãe dele, minha vó*, ela sempre morou aqui...minha vó, minhas meus primos, só com a minha tia não foi muito bom minha tia, mas o resto tudo bem, *só com meu pai e tia tava meio afastado* [emocionada] [M.A] ah o clima? eu nem sei, *com a família do meu pai é mais ou menos, família da minha mãe é ótima a relação*, só com a parte da minha vó que assim, a família N... não é muita coisa, *a família A... do meu vô é boa, nós somos bem amigos, todo mundo junto*. [M.A] ah me sinto bem, *é legal ter a família*. [M.A] ah, um negócio tipo legal, que *você gosta de estar ali toda hora, você gosta ficar com eles*. [M.A] [clima, ambiente familiar] *um clima bom*, porque *nois* [família materna] *é bem unido, quando um precisa outro vai lá e ajuda, quando precisa conversar outro tá ali, quando precisa de alguma coisa outro ajuda, nois tá bem reunido quando precisa*. [M.A]

Ah, porque *agora eu tô bem ali no meio eu converso com todo mundo, agora brinco com qualquer um*, aí com eu vou para I. com meu vô *gosto de ir bastante, eu gosto de andar a cavalo com meu tio*, que eu gosto, eu tenho um tio que eu gosto muito lá também *tô bem ali no meio deles*. [M.A] *bem melhor, sentindo feliz ali no meio, é gostoso está no meio da família*. [M.A]

Constatamos por meio das falas de M.A a historicidade de suas relações familiares. Relata que “*agora tá bem melhor, agora tudo mundo tá bem reunido*”, mas antes sua família não era assim, não se reuniam e havia brigas, principalmente com sua avó (esse aspecto pode ser observado no núcleo 3, sobre queixa). A adolescente também percebe que no momento a relação com sua mãe está boa. Quando comenta sobre seu pai, traduz a ideia sobre sua relação com ele como “mais ou menos”. Diz “nem ligo muito para meu pai”. Acrescenta que ficam tempos sem se falarem, depois ela declara sobre a relação “então meio ruim”. Quando questionada sobre o período em que ficou distante de seu pai, diz que se sentia “normal, nem ligava muito”, no entanto, à medida que fala sobre o distanciamento do pai, observamos que a adolescente se emociona.

O adolescente A.L também relata suas ideias de como percebe as relações familiares:

tipo, *eu tenho um problema com minha mãe né*, que *ela era pessoa muito ruim*, *ela sempre brigava sem motivo, batia sem motivo...aí acabei ficando meio afastado dela*, e *hoje não me dou bem com ela não...* Essa é a *angústia...* Esse ano eu nem fui lá ainda na casa dela e.... *eu falei com ela uma vez só por telefone por causa que meu pai ficou me enchendo o saco pra falar com ela, mas eu não queria*, eu falei só também oi e tchau e acabou. [A.L]

Porque *eu não quero! Não quero ir pra lá* [emocionado]. Ela fica...ela pede pro meus irmãos fala pra mim que *ela quer que eu ele eu vou lá, que ela quer conversar comigo, mas aí acaba que ela começa... aí eu vou falar as verdade pra ela e ela não me escuta também, ela não quer escuta, e ela começa a dá uma de brava eu vou perder a paciência, é melhor então deixar quieto, cada um no seu canto*. [A.L]

Porque *eu não aguentava mais ficar ouvindo desaforo dela*, ficava falando um monte de coisa aí *maltratando o zoto, batia sem motivo*, era *perigoso um dia eu acaba perdendo a cabeça*, ela fosse me bater e eu acabar batendo nela, então *ai vim morar com meu pai* [na separação] [A.L]

com a minha mãe foi desde sempre, ela sempre vinha com essas coisas, e... *ela* [mãe] *e meu pai brigavam muito*, *ela brigava com meu pai sem motivo nenhum* porque tipo...*ela achava ruim, ele saía pra trabalhar e voltava muito tarde ela achava que ele ficava na rua à toa*, ele trabalhava na usina entrava as seis e chegava até as onze da noite, da usina. E *ela achava ruim achando que ele estava na cidade atrás de outra*. Só que *ela também ela não gostava do meu pai*. Entendeu? [A.L]

ah, eles brigavam demais, *ela* [mãe] *achava que meu pai não dava atenção*, também brigava porque *ela queria dinheiro para comprar maquiagem*, essas coisas.

[...] E com *a família do meu pai sempre foi ótima todo mundo sempre se ajuda do jeito que pode, uma mão lava a outra*, a gente tem a nossa criação, minha vó tem a dela, *minha vó [paterna] precisa de uma ração para o gado a gente leva, quando a gente não tem ela entrega*, é isso aí, o meus bisavó por parte do meu pai não cheguei a conhecer não [...] [A.L].

[relação com pai]. *É boa, ótima, ótima. A gente briga de vez em quando, mas a maioria a gente ta sempre conversando sobre alguma coisa com calma. De vez em quando a gente discute*, mas por causa que ele é cabeça dura, e eu também, às vezes quer fazer alguma coisa... eu vejo que vai dar errado, tento explicar pra ele, mas ele fala que vai dar certo, aí acaba dando errado, aí a gente discuti, mas isso aí, *a maioria do tempo a gente tá de boa tá brincando, conversando* [A.L]

É boa também a gente sempre conversa bastante [madrasta], *brinca, da risada, a gente sempre tá ali conversando, ela fica dentro de casa, ela cuida da casa, aí quando eu posso eu ajudo ela em alguma coisinha dentro de casa*, é isso aí. [A.L]

Tipo assim a maioria é estresse... estresse aí... eu perco o controle fácil, que nem *meus irmãos...* é teimoso pra bexiga...meu irmão mais novo depois minha irmã. *Minha irmã*, ela já ta moça, praticamente não sabe fazer nada e se você

vai falar alguma coisa pra ela, ela que acha ruim, e *o que mais incomoda é que meu pai fica encobrindo ela, mesmo ele sabendo que ela tá errada, ele vê ela fazendo as coisas erradas, aí ele encobre, ainda fala que pra gente que tá bom desse jeito... só que eu e meu irmão tem que fazer do jeito certo, se a gente tiver trabalhando ou com ele em algum canto*, entendeu? *Meu irmão, meu irmão que vem depois dela é teimoso, ele gosta de enfrentar o zoto*, aí se você vai mandar ele fazer alguma coisa ele que fala “porque não vai você?” *ele quer enfrentar você*, entendeu?, *enfrenta você* aí... você fala “meu tô ocupado em alguma coisa, fazendo alguma coisa” ele fala “não sei o que... te vira” *ai me da estresse já*, isso aí, ele fala meu...*ai eu falo “vai fazer o bagulho que eu pedi, tô ocupado ajudando o pai em outra coisa”, ele “ah, se vira você”,* aí pra não brigar com ele, falo para meu pai, meu pai fala que manda ele fazer e mesmo assim ele não vai, só vai se ficar no pé. Entende? [A.L]

Com minha irmã não aí já é... *a gente também conversa e brinca só que quando vai explicar os baguio errado, as coisa erradas que ela tá fazendo ela não quer ouvi não*, ela sai andando e cabo... [A.L]

Ah, é um *clima bom [ambiente familiar]*, *a gente sempre tá muito feliz e alegre. Me sinto bem* também, porque *tá todo mundo feliz então fico feliz também*. [A.L]

[pontos positivos do ambiente familiar] ah *tudo né, amizade, a felicidade, tudo é importante ali, tudo que tem ali, a gente nunca por causa de alguma coisinha que acontece dificilmente a gente abala fica triste, só se acontecer de perder alguém, só esse motivo, mais não*. [A.L].

A.L, considera “ter um problema com sua mãe”. Relata que (quando morava com ela) “*ela sempre brigava sem motivo, batia sem motivo... “ela era pessoa ruim” aí acabei ficando meio afastado dela*” e que, atualmente, “não se dá bem com ela”. Também demonstra sua ideia de que prefere “*cada um no seu canto*”, pois “*não aguentava mais ficar ouvindo desaforo dela*, ficava falando um monte de coisa aí *maltratando o zoto, batia sem motivo*, era *perigoso um dia eu acaba perdendo a cabeça*” [A.L]. O adolescente ainda diz que isso o angustia e quando fala sobre não visitar sua mãe observamos uma fala dotada de emoção (raiva).

Nos fragmentos seguintes ele declara sua percepção sobre quando seus pais estavam casados, “*brigavam muito*” e indica uma correspondência entre o trabalho de seu pai (que chegava tarde) e o fato de sua mãe se perturbar “*achando que ele estava na cidade atrás de outra*”, o que para ele “era sem motivo nenhum”. Depois declara sua percepção de que sua mãe “não gostava de seu pai”. Em momento seguinte, perguntamos, novamente, sobre as brigas do casal, agora, o adolescente aponta também outros motivos “*ela [mãe] achava que meu pai não dava atenção*, também brigavam porque “*ela queria dinheiro para comprar maquiagem*”, essas coisas”. Dessas respostas se presume que A.L estabelece uma relação direta entre os motivos da briga: era sua mãe quem brigava com seu pai e que brigava sem motivo nenhum.

Em seus relatos, o motivo das brigas no relacionamento dos pais é a questão financeira e o tempo que sua mãe ficava em casa, condição vinculada ao papel construído socialmente para a mulher, tanto que em um dos fragmentos, em que ele fala da sua madrasta, se observa que esta parece “cumprir” o papel de dona de casa. Poderíamos dizer que os sentidos de A.L sobre sua família também se põem em conjunção com a questão de gênero e, por conseguinte, com os significados dos papéis sociais desempenhados por cada pessoa dentro da família, sobre isso continuaremos discutindo mais ao final deste núcleo.

Quando abordado sobre a família de seu pai, ele qualifica que **“sempre foi ótima, todo mundo sempre se ajuda do jeito que pode, uma mão lava a outra”**, o que nos leva a considerar que esses comportamentos, instituídos no âmbito da família paterna, muito se relacionam com a ideia de A.L sobre o que seja família. Relata ainda o que pensa sobre sua relação com seu pai, **“É boa, ótima, ótima”, “brincam, conversam”**. Afirma que, às vezes brigam, mas **“sempre conversam com calma”**, o que releva sua ideia de como as relações devem ser e sua reprovação sobre brigas e agressões. Com sua madrasta ele registra as mesmas ideias, **“é boa também a gente sempre conversa bastante [madrasta], brinca, dá risada”** e também possui uma relação de ajuda.

O jovem discorre ainda sobre sua percepção acerca do relacionamento com seus irmãos. Pontua que percebe algumas dificuldades na relação com eles, que são teimosos: **“...meus irmãos... é teimoso pra bexiga”**. Sobre o irmão [15 anos] ele diz **“ele gosta de enfrentar o zoto,”**. Sobre sua irmã, relata **“praticamente não sabe fazer nada”** e anuncia seu incômodo com seu pai **“a encobrindo”**, parece ainda estabelecer certa diferença na forma de educar que seu pai utiliza entre ele e seus irmãos e sua irmã, **“ele vê ela fazendo as coisas erradas, aí ele encobre, ainda fala que pra gente que ta bom desse jeito... só que eu e meu irmão tem que fazer do jeito certo, se a gente tiver trabalhando ou com ele em algum canto”**. No entanto, vale ressaltar a última fala do adolescente sobre sua irmã, em que ele diz **“a gente também conversa e brinca”**.

Em seguida, ele também aponta as ideias que tem sobre seu ambiente familiar **“a gente sempre tá muito feliz e alegre. Me sinto bem também”** [A.L]. Destaca os pontos positivos de sua família **“tudo né, amizade, a felicidade”**, o que nos faz entender que, apesar das brigas, e algumas dificuldades com seus irmãos, há também uma relação de afeto, amizade, tal como ele diz. Portanto, as relações no ambiente familiar, assim como na sociedade, são permeadas por tensões.

Sobre esta questão, recuperamos um estudo realizado por Carvalho (2011, p. 164)⁴¹ que trata dos sentidos e significados entre irmãos (ãs). A autora, discorre sobre essa relação

[os] conflitos e amizade entre irmãos são mediações afetivas das relações entre eles, pois o mesmo adolescente que diz odiar seu irmão também demonstra que o ama e tem com ele uma relação de amizade. [...] Pode-se afirmar que as relações afetivas vivenciadas pelos adolescentes [pesquisados] expressam, de modo geral, as relações entre todos os membros da própria família. As diversas formas que os conflitos entre irmãos podem tomar não são compreendidas como fenômeno isolado, mas como expressão de todo um conflito e toda uma violência social, estruturada e perpetrada pelas desigualdades sociais e pelas relações intersubjetivas (CARVALHO, 2011, P. 164).

Advertimos, ainda, que A.L é o mais velho e, conforme seus relatos, estabelece com tais pessoas uma relação hierárquica, justificando que aqueles (a), por exemplo, são “teimosos”, ou “não fazem as coisas certas”, dado que reproduz as relações hierárquicas que são historicamente constituídas dentro da própria família, tanto quanto na totalidade social baseada na violência e exploração das pessoas umas sobre as outras. Nessa direção, a autora acima também assinala o “papel do irmão mais velho” na tessitura da nossa sociedade

Em geral, o irmão mais velho se julga no direito de disciplinar o mais novo, pois acha que detém conhecimentos superiores e poder sobre o outro, uma vez que considera o mais novo como o mais “fraco”. Isso evidencia a relação geracional, que confere autoridade e mais direitos para o mais velho em detrimento do mais novo. Em geral, a autoridade do filho mais velho é convertida em atitudes autoritárias e legitimada por alguém da família – pai, mãe e/ou avós –, que lhe confere e transmite esse poder e responsabilidade (CARVALHO, 2011, p. 167).

Diante da percepção de M.A e A.L sobre os relacionamentos intrafamiliares, reiteramos que a produção dos sentidos sobre tais relações, sobre família e sobre si, decorre da fonte das vivências da realidade objetiva (TOASSA, 2020). Daí a importância de compreendermos qual o contexto em que esse adolescente e essa adolescente estão e como significam as suas experiências no âmbito familiar e social, ou seja, como esses sentidos, que são singulares, são produzidos socialmente a partir das tessituras sociais específicas.

Questionados sobre seus pensamentos e sentimentos em relação às formas de castigos utilizadas por suas famílias, M.A. relata

[como é corrigida pela família] ***minha mãe que me batia, qualquer coisa... se eu fosse mal educada ela já metia o tapa em mim em qualquer lugar, qualquer lugar me dava um tapa, meu vó, meu vó nunca me bateu, ele é mais de falar, meio quetão***, pouca coisa que fala, é aquele que ***fala mas não***

⁴¹ Relações entre irmãos adolescentes: sentidos e significados / Raquel Maracáipe de Carvalho. – 2011. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

briga muito, meu pai também nunca me bateu, nunca falou um a, só minha mãe, mais ninguém, ela que dava ordem [emocionada]. [M.A]

ah hoje em dia é mais minha tia que fica pegando no meu pé, minha tia, não pode bater prato, tem que sentar desse jeito, não pode colocar o cotovelo na mesa, um monte de coisa, ***minha tia que me ensina mais as coisas***. [M.A]
ah, agora só através da conversa, faz tempo que ela [mãe] ***não me bate ou tira meu celular também, que é meu ponto fraco, não aguento ficar sem celular, tira*** um, dois, três dias, aí quando é muito pesado é indeterminado até eu parar... [M.A]

já faz tempo que ela não me bate, ainda bem... bem melhor que apanhar, quando minha mãe batia, batia pra valer, prefiro ficar sem celular do que apanhar. [M.A]

minha mãe puxou minha vó também, ela também bate, ela não é de falar às vezes, só que agora com o celular, ela tira do celular...minha mãe, puxou mais minha avó. [M.A]

Os segmentos evidenciam que a família da adolescente se utiliza de vários recursos para corrigi-la. Antigamente sua mãe a castigava por meio de práticas físicas. Quando nos conta sobre isso, observamos que a jovem se emociona, indicando os processos cognitivos e afetivos que preenchem as lembranças (ideias) dessa forma de castigo – agressão física. No entanto, a jovem também convive/mora com seus avós e seus tios e relata que também é corrigida por eles, ainda mais pela sua tia (que veio morar junto após sua separação conjugal). Entretanto, essas pessoas (avô e tia) a corrigem por meio da palavra - conversa.

A adolescente também relata mudança no comportamento da mãe, “***faz tempo que minha mãe não me bate, ainda bem***”. Agora sua mãe utiliza o celular como castigo, retirando-o da adolescente, a qual relata que prefere assim, mesmo que seu celular “***seja seu ponto fraco, pois não aguenta ficar sem***”.

Importa mencionar que a adolescente consegue fazer nexos do comportamento de sua mãe, a forma como a castiga, com a maneira segundo a qual também foi educada por sua avó, o que nos faz depreender que os comportamentos são aprendidos e reproduzidos por meio dos exemplos praticados pelas gerações anteriores.

Questionado sobre a mesma temática, o adolescente A.L apresenta ideias semelhantes às de M.A sobre as formas de castigo físico:

[...] ***quando eu fiquei mais velho, assim... ela*** [mãe] ***me batia de cinta e chinelo depois que eu fiquei mais velho ela começou a me bater de soco***, [parece admirado, aumenta o vol. da voz], ***porque ela dizia que eu já tava velhinho e já aguentava apanhar***, entendeu? é isso aí. [A.L]

Ah com minha mãe não aprendi nada, aprendi só limpa a casa que ela obrigava a gente fazer, com meu pai aprendi muita coisa, ele me deu um pouco de educação e hoje tudo que eu sei praticamente foi ele que me ensinou, tudo que eu sei ele que me ensinou, e esse negócio de educação teve mais na escola, eu nunca fui uma pessoa assim né, ***eu sempre fui quieto na sala de aula***, daí a pessoa via a professora corrigindo o zoto eu ficava quieto assim eu só olhava e aprendia entendeu? ***Porque ela [mãe] não dava educação muito... o negócio dela era só bate ou aprende.***

Eu penso que era errado né! É errado. Nenhuma criança até seus quinze, que é a idade pra começar a fazer alguma coisa, hoje em dia né, ninguém deve sofrer assim né, mas ir pra rua, assim, jogar bola, soltar pipa, brincar e zoar, zoar assim né, na brincadeira. [A.L].

O adolescente expõe suas ideias (sentidos) sobre a forma como era castigado e como é hoje, sobretudo, considera que quando morava com sua mãe ele apanhava de diversas formas (chinelo, cinta, soco), as quais ele relaciona como modos de correção ineficazes, que contribuíram pouco, ou quase nada, para sua formação, ***“com minha mãe não aprendi nada, aprendi só limpa a casa que ela obrigava a gente fazer”, “ela não dava educação muito... o negócio dela era só bate ou aprende”***. Desse modo, reitera que considera isso errado, logo, estabelece uma comparação entre os modos de correção de sua mãe com os de seu pai ***“com meu pai aprendi muita coisa [...] tudo que eu sei ele que me ensinou.***

Abaixo abordaremos de maneira mais ampliada sobre os castigos físicos sofridos por A.L, mas aqui importa destacar uma questão: o adolescente menciona que com sua mãe aprendeu ***“só limpar a casa, que ela obrigava ele e os irmãos fazerem”***, em seu último trecho, demonstra seu pensamento sobre ***“nenhuma criança até seus quinze, que é a idade pra começar a fazer alguma coisa, hoje em dia né, ninguém deve sofrer assim né, mas ir pra rua, assim, jogar bola, soltar pipa, brincar e zoar, zoar assim né, na brincadeira.*** [A.L]. Sua ideia é de que até os 15 anos nenhuma criança deve fazer algo, somente, brincar. No entanto, o que queremos suscitar é a reflexão sobre a reprodução do papel da mulher como cuidadora do lar numa sociedade dividida em classes, em que se define os papéis de homem e mulher. Indagamos se após os 15 anos (caso o adolescente ainda morasse com a mãe) ele concordaria em fazer os deveres domésticos, visto que hoje, como relatado acima, ele trabalha ajudando seu pai nos serviços do sítio, considerado por ele “ser sofrido e muito pesado” – na concepção da sociedade atual, “serviços de homem”.

Por meio das suas declarações, percebemos a reprovação sobre a forma como era castigado pela mãe (agressões físicas). Porém, sua realidade revela uma contradição entre o que A.L esperava que uma criança/adolescente fizesse ***“ir pra rua, assim, jogar bola, soltar pipa,***

brincar e zoar, zoar”, e a sua maneira atual de conduzir a vida, mas ele não evidencia isso, daí porque também apontamos para a divisão social na definição dos papéis de gênero.

O que o papel esconde é que ele é constituído a partir das relações sociais, determinadas pela divisão social do trabalho e pela dominação de classe. A família que circunscreve esse papel, produto histórico, aparece com o algo “natural”, de tal forma que os papéis sociais familiares aparecem também como naturais”, ou seja, como invariáveis e independentes das relações sociais de classes. Isto é a pura ideologia atuando. [...] O Estado determina os papéis sociais em função de seus interesses. Quando não pode fazer isso através de leis, usa dispositivos que, insinuando-se no tecido social onde devem atuar, vão criar normas para as condutas dos diferentes membros da família. E o papel social familiar não apenas outorga essas normas, como esconde o processo de sua constituição histórica (REIS, 1989, p. 115 – 116).

Assim, também depreendemos que o modelo de família nuclear burguês, representa, em seu interior, as mazelas das mais diversas violências e manifestações das desigualdades historicamente constituídas. E ainda comporta uma hierarquia rígida de gênero e idade nas relações familiares. “Faz-se necessário, [...] considerar as várias formas de violência nas relações intrafamiliares (psicológica, física, sexual) e o quanto elas refletem outras formas de violência estrutural, tais como as de classe, gênero, raça e etnia” (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2019, p. 27)⁴².

O adolescente demonstra suas significações sobre a forma de correção, mediante o castigo físico, que sofria de sua mãe. Entretanto, distinguimos que não se tratava apenas de agressão física, pois como verificado em muitos casos, a violência física vem acompanhada também da psicológica, fato que é confirmado por A.L quando relata os xingamentos (nos trechos acima) recebidos. Nos extratos seguintes, demonstra suas ideias sobre o modo como é corrigido por sua família atual

[modo como é corrigido atualmente] ah... **na conversa né!** Eu dificilmente eu vou fazer alguma coisa errado porque já é eu faço sempre as coisas da minha rotina eu num bebo, num fumo nem nada... aí **difícilmente acontece aí de precisar ser corrigido só questão de briga com meu irmão** aí **é meu pai tem que entra no meio... isso aí tá certo** [A.L]

Ah **é o jeito certo né** [modo de correção atual], **porque a minha mãe, ela queria bater pra resolver as coisas, eu fazia do jeito que ela queria ou eu apanhava, mas do jeito que minha família faz é muito melhor, chega e conversa, senta e conversa** é mais fácil, **ninguém precisando perder a cabeça...ótimo.** [A.L]

⁴² Conselho Federal de Psicologia. Referências técnicas para a atuação de psicólogas(os) em varas de família (2019).

tipo (risos) *por parte da minha mãe não passaria nada*, agora *do mesmo jeito que meu pai me ensinou assim na calma, conversando, explicando, do mesmo jeito eu ensinaria meus filhos*, a não fazer coisa errada, a não sair pra rua beber, matar ou usar droga e isso aí, ensinaria também eles mexe também com os animais na calma, e é isso aí. [A.L]

[...] porque *é errado né, a gente crescer apanhando por motivo nenhum*, por motivo da infância do seu pai ou da sua mãe. [A.L]

Os relatos das suas vivências indicam que A.L formou a ideia de que o modo como sua família atual o corrige é muito melhor, por meio da conversa, explicações com calma. “*é muito melhor, chega e conversa, senta e conversa* é mais fácil, *ninguém precisando perder a cabeça...ótimo*”, “*na calma, conversando, explicando*”. Reitera, mais uma vez, seu pensamento sobre apanhar e no último trecho diz “*é errado crescer apanhando por motivo nenhum*” e relaciona o comportamento agressivo de sua mãe com a infância dela.

Em síntese, ressaltamos as semelhanças entre as significações tanto de A.L. como de M.A sobre a desaprovação quanto à agressão física, como forma de correção pelos seus pais, bem como os nexos que eles conseguiram fazer de que os seus genitores, que utilizam o castigo físico, também passaram na infância e adolescência, foram corrigidos por meio dessas mesmas práticas. No entanto, eles desaprovam essa reprodução e relatam a preferência por outro modo de correção e educação, como o diálogo e a explicação “com calma” e, até mesmo, por meio da retirada de algo que valorizam, como o celular.

5.3 NÚCLEO 3 – A demanda por atendimento psicológico e família

Este núcleo é resultado do processo de síntese e articulação entre seguintes indicadores:

1) A busca por atendimento psicológico: percepções da adolescente e do adolescente; 2) Compreensão sobre pensamentos e sentimentos e a relação com o contexto familiar.

Neste núcleo buscamos apreender as significações da adolescente e do adolescente, refletindo sobre o que motiva as famílias a buscarem atendimento psicológico para eles. Para tanto, temos como objetivo ir além da imediatividade das queixas, na tentativa de compreender a essência oculta desse fenômeno que, por vezes, patologiza os indivíduos que “necessitam” desse tipo de atendimento em uma Unidade Básica de Saúde (UBS).

Para isso, utilizaremos o aporte teórico da Psicologia Histórico-Cultural e do Materialismo Histórico-Dialético, bem como a crítica suscitada pelos autores dessa abordagem em relação à psicologia tradicional burguesa que é baseada no modelo biomédico, que não

considera as multideterminações e naturaliza todos os processos da vida humana. Na psicologia tradicional, a adolescência é uma fase típica de características biológicas e psicológicas inevitáveis e universais, portanto, naturais, concepção que procuramos refutar nesta pesquisa.

A fim de fomentar o início da discussão, iniciaremos com a fala A.L, quando questionado sobre como percebe seus pensamentos e emoções (cognições e afetos)

No momento atual... mais ou menos ne, que tem vez que eu tô de boa, tem dia que eu acordo estressado sem motivo, tudo me incomoda, qualquer coisa me incomoda, isso aí eu já não entendo, aí começa a me incomodar na parte assim da manhã, tudo me incomoda aí depois eu vou me acalmando... vou ficando de boa, entendeu? Isso aí não sei... as coisa começa a da errado de manhã cedo aí já não é um dia bom, que nem meu pai fala se você levanta e tudo começa a dá errado de madrugada já não é um dia bom pra você, para tudo o que você está fazendo aquele dia e procura descansar [A.L].

Quando questionado se compreende alguma relação entre seus pensamentos, emoções e comportamentos com seu o contexto familiar ele responde, após afirmar que tem dias que “**acorda querendo quebrar tudo**”. *Não sei, é do nada, é aleatório, posso dormir bem é que eu acordo assim, acordo irritado do nada, eu sempre tô de boa.* [A.L]

...Não, porque eu to de boa, isso aí [emoções e pensamentos] é uma coisa aleatória pra mim, to normal e acordo estressado sem motivo nenhum, uma coisa muito aleatória, porque não tem relação [com seu contexto familiar], a gente sempre tá de boa e feliz é isso, acho que é mais dos neurônios memo... sei lá. [A.L]

As mesmas questões foram suscitadas com a adolescente M.A que respondeu sobre o seu estado atual. No que se refere às suas percepções acerca dos seus afetos e cognições e se percebe nexos com o contexto familiar

*Não sei explicar sobre minhas emoções, não sou muito de ficar vendo as emoções... é boa, divertida, aventura... meus pensamentos agora tá bem melhor, é bom meus pensamento, eu gosto, tô sentido mais alegre, mais divertida, eu gosto de aventuras, eu gosto muito de ficar aventurando [M.A] [como está e relação com família] uh **tó achando que não... ou... talvez um pouco**, não sei, não sei falar sobre isso também. [M.A] **...antigamente eu me cortava até... eu gostava de solidão**, sem ninguém, **eu entrava no banheiro às vezes e me cortava, agora eu parei com isso** [tristeza, choro]...ah, **agora eu acho que era uma coisa bem estúpida o que eu fazia, nada a ver** [M.A]*

Por meio desses relatos se nota que ambos os entrevistados carecem de discernimento sobre como seus pensamentos, afetos e comportamentos se constituem e, tampouco conseguem estabelecer nexos com suas realidades vivenciadas, ou seja, parece haver uma noção de que pensamentos, afetos e modos de agir são descolados do contexto histórico-social em que são

produzidos. Parece ainda haver uma apropriação de características como instabilidade emocional, hormônios, rebeldia etc. como naturais à fase de desenvolvimento em que estão, a adolescência. Observamos isso nos trechos **“isso aí [emoções e pensamentos] é uma coisa aleatória pra mim, to normal e acordo estressado [...], acho que é mais dos neurônios memo”**[A.L.]. Na entrevistada também relata **“Não sei explicar sobre minhas emoções, eu entrava no banheiro às vezes e me cortava, agora eu acho que era uma coisa bem estúpida o que eu fazia, nada a ver”** [M.A].

Disso se depreende que tais processos cognitivo-afetivos são tidos como algo interno, como se surgissem “do nada”, “aleatoriamente” e produzissem comportamentos como brigas e automutilação descolados da realidade concreta em que são constituídos. Essa visão muito se assemelha a concepção enraizada na sociedade sobre a adolescência, como sendo uma fase de imaturidade, sem nenhuma gênese social e imposta naturalmente no curso do desenvolvimento

Rebeldia, desenvolvimento do corpo, instabilidade emocional, tendência à bagunça, hormônios, tendência à oposição, crescimento, desenvolvimento do raciocínio lógico, busca da identidade, busca de independência, enfim todas as características são equiparadas e tratadas da mesma forma, porque são da natureza humana (Bock, 2007, p. 72).

Assim, para a autora (2007), não se busca a gênese da fase de transição, mas sim reforçar uma crença que limita os fenômenos apenas à sua aparência. Desse modo, se a adolescência é uma fase típica e natural do desenvolvimento da pessoa, o foco deve estar na descrição de características que vão se atualizando conforme o indivíduo vai se desenvolvendo.

[...] não há leitura social alguma. As relações com o mundo social e adulto aparecem somente como interferência; interferem, mas não constituem”. As diferenças existentes entre os adolescentes se dão devido às influências do meio que facilitam ou dificultam o desabrochar daquilo que é potencial (BOCK, 2007, p. 73).

É com essa bagagem cultural, transmitida socialmente que os (as) jovens e suas famílias chegam para o atendimento psicológico. Muitas das vezes, estigmatizando a conduta e, até mesmo, o “adoecer psicológico” do (a) adolescente, partindo de um modelo biologizante. Nesse sentido, cabe ressaltar, como observado por Bock (2007), em seus estudos em livros destinados a pais e educadores sobre a adolescência⁴³, que as relações familiares dos (as) jovens são vistas

⁴³ Para uma análise mais detalhada sobre este estudo ver “A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores” (BOCK, 2007), disponível em: [SciELO - Brasil - A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores](#)

apenas como fatores de influência sobre estes (as), mas não como relações que constituem suas formas de vivenciar a adolescência. Outro ponto destacado pela autora, que extrapola o âmbito das relações familiares, é a questão das diferenças de classes

[...] são evidentes as diferenças entre os grupos das diferentes classes sociais devido a diferentes formas de inserção social. Mas nada disso está apresentado e debatido, pois a adolescência está tomada como universal e natural. Os textos [analisados pela autora] não servem para a compreensão de jovens de outros grupos sociais. Ao contrário, impõe um modelo que, ao não se apresentar no processo do desenvolvimento, leva a consideração de anormalidades e patologias, ao invés de apenas diferenças decorrentes das diferentes inserções na sociedade (BOCK, 2007, p. 73).

Isto posto, defendemos uma concepção histórico-cultural de adolescência, tal como colocam Aguiar, et.al. (2007, p. 167) “uma concepção que “despatologiza” o desenvolvimento humano na medida em que o torna histórico”. Isso não significa negar que o (a) adolescente também é biológico (a), “mas também histórico, social” (VYGOTSKI, 2006a, p. 36).

Os relatos a seguir visam ilustrar as significações de M.A. e A.L. sobre a busca por atendimento psicológico. Quando questionada sobre o que a motivou buscar atendimento, relata

minha mãe queria que eu buscasse por causa do meu pai, por causa da pensão, estava na justiça, um monte de coisa, então minha mãe achou que eu precisava... minha mãe, minha vó, minha tia, todo mundo, no começo eu não queria não...[M.A]

[...] aí depois veio meu tio aí foi preso aí fiquei mais quieta no meu canto sem falar com ninguém. [M.A] ...fiquei chateada, fiquei sem saber onde eu tava, lugar que eu tava, confusa da vida, cabeça cheia... eu gostava, era muito grudada com ele, ele ficou oito meses preso... é muito ruim... acho que quando ele foi preso eu chorei mais que minha tia. [M.A]

[saúde mental] ah, *era bem pra baixo, bem tristão* [sobre seus pensamentos] *passava muita merda na cabeça, muita coisa ruim [...] antigamente eu me cortava* [tristeza, choro]. [...] *eu não sei a causa, vem de repente, qualquer coisa eu também brigava, qualquer coisa eu também chorava, era um monte de coisa... não podia falar nada pra mim que eu já brigava, com a minha vó [materna] mesmo eu brigava direto, ela era quem me dava mais raiva. [M.A]*

Para a Psicologia Histórico-Cultural, baseada nos pressupostos dos Materialismo Histórico-Dialético, a pessoa é histórica, que se constitui a partir das relações humanas e do contexto histórico em que está inserida. Sendo assim, a leitura das queixas expressas nas falas de M.A e A.L. deve ser compreendida para além dos sintomas da adolescência e analisadas em seu contexto de produção, o qual contribui com conceitos e opiniões saturadas de significações que nutrem a ideia de o (a) adolescente como problemático em sua natureza.

O Conselho Federal de Psicologia (CRP), ao tratar das “Referências Técnicas para a Atuação de Psicólogas (os) na Atenção Básica à Saúde” (2019), coloca que, no campo da saúde, principalmente na Atenção Básica (AB), o conceito de saúde extrapola a doença. Que nesse nível de cuidado, as necessidades de saúde são muito complexas, pois envolvem pessoas, instituições e problemas de ordem social e que exigem considerar os seus determinantes sociais e reconhecer que as demandas (inclusive as de saúde mental) possuem múltiplas determinações

[...] Tais demandas, ainda que possam estar articuladas a fenômenos que se relacionam ao corpo biológico, terá como condição *sine qua non* o vínculo com o sujeito e **as condições que se fizeram presentes para tal condição no território, sejam as condições concretas dos espaços de vida, vínculos, relações e até projetos de vida** (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2019, p. 30, grifo nosso).

[...] Ter boa saúde e qualidade de vida [...] está ligado **a condições que envolvem moradia, saneamento básico, educação, emprego e ambiente de trabalho, alimentação, situação familiar e rede de apoio**, mobilidade e segurança, enfim, uma série de fatores (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2019, p. 34, grifo nosso).

Dessa forma, o (a) profissional psicólogo (a) da Atenção Básica (AB) deve se inserir no cotidiano dos (as) usuários/pacientes. Romper com concepções biologizantes e mecanizadas da vida, com diagnósticos engessados e com uma atuação individualizada. Buscar sempre compreender dinâmicas das pessoas de maneira profunda e com comprometimento social, pois “aquelas pessoas que frequentam a unidade de saúde, tem uma situação sócio histórica que determina o seu processo de adoecer e de ter saúde, um *ethos* a ser transformado” (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2019, p. 32).

Ao tratar do modelo biomédico no campo da saúde, González Rey (2015), assinala que historicamente a psicologia se apropriou desse modelo e vem focalizando no estudo da doença, classificando comportamentos que “supostamente fogem aos critérios de normalidade” como patológicos, desconsiderando, assim, a gênese social implicada na constituição da subjetividade. Um bom exemplo disso, é caso do DSM (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders⁴⁴), que classifica os transtornos mentais. E, dessa forma, se os fenômenos psicológicos são históricos, a subjetividade deve ser compreendida como constituída nas relações da pessoa com o mundo material.

Quando analisamos as queixas da adolescente M.A ela diz “**minha mãe queria que buscasse** [o atendimento psicológico] **por causa do meu pai, por causa da pensão**”, “**todo mundo achou que eu precisava**” [seus familiares]. Constatamos uma jovem e sua família

⁴⁴ Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), que atualmente está na sua 5ª versão.

extensa materna em dificuldades econômicas básicas de sobrevivência, na urgência de receber a pensão paterna que era paga de modo irregular. A adolescente ainda relata seus pensamentos e sentimentos atrelados a queixa “[eu] *era bem pra baixo, bem tristão, passava muita merda na cabeça, muita coisa ruim [...] antigamente eu me cortava [...] não sei a causa, “vem de repente”, qualquer coisa eu também brigava, qualquer coisa eu também chorava, [...] com a minha vó [materna] mesmo eu brigava direto*” e continua “*ai meu tio ai foi preso, ai fiquei mais quieta no meu canto, sem falar com ninguém [...] chateada, [...] eu tava, confusa da vida*” [...].”

Os sentidos atribuídos pela adolescente sobre si atrelados a busca por atendimento psicológico explicitam a ideia de que ela possuía dificuldades para lidar com suas emoções e comportamentos, “*pois qualquer coisa brigava*”, no entanto, ao compreendermos o contexto de produção da fala, notamos que havia motivos que suscitavam na adolescente afetos e pensamentos que direcionam o seu comportamento. Apesar de ela dizer “*vem do nada*”, “*não sei a causa*” como se fosse algo que irrompesse do seu interior de maneira natural e involuntária, em outro momento ela estabelece uma relação com seu contexto:

[...] *geralmente por causa da minha mãe [que] falava do meu pai, sobre meu pai, que meu pai era [...] vagabundo, só faz filho, fez filho e agora não quer pagar pensão*” *falava um monte de coisa do meu pai elas, ai me dá raiva que fala o meu pai, eu não gosto quando fala do meu pai, minha mãe e minha vó falar do meu pai não dá, não gosto... acontecia direto... já me irritava... eu pegava e saía dali, ia embora pra minha casa [da casa da avó] ou ficava lá fora na calçada. [M.A]*

Outro componente da queixa é a prisão do tio (esposo de tia materna) que a afetou significativamente, pois relata que era “*grudada*” nele. A ideia constituída por M.A sobre seu tio indica um vínculo estreito, tanto que em outro extrato abordado no núcleo 1 ela relata que antes “*vivia na casa da tia*” (isso quando tios ainda eram casados). Logo após a prisão do tio ela relata “*chorei mais que minha tia*”, “*fiquei mais quieta, sem falar com ninguém*”, esse isolamento também gerou preocupação da parte dos familiares e motivou a busca por atendimento psicológico.

O histórico da queixa e as ideias da adolescente sobre a necessidade de atendimento psicológico revelam um movimento: as mudanças ocorridas em sua vida desde a solicitação por atendimento – mediante encaminhamento médico⁴⁵ – até o momento da triagem e,

⁴⁵ Cumpre destacar que os atendimentos realizados pelo setor de psicologia na UBS do município onde a pesquisa foi concretizada são feitos mediante encaminhamento de terceiros, como médicos, instituições, Conselho Tutelar

posteriormente, a realização da Entrevista de História Oral, indicam que à medida que os fatos foram ocorrendo, os sentidos atribuídos por ela às suas relações e vivências familiares também foram se modificando.

Ao considerarmos a conjuntura de nossa sociedade atual, dividida em classes, individualista, provedora de vasta desigualdade social que afeta as famílias e o funcionamento das relações estabelecidas em seu interior, concluímos que as pressões socioeconômicas contribuem para o adoecimento psíquico e medeia a constituição dos sentidos, tal como captamos no caso de M.A. Sobre essa constatação, que trata da desigualdade social e adolescentes deprimidos, Tada, et.al., (2021, p. 203) afirmam:

A exclusão social, o preconceito, a escolarização aligeirada, a dificuldade ou falta de acesso a serviços de saúde, a carência de recursos financeiros, entre outros fatores sociais, políticos e econômicos contribuem para o sofrimento psíquico, como a depressão em adolescentes em situação de vulnerabilidade social (TADA, et.al., 2021, p. 203).

A luta contra o sofrimento psíquico deve ultrapassar os limites biológicos, como proposto por Oliveira, et.al (2017, p. 253):

O conhecimento biomédico [...] ignora a processualidade das experiências de vida da pessoa e a complexa organização simbólica dos diferentes elementos que constituem os espaços sociais das suas experiências que, por sua vez, são tramas indissociáveis do momento depressivo. [...] Podemos dizer, portanto, que o domínio do saber biomédico elimina o sujeito da “patologia”, propiciando um conhecimento parcial da depressão, ao diagnosticar pessoas por meio de meras manifestações de tristeza, sem atentar àquele que as vivências (OLIVEIRA, et.al., 2017, p. 253).

Segundo os autores esse olhar reducionista-organicista “elimina o sujeito, sua história de vida e experiências” necessitando assim, de uma compreensão do sofrimento/adoecimento psíquico na trama de vida que, mesmo nas dificuldades, cultiva recursos e potencialidades. Portanto, o sofrimento psíquico é vivenciado de modo singular pelas pessoas, mesmo que seus sintomas possam ter algumas semelhanças.

Nos relatos de M.A percebemos que este espaço de tempo, que incorpora as brigas na justiça para receber a pensão do pai e as dificuldades econômicas, a revolta da mãe e da família materna sobre esta questão e os conflitos experienciados no âmbito familiar, a prisão do tio,

etc., assim, obedecem a uma ordem de chegada, o que por vezes ocasiona um período de espera entre a entrega do encaminhamento e a chamada para a triagem e possível atendimento.

relevam o movimento histórico vivenciado pela adolescente, que condicionam os sentidos atribuídos por ela a estas vivências.

Os sentidos podem ser múltiplos e vão se modificando ao longo do tempo. Vemos isso na fala de M.A quando relata que, diminuiu as idas na casa da avó devido os desentendimentos entre a mãe e ela por causa do pai. Em outro momento da entrevista ela diz “**ai quando começou isso eu diminuí um pouco de ir na minha vó, [...] eu saía um pouco perto deles... ia pra um monte de lugar, mas com eles [família] eu não ficava muito não**” e continua “**hoje minha mãe nem fala muito do meu pai, hoje eu nem ligo, meu pai tem que pagar pensão mesmo. É o certo**”.

Quando questionada sobre o que a fez mudar de pensamento M.A relata “**a dificuldade da minha mãe que ela tava passando... pra comprar meu material, comprar comida pra dentro de casa, um monte de coisa... [emoção, choro] ai eu vi que precisava pagar pensão, pois ajuda**”.

Sendo assim, podemos perceber que M.A faz um movimento de distanciamento da família e se aproxima de outros espaços sociais, observamos também que as condições materiais socioeconômicas da família e a urgência para ter acesso ao básico, como comida, material escolar etc. corroboraram para uma mudança de sentido em relação ao seu pai e aos comportamentos da avó e da mãe.

Por último, cabe também destacar outros fatos que ocorreram na dinâmica familiar de M.A. Em outros momentos da sua narrativa, como abordado no Núcleo 1 (sobre configurações familiares) ela relata que o tio e a tia – que era casada e teve o marido preso – se separaram de seus cônjuges e voltaram a morar com os pais, assim, sua família se reconfigura em família extensa, ou seja, em uma rede de ajuda mútua, ela diz “**eu divirto bastante agora com eles, então acho que dá pra perceber pelo meu olhar, que é bem melhor do que antes**” [M.A] e continua

[...] **agora eu tô bem ali no meio, eu converso com todo mundo, agora brinco com qualquer um**, eu vou para I. [outra cidade] com meu vô, **gosto de ir bastante, eu gosto de andar a cavalo com meu tio** [materno] [...] **minha tia eu converso bastante [...] tô bem ali no meio deles**. [M.A]

[...] **meus pensamentos agora tá bem melhor, é bom meus pensamento, eu gosto, tô sentido mais alegre, mais divertida**, eu gosto de aventuras, eu gosto muito de ficar aventurando. [...] **hoje só de a gente não brigar tanto, achar motivo pra brigar já tá bem melhor [...] me sinto feliz ali no meio, é gostoso está no meio da família**. [...]

Notadamente, as transformações familiares objetivas que transcorreram na vida de M.A contribuíram para as mudanças subjetivas na produção de outros sentidos sobre tais vivências e o modo como ela se relaciona atualmente com sua família. Percebemos também que seus processos cognitivo-afetivos atuais se fundem com a ideia do que é família para ela (abordada no Núcleo 2), ela afirma **“família é...é a pessoa que te ajuda, que tá ali reunido, se divertindo, quando o outro briga depois pede desculpa se tiver errado... uma mão lava a outra, na família tem que ser.** [M.A]

Ao analisarmos as significações do adolescente A.L sobre como surgiu a demanda por atendimento psicológico, ele expõe que sua família que solicitou e ele aceitou, como relatado abaixo

ahh...eh...na verdade foi **minha família, eles acham que eu sou muito desatento**, e tipo, **eu tenho um problema com minha mãe né**, que **ela era pessoa muito ruim**, ela **sempre brigava sem motivo, batia sem motivo...ai acabei ficando meio afastado dela**, e **hoje não me dou bem com ela não...** Essa é a **angústia**...eu não sabia, mas eles falaram que era pro meu bem, eu concordei [A.L].

[...] [também] de **sociabilidade...eu não tenho muita conversa pra ter amigo**, sabe? **Eu sou meio quieto...** [A.L].

[...] quando **eu fico um pouco estressado, muito nervoso**, eu tipo, **eu não consigo me controlar, eu começo a chorar** e, sei lá, **fico quente, sentindo muito calor, muito nervoso** [A.L].

É possível constatar por meio das colocações de A.L que são vários os motivos observados por sua família para o propor atendimento psicológico, tais como *muita desatenção, problemas com a mãe, dificuldade social e muito nervosismo*. Dito isso, faz-se necessário compreender os sentidos constituídos por A.L sobre o contexto em que as demandas foram produzidas, isto é, adentrar no âmbito das relações familiares, buscando, portanto, a essência oculta da imediatez das queixas e seus nexos com a totalidade. Por exemplo, quando questionado sobre seus pensamentos e emoções quando solicitou atendimento psicológico ele esclarece

Ah, **era ruim** por causa que **eu tava sempre tentando tirar os pensamentos ruim da minha mãe de mim, só que quanto mais eu tentava mais eu ficava lembrando dela, os pensamento ruim dela, das coisas que ela fazia**, ai que eu fui procurar ajuda, eu não, minha família. [A.L]

O movimento em direção à constituição dos sentidos vai do empírico ao concreto, ou seja, à síntese das múltiplas determinações do fenômeno, buscando apreender o processo de produção das ideias. Esse movimento de apreensão das significações implica a mediação por categorias do Materialismo Histórico-Dialético (AGUIAR, et.al., 2015), dentre as quais se

destaca a historicidade, que “nos permite olhar para a realidade e pensá-la em movimento e, mais do que isso, apreender seu movimento” essa categoria permite “dar conta da gênese e do processo de transformação dos objetos” (AGUIAR & OZELLA, 2013, p. 302-303).

Dito isso, na entrevista de História Oral com A.L, em que se buscou apreender sua história de vida e sua constituição como pessoa, foi possível perceber um movimento entre passado, presente e futuro. No tocante as queixas, elas explicam suas vivências entre o passado (com a família antiga - nuclear) e o presente (na família atual - recomposta). Como abordamos no Núcleo 1, até os 13 anos, A.L morava com seus pais (ainda casados) e irmãos, porém, o casamento dos pais era marcado por muitos desentendimentos. Reitera, inúmeras vezes, a ideia que ele construiu de sua mãe **“era uma pessoa ruim”**, em outros trechos diz:

[...] **minha mãe, ela me xingava de tudo quanto é nome, sem motivo, na hora que ela tava brava querendo bater no zoto. Ela me xingava de muito nome. Ela me xingava, me chamava de palhaço, bosta, inútil, vagabundo... só que eu tinha dez anos, aí tipo, eu ficava com isso aí...** [A.L].

Assim, quando os pais se separam, optou por morar com seu pai, no entanto, os pensamentos sobre as vivências que teve com sua mãe persistiam. Pelo seu relato, os pensamentos se intensificaram após a separação **“só que quanto mais eu tentava mais eu ficava lembrando dela, os pensamento ruim dela, das coisas que ela fazia”**.

Recorreremos a Anjos (2017) sobre a organização das fases do desenvolvimento da personalidade. Ele descreve que este processo possui duas etapas: a espontânea e a etapa da autoconsciência⁴⁶ e que a adolescência compreende a transição entre essas duas etapas. Para o autor, a autoconsciência vai além de a pessoa conhecer seus próprios traços ou propriedades individuais, representa a capacidade dela se perceber num conjunto das relações sociais. Baseado em Leontiev (1978), Anjos (2017, p. 157) pontua que o “eu” mesmo estando nesse conjunto de relações não perde sua singularidade, na verdade, essas relações “possibilitam a formação da autoconsciência como social internalizada”.

Lenin escreveu acerca da diferença entre um “simples escravo”, um escravo conformado com sua situação, e um escravo que se rebelou. Não é esta uma

⁴⁶ Anjos (2017, p. 156) baseado em Leontiev (1978a) e Martins (2011), diferencia os conceitos de consciência sobre si e autoconsciência. A consciência sobre si diz respeito ao conhecimento do esquema corporal, da capacidade de mapeamento do corpo, por meio das sensações intero e proprioceptivas. [...] A consciência sobre si, assim como qualquer outro tipo de conhecimento, constitui a delimitação de propriedades externas e internas que resultam de comparações, análises e generalizações sintetizadas num sistema de conceitos. Mesmo nas formas sensoriais não conscientes, o conhecimento sobre si vai se construindo já nas primeiras etapas do desenvolvimento humano, resultando num conhecimento dos traços ou propriedades individuais. A autoconsciência, por outro lado, não se reduz ao conhecimento dos próprios traços individuais. Ela se caracteriza pela capacidade de o indivíduo perceber-se num sistema de relações sociais.

diferença no conhecimento de seus traços individuais, senão, uma diferença na tomada de consciência de si dentro das relações sociais. Perceber o próprio “eu” não significa nada mais que isso. (LEONTIEV, 1978 *apud* ANJOS, 2017, p. 157).

Nessa direção, encontramos o conceito de Vivência⁴⁷ que pode nos ajudar a entender a relação de A.L com o contexto em que está inserido. Ao tratar sobre a função do meio no desenvolvimento psíquico, a teoria vigotskiana afirma que para se compreender a sua influência no desenvolvimento infantil é necessário abordá-lo considerando que “[...] o papel de quaisquer elementos do meio se distingue de acordo com as diferentes faixas etárias” (VINHA & WELCMAN, 2010, p. 682). Logo, identificar o papel do meio no desenvolvimento psicológico da criança, no desenvolvimento da sua personalidade consciente, depende de dispormos da relação desta com a realidade, ou seja, da sua vivência.

Deste modo, o conceito de vivência abarca a relação entre a personalidade e o meio, em uma relação dialética, e evidencia a unidade entre a pessoa e o objeto. Envolve qualidades emocionais, sensações e percepções, conduzindo a uma imersão dele no mundo (TOASSA, 2011).

[...] a criança de tenra idade não conhece suas próprias vivências, pois suas representações ainda se apresentam de forma sincrética [...]. Portanto, o significado que a criança dará às relações entre sua personalidade e o meio dependerá das suas generalizações e a vivência atribuída de sentido dependerá da qualidade das mediações da qual o indivíduo tenha acesso (ANJOS, 2017, p. 159)

Os autores Anjos & Duarte (2021, p. 45) colocam que as vivências se desenvolvem qualitativamente, elas passam de espontâneas e ingênuas “em direção a vivências mediadas pelas elaborações intelectuais”. O aspecto intelectual influi na percepção da pessoa sobre a sua relação estabelecida com o meio em que está inserida. Vygotski (2006a, p. 379) assinala que as percepções das pessoas são percepções atribuídas de sentido. Para abordar as diferentes percepções, o autor russo exemplifica supondo como duas crianças percebem o tabuleiro de xadrez, em que uma conhece as regras do jogo e a outra não, ele explica

A criança que não sabe jogar se diverte com as peças do xadrez, as seleciona pela cor etc., mas o movimento das figuras não se determinará estruturalmente. A criança que aprendeu a jogar se comportará de outro modo. Para a primeira criança o peão branco e o cavalo negro não estão relacionados entre si; mas a segunda, que já conhece os passos do cavalo compreende que

⁴⁷ No original “Pereživânie”, que segundo o professor Paulo Bezerra, tradutor de várias obras de Vigotski, é um estado psicológico especial, é a presença de sensações ou sentimentos vividos por alguém. Tanto pode ser o resultado de sensações e sentimentos experimentados, “e aí eu traduzo tranquilamente como vivência (que, aliás, é como está em todos os quatro livros de Vigotski que traduzi)”, como o ato de experimentar tais sentimentos e sensações, que traduzo como vivenciamento (PAULO BEZERRA, *apud* TOASSA, 2011, p. 32).

a jogada do cavalo ameaça seu peão. Para ela, tanto o cavalo, como o peão constituem o todo. Do mesmo modo, o bom jogador se diferencia do mau por ver de modo diferente o tabuleiro de xadrez. [...] Percebemos a realidade circundante do mesmo modo que o enxadrista vê o tabuleiro; não só percebemos a vizinhança ou proximidade dos objetos, mas sim tudo o que existe, toda a realidade com seus vínculos e relações semânticas (VYGOTSKI, 2006^a, p. 379, tradução nossa)⁴⁸.

Essa assertiva põe em destaque a relevância da apropriação dos significados socialmente construídos, mostrando a diferença entre a criança que se apropriou destes e aquela que ainda não. Vygotski mostra “a importância das significações socialmente existentes como mediações intelectuais nas vivências que o sujeito tenha das diversas situações com as quais se depara” (ANJOS & DUARTE, 2021, p. 48).

A vivência possui uma orientação biossocial, é algo intermediário entre a personalidade e o meio, que dá significado à relação da personalidade com o meio, revela o que significa o momento dado do meio para a personalidade. A vivência determina de que modo influi sobre o desenvolvimento da criança um ou outro aspecto do meio. Em todo caso, na doutrina sobre a infância difícil este fato se confirma a cada passo. Toda análise da criança difícil demonstra que o essencial não é a situação por si mesma em seus índices absolutos, mas o modo como a criança vive essa situação. Podemos encontrar em uma mesma família, em uma situação familiar idêntica, diferentes mudanças no desenvolvimento das crianças, já que essa situação é vivida por elas de modo diferente (VYGOTSKI, 2006a, p. 383).

Em suma, a influência de uma situação sobre a formação de alguém depende não apenas de seu conteúdo, mas do quanto a pessoa entende daquela situação e da sua relação afetiva com o contexto.

Tratando ainda da categoria da vivência, Anjos (2017) coloca que a forma de pensamento conceitual, que é possível se desenvolver na adolescência, mediante os conteúdos sistematizados, contribui para o conhecimento da realidade externa bem como das vivências internas. Assim, por meio da formação dos conceitos que a autoconsciência possibilita, o (a) adolescente de conhecer seu mundo interior e suas vivências. Esse autor (2017) ainda aponta uma relação entre a consciência e a autoconsciência, em que é possível que a consciência exista

⁴⁸ El niño que no sabe jugar se diviene con las figuras del ajedrez, las selecciona por el color, etc., pero el movimiento de las figuras no se determinara estructuralmente. El niño que aprendió a jugar se portará de otro modo. Para el primer niño el peón blanco y el caballo negro no están relacionados entre sí; pero el segundo, que ya conoce los pasos del caballo, comprende que la jugada del caballo amenaza a su peón. Para él, tanto el caballo como el peón constituyen un todo. Del mismo modo, el buen jugador se diferencia del malo por ver de distinto modo el tablero de ajedrez. [...] Percibimos la realidad circundante mismo que el ajedrecista ve el tablero, no solo percibimos la vecindad o proximidad de los objetos, sino todo cuanto hay, toda la realidad con sus vínculos relaciones semânticas.

sem a autoconsciência. Desse modo, o sujeito pode **ver sem conhecer o que realmente vê**, isto é, ver os fenômenos apenas em sua aparência, sem apreender seus nexos causais. Por meio da fala de A.L. se pode depreender que quando ele vivia a situação de violência com sua mãe, não pensava tanto, mas depois passou a pensar:

[...] ela sempre foi uma pessoa ruim, então sempre tava ali quando eles separam que foi mais [pensamentos],... por causa que eu não precisava pensar né já tava vendo ali [quando morava com mãe], ai depois que eu fui... que eu fui começando a ter a vida diferente, mas mesmo assim ainda tava na cabeça... [A.L]

A narrativa permite observar que durante o processo de separação de seus pais, A.L. desenvolveu uma visão mais crítica sobre a realidade de violência em que estava inserido. Ele declara que quando estava morando com sua mãe “não precisa pensar, pois já tava vendo ali” ou seja, estava vivenciando as brigas, a violência, mas depois que houve a separação dos pais (quando tinha cerca de 13 anos), ele relata que os pensamentos sobre a mãe e o que vivia se intensificaram. E, mesmo sendo afetado por outra realidade, a constituição de uma nova família com seu pai, irmãos madrasta e seu filho, as marcas das vivências anteriores suscitam nele ideias (lembranças) carregadas de pensamentos e emoções. Além disso, apreendemos sua singularidade quando ele relata a decisão de ficar com o pai, diferente de seus irmãos

[...] primeiro meus irmãos ficaram com minha mãe, só eu que fiquei com meu pai já, só que eles ficaram com minha mãe porque eles achavam que meu pai tava errado, eles ficaram uns meses pra lá e quiseram vir... [A.L]

Inicialmente os irmãos ficaram com a mãe, depois, também foram morar com o pai. No entanto, diferentemente de A.L, eles fazem visitas regulares a casa da mãe, o que nos permite compreender que, mesmo vivenciando a mesma realidade, A.L atribuiu sentidos diferentes. “*meus irmãos mesmo vai lá quase todo domingo, mas eu não vou não, fico em casa, fico lá ajudando meu pai.* [A.L]”; “*eu não quero! Não quero ir pra lá [emocionado]*”.

[...] base do relacionamento da minha mãe é que falsidade dela. [...] ela acha que só ela tá certa, ela não acha que ela é uma pessoa ruim, mas todos [...] sabem que ela é uma pessoa ruim... [...] eu ainda tenho raiva dela, [...] minha mãe é ruim, é bem magra, magra. [A.L].

Podemos, ainda, constatar, a partir das falas de A.L que ele constituiu a ideia de ter tido uma infância sofrida e ruim, devido os comportamentos de sua mãe

[...] às vezes ela [mãe] acha porque a infância dela foi ruim... ela não tem que deixar a infância minha e dos meus irmãos ruim também, entendeu? [A.L]

[...] ela [mãe] que se tornou pessoa ruim por causa de motivo dela, dos pais dela, mas isso não significa que a gente tem que ter também pelos motivos

dela, pelo motivo dela a gente tinha que sofrer, entendeu? [...] é errado né, a gente crescer apanhando por motivo nenhum, por motivo da infância do seu pai ou da sua mãe [A.L]

As colocações de A.L dão a perceber certa relação entre os comportamentos agressivos de sua mãe com a história de vida dela, porém, ele acredita que isso não deveria ser reproduzido em sua criação. É importante destacar aqui dois pontos: o primeiro se refere ao fato de A.L ser o irmão mais velho (A.L 17, sua irmã 16, outro irmão 15 e o caçula 7) e, apesar da diferença não ser significativa, historicamente o filho mais velho é o mais cobrado e representa também mais autoridade entre os irmãos, contraditoriamente, também pode obter mais direitos em detrimento dos mais novos, o que evidencia uma característica geracional.

O segundo ponto se refere ao papel da mãe no ideário social. Com a família se tornando privada, desdobrando-se na família monogâmica, à mulher foi atribuído o papel de doméstica e boa mãe, aquela que ama e cuida de seus filhos e do lar, seres mais dóceis e dotadas de maior compreensão, características que foram naturalizadas à noção de mulher e são valorizadas na sociedade atual. A mãe de A.L se afasta desse padrão construído socialmente, a relação desenvolvida entre eles no âmbito familiar traz à tona várias contradições desenvolvidas na sociedade atual. Revela um aspecto geracional, em que as relações são estabelecidas de modo hierárquico, demonstra ainda que as relações familiares despontam da sociedade capitalista, que suscita desigualdades e as mais diversas violências, baseada em relações de poder e exploração do homem pelo homem.

Portanto, é nesse contexto que foram produzidas as significações que A.L desenvolveu sobre sua infância e sua antiga família e as qualifica como muito ruim e infância sofrida. Quando questionado sobre seus pensamentos e sentimentos em relação a família anterior relata

Era muito ruim né, sempre um clima chato dentro de casa, minha mãe acordava todos os dias estressada, brigando, aí acordava a hora ela queria também, mesmo meu pai querendo sair para trabalhar ela continuava achando ruim de tudo...[...] ela me batia de cinta e chinelo, depois quando eu fiquei mais velho ela começou a me bater de soco porque ela dizia que eu já tava velhinho e já aguentava apanhar, entendeu? Eu penso que isso era errado né! É errado!

Sobre o conceito de família, A.L responde

Família é as pessoas que tão sempre ali do seu lado que cuida de você que vão te ajudar, te proteger de qualquer coisa, e sempre que você precisar eles vão estar lá, meus pais, meus pais, assim, meu pai, minha madrasta e meus avós [paternos], eles sempre vão tá lá pra ajuda. [A.L]

Daí que os sentidos de família constituídos por A.L se referem àquela que cuida, protege de qualquer coisa. Que ajuda e que está sempre junto, logo, para ele sua mãe não correspondeu a essa visão, diferentemente, sua nova família e seus avós paternos sim. Embora ele tenha se inserido em outra realidade familiar e tenha se distanciado de sua mãe, suas vivências continuam suscitando nele modos de pensar e sentir doloridos, porém, notamos uma superação quando ele diz em outro trecho sobre seus pensamentos em relação a sua mãe atualmente, **“hoje parou [pensamentos ruins sobre mãe], porque ela [mãe] parou de tentar fazer alguma coisa né, parece que ela cansou, [...] e ela fica lá na dela lá, eu não falo mais com ela e é isso aí, a gente tá de boa agora com minha família.** [A.L].

Apesar de estar “de boa” como ele relata, nota-se um sofrimento manifesto, que pode ser observado em sua fala sobre como está sua saúde mental no momento da realização da entrevista **“[...] mais ou menos né, que tem vez que eu tô de boa, tem dia que eu acordo estressado sem motivo, tudo me incomoda, qualquer coisa me incomoda, isso aí eu já não entendo [...] [A.L].**

Cabe mencionar que não pretendemos restringir o sofrimento psíquico de A.L apenas à vivência com sua mãe. Embasamo-nos em suas falas que se referem ao passado, mas como um problema ainda presente, tal como apreendemos em sua primeira resposta sobre a busca por atendimento, **“eu tenho um problema com minha mãe né [...] essa é a angústia”**. Ele coloca como um sofrimento ainda presente.

No que tange as queixas de *desatenção* e *dificuldade social* relatadas, é interessante observar que suas falas carregam reproduções vindas da percepção de sua família, **“eles acham que sou desatento”**; **“meu pai sempre de vez em quando ele fala que eu tenho que sair”**. Percebemos que A.L constituiu ideias sobre si como sendo um jovem desatento, com dificuldade para ter amigos e nervoso. Pelas suas falas é possível notar uma concepção naturalizada de seus processos subjetivos como sendo desenvolvidos por processos apenas internos a ele, numa visão que oculta as determinações sociais e seus nexos com a realidade. Assim, subjetivo-objetivo aparecem como naturais e independentes. Sobre a desatenção ele diz:

A minha falta de atenção não sei... por causa que eu tô assim... [...] que nem na escola, eu tô prestando atenção na aula do nada aí quando eu vou perceber já faz mô tempo que mudou até de aula, entendeu? Minha cabeça fica pensando tipo no que acontece em casa, tipo no meu sítio como as coisa tá, fico pensando até na escola mesmo aleatoriamente, entendeu? [A.L].

Para a Psicologia Histórico-Cultural, a pessoa é considerada social, resultado das produções do gênero e o desenvolvimento de seu psiquismo é derivado não de forma natural, espontânea, mas sim pela mediação externa. Na adolescência, ocorre a possibilidade do

desenvolvimento das funções superiores, tais como a **atenção voluntária**, a memória lógica, o pensamento por conceitos etc., no entanto, para que isso ocorra faz-se necessário a mediação externa, isto é, do social. Vygotski (2000) denomina a Lei Genética Geral do Desenvolvimento Cultural, a qual revela que toda função psicológica aparece em cena duas vezes, primeiro no plano interpsíquico, isto é, social e coletivamente, depois no plano intrapsíquico, no interior da criança, como processo subjetivo. Disso reafirmamos que as funções psíquicas superiores não são naturais, tampouco fruto do desenvolvimento biológico, mas sim resultado da experiência sociocultural do (a) adolescente. Daí a importância da relação da pessoa com outros (as) mais experientes para que essa mediação ocorra, nesse sentido, a educação escolar ganha destaque. Todavia, como observamos nas falas de A.L, a atividade de estudo aparece não sendo necessária, tanto que em outro trecho diz

Não sei por que as professoras sempre falam pra estudar, senão você não vai ser ninguém... [aumenta o volume da voz], mas tipo, pra ser sitiante eu não preciso de muito estudo, o que a gente faz ali a gente já aprende lá, né, agora as professoras ensinava o básico né na escola [...] [A.L].

Para A.L o que a escola ensina não vai ao encontro do que ele acha que precisa para ser sitiante, assim, podemos dizer que ele ainda não entendeu que a escola poderia ensinar e ajudá-lo a entender melhor sobre o trabalho rural. Anjos & Duarte (2020), apontam para essa questão ao sinalizarem que a atividade profissional/de estudo pode constituir uma das atividades-guia na adolescência.

A atividade de estudo na adolescência é caracterizada pelo motivo fundamental de estudar para preparar-se para o futuro. O adolescente começa a descobrir o significado do conhecimento científico e, conseqüentemente, desenvolve-se os chamados interesses cognoscitivos científicos (ANJOS & DUARTE, 2020, p. 201).

Entretanto, os autores acima ressaltam, que as matérias ensinadas na escola recebem importância de acordo com a possível futura profissão do (a) jovem e aí se coloca o maior desafio da educação escolar, propiciar uma formação visando não somente a adaptação ao mercado capitalista e a ideologia burguesa, não a transformando num “processo de reprodução da força de trabalho sem, contudo, ignorar o fato de que vivemos numa sociedade capitalista na qual boa parte da humanidade precisa vender sua força de trabalho para obter os recursos necessários à sobrevivência” (ANJOS & DUARTE, 2020, p. 202).

A análise do contexto histórico-cultural de A.L demonstra que ele trabalha no sítio onde mora ajudando seu pai. Em outro momento ele diz “**quando eu paro de trabalhar já tá de noite ai...vou procurar descansar** [A.L], em outro, ele afirma “ **sempre vo tá ali pra ajuda ele,**

sempre vó ta ali”. Ou seja, as significações constituídas por A.L, a partir do seu contexto e de suas relações o faz ter a ideia de que os conteúdos escolares não possuem importância em sua vida, mas sim, é importante estar ali para ajudar seu pai. Por essa razão, problematizamos a queixa de desatenção trazida por sua família e internalizada por ele. Considerando as condições socioeconômicas dessa família, a necessidade percebida por A.L de ajudar seu pai, trabalhando até à noite e os sentidos por ele constituídos, por meio da sua relação com a escola, quando atribui insignificância aos conteúdos escolares, questionamos, como poderia ele na escola manter a atenção?

A escola, desse modo, deve fazer o seu papel para o desenvolvimento psíquico do adolescente, **produzindo necessidades de conhecimento sistematizado nos alunos**, considerando-se até mesmo o importante papel das etapas de escolarização na criação de tais necessidades (ANJOS & DUARTE, 2020, p. 202, grifo nosso).

Sobre a questão da sociabilidade, traduzida como queixa, apreendemos outra contradição, A.L diz *“eu não tenho muita conversa para ter amigo, sabe? Eu sou meio quieto...”*[A.L]. Em outro momento ele diz:

[...] meu pai sempre de vez em quando ele fala que eu tenho que sair, ir pra rua, conhecer alguém, aí eu falo “não”, eu tô de boa porque isso aí agora de adolescência, isso aí não faz sentido [...] os adolescente de hoje só quererem sair, beber e ir pra farra... eu não, vou ficar ajudando a minha família e é isso aí. [A.L].

Transparece pela fala de A.L que ele constituiu sentidos do que é ser adolescente *“isso aí de adolescente, só querem sair, beber, ir pra farra”*, que deriva de uma concepção naturalizada, como já apontado por Bock (2007, p. 72), com características tais como “rebeldia, desenvolvimento do corpo, instabilidade emocional, tendência à bagunça, hormônios, tendência à oposição, crescimento, desenvolvimento do raciocínio lógico [...]” que são tratadas do mesmo modo por serem da natureza humana. No entanto, A.L declara que não se considera dentro desses “padrões” socialmente construídos para a adolescência - o que nos leva a constatar como as “adolescências” são vividas de diferentes formas a depender do contexto sociocultural em que a pessoa se encontra.

Mais uma vez, ele afirma a ideia que constituiu de família como relação de “ajuda” e, assim, seus sentidos sobre quem é e como deve se comportar são voltados para uma relação de ajuda mútua com sua família atual, em especial seu pai e, logo, voltados também para a atividade de trabalho. Contudo, isso não significa que A.L possua “dificuldades para ter amigos” (como um “problema” interno) como ele e sua família descrevem, vemos isso quando ele mesmo relata que tem dias que *“acorda querendo quebra tudo”*, e segundo ele, nesses

momentos ele conta com seus amigos ***“na maioria das vezes eu ligo e fico conversando com meus amigos, fico jogando e conversado com eles, aí mais tarde já tô de boa*** [A.L].

Importa dizer que, na atualidade, uma das formas que os (as) adolescentes têm para se relacionar são as redes sociais, os jogos, a internet, portanto, mesmo que de maneira remota - o que foi acentuado devido ao fechamento das escolas e necessidade do isolamento social em razão da pandemia da Covid-19⁴⁹ - A.L realiza outra atividade-guia da adolescência: a comunicação íntima pessoal, que representa uma forma de o (a) adolescente reproduzir com seus pares as relações entre os adultos e formar sua autoconsciência (ANJOS & DUARTE, 2020).

As chamadas “redes sociais” são uma demonstração do caráter empobrecido dos conteúdos da comunicação entre as pessoas. O volume crescente das ações de comunicação entre os indivíduos não tem significado um crescimento da qualidade do que é comunicado (ANJOS, 2017, p. 50).

Desse modo, pode-se deduzir o fato de que por morar na zona rural desde quando nasceu – o que em termos logísticos pode dificultar sua ida com mais frequência à cidade e o contato com outros (as) adolescentes presencialmente, somado ao distanciamento físico prolongado provocado pela pandemia – que para A.L. a internet acabou por se tornar, neste momento, o meio mais acessível de se relacionar com seus pares.

Por fim, compreendemos que o exercício de apreensão do sentido de família para A.L. e M.A atendidos pelo serviço de psicologia da Unidade Básica de Saúde (UBS), revela que sua constituição (do sentido) se dá por meio da concretude⁵⁰ das relações que ambos estabelecem com um coletivo de pessoas e múltiplas situações de vida e, que além de incorporarem outras histórias, de pessoas que viveram ou ainda vivem próximos ou distantes deles, vão se desdobrando num continuum de situações (econômicas, sociais, culturais) entrelaçadas por processos cognitivo-afetivos, que sintetizam uma imagem subjetiva multifacetada.

⁴⁹ A pandemia de COVID-19 ou pandemia de coronavírus, é um fenômeno mundial causado pela [síndrome respiratória aguda grave produzida pelo vírus SARS-CoV-2](#), que teve sua manifestação mais acentuada no Brasil nos anos de 2020 e 2021. Lembramos que as entrevistas desta pesquisa foram realizadas no segundo semestre de 2021.

⁵⁰ Qualidade do que é concreto, real, material.

5.4 NÚCLEO 4 – Relações familiares e atividades na adolescência

Este núcleo é resultado do processo de síntese e articulação entre os seguintes indicadores: 1) Contexto familiar e relacionamentos afetivos e sociais; 2) Contexto familiar e a relação com os estudos e o trabalho; 3) Contexto familiar e o lazer, cuidados com a saúde e religiosidade.

Este núcleo reflete as significações apreendidas mediante as falas de A.L e de M.A no que diz respeito àquilo que fazem em suas vidas, ou seja, suas atividades neste período de transição. Buscaremos abarcar as atividades exercidas por eles na tentativa de compreender suas relações, nexos e contradições com seus contextos familiares, aplicando os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural em articulação com o Materialismo Histórico-Dialético, esperando, portanto, ampliar o olhar sobre a realidade estudada e contribuir com os conhecimentos já produzidos na psicologia, em especial sobre as atividades dominantes exercitadas pelos adolescentes desta pesquisa e como os sentidos de família podem interferir em tais atividades, bem como nas perspectivas de futuro.

Acreditamos que o contexto em que a pessoa está inserida é dotado de particularidades que medeiam a sua constituição subjetiva e sua ação no mundo. “A apropriação das formas culturais e sociais implica a reconstrução interna de uma atividade externa, leva-nos a refletir sobre a atividade prática e principal na qual o sujeito está inserido, o que ela ‘propõe’ externamente para que seja ‘reconstruído internamente” (MASCAGNA; FACCI, 2014, p. 53). Diante disso, focalizaremos aqui nos relacionamentos afetivos e sociais de M.A e A.L, a relação dessas pessoas com os estudos e o trabalho e ainda com outras áreas de suas vidas, tais como o lazer, a saúde e a religiosidade.

Inicialmente buscar-se-á os nexos entre os **relacionamentos sociais - de amizades, e os relacionamentos afetivos** de M.A e A.L e suas famílias. Quando questionada sobre seus relacionamentos de amizade a adolescente M.A responde:

[...] acho que eu tenho o que... umas quatro ou cinco amigas só e olhe lá, que eu confio são duas. [...] eu não confio muito em todo mundo, tenho poucas pessoas [...] é bem difícil eu pegar confiança hein, trabalha muito pra conseguir minha confiança, eu não sou aquela pessoa que sai falando tudo, tem que ver quem é falso, fala muito, tem gente que é muito fofoqueiro [...] [M.A]

[...] ter uma amiga para conversar é sempre bom [M.A]

Nota-se pelos segmentos acima que os vínculos de amizades de M.A estão relacionados à confiança, principalmente no que tange a falar de suas questões pessoais e a manutenção do segredo. Também demonstra que considera sempre bom ter alguém para conversar. Dito isso,

perguntamos a ela como acha que sua família percebe seus relacionamentos sociais e se percebe alguma relação entre o seu contexto familiar e os modos como ela estabelece suas amizades

minha mãe acha bom [suas amizades], ***ela fala pra não ter muita confiança nos outros, nas pessoas, pra ver se merece muito a amizade; tem gente que usa você pra ter alguma coisa, tem gente interesseira demais.*** [M.A.]

[influência sobre amizade] ***acho que da minha mãe também, ela tem só três amigas, que ela confia mesmo só tem duas, acho que é mais dela [...].*** [M.A.]

Logo se faz notar que as ideias de M.A sobre suas amizades e sobre como as seleciona se vincula aos pensamentos e modos de agir de sua mãe, que lhe transmitiu suas experiências de amizades e sua concepção de que ela não deve “***ter muita confiança nos outros***”, pois “***tem gente que usa você pra ter alguma coisa***”. Portanto, assim como sua mãe, a adolescente restringe suas amizades observando e conservando esses critérios.

Em seus estudos sobre as atividades de adolescentes na relação com a sociedade atual, Mascagna (2009), constatou que a maioria dos (as) jovens por ela estudada, passava seu tempo livre com os (as) amigos (as). No entanto, a autora observa que uma das características na sociedade capitalista contemporânea na qual vivemos é o cultivo do individualismo, logo, estar com os (as) amigos (as) significa estar consigo mesmo (a), e que “as relações são estabelecidas como mercadorias e que são centradas em si mesmo” (MASCAGNA, 2009 p. 141).

[...] a adolescência como construção histórica teve suas características aguçadas com os ideais contemporâneos. Os jovens são *autônomos* com *liberdade para agir*, *cidadãos com direitos* nos quais o *prazer* vem acima de tudo e *individualistas*. Com tais características, é complicado acreditar que, nas relações de amizade, a ética, o respeito e, principalmente, o outro é o mais importante. O que, de fato, podemos observar nos estudos sobre a sociedade pós-moderna é que o outro, o amigo, é importante enquanto pode oferecer alguma vantagem, são indivíduos cuja individualidade é exacerbada (MASCAGNA, 2009, p. 141 – 142, grifos no original).

Diante das experiências e orientações transmitidas de mãe para filha e a maneira como a adolescente constituiu seus sentidos, tendo em vista os relacionamentos sociais, depreende-se que ambas reiteram aspectos da sociedade contemporânea “***tem gente que usa você pra ter algum coisa, tem gente interesseira demais***” [M.A.], consequentemente, a adolescente confia em poucas pessoas, em suas palavras acima, ela ainda afirma ter que “***ver se a pessoa merece muito a amizade***”, o que nos indica a subjetivação e reprodução dos modos de ser e viver nos tempos atuais, em que as relações são, de fato, estabelecidas e mantidas se oferecerem alguma vantagem.

Por outro lado, não podemos descartar que possa existir afeto nas relações de amizade estabelecidas entre os (as) adolescentes e que estas possam lhes oferecer um espaço para a vivência do respeito, do pensamento coletivo, das trocas e aprendizagens. No caso de M.A, por mais que ela restrinja suas relações sociais por critérios de cunho individualista, ela considera importante e bom conversar e manter algumas amizades.

Para Elkonin (1987), estar com os (as) amigos (as), nesta etapa da vida, é uma atividade importante para o desenvolvimento da personalidade dos (as) jovens, considerada pelo autor como uma das atividades dominantes na adolescência. Esta relação entre os coetâneos representa uma reprodução das relações existentes entre os (as) adultos (as). Neste contexto, os familiares da adolescente, no entanto, não se trata de uma simples reprodução, mas de uma relação que se dá nas esferas interpsicológicas e, posteriormente, nos processos intrapsicológicos. Depreendemos, portanto, que as relações entre os (as) adultos (as) que cercam M.A condicionam seus modos de vida, o que inclui a forma como ela se relaciona com seus pares.

Ao indagar o adolescente A.L sobre seus relacionamentos de amizade, e como acha que sua família percebe essas relações, relata

Ah bom, ótimo, a gente, eu e meus amigos gente conversa, zoa até umas horas...[risos] teve uma noite que eu **precisava trabalhar** no outro dia com meu pai, falei “a gente vai ficar jogando um pouco só” tava **eu e mais quatro** em call né, ligação, e quando eu percebi era seis horas da manhã... falei “ih gente, vou ter que desligar aqui, vou tentar dormir alguma coisa”, **quando eu desliguei meu pai ascendeu a luz aí eu fui** [trabalhar] **virado né, nem falei pra ele, cheguei, deitei e dormi o resto a noite.** [A.L]

[...] **meus amigos também não fazem nada de errado**, sempre que eu precisava sair, que nem eu ia pra casa de um amigo meu, a maioria das vezes eu ia fazer alguma lição da escola alguma coisa [...]. **Eles** [família atual] **percebem, assim, é uma relação boa eu e meus amigos.** [A.L]

Porque eu nunca fui de sair da minha casa, **um dos amigos que eu conheci, conheci na escola só**, porque tipo, eles que puxaram a conversa aí eu ia conversando assim de vez em quando só respondia sim e não e **hoje em dia já faz tempo que eu conheci eles...** **Tem um amigo que é meu melhor amigo que eu conheço ele desde a segunda série da escolinha, hoje em dia ainda tenho contato com ele, converso bastante com ele.** [A.L]

[quando acorda estressado] **ligo e fico conversando com meus amigos, fico jogando e conversado com eles, aí mais tarde já tô de boa.** [A.L]

Deduzimos pelas falas de A.L que ele considera “ótima” sua relação com os (a) amigos (as) e que sua família atual também avalia positivamente. Constatamos, ainda, que o modo como ele se relaciona com os (as) amigos (as) é principalmente por meio de conversas e jogos na internet. No entanto, importa dizer que esse tipo de entretenimento, via internet, entre os (as)

jovens, pode ocorrer entre desconhecidos (as) e/ou amigos (as), até entre familiares. No caso de A.L, percebemos que alguns de seus (as) amigos (as), com os quais compartilha as redes, vêm de relações construídas no âmbito escolar. Também apreendemos que suas amizades ajudam nos momentos em que se sente com raiva, estressado.

Estar com amigos (as) representa uma das atividades-guia ou dominantes na fase da adolescência. De acordo com Elkonin (1987), a “comunicação íntima pessoal” consiste no estabelecimento de relações pessoais íntimas entre os (as) adolescentes, o conteúdo fundamental dessas relações é o (a) outro (a) adolescente com suas qualidades pessoais, trata-se de uma forma de “código de companheirismo”, assim, tais relações podem estabelecer-se com base no respeito mútuo, na confiança e comunidade da vida interior.

Para Elkonin (1987), a formação das relações em grupo sobre a base do companheirismo é essencialmente importante para o desenvolvimento da personalidade do (a) adolescente, por meio dessas relações estes formam pontos gerais sobre a vida, sobre os relacionamentos sociais e sobre seu próprio futuro, em suma, estrutura-se o **sentido pessoal da vida**. Mediante essa atividade se forma a autoconsciência como consciência social transladada ao interior da pessoa. Essa atividade é ainda uma forma de reprodução, entre os (as) adolescentes, das relações existentes entre os (as) adultos (as), tais relações se estabelecem baseadas em normas morais e éticas que medeiam os comportamentos dos (as) adolescentes (ELKONIN, 1987)⁵¹.

Sobre a atividade-guia na adolescência, os autores esclarecem:

Elkonin denomina essa atividade de comunicação íntima pessoal pelo fato de estar ligada ao sistema de relação criança-adulto social, caracterizada por um modo de comunicação peculiar de reprodução, nas relações com seus coetâneos, das relações existentes entre os adultos. Em outras palavras, essa atividade-guia tem como base, nesse período de desenvolvimento, determinadas atividades encontradas entre os adultos, tendo, então, o adulto como referência. O adolescente tende em grande parte a imitar os adultos, procurando parecer-se com eles em tudo, reproduzindo sua conduta, suas ações, sua maneira de proceder (ANJOS & DUARTE, 2020, p. 198).

Daí a importância de ressaltarmos a qualidade das relações estabelecidas por A.L e M.A e as referências adultas que eles possuem. No seio familiar, por exemplo, encontramos as mães, o pai, a madrasta, os avós e os tios, os quais eles convivem diariamente, diante disso,

⁵¹ Traduções nossas.

evidenciamos que a maneira de viver desses (as) adultos (as) engendram seus modos de pensar, sentir e agir, como continuaremos observando a seguir.

Avançando para os sentidos constituídos por M.A e A.L sobre seus relacionamentos afetivos. Nota-se que não apresentam interesse por este tipo de relação no momento da entrevista e que preferem deixar para quando tiverem mais idade, como segue em suas falas:

namoro só depois dos vinte anos [ênfase], porque eu quero ter meu futuro, ter minha casa, meu carro, conseguir um emprego bom... namorar só da prejuízo, só dá trabalho. Eu quero da atenção mais para meus estudos e pelo meu curso. [M.A]

[percepção sobre influência] ***com a minha mãe eu acho, minha mãe fala assim que ela namorou só depois dos dezenove anos.*** [M.A]

é da minha mãe, meu pai mesmo já teve um monte de mulher, já teve três filho já com três mulher diferente, acho que minha mãe ficou dez anos casada com meu pai e casou depois de novo e ficou mais cinco anos, depois ela nunca mais casou também, nem namorou mais nenhum, só fica...as pessoas que ela fica ela nem me fala muito, tô mais por fora, só fica e tchau, ela não traz pra dentro de casa, então ***acho que vem mais a minha mãe.*** [M.A]

Trechos relatados pelo adolescente A.L

Isso aí [relacionamento afetivo] eu ***não ligo muito...*** que nem ***eu falei “tô ali pra ajudar minha família”,*** do jeito que meu pai tá, ele sente muita dor nas costas quando ele ta fazendo algum serviço muito pesado ***daí eu vou lá e falo “não, deixa que eu faço você só vai explicando e eu vou fazendo”.*** [A.L]

[sobre possível influência] Não, porque ***meu pai sempre de vez em quando ele fala que eu tenho que sair, ir pra rua, conhecer alguém,*** aí eu falo ***“não... eu tô de boa porque isso aí agora de adolescência, isso aí não faz sentido, um monte de adolescente de dezesseis, quinze anos pra trás namorando e arrumando briguinha por causa de coisa aleatória”,*** pra mim não... ***eu tô de boa, se for pra arruma uma pessoa mais séria quando eu tiver mais de idade, que me compreenda...*** os adolescente de hoje só quererem sair, beber e ir pra farra... eu não, ***vou ficar ajudando a minha família e é isso aí.*** [A.L].

Importa ressaltar que a adolescência é vivida de modo distinto a depender da história de cada pessoa, de seu contexto social e cultural e das experiências vivenciadas por cada jovem. No contexto desta pesquisa, acreditamos que as relações no âmbito familiar influem sobre os modos que M.A e A.L se relacionarem social e afetivamente.

Nota-se que, no caso de M.A, as vivências de sua mãe com seus (as) amigos (as) e em seus relacionamentos afetivos engendraram nesta modos de pensar, sentir e agir que são transmitidos à sua filha, assim, M.A apesar de experienciar outros modelos, vincula suas ideias às de sua mãe e, assim, significa suas relações a partir de tais experiências e ensinamentos. A adolescente relata os seus sentidos sobre namoro ***“só dá prejuízo, dá trabalho”,*** e indica ter metas voltadas para si mesma nesta etapa de sua vida.

Já para A.L., os relacionamentos sociais servem como apoio, ajuda nos momentos de necessidade e que com os (as) amigos (as) compartilha ideias, jogos, estudos etc. Quanto às questões afetivas, se distingue que não é uma atividade que ele deseja no momento, pois para ele é importante “**ficar ajudando sua família**”, já que o trabalho de seu pai é “**pesado**”. Disso resulta, portanto, que o trabalho e a ajuda ao pai parecem reger este momento de sua vida.

Falemos agora sobre os **estudos e o trabalho**. Ambos foram questionados se percebem alguma relação de seus estudos e o que pretendem fazer/trabalhar no futuro com o seu contexto e relacionamento familiar. Primeiramente, cumpre registrar as falas que ilustram os sentidos.

M.A. afirma sobre a escola e os estudos

[...] **da escola que vem o futuro né**, se não souber aprender na escola... aprender, **como vai ser seu futuro? Minha mãe fala, pra eu estudar bastante pra o que eu quero ser. Eu quero ser polícia**. Ai tem que tirar notas boas. Porque **tinha um vizinho que me inspirou**, melhora a cidade [polícia] [M.A]

[estudos] ah, **influência só se for da minha mãe, porque minha mãe é a única pessoa ali que terminou, completou a escola até o terceiro colegial**, minha tia, ela fez o terceiro só que ela repetiu, então ela parou no segundo, meu tio quis parar também, meu tio era só C, minha tia era B, C e D, e **minha mãe era só A, então eu puxei a minha mãe nessa relação... mais minha mãe**. [M.A]

ah, **na escola eu sou completamente igual ela fala, ela fala, que ela nunca foi pra direção, eu também não fui, eu sou uma aluna boa, mais ou menos, não tão nerd, mas uma das melhores alunas da sala de aula, igual ela, ela fala que eu sento no mesmo lugar que ela senta na escola**, assim que o professor senta, eu sou na mesa atrás, na onde ela falava que antigamente ela sentava. [M.A]

Um dos sentidos atribuídos por ela à escola é que de lá é que vem o futuro e que lá é o lugar onde se aprende. Nesta direção, assinalamos o papel da educação escolar, qual seja, transmitir as conquistas e as aquisições da cultura às gerações futuras.

As aquisições do desenvolvimento histórico das aptidões humanas não são simplesmente dadas aos homens nos fenômenos objetivos da cultura material e espiritual que os encarnam, mas são aí apenas postas. Para se apropriar destes resultados, para fazer deles as suas aptidões, “os órgãos da sua individualidade”, a criança, o ser humano, deve entrar em relação com os fenômenos do mundo circundante através doutros homens, isto é, num processo de comunicação com eles [...] (LEONTIEV, 2004, p. 290).

Portanto, o processo de aquisição dos comportamentos complexos e científicos formados na cultura exige que as pessoas se apropriem do legado objetivado pela prática histórico-social, daí a importância dos processos educativos, como a autora afirma

Os processos de internalização, por sua vez, interpõem-se entre os planos das relações interpessoais (interpsíquicas) e das relações intrapessoais

(intrapsíquicas), o que significa dizer: instituem-se baseados no universo de objetivações humanas disponibilizadas para cada indivíduo por meio da mediação de outros indivíduos, ou seja, por processos educativos (MARTINS, 2020, p. 14).

A adolescente (M.A) também relaciona os estudos com o que deseja, como profissão, para o futuro (ser policial) e que precisa estudar para isso. No entanto, não fica demonstrado se ela compreende os conteúdos escolares como essenciais para a sua formação plena. Aliás, nem mesmo a escola demonstra o conhecimento de que a aprendizagem escolar deve promover o desenvolvimento humano em suas máximas potencialidades (ASBAHR, 2011). Porém, o fato de M.A ter concebido a escola como lugar onde se aprende é relevante, pois indica a função real da escola.

As experiências que ela relata comparando-se a sua mãe pode nos revelar outro ponto. Segundo a adolescente, sua mãe, foi a única que conseguiu terminar os estudos relativos ao ensino médio, o que parece indicar um sentido de avanço, conquista, relacionado ao fato de alguém da família ter estudado e ela poder seguir esse caminho. Para M.A, os estudos parecem significar oportunidade. Cabe aqui evidenciar um estudo realizado por Melo; Leonardo (2021) que objetivou investigar “O sentido do ensino médio para adolescentes que estudam em um instituto federal”, por meio do qual as autoras constataram o sentido do ensino médio vinculado à vitória, contextualizando com a ausência de oportunidades de estudos para a rede familiar e social daqueles (as) jovens, concluir o ensino médio tinha o sentido de obtenção de oportunidade que deveria ser aproveitada.

[...] devemos lembrar que os sentidos estão marcados também pela posição social que cada um ocupa na sociedade. [...] nesses casos, por serem oriundos de famílias com baixa escolaridade [...] a educação assume um *status* de superação [...]. Vale ressaltar que, como as ideias pedagógicas da escola nova e do construtivismo continuam sendo predominantes no contexto educacional, embora com nova roupagem, o neoescolanovismo e o neoconstrutivismo, como define Saviani (2008) -, essa concepção está em plena vigência sendo cada vez mais atribuída aos indivíduos a responsabilidade por seu sucesso, pois cabe a eles aproveitarem as oportunidades e alcançarem essa vitória (MELO & LEONARDO, 2021, p. 192 – 193).

Deste modo, importa destacar que a adolescente expressa em sua fala, em alguns momentos, cursar a escola com sentido de aspiração pessoal ***“como vai ser seu futuro?” Minha mãe fala, pra eu estudar bastante pra o que eu quero ser. Eu quero ser polícia. Ai tem que tirar notas boas”***.

Destaca-se, também, que M.A aponta influências de sua mãe na sua relação com a escola e com os conteúdos escolares, tanto em seu comportamento, quanto nos próprios processos de aquisição desses conhecimentos, o interesse, a importância dada a escola etc., Em outro trecho,

quando descreve sobre as influências familiares, ela relata que sua mãe tenta ensiná-la em casa, tal como sua avó fazia com ela (mãe), do que se depreende que a importância da educação escolar é um legado que se transmite às gerações futuras, por meio de ideias e ações que permeiam as relações familiares.

Já o adolescente A.L expressou sentidos diferentes em relação à escola e seus conteúdos. Para ele, os conteúdos escolares não servem para o seu futuro, nem para o trabalho que ele tem realizado com seu pai

Não sei por que as professoras sempre falam pra estudar, senão você não vai ser ninguém [altera voz], mas tipo, pra ser sítiante eu não preciso de muito estudo o que a gente faz ali a gente já aprende lá, né, agora as professoras ensinava o básico né na escola porque sempre fala isso daí, mas hoje em dia todas as coisas que você vai fazer tem que fazer outro curso pra você entra e faz alguma coisa.

Conforme observado no núcleo 3, as falas de A.L sugerem que ele não compreende, ainda, que os conteúdos ensinados na escola poderiam, sim, contribuir para o seu trabalho rural. Cabe notar que no ato da entrevista o adolescente se encontra no 2º ano do ensino médio.

A respeito de como a escola tem desenvolvido o seu papel, Anjos & Duarte (2020) colocam que uma das particularidades dos interesses dos (as) jovens é seu caráter ativo, o que por vezes pode gerar um desprezo aos conhecimentos científicos e técnicos, pelo fato de os (as) adolescentes não os relacionarem à prática. Daí a importância de a escola atuar de modo a produzir nos (as) alunos (a) a necessidade de conhecimentos sistemáticos, a fim de que o psiquismo do (a) adolescente se desenvolva.

Sobre o papel da educação escolar na formação e enriquecimento da consciência, destacam

A educação tem papel central na transformação dos indivíduos, contribuindo para a formação e enriquecimento de sua consciência. Não se trata de qualquer educação, mas daquela que se organize tendo por base esse objetivo, que favoreça o pensamento teórico, por meio do qual o sujeito pode compreender a realidade social, em seu movimento, em suas múltiplas determinações e, a partir daí, exercer uma ação com vistas à transformação dessa realidade (LEAL & MASCAGNA, 2020, p. 224).

Ressaltamos ainda outras falas de A.L sobre seu futuro e o quanto suas condições socioeconômicas e familiares (sua relação com seu pai, principalmente) parecem influenciar seu modo de pensar, sentir e agir.

Que nem eu tava querendo fazer um cursinho de segurança, eu, meu tio e meu pai, meu pai já foi segurança também, um tempo... que ele ficou

desempregado, ele pagava aluguel com o trabalho de segurança que ele fazia ai *eu queria também porque eu achei legal né, só que ai agora que ele arrumou esse sitio que agora tem mais condições e tem muita coisa pra ele fazer sozinho, ai falei “ah, deixa quieto que foi uma coisa que eu queria assim, mas eu prefiro ajudar ele do que deixar ele sofrer sozinho lá”*. [A.L]
Eu queria ser segurança, era isso daí que queria fazer. [A.L]

O adolescente, por ter tido contato e conhecer o antigo trabalho de seu pai (vigilante), desejou também fazer o curso para a formação de vigilante, quando questionado sobre o que faria em seu futuro ele reitera “*queria* [no passado] *ser segurança*”.

Nota-se, que as condições objetivas impostas pela realidade de sua família, fizeram com que seu pai voltasse a ser sitiante e A.L, por presenciar as demandas desse tipo de trabalho (rural), desiste de seguir aquela profissão almejada. De suas entrevistas registramos que o sofrimento ou a “dureza do serviço” compõe o sentido, por ele constituído, sobre o trabalho (de sitiante) do pai, fato que o mobiliza a ajudá-lo, “*ah, deixa quieto que foi uma coisa que eu queria [...] eu prefiro ajudar ele do que deixar ele sofrer sozinho lá*” [A.L].

Isto posto, ponderamos que um dos elementos que movimentam o adolescente em direção aos estudos ou ao trabalho são os sentidos constituídos por ele sobre o papel da escola que, na sua concepção, não corresponde às necessidades de seu trabalho atual. Soma-se a isso o fato de querer estar com o pai e ajudá-lo neste momento de sua vida, “não se vê longe de seu pai”

O que que eu espero [da família]? Não espero *mais nada* porque já deu agora *eu já to velho, eu tenho que construir a minha vida né, só, não só né, é que eu não pretendo larga meu pai sozinho*, já com trinta e oito anos, tipo, *ele já tá meio velho pelo serviço que ele faz*, sempre trabalhou em serviço muito pesado, *eu não pretendo ir morar, arrumar uma mulher agora e ir morar sozinho não, sempre vo tá ali pra ajuda ele, sempre vó ta ali*. [A.L]

Porque *a gente ali, a gente se vira do jeito que dá...* não tem, assim, por causa que isso daí *foi uma coisa que eu queria, mas eu não cheguei ir pra fazer alguma coisa, então pra mudar é fácil* [sobre a “desistência” em ser vigilante]. [A.L]

Depreendemos, por meio das falas de A.L, que há tensões entre fazer o curso de vigilante e deixar o trabalho ao lado do pai.

Conforme discutido no núcleo 3, também se nota que A.L não se sente “adolescente” como os (as) outros (as). Em sua fala, expõe que já está velho, fato que merece aludir à existência de diferentes adolescências, a depender da classe social da pessoa. Em uma sociedade dividida em classe os bens culturais não são acessados igualmente por todos (as). Há jovens que ficam excluídos do processo escolar e, devido as necessidades materiais, ingressam cedo

no trabalho, assim, se “adultizam” e vivenciam essa etapa da vida, em decorrência da sua condição social (BOCK, 2007).

Para uma parcela expressiva dos (as) adolescentes, adentrar no mundo do trabalho visa atender às necessidades econômicas e a manutenção da existência, o que leva a população mais pobre a fazê-lo concomitantemente com os estudos.

As circunstâncias sociais forçam o adolescente das classes populares a iniciarem a vida adulta muito antes que o adolescente das classes mais abastadas, pois para o primeiro, trata-se de encontrar condições de subsistência, o que o impele a trabalhar, configurando mudanças em suas relações com os outros e consigo mesmo (LEAL & MASCAGNA, 2020, p, 227).

Isso se relaciona de igual modo à “escolha” profissional. Aguiar, et.al. (2007) afirmam que a escolha compreende uma decisão individual, mas, dialeticamente, é histórica e multideterminada. Bock (2001, p. 43)⁵² discorre sobre a escolha profissional:

Quando se diz que o indivíduo escolhe e não escolhe sua profissão, ao mesmo tempo está se tratando da questão da liberdade de escolha. De acordo com a classe social de origem do indivíduo, ele tem mais ou menos liberdade para decidir, mas que, no entanto, sempre será multideterminada. Na perspectiva sócio-histórica não se reconhece como meramente ideológica a possibilidade de escolha das classes subalternas. Ao contrário, entende-se que nisto reside a possibilidade de mudança, de alteração histórica, ao reconhecer que os indivíduos podem, de certo modo, intervir sobre as condições sociais, através de ações pessoais e/ou coletivas (BOCK, 2001, p. 43)⁵³.

Por derradeiro, cabe dar ênfase a um recorte de gênero no que diz respeito à inserção dos (as) jovens pobres no trabalho. Como relatado, A.L e M.A são adolescentes provenientes de famílias de baixa renda e expõem dificuldades financeiras (núcleo 1). No entanto, cabe destacar a inserção do (a) adolescente no trabalho como forma de ajudar no sustento da sua família, condição que vai ao encontro das informações do novo relatório da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), divulgado em junho de 2021⁵⁴, muitas das quais transparecem nesta pesquisa:

⁵² BOCK, S. D. Orientação profissional: avaliação de uma proposta de trabalho na abordagem sócio-histórica. Dissertação de Mestrado, (2001), disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/205227>. Acesso em 26/08/2022.

⁵³ BOCK, S. D. Orientação profissional: avaliação de uma proposta de trabalho na abordagem sócio-histórica. Dissertação de Mestrado, (2001), disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/Acervo/Detalhe/205227>. Acesso em 26/08/2022.

⁵⁴ Trabalho infantil aumenta pela primeira vez em duas décadas e atinge um total de 160 milhões de crianças e adolescentes no mundo: A OIT e o UNICEF alertam que, além deles, mais 8,9 milhões de crianças e adolescentes correm o risco de ingressar no trabalho infantil no mundo até 2022, como resultado da pandemia de Covid-19. No

O trabalho infantil é mais prevalente entre meninos do que meninas em todas as idades. Quando as tarefas domésticas realizadas por pelo menos 21 horas por semana são levadas em consideração, a diferença de gênero no trabalho infantil diminui. **A prevalência de trabalho infantil nas áreas rurais (14%) é quase três vezes maior do que nas áreas urbanas (5%)** (UNICEF-BRASIL, 2021, grifos nossos).

De agora em diante serão focalizados os aspectos relativos à **religiosidade**, ao **lazer** e à **saúde**. Em se tratando da **religiosidade**, constatamos algumas diferenças entre as ideias e comportamentos. A adolescente M.A relata que sua família materna inteira é católica, e, por isso, ela se percebe seguindo os mesmos valores da sua família. No entanto, ela expõe que somente frequenta a igreja presencialmente e que costuma ir com colegas e amigos (as). O que pode reforçar a importância dos coetâneos nesta fase da vida.

Eu sou católica. É tudo católica [família materna]...por parte de pai acho que são tudo evangélico; meu pai é meio católico, meio evangélico vai qualquer um. [M.A]

ah o mesmo valor [da família], praticamente, **na minha família nem todo mundo vai para a igreja só a minha vó que é**, gosta de ver televisão, um monte de coisa, **ela e minha bisa...**, **agora eu geralmente às vezes vou para a igreja com colega, amigos...** ontem mesmo eu fui para a igreja. Vou **sem minha mãe, minha mãe não é muito de ir para a igreja**, última vez que foi na igreja foi na minha eucaristia. [M.A]

Já o adolescente A.L menciona que sua ideia sobre igreja e religião difere bastante em relação à sua família e seu comportamento também. Toda a sua família atual é evangélica e frequentam os cultos, porém ele diz que se incomoda e, por isso, não gosta e não frequenta e se percebe, conseqüentemente, seguindo valores diferentes aos de sua família.

Ah, **eles falam** que é evangélico né, **a gente é evangélico**, mas **eu não gosto de ir para igreja não...** **Eu prefiro ficar em casa, de boa** [A.L].

É diferente né [da família], porque **eu não vou, eles querem muito que eu vou**, fala que o pastor da igreja fala que sente minha falta na igreja porque **eu já fui algumas vezes, mas não gosto de ir não**, parei de ir porque me senti incomodado lá dentro da igreja, entendeu? **muito sono, dentro da igreja me dá sono** [A.L].

No que tange às atividades de **lazer**, foi possível constatar que M.A costuma jogar bola, ficar na rua, e brincar bastante. A adolescente percebe-se neste aspecto “igual a sua tia”. Vale lembrar que a configuração familiar da jovem é de família extensa e o contato com sua tia

Brasil, antes da pandemia, já havia mais de 1,7 milhão de crianças e adolescentes nessa situação (UNICEF-BRASIL). Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/trabalho-infantil-aumenta-pela-primeira-vez-em-duas-decadas-e-atinge-um-total-de-160-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-no-mundo>. Acesso em 28 de agosto de 2022.

materna ocorre diariamente. Nota-se que, uma vez mais, suas atividades são coletivas, com seus colegas.

O adolescente A.L reitera sua preferência por jogos online com os (as) amigos (as), no entanto, a ajuda ao pai ganha destaque mais uma vez, visto que, para ele, como já reiterado, o mais importante é ajudar o pai.

[lazer] com a minha tia, ***eu sou igual a minha tia, eu jogo bola com os meninos igual ela, eu gosto muito de estar na rua com os meninos, e brincar bastante***, minha tia mesmo, ***eu jogando bola sou igualzinha ela***, às vezes ela até joga bola comigo, até hoje ela joga [M.A].

[lazer] ***eu gosto mais de jogar jogos assim online***, assim, ***a gente tá ali jogando, mas se meu pai chama pra fazer eu já paro e vou lá ajudar***. [A.L]

Sobre os cuidados com a **saúde**, as significações que nos ajudam a entender, mais um pouco, o contexto de M.A e A.L. A adolescente tem influência do seu tio materno, com quem também convive diariamente. No entanto, enquanto seu tio prefere regimes alimentares, ela gosta bastante de atividade física. É recorrente a noção de que as atividades que a adolescente faz como correr, brincar, caminhar etc. priorizam o coletivo, o que reforça seus vínculos sociais nesta etapa da vida.

saúde, ***acho que meu tio que mais cuida da saúde, um pouquinho meu vô também***, que nem o primo meu não tem nada de saúde coitado, já ta obeso, ***eu vejo o que eu como, não faço regime porque eu não preciso, eu gosto bastante de exercício, eu gosto de comer tudo ai depois eu corro, brinco, faço caminhada com as meninas até o trevo e volto... gosto muito de cuidar da minha saúde, eu gosto mais de atividade física***. [M.A]

[influência da família] só ***um pouquinho do meu tio, meu tio é um pouco sim...*** é porque ele gosta mais de regime, eu não, eu já como o que tenho que comer porque eu gosto, ***e eu prefiro correr, me matar, do que deixar de comer***. [M.A]

A.L parece sofrer tensões entre cuidar de sua saúde “***a gente faz o que dá***” e a sua realidade concreta. Nota-se em suas falas que, ora ele nega que precisa cuidar melhor de sua saúde (como diz sua família), ora ele percebe tal necessidade, no entanto, ele repete a ideia que construiu de que “como trabalha bastante, já está se movimentando”, fazendo exercícios. Em seu discurso, pode-se observar as contradições em sua realidade quando ele diz “***tenho que caçar um jeito de fazer exercício, mas a maioria do tempo quando eu paro de trabalhar já tá de noite [...] vou procurar descansar***”, por fim, ele relata que acha que seu modo de cuidar de sua saúde tem influências de sua família, já que “***ninguém respeita a alimentação***”, “***a gente queima caloria trabalhando***”.

Bom, a saúde não sei... meu pai fala... que eu bebo leite com café, mas o café deles é amargo só que eu não gosto, ***eu ponho açúcar, muito açúcar, meu pai fala que eu vou pegar diabete***, ele tem a maquininha de diabete que ele tem né, ele aplica né em mim, mas sempre ta normal, eu sempre bebo e... tipo acho que não é tanto assim... bebo na hora, mas ***ai como eu fico muito tempo no sol, fazendo exercício*** [trabalhando], ***eu sempre tô se mexendo, fazendo alguma coisa, então tipo eu não to parado de um jeito que aquilo vai me prejudicar***, entende? [A.L.]

Tem [influência da família], ***que eles dizem que eu tenho que me alimentar melhor, eu sei que eu tenho, eu tento***, mas aí ***a gente faz o que dá***. Eles falo que ia me trazer na nutricionista, mas eu falei que eu não preciso disso aí, é que ***eu sou teimoso também, tenho que caçar jeito de fazer exercício, mas a maioria do tempo quando eu paro de trabalhar já ta de noite aí não vou ficar..., vou procurar descansar***. Tipo acho que tem, ***é a forma que eles vive também, eles não pode falar muito que eu sou gordinho, meu pai era gordinho, todo mundo, a gente sempre foi assim, ninguém respeita, tipo, a alimentação, a gente ta sempre ali, tipo assim, a gente não precisa ser saudável, a gente é saudável sim, mas a gente não faz exercício, a gente queima caloria trabalhando*** [A.L.].

Diante do exposto, reforçamos que para a Psicologia Histórico-Cultural as pessoas se humanizam, constituem seu psiquismo de funções tipicamente humanas no vínculo com o coletivo, com a cultura e a realidade concreta. A tessitura deste núcleo revela que as relações sociais e familiares das pessoas pesquisadas são o ancoradouro que permite explicar a subjetividade destes, isto é, seus sentidos e consequentemente as atividades, mediadas por tais ideias.

Destacamos que a família, primeiro grupo social do qual a criança participa, o ambiente onde ocorrem as mediações que vinculam a criança ao mundo, é basilar para a formação de seu psiquismo, fundamento para o seu desenvolvimento físico e psicológico. Na adolescência, ocorre a possibilidade do desenvolvimento das funções superiores em suas máximas possibilidades, ou seja, a intelectualização dessas funções mas para isso é importante que os (as) jovens desenvolvam as atividades dominantes nesta etapa da vida, tal como relatamos, a comunicação íntima pessoal e a atividade profissional/de estudo, em que ambas têm como objetivo o desenvolvimento pleno dos (as) adolescentes e a atividade de trabalho. Todavia, para que isto ocorra, faz-se necessário condições objetivas que possibilitem tais atividades.

Os conteúdos subjetivos, produzidos por meio dessas atividades-guia, objetivamente impostas e instauradas na vida de cada um (a), que se denominam *sentidos*, são uma síntese, uma “interconexão”, um “híbrido de afeto, intelecto e vontade operando no mundo” (TOASSA, 2020, p. 180). O que se pode destacar, por enquanto, é que o *sentido (de família)*, processo e produto da atividade de cada um (a) deles no mundo, é também um sentido que condensa

múltiplas relações entre o passado, o presente e o futuro de diferentes pessoas, que convivem e mesclam suas ideias e emoções, uns (as) em relação aos (as) outros (as). Mais do que isso, esse *sentido (de família)* também traduz uma direção, um *para-quê*, que se situa para além do momento atual na vida de A.L e M.A. Portanto, presumir o *sentido de família* significa compreendê-lo como um composto de inúmeros fragmentos, “um conjunto de fatos psíquicos, uma relação entre elementos do real no plano do psíquico, que realiza, pois, uma condição fundamental à consciência humana [...] ser investida de destino, tendência, orientação” (TOASSA, 2020, p.180).

INTERNÚCLEOS: ARTICULAÇÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi apreender o sentido de família para adolescentes – atendidos pelo serviço de psicologia em uma Unidade Básica de Saúde (UBS), situada em um município do interior paulista.

Buscamos explicar a historicidade do significado social de família, que dá base às noções que sustentam modos de pensar, sentir e agir na atualidade. Também procuramos caracterizar a situação social, econômica, política e cultural das famílias de A.L e M.A. Avaliamos como o conteúdo e a forma das vivências familiares concretizam a necessidade da atenção psicológica e, por fim, analisamos se os sentidos de família confluem com outras demandas vivenciadas nesta etapa da vida, elucidando as atividades do (a) adolescente, tais como o estudo, o trabalho, vínculos sociais e afetivos, a religião, o lazer etc.

O referencial teórico-metodológico utilizado foi a Psicologia Histórico-Cultural, ancorada nos princípios do Materialismo Histórico e Dialético. Para essa filosofia a realidade é histórica, e os objetos que a constitui estão em constante movimento, e são “síntese de múltiplas determinações”. No campo da psicologia, a explicação para a formação dos conteúdos da consciência também se pauta pela análise e explicação desse movimento e para apreender os sentidos de família produzidos pelo (a) adolescente, foram necessárias aproximações às suas realidades que incorporassem múltiplos elementos, plurideterminados e inesgotáveis.

A articulação *internúcleos* almeja retomar e conectar as principais ideias formadas nos Núcleos de Significação, a fim traduzir o sentido de família como uma totalidade, tendo em vista transpor a aparência e chegar à essência oculta desse fenômeno. Conforme nos aponta Aguiar & Ozella (2006, p. 231), o momento de articulação dos internúcleos, em geral, explicitará “semelhanças e/ou contradições que vão novamente revelar o movimento do sujeito. Tais contradições não necessariamente estão manifestas na aparência do discurso, sendo apreendidas a partir da análise do pesquisador”.

Dito isto, dentre os principais temas que permearam os quatro núcleos de significação sistematizados nesta pesquisa, destacamos as condições socioeconômicas do (a) adolescente que participaram deste estudo. Conforme relatado no núcleo 1⁵⁵, eles provêm de famílias de baixa renda, percebem e sentem a instabilidade econômica de suas famílias, entretanto, não correlacionam situação econômica e questões estruturais da sociedade capitalista, fundada sob o antagonismo de classes. Expressam uma visão naturalizada das desigualdades sociais, (re)produzindo significações, as quais são concepções da visão liberal de mundo, que

⁵⁵ Núcleo 1: Relação Família-Sociedade.

culpabilizam suas famílias por tais condições (adolescente A.L), e condicionam a sobrevivência da família ao suporte econômico da rede familiar (M.A.).

Perante a carência material, expressam suas emoções e manifestam comportamentos como choro, isolamento (M.A) e culpabilização da família, associada ao trabalho excessivo, executado por pai e filho (A.L). No núcleo 2⁵⁶ também se examina a percepção das dificuldades econômicas, notadamente quando a adolescente menciona o fato de que ter filhos requer, além de muito trabalho, gastos financeiros, aos quais ela incorpora o sentido de que ela mesma dá trabalho a sua mãe. O adolescente também faz, neste núcleo alusão a sua antiga família, apontando que os pais brigavam por questões financeiras.

As dificuldades financeiras também comparecem no núcleo 3⁵⁷, contidas no interior das queixas trazidas tanto por A.L quanto por M.A.

Há episódios que ilustram a necessidade do serviço de atenção psicológica em razão do “não pagamento de pensão” por parte do pai da entrevistada, o que intensificava os conflitos intrafamiliares. No entanto, após sentir ainda mais a carência material, os sentidos de M.A em relação ao pai e ao não pagamento de pensão se alteraram, e ela, atualmente, concorda que ele precisa mesmo pagar.

No mesmo núcleo, a demanda pelo atendimento psicológico, movido por tensões intrafamiliares, reforça que os desentendimentos entre pai e mãe, já separados, eram determinados por dificuldades financeiras. Por fim, cabe ressaltar que no núcleo 4⁵⁸ as atividades realizadas por A.L e M.A também são dependentes das condições socioeconômicas de suas famílias e, portanto, confluem para a produção das ideias que emolduram o sentido de família.

Os autores Aguiar & Ozella (2006) assinalam que os sentidos representam a melhor síntese do racional e do emocional, gerando formas de colocar as pessoas em atividade. O sentido, aproxima-nos “do processo gerador da atividade, [é] ao mesmo tempo gerado por ela. Apreendemos o que é a atividade para o sujeito, e, assim, algumas zonas de sentidos da atividade [...] revelando uma forma singular de vivê-las e articulá-las” (AGUIAR & OZELLA, 2006, p. 228).

⁵⁶ Núcleo 2: Família-adolescente: aspectos relacionais.

⁵⁷ Núcleo 3: A demanda por atendimento psicológico e família.

⁵⁸ Núcleo 4: Relações familiares e atividades na adolescência.

Outro ponto destacado pelo estudo diz respeito ao aspecto intergeracional, que comporta um movimento dialético entre as gerações, por meio do qual, em suas relações, uma família (re)produz a outra. O tema geração transpassou pelo menos três núcleos. Daí que, os sentidos A.L e M.A sobre algumas características de suas famílias, em especial o modo como seus pais foram educados/corrigidos por seus avós, reproduzem-se na forma como eles são punidos atualmente.

O aspecto geracional também desponta quando se trata das atividades de estudo e escolha profissional e dos relacionamentos sociais/afetivos. A adolescente M.A percebe que recebeu o legado sobre a importância de estudar “para ter um futuro” de sua mãe, que recebeu de sua avó, assim como também relaciona seus critérios para relacionamentos sociais e afetivos com os de sua mãe. A.L, por sua vez, produziu sentidos sobre o trabalho do pai, que é sitiante, como sofrido e pesado e, assim, atua no intuito de ajudá-lo, de maneira especial porque toda a sua família sempre foi sitiante. Esses elementos reforçam que os comportamentos são transmitidos, aprendidos e reproduzidos mediante os exemplos praticados pelas gerações antecedentes.

A naturalização dos processos cognitivo-afetivos, como produções internas, descoladas do contexto social e histórico onde se revigoram foi outro aspecto proveniente das análises. Alguns dos sentidos elucidados pelos participantes da pesquisa confirmam a adolescência como fase natural, tal como defendida pela sociedade atual e sustentada pela psicologia tradicional, que se desdobra em conceitos de turbulência emocional, transbordamento hormonal, fase de maturação cerebral etc., típicos desta etapa da vida.

Há que se notar que as ideias sobre família, expressas pelas pessoas deste estudo aponta para um movimento, que traduz as mudanças da própria vida de A.L e M.A. Portanto, os sentidos são históricos, se modificam, tanto quanto as condições objetivas que circundam as vivências singulares de cada pessoa, movimento este que traduz a dinâmica própria do psiquismo humano.

Os diferentes aspectos retratados pela pesquisa denotam que M.A e A.L se apropriaram dos significados sociais de família, e, a partir de suas vivências intrafamiliares, produziram uma ideia singular do que é esse conceito na vida deles e, conseqüentemente, de como as relações no interior dessa organização familiar deveriam se dar, tais como os padrões de ajuda, de cuidado, proteção, diversão, perdão etc.

O estudo recuperou o princípio metodológico da unidade dos processos sociais e individuais na produção do sentido de família, e legitimou o pressuposto de que as situações reais da vida e as funções psicológicas (pensamentos, sentimentos, memória, linguagem) se

interpenetram na produção da imagem subjetiva do real – traduzida aqui como família. O sentido transparece como processo e produto da atividade de cada pessoa no mundo, uma imagem abastecida de pensamentos e sentimentos que sintetiza as relações entre o passado, o presente e o futuro de diferentes pessoas e que são o esteio das concepções sobre si e sobre seu lugar nessa totalidade familiar.

Ademais, assinalou a categoria totalidade como uma referência teórico-metodológica para os processos de pesquisa e atenção psicológica as pessoas desse grupo (adolescentes), uma vez que se evidenciou que o *sentido de família* para ele e para ela se mostra como uma totalidade no interior do psiquismo – que também se consolida como totalidade sistêmica. As contradições atualizadas na dinâmica do psiquismo – entre o social e o individual, o objetivo e o subjetivo, o natural e o histórico – são colocadas em relevo nas duas histórias focalizadas na pesquisa e cada uma delas, na sua singularidade, traduz uma unidade com a totalidade social. Portanto, cabe registrar que a atuação profissional, no campo da psicologia, especialmente nas políticas públicas de saúde, da assistência social, da educação, e outras, não pode prescindir dessas análises teóricas, sob o risco de interromper práticas totalizadoras.

Esperamos que, por meio deste estudo, seja possível ampliar o entendimento de como os sentidos são produzidos na relação dos jovens com suas famílias, tanto quanto de que tais sentidos, dotados de afetos e motivos, serão a força motriz que impulsiona o agir desses (as) adolescentes no mundo. Acredita-se poder expandir, mesmo que parcialmente, a compreensão desta etapa da vida, bem como das famílias e os aspectos da sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W.M.J. et.al. S. A Orientação Profissional com Adolescentes: Um exemplo de prática na abordagem sócio-histórica. In: BOCK, A.M.B; GONÇALVES, M.G.M; FURTADO, O. **Psicologia Sócio-Histórica**. São Paulo: Cortez, 2007 (p. 163 – 178).

_____, W.M.J & OZELLA, S. Núcleos de Significação como Instrumento para Apreensão da Constituição dos Sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, n.26(2), p. 222-245, 2006.

_____, W. M. J. & OZELLA, S. Apreensão dos sentidos: aprimorando a proposta dos núcleos de significação. **R. bras. Est. pedag.**, Brasília, v. 94, n. 236, p. 299-322, jan./abr. 2013. Disponível em <https://www.scielo.br/j/rbeped/a/Y7jvCHjksZMXBrNJkqq4zjP/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 01/02/2021.

_____, W. M. J, et.al. Núcleos de significação: uma proposta histórico-dialética de apreensão das significações. **Cadernos de Pesquisa**. V. 45, n. 155 p. 56-75. jan./mar.2015. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cp/a/cJgwjVtjwQ4thrMbxB4ZPFm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 05/12/2021.

ALBERTI, V. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

ALVES, A. M. O método materialista histórico dialético: alguns apontamentos sobre a subjetividade. **Revista de Psicologia da Unesp**, Assis, v. 9, n. 1, p. 1- 13, set. 2010.

ALVES, G. Trabalho, subjetividade e capitalismo manipulatório – O novo metabolismo social do trabalho e a precarização do homem que trabalha. **Revista da RET, Estudo do Trabalho**, Ano V, n. 8, 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/36908716/Trabalho_subjetividade_e_capitalismo_manipulat%C3%B3rio. Acesso em: 12 de ago. 2022.

ALVES, G. Revolução Russa: obstinação e contingência histórica. Blog da Boitempo. Publicado em 04/09/2017, disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2017/09/04/revolucao-russa-obstinacao-e-contingencia-historica/>. Acesso em: 12 de ago. 2022.

ANJOS, R. E. **O Desenvolvimento Psíquico na Idade de Transição e a Formação da Individualidade Para-si**: aportes teóricos para a educação escolar de adolescentes. 2013. 167 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2013.

_____. **O Desenvolvimento da Personalidade na Adolescência e a Educação Escolar**: aportes teóricos da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. 2017. 198 f. Tese (Doutorado em Educação Escolar). Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras – Unesp – Araraquara, 2017.

ANJOS, R. E. dos. & DUARTE, N. A adolescência inicial: comunicação íntima pessoal, atividade de estudo e formação de conceitos. *In*: Martins, L.M.; Abrantes, A.A.; Facci, M.G.D. org. **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice**. 2d. Campinas: Ed. Autores Associados, 2020 (p. 195 – 220). (Coleção educação contemporânea).

ANJOS, R. E. dos & DUARTE, N. A educação escolar de adolescentes e a formação da autoconsciência como centro organizador da personalidade. *In*: Leal, Z.F.R.G.; Facci, M.G.D.; Anjos, R.E dos. org. **O Desenvolvimento psicológico do adolescente na perspectiva da psicologia histórico-cultural: temas atuais**. Curitiba: CRV, 2021 (p. 33 – 52).

ARANHA, M.L.A & MARTINS, M.H.P. **Filosofando: introdução à filosofia**. 1.ed. São Paulo: Moderna, 1986.

ASBARHR, F. S. F. **“Por que aprender isso, professora?”** Sentido pessoal e atividade de estudo na Psicologia Histórico-Cultural. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

BARBACELI, J. T. **Da identidade universitária à identidade profissional docente: a FEUSP e a formação inicial de professores para os primeiros anos de escolarização**. 2013. 138p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

BARROS, J. P. P. et al. O Conceito de “Sentido” em Vygotsky: considerações epistemológicas e suas implicações para a investigação psicológica. **Psicologia & Sociedade**, 21 (2): p. 174-181, 2009.

BERNARDES, M. E. M. O Método de Investigação na Psicologia Histórico-Cultural e a Pesquisa sobre o Psiquismo Humano. **Psicologia Política**, v. 10, n. 20. pp. 297-313. Jul. – dez, 2010.

BIAVATTI, S. M. **O Desenvolvimento do Psiquismo na Perspectiva do Professor de Arte: Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, 2021.

BOCK, A. M. B. Adolescência como Construção Social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional** (ABRAPEE), v. 11, n. 1, p. 63-76, janeiro/junho 2007.

BOCK, S. D. **Orientação Profissional: Avaliação de uma proposta de trabalho na abordagem sócio-histórica**. 193 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 2001.

BRASIL. Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. **Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para assuntos jurídicos**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8080.htm. Acesso em: 05. dez. 2021.

BRASIL, PL nº 6583/2013. Dispõe sobre o Estatuto da Família e dá outras providências. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/>. Acesso em: 25 fev. 2022.

CARVALHO, R. M. de. **Relação entre irmãos adolescentes: sentidos e significados**. Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC), 2011. 245 f. (Tese de Doutorado).

CINTRA, M. S. & BERNARDO, M. H. Atuação do psicólogo na atenção básica do SUS e a psicologia social. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 37, n. 4, p. 883-896, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/QSnbz7GJVVCJLg8yQZxxz8G/>. Acesso em: 11 nov. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de ética profissional do psicólogo, agosto de 2005. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2012/07/codigo-de-etica-psicologia.pdf> . Acesso em: abr. 2021.

_____. **Referências técnicas para atuação de psicólogas(os) na atenção básica à saúde**. Conselho Federal de Psicologia, Brasília, DF: CFP, 2019. 87 p.

_____. **Notícia sobre o Estatuto da Família**. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/estatuto-da-fami-lia/>. Acesso em: 25 fev. 2022.

DUARTE, N. A anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco: A dialética em Vigotski e em Marx e a questão do saber objetivo na educação escolar. **Educação & Sociedade**, ano XXI, nº 71, julho/00.

_____, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, Editora UFPR, 2004.

DURIGAN; A.C. **Família e Cultura: Um estudo psicológico acerca das vivências familiares para a formação humana**. Dissertação de Mestrado, 182 p. Universidade Estadual de Maringá, 2015.

DURIGAN, A.C. & LEAL, Z.F.R.G. A relação entre a família e a escola como elemento para a formação humana: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural. **InterEspaço**, Grajaú/MA, v. 3, n. 11, p. 133-148, dez. 2017.

ELKONIN, D. B. Sobre el problema de la periodizacion del desarrollo psíquico em la infancia, in: DAVIDOV, V.; SHUARE, M. (org). La psicologia evolutiva y pedagógica en la URSS: antologia. Moscú. Editorial Progreso, 1987. p. 104 – 124.

ENGELS, F. **A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado**. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

FONTENELLE, N. & MADEIRA, D. O Retrocesso do Estatuto da Família. **Revista Jurídica Cesumar** - Mestrado, v. 21, n. 2, p. 345-359, maio/agosto 2021.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, C.A.V. **O afetivo para a psicologia histórico-cultural: considerações sobre o papel da educação escolar**. 2008. 170 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2008.

GONCALVES, M. G. M. A psicologia como ciência do sujeito e da subjetividade: A historicidade como noção básica. In.: BOCK. A. M.. B. (org.). Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

GONZÁLEZ REY, F.L. A saúde na trama complexa da cultura, das instituições e da subjetividade. In: González Rey, F.L.; Bizerril, J. org. **Saúde, cultura e subjetividade: uma referência interdisciplinar**. Brasília: UniCEUB, 2015 (p. 9 – 34).

KOSIK, K. **Dialética do concreto**. Tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio. 2. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

LEAL, Z. F. R. G. **Educação Escolar e Constituição da Consciência: um estudo com adolescentes a partir da psicologia histórico-cultural**. 2010. 372 f. Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

LEAL, Z.F.R.G. & MASCAGNA, G. C. Adolescência: trabalho, educação e a formação omnilateral. In: Martins, L.M.; Abrantes, A.A.; Facci, M.G.D. org. **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice**. 2d. Campinas: Ed. Autores Associados, 2020 (p. 221 – 238). (Coleção educação contemporânea).

_____, FACCI, M. G. Adolescência: superando uma visão biologizante a partir da psicologia histórico-cultural. In: Leal, Z. F. R. G.; Facci, M. G.; Souza, M. P. R. org. **Adolescência em foco: contribuições para a psicologia e para a educação**. Maringá: Eduem, 2014. (p. 15 – 44).

_____, SOUZA, M.P.R. A vivência da adolescência pelo adolescente. In: Leal, Z. F. R. G.; Facci, M. G.; Souza, M. P. R. org. **Adolescência em foco: contribuições para a psicologia e para a educação**. Maringá: Eduem, 2014. (p. 71 – 102).

LEFEBVRE, H. **Marxismo**. Tradução de Willian Lagos. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2009.

LÉNINE, V. I. As Três Fontes e as Três partes Constitutivas do Marxismo. Primeira edição: **Revista Prosvechtchénie** nº3, Março de 1913. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/lenin/1913/03/tresfont.htm>. Acesso em: 30 de ago de 2022.

LEONTIEV, A. **O Desenvolvimento do Psiquismo**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 2. ed. São Paulo, Centauro, 2004.

LESSA, S. **Abaixo à família monogâmica!** – São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

LISBOA, M. R. A. **A Sagrada Família: a questão do gênero em famílias católicas**. 1987. 128 f. Dissertação de Mestrado – Programa de pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1987.

MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica**. Campinas, SP: Autores Associados, 2016.

MARTINS, L..M & LAVOURA, T.N. Materialismo histórico-dialético: contributos para investigação em educação. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 71, p. 223-239, set./out. 2018.

MARTINS, L.M. Psicologia histórico-cultural, pedagogia histórico-crítica e desenvolvimento humano. In: Martins, L.M.; Abrantes, A.A.; Facci, M.G.D. org. **Periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice**. 2d. Campinas: Ed. Autores Associados, 2020 (p. 13 – 34). (Coleção educação contemporânea).

MARX, K. **O Capital: Crítica da economia política**. Livro 1. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. Tradução e introdução de Florestan Fernandes. – 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 1848/2008.

_____, K.& ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Tradução de Rubens Enderle; Nélcio Schneider e Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Boitempo, 1846/2007.

MARX, K. & ENGELS, F. **Manifesto Comunista**. 1.ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 1998.

_____. **Lutas de Classes na Rússia**. 1.ed. São Paulo: Boitempo Editorial, 2013.

MASCAGNA, G. C. & FACCI, M. G. A atividade principal na adolescência: uma análise pautada na psicologia histórico-cultural. In: Leal, Z. F. R. G.; Facci, M. G.; Souza, M. P. R. org. **Adolescência em foco: contribuições para a psicologia e para a educação**. Maringá: Eduem, 2014. (p. 45 – 70).

MASCAGNA, G.C. **Adolescência: compreensão histórica a partir da escola de Vigotski**. 185 f. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2009.

MELO, L. C. B. **O Sentido e o Significado do Ensino Médio para os Estudantes: um estudo a partir da psicologia histórico-cultural**. 2017. 196 f. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Estadual de Maringá, 2017.

MELO, L. C. B. de.& LEONARDO, N. S. T. O sentido do ensino médio para adolescentes que estudam em um instituto federal. In: Leal, Z.F.R.G.; Facci, M.G.D.; Anjos, R.E dos. org. **O Desenvolvimento psicológico do adolescente na perspectiva da psicologia histórico-cultural: temas atuais**. Curitiba: CRV, 2021 (p. 183 – 198).

MELSERT, A.L.M. & BOCK, A.M.B. Dimensão subjetiva da desigualdade social: estudo de projetos de futuro de jovens ricos e pobres. **Educ. Pesqui.** São Paulo, v. 41, n. 3, p. 773-790, jul./set. 2015.

NETA, M. I. F. L. & KAHHALE, E. M. P. Uma reflexão sobre relações familiares da perspectiva da psicologia sócio-histórica. In: TOASSA, G.; MACHIAVELLI, T.; RODRIGUES, D. J. S. (Orgs.), **Psicologia sócio-histórica e desigualdade social: do pensamento à práxis** [Ebook] – (p. 206 – 234). Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2019.

NETTO, J. P. **O que é o Marxismo**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

OLIVEIRA, A.M.C. de, et.al. Processos subjetivos da depressão: construindo caminhos alternativos em uma aproximação cultural-histórica. **Fractal: Revista de Psicologia** [online]. v. 29, n. 3, p. 252-261. Dez 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/nsV8BjnmhkMwY9h7JZJXcBf/#>. Acesso em: 05 ago. 2022.

OLIVEIRA, B. A dialética do singular-particular-universal. In: A. A. Abrantes, N. R. Silva, & S. T. F. Martins (Orgs.), **Método histórico-social na psicologia** (pp. 25-51). Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

OLIVEIRA, R.B.S. de. **Os fundamentos teórico-metodológico da Psicologia Histórico-Cultural para o atendimento de família**. Dissertação de Mestrado, 218 p. Universidade Estadual de Maringá, 2020.

PASQUALINI, J. C. **Contribuições da Psicologia Histórico-Cultural para a educação escolar de crianças de 0 a 6 anos: Desenvolvimento infantil em Vigotski, Leontiev e Elkonin**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-graduação Faculdade de Ciências e Letras - UNESP Araraquara, 2006.

PASQUALINI, J.C & MARTINS, L.M. Dialética singular-particular-universal: implicações do método materialista dialético para a psicologia. **Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 362-371, ago. 2015.

PEREIRA, F. C. S. C. **Adolescência no Contexto das Medidas Socioeducativas: contribuições e proposições da psicologia histórico-cultural**. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Estadual de Maringá, 2020.

Relatório de Programas e Ações do Ministério da Cidadania (v.2021). Relatórios de Informações Sociais. Recuperado de <https://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/ri/relatorios/cidadania/index.php?aM=0&codigo=35&aM=0>. Acesso em: 02, fev. 2022.

REIS, J. R. T. Família, emoção e ideologia. In: Lane, S. T. M., Codo, W. (orgs.) **Psicologia Social: o homem em movimento**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.

REY, G. F. As Categorias de Sentido, Sentido Pessoa e Sentido Subjetivo: sua evolução e diferenciação na teoria histórico-cultural. **Psic. da Ed.**, São Paulo, 24, 1º sem. de 2007, pp. 155-179.

SAMARA, E. M. O Que Mudou na Família Brasileira? (da Colônia à Atualidade). **Psicologia USP**, 2002, Vol. 13, No .2, 27-48.

_____. **As Mulheres, o Poder e a Família**: São Paulo, século XIX. Ed, Marco Zero, São Paulo, 1989.

SARTI, C. Famílias enredadas. In: ACOSTA, A. R, VITALE, M. A. F (orgs.) **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Editora Cortez, 2003, p.21-36. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/handle/11465/1731>. Acesso em 27 de fev de 2022.

SEVERINO, A.J. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev.e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SOARES, J. R. **A atividade docente e subjetividade**: sentidos e significados constituídos pelos professor acerca da participação do alunos em atividades de sala de aula. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC), 2011. (TESE DE DOUTORADO).

SOARES, S. M. G. M. **Família – Abrigo – Rua: construção de significados dos adolescentes nas passagens por contextos de desenvolvimento.** Dissertação de Mestrado. 238 p. Universidade Federal de Pernambuco, 2012.

TADA, I. N. C.et.al. Adolescentes e depressão: relato de intervenção em uma escola pública da periferia de Porto Velho, Rondônia. *In*: Leal, Z.F.R.G.; Facci, M.G.D.; Anjos, R.E dos. org. **O Desenvolvimento psicológico do adolescente na perspectiva da psicologia histórico-cultural: temas atuais.** Curitiba: CRV, 2021 (p. 199 – 214).

TOASSA, G. **Emoções e vivências em Vigotski.** – Campinas, SP: Papirus, 2011.

_____. Um Estudo Sobre o Conceito de Sentido e a Análise Semântica da Consciência em L. S. Vigotski. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 40, n. 111, p. 176-184, maio-ago, 2020.

TONET, I. **Método científico: uma abordagem ontológica.** 1. ed. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

TULESKI, S. C. **Vygotski: a construção de uma psicologia marxista.** 2.ed. Maringá: Eduem, 2008.

UNICEF-Brasil. (2021, 10 de junho). Trabalho infantil aumenta pela primeira vez em duas décadas e atinge um total de 160 milhões de crianças e adolescentes no mundo. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/trabalho-infantil-aumenta-pela-primeira-vez-em-duas-decadas-e-atinge-um-total-de-160-milhoes-de-criancas-e-adolescentes-no-mundo>. Acesso em 28 de agosto de 2022.

VISCOME, H.; PIMENTA, J.; MARTINS, R. As Origens das Famílias Brasileiras: o Brasil colonial e a miscigenação. **Serviço Social & Realidade**, Franca, v. 21, n. 2, 2012.

VINHA, M. P., & WELCMAN, M. Quarta aula: a questão do meio na pedologia, Lev Semionovich Vigotski. **Psicologia USP**. São Paulo, 21(4), 681-701. 2010.

VIGOTSKI, L. S. **A Construção do Pensamento e da Linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____, L. S. **Teoria e Método em Psicologia.** Tradução de Cláudia Berliner. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____, L. S. **Obras Escogidas.** Tomo III. 2. ed. Madrid: Visor Dis., 2000.

_____, L. S. **Obras Escogidas.** Tomo IV. 2. ed. Madrid: Machado Libros, 2006a.

_____, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. *In*: VIGOTSKII, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 10. ed. p. 103-118. São Paulo: Ícone, 2006b.

_____, L. S. **A Formação Social da Mente.** 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VITALE, M.A.F. Avós: velhas e novas figuras da família contemporânea. *In*: ACOSTA, A. R,

_____, M. A. F (orgs.) **Família: redes, laços e políticas públicas**. São Paulo: Editora Cortez, 2003, p.93-108. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/handle/11465/1731>. Acesso em 27 de fev de 2022.

WALLON, H. Psicologia e Materialismo Dialético. "Psychologie et materialisme dialectique" in The World of Henri Wallon.1951. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/wallon/1942/mes/psicologia.htm>. Acesso em 31 de ago de 2022.

ZANELLA, A. **Vygotski: contexto, contribuições à psicologia e o conceito de zona de desenvolvimento proximal**. Itajai: Univali, 2007.

APÊNDICE A – Pré-indicadores construídos a partir das falas da adolescente M.A

[queixa] <i>minha mãe queria que eu buscasse por causa do meu pai, por causa da pensão, estava na justiça, um monte de coisa, então minha mãe achou que eu precisava... minha mãe, minha vó, minha tia, todo mundo, no começo eu não queria não...</i>
ai quando eu comecei, no começo comecei com a psicóloga da minha mãe a C., eu comecei a fazer com ela, mas eu gostava um pouco, mas a minha mãe falou que eu queria uma só pra mim <i>eu não queria muito não, até que eu fui acostumando.</i>
[queixa] <i>por causa do meu pai, briga de justiça... é pensão, meu pai não paga.</i>
[queixa] <i>é que eu ficava muito fechada</i>
[queixa] praticamente, <i>ai depois veio meu tio ai foi preso ai fiquei mais quieta no meu canto sem falar com ninguém.</i>
[queixa] ah não, <i>qualquer coisa eu também brigava, qualquer coisa eu também chorava, era um monte de coisa...</i>
[quando começaram os sintomas] foi em dois mil e dezenove, assim que <i>meu tio [esposo da tia materna] foi preso</i> , dia vinte, acho que dia vinte e dois de dezembro que ele foi preso, <i>dois dias antes do natal</i> , ai minha tia também já estava para ganhar criança, meu primo.
<i>...fiquei chateada, fiquei sem saber onde eu tava, lugar que eu tava, confusa da vida, cabeça cheia... eu gostava, era muito grudada com ele, ele ficou oito meses preso... é muito ruim... acho que quando ele foi preso eu chorei mais que minha tia.</i>
[queixa] <i>não sei, qualquer coisa eu brigava, não podia falar nada pra mim que eu já brigava, com a minha vó [materna] mesmo eu brigava direto, ela era quem me dava mais raiva.</i>
<i>sei não a causa... vem de repente</i> , parece que você se emociona muito na hora da raiva, <i>quando eu fico com raiva dá vontade de ir pra cima, daí eu pego e saio e saio chorando e fico quieta no canto, senão vou brigar muito.</i>
[motivo da raiva] <i>geralmente por causa da minha mãe é... falava do meu pai, sobre meu pai, que meu pai era.... falava um monte de coisa do meu pai elas, ai me dá raiva que fala o meu pai, eu não gosto quando fala do meu pai, minha mãe e minha vó fala do meu pai não dá, não gosto... acontecia direto... já me irritava... eu pegava e saia dali, ia embora pra minha casa [da casa da avó] ou ficava lá fora na calçada.</i>
<i>ah, nem lembro direito as coisas... ela chamava meu pai de vagabundo, quase isso, que ele não pagava pensão, que ele... meu pai tem três filhos, tirando eu, que ele fez filho e agora não quer pagar pensão, só faz filho...</i>
saia pra não brigar... <i>eu não gosto muito de brigar.</i>

Ah, foi um pouco até eu parar... <i>ai quando começou isso eu diminuiu um pouco de ir na minha vó</i> , eu saía mais pra rua, brincava com os meninos e as meninas, <i>eu saía um pouco perto deles...ia, divertia brincando, ia pra um monte de lugar, mas com eles [família] eu não ficava muito não.</i>
[atualmente] <i>hoje nem fala muito do meu pai, hoje eu nem ligo, meu pai tem que pagar pensão mesmo. É o certo.</i>
[motivo da mudança de pensamento em relação à pensão] <i>a dificuldade da minha mãe que ela tava passando...compra meu material, compra comida pra dentro de casa, um monte de coisa... (emoção, choro)... ai eu vi que precisava pagar pensão, ajuda.</i>
[atualmente] <i>moro só com minha mãe...</i>
<i>mora na mesma rua</i> [avó materna]... <i>minha mãe mora num quarteirão e ela no outro.</i>
agora <i>tá morando minha tia, meus dois primos e meu tio e meu vô, tá morando todo mundo lá</i> [na casa da avó M].
Ah, <i>quando começa a faltar as coisas dentro de casa.</i>
Ah, não sei... <i>eu não sou muito de reparar nessas coisas, meu vô memo ele dá de tudo, não deixa faltar nada.</i>
<i>é mais ou menos</i> [condição financeira]... <i>porque quando começa a faltar as coisas, um pouquinho dentro de casa, mas não é que é um monte de coisa, só um pouquinho às vezes quando não dá pra comprar, ai começa apertada um pouco, meu vô fica devendo às vezes no carro, mais ai é coisa de um mês, dois mês só que falta.</i>
<i>dá um jeito</i> [quando falta], as vizinhas às vezes... <i>ai minha vó pega na vizinha da frente, ela também pega lá, minha vó pega lá, minha vizinha pega lá, uma vai trocando com a outra quando falta, a vizinha é praticamente da família, mais é vizinha.</i>
<i>Ela [mãe] não pode trabalhar porque ela operou da coluna.</i>
faz, desde.... <i>desde quando eu nasci, porque pós parto ela entrou em depressão pós parto... ai então não tá trabalhando, as vezes ela faz uma faxina aqui outra ali com coisa que ela aguenta.</i>
<i>ah, meu vô ajuda bastante lá dentro de casa, ela tá trabalhando...ah, é meio ficando dela, ela vai dia de sexta, uma sexta sim, uma sexta não... da uma organizadinha, ganha cem real, cento e oitenta, ai ajuda dentro de casa.</i>
<i>ela faz uma faxininha praticamente no vizinho</i> na rua de casa, na esquina.
<i>Eu sou católica. É tudo católica [família materna];</i>

por parte de pai acho que são tudo evangélico; meu pai é meio católico, meio evangélico vai qualquer um.

ah o mesmo valor, praticamente, *na minha família nem todo mundo vai para a igreja só a minha vó que é*, gosta de ver, televisão, um monte de coisa, *ela e minha bisa...*, *agora eu geralmente as vezes vou para a igreja com colega, amigos...* ontem mesmo eu fui para a igreja...

sem minha mãe, minha mãe não é muito de ir para a igreja, última vez que foi na igreja foi na minha eucaristia.

Não, *o mesmo valor, mesma coisa [se percebe nos valores religiosos da família];*

[relação com a mãe e sua família] *agora tá bem melhor, agora tudo mundo tá bem reunido, todo dia nós fica na minha vó [materna]* dia de sexta, sábado, domingo, às vezes os alemão faz churrasco lá, *vai todo mundo... a família inteira*, meus tios e meus primos *ai fica tudo reunido* de sexta, sábado e domingo.

antigamente nós não era assim, minha tia de lá de baixo não vinha pra cá, meu tio morava no San Martins não vinha muito pra cá...

[relação com mãe] ah, *nunca foi tão ruim, sempre foi bom, mas... a minha mãe fica mais na colega dela do que em casa, então tá bom a relação com minha mãe... nois conversa, brinca as vezes, nois vê kwai junto*, essas coisas.

agora com minha vó também está melhor, a gente quase não briga mais ela está pegando mais no pé do meu primo agora meu primo tá morando lá faz muita bagunça muita arte...

Tenho [contato], com meu pai eu tenho... pelo celular, whatsapp. ah, de vez em quando [contato pessoalmente], quando eu vou buscar um trocado lá, um dinheiro pra comer lanche às vezes, com as meninas...

[relação com pai] *a nossa relação é mais menos... quando dá vontade eu converso, quando não dá não converso, às vezes a gente fica semanas, meses sem se falar, nem ligo muito pro meu pai, nunca cresci com ele.*

Foram há dez anos, *ficaram dez anos casados*, ai *quando separaram eu tinha* quatro anos de idade... não *três* pra fazer quatro, *eu era pequeninha.*

sempre morei com a minha mãe.

eu vim ter contato agora *depois de uns doze anos que eu fui ter contato com meu pai*, que ele foi morar pra P. ai *não tinha muita relação*, ai *quando ele separou da minha mãe, até uns seis anos ele vinha me buscar, mais depois nunca mais veio, ai voltou agora com uns treze quatorze anos eu tinha...*

foi muito estranho [quando voltou a ter contato com pai], *tipo andava com desconhecido... é muito estranho ele não tinha o que falar não tinha o que conversar, meio estranho.*

<i>normal, nem ligava muito [período distante do pai].</i>
<i>agora tô bem, normal, é simples [voltado a ter contato com pai]</i>
<i>eu nem me lembro muito quando era pequena, tem poucas fotos nossa, nem sei, eu ficava mais com a mãe dele, minha vó, ela sempre morou aqui...minha vó minhas meus primos, só com a minha tia, não foi muito bom minha tia Adriana mas o resto tudo bem, só com meu pai e tia Adriana tava meio afastado (emocionada)</i>
[relação com pai] ah <i>bem mais ou menos, bem boa a relação, nem fico comparando muito. Nós temos mais comunicação pelo celular. Eu passei só acho que uma semana só na casa dele, eu ficava em um quarto ele ficava em outro, ele só chega, faz a janta e vai deitar, ele acorda as quatro horas da manhã para ir trabalhar... então meio ruim.</i>
ah o clima? eu nem sei, <i>com a família do meu pai é mais ou menos, família da minha mãe é ótima a relação</i> , só com a parte da minha vó que assim, a família N... não é muita coisa, <i>a família A... do meu vô é boa, nós somos bem de amigos todo mundo junto.</i>
[mora com] <i>todo mundo junto... nós só vai pra dormir praticamente em casa... nós vive na minha vó; agora mesmo ela tá lá arrumando as coisa.</i>
[clima, ambiente familiar] <i>um clima bom.</i>
[percepção sobre sua família] ah bem, <i>tem os defeitos, mas é uma família é bem reunida, bem comunicativa, as vezes tem uma briga ali, mas briga boba, daqui meia hora está todo mundo bem.</i>
ah nem ligo muito, eu gosto de me divertir com meus primos, <i>eu não ligo pra briga</i>
ah <i>nós tem nossos defeitos</i> , não tem como fala que não tem, <i>porque toda família tem um defeito</i> , mais é boa <i>eu gosto da minha família.</i>
ah tipo <i>tenho vários apelidos na minha família...pro meu vô fala que sou a cowboy dele</i> , ele gosta de andar a cavalo comigo, e para minha tia eu sou, ah, <i>praticamente eu ando mais com minha tia</i> , para os lugar, sair, minha tia chama mais eu do que o filho dela, meu tio, <i>eu saio com ele</i> , tipo assim, ele entrega foto ai eu vou entregar foto com ele isso ai, com meus primos <i>eu brinco bastante...</i> minha vó nem tem como explicar porque ela vive dormindo vinte e quatro horas por causa da diabete, <i>pra minha mãe eu sou normal, pra ela eu sou muito estudiosa.</i>
estavam; o dois estavam casados. <i>Minha mãe... ela fala que eu fui planejada, que meu pai queria um filho, mas os dois queria um menino só que acabou vindo eu</i> , ai tem vários nomes que eles escolheram, só que minha mãe que escolheu meu nome, meu pai queria Verônica, ai já tinha e é bem feio, tem vários nomes só que ai já tinha na família, ai minha mãe colocou M. com Y e S pra ser diferente, <i>ai no pós parto ela entrou em depressão...</i> eu nasci as onze e trinta e quatro da noite, dia seis de abril...

<i>tem várias fotos minha e da minha mãe</i> , meu pai escolheu meu padrinho e minha madrinha, que minha madrinha hoje em dia já morreu, só isso, acho que foi só isso que eu conheço.
Ah... minha tia, minha mãe as vezes me dava banho, mas <i>era mais minha tia e minha vó que cuidava de mim</i> .
ah meu pai ele num... gostava, <i>meu pai, ele fala que não gosta de mulher grávida, ele tem nojo, então minha mãe teve mais ajuda da minha tia minha vó, e a tia dela, minha B....</i> só isso que eu sei.
ah eu sinto normal, eu não me lembro de nada, não vivi, <i>eles que tava cuidando, eu que dava trabalho</i> .
[como é corrigida pela família] <i>minha mãe que me batia, qualquer coisa... se eu fosse mal educada ela já metia o tapa em mim em qualquer lugar, qualquer lugar me dava um tapa, meu vó, meu vó nunca me bateu, ele é mais de fala, meio quietão, pouca coisa que fala, é aquele que fala mas não briga muito, meu pai também nunca me bateu, nunca falou um a, só minha mãe, mais ninguém, ela que dava ordem (emocionada)</i> .
<i>eu sou vergonhosa</i> , um pouco.
<i>ah hoje em dia é mais minha tia que fica pegando no meu pé</i> , minha tia, não pode bater prato, tem que sentar desse jeito, não pode colocar o cotovelo na mesa, um monte de coisa, <i>minha tia que me ensina mais as coisas</i> .
[mãe] <i>ah, agora só através da conversa, faz tempo que ela não me bate, ou, tira meu celular também que é meu ponto fraco, não aguento ficar sem celular</i> , tira uns dois, três dias, aí quando é muito pesado é indeterminado até eu parar...
<i>já faz tempo que ela não me bate, ainda bem... bem melhor que apanhar, quando minha mãe batia, batia pra valer, prefiro ficar sem celular do que apanhar</i> .
meus bisavôs sei muito não, <i>dos meus avô, só sei que ele tinha um monte de coisa, casa, mercado dele aqui em M., era bem de vida só que perdeu tudo na pingaiada, pingaiada que hoje em dia ele anda bebum aí pela rua de M. [avô paterno]... ele e minha vó são aposentados</i> [paternos].
da minha mãe [avô paterno] trabalha até hoje, vai fazer setenta anos quase, <i>trabalha até hoje como pedreiro</i> .
da minha mãe, agora <i>do meu pai é vagabundo,.. o meu vó</i>
[relação com família de origem e atual] <i>ah nenhum pouquinho, minha mãe talvez só um tiquinho</i> do meu vó, <i>meu pai</i> acho que foi da família da minha vó da mãe dele, <i>bem pouca coisa</i> .
Ah, <i>minha mãe do jeito de criar puxou totalmente a mãe dela, meu pai, acho que ele puxou... acho que ele puxou minha vó, ele é quietão na dele, ele não fala nada,</i>

<i>mais quando ele fica bravo ele vem pra valer só que ele não bate</i> , ele não sabe bate, se ele bate vai bate de soco.
ah... tipo <i>na escola mesmo minha vó sempre foi bem firme com minha mãe</i> , só com minha mãe, porque com os outros dois tios nada um pouco, <i>com minha mãe foi bem firme, ela ensina, minha mãe também me ensina às vezes, eu só... eu tenho bem dificuldade de aprender às vezes... de boquejar, essas coisas, minha mãe puxou minha vó também, ela também bate, ela não é de falar às vezes, só que agora com o celular, ela tira do celular...minha mãe, puxou mais minha avó.</i>
<i>aprendi mais com a minha mãe né, porque a convivência é mais com ela, na escola mesmo</i> , se fosse igual antigamente A,B,C tirava mais A, pois <i>minhas notas é tudo boa igual da minha mãe...</i> só que eu <i>não puxei muito ela nesse negócio de briga</i> com os outros, <i>eu não sou de brigar, sou mais ou menos igual meu pai, gosto de ficar quieto, não sou muito de briga, odeio briga.</i>
ah, <i>minha mãe comigo às vezes ela briga</i> , mas também <i>ela nunca foi de brigar na escola, eu também nunca fui pra direção</i> , pra lugar nenhum.
ah, <i>na escola eu sou completamente igual ela fala, ela fala, que ela nunca foi pra direção, eu também não fui, eu sou uma aluna boa, mais ou menos, não tão nerd, mas uma das melhores alunas da sala de aula, igual ela, ela fala que eu sento no mesmo lugar que ela senta na escola</i> , assim que o professor senta, eu sou na mesa atrás, na onde ela falava que antigamente ela sentava.
quando eu tiver filho vai ser um e olha lá ainda, <i>filho dá muito trabalho.</i>
por mim mesmo, <i>o trabalho que eu do pra minha mãe já dá pra ver, Deus me livre...</i>
ah <i>tem que comprar as coisas, tem que dar disciplina, tem que dar respeito, ensinar as coisas, é muita coisa...</i>
A disciplina na escola, tomara que seja <i>bom aluno</i> , que... <i>da escola que vem o futuro né</i> , se não souber aprender na escola... aprender, como vai ser seu futuro? <i>Minha mãe fala, pra eu estudar bastante pra o que eu quero ser. Eu quero ser polícia.</i> Ai tem que tirar notas boas.
Porque <i>tinha um vizinho que me inspirou</i> , melhora a cidade [polícia]
[o que é família?] <i>família é... é a pessoa que te ajuda, que tá ali reunido, se divertindo, quando o outro briga depois pede desculpa se tiver errado... uma mão lava a outra, na família tem que ser.</i>
<i>a família da minha mãe sim, a do meu pai é muita briga...</i> meu pai e meu tio, irmão dele, viveram brigado por dois anos, agora que estão se falando, agora são um grudado com o outro.

ah, porque <i>nois [família materna] é bem unido, quando um precisa outro vai lá e ajuda, quando precisa conversar outro tá ali, quando precisa de alguma coisa outro ajuda, nois tá bem reunido quando precisa.</i>
ah me sinto bem, <i>é legal ter a família.</i>
ah, um negócio tipo legal, que <i>você gosta de estar ali toda hora, você gosta ficar com eles.</i>
[seu estado atual] <i>não sei explicar sobre minhas emoções, não sou muito de ficar vendo as emoções... é boa, divertida, aventura.</i>
<i>meus pensamentos agora tá bem melhor, é bom meus pensamento, eu gosto, tô sentido mais alegre, mais divertida, eu gosto de aventuras, eu gosto muito de ficar aventurando.</i>
ah não sei explicar ainda, <i>conversa ajuda, aí desabafa...</i> é isso que eu tô...
ah tipo <i>psicólogo, minha melhor amiga, minha mãe, minha tia eu converso bastante e minha madrinha</i> que vai ser de eucaristia.
[como está e relação com família] uh <i>tó achando que não... ou talvez um pouco</i> , não sei, não sei falar sobre isso também.
[queixa, procura por psicólogo] ah <i>era bem pra baixo, era bem triste.</i>
<i>muita merda, muita coisa ruim</i> [pensamentos]
<i>antigamente eu me cortava até... eu gostava de solidão, sem ninguém, eu entrava no banheiro às vezes e me cortava, agora eu parei com isso (tristeza, choro)</i>
ah, <i>agora eu acho que era uma coisa bem estúpida o que eu fazia, nada a ver.</i>
<i>desabafa assim... me ajuda refrescar a memória bastante aí dá pra ver que isso não é coisa que se faz (arrependimento)</i>
<i>é bom você botar pra fora do que guardar pra dentro com você.</i>
tipo aqui <i>no psicólogo, minha mãe...minha mãe mais ou menos porque eu não gosto muito de conversar com a minha mãe, da vergonha até com minha mãe, converso muito com a R, e com minha tia eu converso bastante.</i>
eu <i>vivia na casa da minha tia antigamente</i> , eu gostava de lá.
ah vim pra cá, <i>ainda bem que minha mãe fez eu vir pra a psicóloga me ajuda bastante</i> , e foi em dois mil e dezenove que eu fui melhorar, <i>pra eu pegar confiança é difícil, eu sou uma pessoa bem vergonhosa, igual minha tia.</i>
ah e conversar com minha amiga, <i>ter uma amiga para conversar é sempre bom</i>

[seu estado atual e família] <i>hoje só de a gente não brigar tanto, achar motivo pra brigar já tá bem melhor.</i>
[percepção da família] ah do jeito que agora <i>eu divirto bastante agora com eles</i> , então acho que dá pra perceber pelo meu olhar, que <i>é bem melhor do que antes.</i>
ah o jeito meu de hoje em dia, <i>eu ando bem mais feliz, só pelo rosto já da pra saber, só pelo jeito meu.</i>
[relação com o contexto familiar] <i>sim, com a família da minha mãe sim... do meu pai eu não sou muito de conversar.</i>
Ah, porque <i>agora eu tô bem ali no meio eu converso com todo mundo, agora brinco com qualquer um</i> , aí com eu vou para I. com meu vô <i>gosto de ir bastante, eu gosto de andar a cavalo com meu tio</i> , que eu gosto, eu tenho um tio que eu gosto muito lá também <i>tô bem ali no meio deles.</i>
<i>bem melhor, sentindo feliz ali no meio, é gostoso está no meio da família.</i>
[relacionamento afetivo] <i>namoro só depois dos vinte anos [ênfase]</i>
<i>porque eu quero ter meu futuro, ter minha casa, meu carro, conseguir um emprego bom... namorar só da prejuízo, só dá trabalho. Eu quero da atenção mais para meus estudos e pelo meu curso.</i>
<i>com a minha mãe eu acho, minha mãe fala assim que ela namorou só depois dos dezenove anos.</i>
<i>ah, meu pai é bem namoradeiro, minha mãe não, minha mãe é mais de boa.</i>
[percepção sobre influência] <i>é da minha mãe, meu pai mesmo já teve um monte de mulher, já teve três filho já com três mulher diferente</i> , acho que <i>minha mãe ficou dez anos casada com meu pai e casou depois de novo e ficou mais cinco anos, depois ela nunca mais casou também, nem namorou mais nenhum</i> , só fica...as pessoas que ela fica ela nem me fala muito, tô mais por fora, só fica e tchau, ela não traz pra dentro de casa, então <i>acho que vem mais a minha mãe.</i>
[rel. amizades] ah...bom, <i>eu não confio muito em todo mundo, tenho poucas pessoas.</i>
ah <i>é bem difícil eu pegar confiança hein, trabalha muito pra conseguir minha confiança, eu não sou aquela pessoa que sai falando tudo, tem que ver quem é falso, fala muito, tem gente que é muito fofoqueiro</i> , ainda mais em M, muita gente...
... minha mãe gosta bastante da D, M, algumas meninas, <i>acho que eu tenho o que... umas quatro ou cinco amigas só e olhe lá, que eu confio são duas.</i>

<i>minha mãe acha bom, ela fala pra não ter muita confiança nos outros, nas pessoas, pra ver se merece muito a amizade; tem gente que usa você pra ter algum coisa, tem gente interesseira demais.</i>
[influência sobre amizade] <i>acho que da minha mãe também, ela tem só três amigas, que ela confia mesmo só tem duas, acho que é mais dela,</i> ela tem uma amiga de infância e tem a L e a D, mais nenhuma.
os positivos? Ah <i>nois é muito brincalhão, nois é muito divertido, gostamos de estar ali jantar de domingo mesmo todo mundo reunido,</i> as vezes nois reza... meu tio memo ele ama som, então ele liga o sonzinho dele, compra a cervejinha dele, meu vó também ele fica bebendo, agora ultimamente minha mãe está deixando eu beber às vezes, com a minha tia, então <i>bem legal.</i>
<i>tem muita gente preguiçosa, minha vó mesmo, mimimi, ela inventa muita coisa pra não fazer nada, onde o carro dela for ela tem que ir atrás,</i> mesmo se for uma coisa só de jovem mais tem que tá lá só por causa do carro dela, nem que ela fica dentro do carro pra dormir mais ela tem que ir, tem pouca coisa nossa.
[o que pensa sobre sua família] ah, <i>eu penso que é uma família boa, tem pontos negativos... é uma família ótima até, comparado umas famílias que tá pior que a gente, nois tá bem.</i>
ah <i>eu me sinto feliz, alegre, eu me sinto bem, eu gosto disso, minha família.</i>
[estudos] ah, <i>influência só se for da minha mãe, porque minha mãe é a única pessoa ali que terminou, completou a escola até o terceiro colegial,</i> minha tia, ela fez o terceiro só que ela repetiu, então ela parou no segundo, meu tio quis parar também, meu tio era só C, minha tia era B, C e D, e <i>minha mãe era só A, então eu puxei a minha mãe nessa relação... mais minha mãe.</i>
acho que não, <i>acho que vem mais de fora, de ver os policial o que eles faz,</i> porque minha família não tem ninguém, tem boleiro, fotográfico mas não tem nenhum.
ah... <i>quando não tenho dinheiro pra fazer as coisas...</i>
<i>Quando começa faltar às vezes alguma coisinha, às vezes não tem dinheiro pra comprar as coisas, ou quando atrasa alguma conta aí eu percebo que tá faltando um pouco de dinheiro, mais é pouca coisa às vezes...</i>
A <i>eu me sinto normal, não fico muito atenta ali no meio,</i> é mais com eles, eu fico normal, <i>não to pagando conta, não me preocupo com nada, fico normal, quetinha.</i>
[lazer, diversão] com a minha tia, <i>eu sou igual a minha tia, eu jogo bola com os meninos igual ela, eu gosto muito de estar na rua com os meninos, e brincar bastante,</i> minha tia mesmo, <i>eu jogando bola sou igualzinha ela,</i> às vezes ela até joga bola comigo, até hoje ela joga.
saúde, <i>acho que meu tio que mais cuida da saúde, um pouquinho meu vó também,</i> que nem o primo meu não tem nada de saúde coitado, já tá obeso, <i>eu vejo o que eu</i>

<i>como, não faço regime porque eu não preciso, eu gosto bastante de exercício, eu gosto de comer tudo aí depois eu corro, brinco, faço caminhada com as meninas até o trevo e volto... gosto muito de cuidar da minha saúde.</i>
<i>só um pouquinho do meu tio, meu tio um pouco sim...</i> é porque ele gosta mais de regime, eu não, eu já como o que o que tenho que comer porque eu gosto, <i>e eu prefiro correr me matar do que deixar de comer.</i>
<i>é, eu gosto mais de atividade física.</i>
é com minha tia e minha mãe, <i>minha mãe queria sempre um menininho só que nunca veio</i> , minha tia queria uma menina só que veio dois meninos... acho que com elas, com elas duas.
[namoro] namorei por um ano, um ano e meio, aí depois nunca mais <i>só daqui alguns anos.</i>
acho que não, <i>minha família não é muita coisa, nós é mais simplidão</i> , acho que só.

APÊNDICE B – Pré-indicadores construídos a partir das falas do adolescente A.L

ahh...eh...na verdade foi <i>minha família, eles acham que eu sou muito desatento</i>, e tipo, <i>eu tenho um problema com minha mãe né</i>, que <i>ela era pessoa muito ruim</i>, <i>ela sempre brigava sem motivo, batia sem motivo...ai acabei ficando meio afastado dela</i>, e <i>hoje não me dou bem com ela não</i>... Essa é a <i>angústia</i>...eu não sabia, mas eles falaram que era pro meu bem, eu concordei, então to aqui.
não...é de <i>sociabilidade...eu não tenho muita conversa pra ter amigo</i>, sabe? <i>Eu sou meio quieto</i>...
tem, tipo, quando <i>eu fico um pouco estressado, muito nervoso</i>, eu tipo, <i>eu não consigo me controlar, eu começo a chorar</i> e, sei lá, <i>fico quente, sentindo muito calor, muito nervoso</i>.
com a minha mãe foi desde sempre, ela sempre vinha com essas coisas, e... <i>ela [mãe] e meu pai brigavam muito</i>, <i>ela brigava com meu pai sem motivo nenhum</i> porque tipo...<i>ela achava ruim, ele saía pra trabalhar e voltava muito tarde ela achava que ele ficava na rua à toa</i>, ele trabalhava na usina entrava as seis e chegava até as onze da noite, da usina. E <i>ela achava ruim achando que ele estava na cidade atrás de outra</i>. Só que <i>ela também ela não gostava do meu pai</i>. Entendeu?
<i>desde os dez anos eles já brigavam</i>
[quando o nervosismo começou?] foi...nem sei, foi quando, hum...tipo, sei lá, <i>adolescência? Fiquei mais forte parece</i>, ai que começou essa questão, <i>eu não conseguia mais ter paciência pra ficar escutando</i>, mas não de querer partir pra cima dos outros... que eles começam a falar muito, aí não dá. <i>Eu fico irritado e perco o controle</i>...
[escutando o que?] ah, outras pessoas falando mal, falando ruim da gente, que eles não sabem o que a gente passa, o que a gente vive, e fica falando porcaria por ai ne... e <i>minha mãe, ela me xingava de tudo quanto é nome, sem motivo, na hora que ela tava brava querendo bater no zoto. Ela me xingava de muito nome. Ela me xingava me chamava de palhaço, bosta, inútil, vagabundo... só que eu tinha dez anos, ai tipo, eu ficava com isso ai...</i>
as pessoas falavam que eu que tinha que ficar na minha, que minha mãe que estava certa, <i>minha mãe não tá certa, não tá certa</i>... e eu não vou ficar escutando dos outros... entendeu?
tipo assim a <i>base do relacionamento da minha mãe é que falsidade dela</i>, que ela falava muito do zoto, que o zoto era falso, <i>hoje meu irmão, minha irmã fala que ela ta boazinha mais não acredito não, não acredito não, que ela tenha mudado não</i>.
<i>A minha falta de atenção não sei... por causa que eu tô assim</i>... eu tô prestando... que nem na escola, <i>eu tô prestando atenção na aula do nada</i> ai quando eu vou perceber já faz mô tempo que mudou até de aula, entendeu? <i>Minha cabeça fica pensando tipo no que acontece em casa, tipo no meu sítio como as coisa ta, fico pensando, até na escola mesmo aleatoriamente</i>, entendeu?

Tipo assim a **maioria é estresse... estresse** aí... **eu perco o controle fácil**, que nem meus irmãos... é teimoso pra bexiga... meu irmão mais novo depois minha irmã. **Minha irmã**, ela já tá moça, praticamente não sabe fazer nada e se você vai falar alguma coisa pra ela, ela que acha ruim, e **o que mais incomoda é que meu pai fica encobrindo ela, mesmo ele sabendo que ela tá errada, ele vê ela fazendo as coisas erradas, aí ele encobre, ainda fala que pra gente que tá bom desse jeito... só que eu e meu irmão tem que fazer do jeito certo, se a gente tiver trabalhando ou com ele em algum canto**, entendeu? **Meu irmão, meu irmão que vem depois dela é teimoso, ele gosta de enfrentar o zoto**, aí se você vai mandar ele fazer alguma coisa ele que fala “porque não vai você?” **ele quer enfrentar você**, entendeu?, **enfrenta você** aí... você fala “meu tô ocupado em alguma coisa, fazendo alguma coisa” ele fala “não sei o que... te vira” **ai me da estresse já**, isso aí, ele fala meu... aí **eu falo “vai fazer o bagulho que eu pedi, tô ocupado ajudando o pai em outra coisa”, ele “ah, se vira você”,** aí pra não brigar com ele, falo para meu pai, meu pai fala que manda ele fazer e mesmo assim ele não vai, só vai se fica no pé. Entende?

Eu ainda tenho raiva dela [mãe], depois que eu fiz quinze anos ela parou de perguntar, mesmo assim de vez em quando ela ainda tenta, **ela tenta arrancar dinheiro do meu pai sabendo que a gente não tem condições [emocionado]** e... **ela fica sempre dando um jeito de atrapalhar**, sabe?

Esse ano eu falei **[com mãe]**, **falo poucas vezes**, eu nem fui lá ainda na casa dela e... **eu falei com ela uma vez só por telefone por causa que meu pai ficou me enchendo o saco pra falar com ela, mas eu não queria**, eu falei só também oi e tchau e acabou.

[relação com pai]. **É boa, ótima, ótima. A gente briga de vez em quando, mas a maioria a gente tá sempre conversando sobre alguma coisa com calma. De vez em quando a gente discute**, mas por causa que **ele é cabeça dura, e eu também**, às vezes quer fazer alguma coisa... eu vejo que vai dar errado, tento explicar pra ele, mas ele fala que vai dar certo, aí acaba dando errado, aí a gente discuti, mas isso aí, **a maioria do tempo a gente tá de boa tá brincando, conversando.**

[relação com mãe] **agora ela tá quieta**, ela não tá mais... depois que eu completei dezessete anos, ela **parou de ficar atormentando**, já faz um tempinho que ela não liga né, **meus irmãos mesmo vai lá quase todo domingo, mas eu não vou não, fico em casa, fico lá ajudando meu pai.**

Porque **eu não quero! Não quero ir pra lá** (Emocionado). Ela fica...ela pede pro meus irmãos fala pra mim que **ela quer que eu ele eu vai lá, que ela quer conversar comigo, mas aí acaba que ela começa... aí eu vou falar as verdade pra ela e ela não me escuta também, ela não quer escuta, e ela começa a dá uma de brava eu vou perder a paciência, e... melhor então deixar quieto, cada um no seu canto.**

Ah, porque **ela [mãe] acha que só ela tá certa, ela não acha que ela é uma pessoa ruim, mas todos** que olham pra ela, que conversa com ela e que tem convivência com ela **sabem que ela é uma pessoa ruim...** só que pra ela não, pra ela não, os outros é ruim menos ela.

hum...Tipo, ela... vamos supor, *qualquer coisinha pra ela [mãe] já é motivo de briga, já é motivo de briga, ela gosta de fala mal dos outros, mas não gosta que fala mal dela...* é isso aí.

É boa também a gente sempre conversa bastante (madrasta), brinca, da risada, a gente sempre tá ali conversando, ela fica dentro de casa, ela cuida da casa, aí quando eu posso eu ajudo ela em alguma coisinha dentro de casa, é isso aí.

Com minha irmã não aí já é... *a gente também conversa e brinca só que quando vai explicar os baguio errado, as coisa erradas que ela tá fazendo ela não quer ouvi não,* ela sai andando e cabo...

O L. [irmão de 15 anos] ah, *qualquer coisa a gente se desentende já, um xinga o outro,* se meu pai não estiver por perto *a gente sai no soco, a gente briga por causa que não tenho paciência com ele não,* ele é teimosão, não quer fazer as coisas certas.

Não, primeiro ficaram com minha mãe, *só eu que fiquei com meu pai já,* só que eles ficaram com minha mãe porque *eles [irmãos] achavam que meu pai tava errado,* eles ficaram uns meses pra lá e quiseram vim, ficaram com ela lá, aí assim que eles perceberam e quiseram vir embora com meu pai.

É, A primeira vez quando ela veio perguntar com quem eu ia ficar aí que *eu falei que ia ficar com o pai, aí ela [mãe] começou a vim com aquele papinho de mãe “aí não sei o que, eu te pus no mundo e você não quer ficar comigo, você não me agradece por nada, você é um ingrato não sei o que...”* aí eu falei não do mesmo jeito de ficar com ele.

Porque *eu não aguentava mais ficar ouvindo desaforo dela,* ficava falando um monte de coisa aí *maltratando o zoto, batia sem motivo,* era *perigoso um dia eu acaba perdendo a cabeça,* ela fosse me bater e eu acabar batendo nela, então *aí vim morar com meu pai...*

Ah tipo assim... pro nosso ser... *meu pai trabalha ele ganha bem até... o negócio é que gosta de gastar (risos),* ele comprou umas vaca né, pra ajuda a gente no leite, tá dando um dinheirinho, mas o dinheiro que ele gastou nas vacas foi mais. *Ah é boa as a condições, a gente não passa necessidade.*

Ah, *eles falam* que é evangélico né, *a gente é evangélico,* mas *eu não gosto de ir para igreja não... Eu prefiro ficar em casa, de boa.*

É diferente né, porque *eu não vou, eles querem muito que eu vou,* fala que o pastor da igreja fala que sente minha falta na igreja porque *eu já fui algumas vezes, mas não gosto de ir não,* parei de ir porque me senti incomodado lá dentro da igreja, entendeu?

muito sono, dentro da igreja me dá sono, daí tipo na hora que ele começava falar a língua dos anjos que eles fala aquilo lá *me incomoda* e pessoas se retorcendo isso aí *me incomoda...*

Ah, é um *clima bom [ambiente familiar], a gente sempre tá muito feliz e alegre.*

Me sinto bem também, porque *tá todo mundo feliz então fico feliz também.*

Pra mim eu <i>sou uma pessoa calma, mas tudo no limite né, eu ajudo o máximo que eu posso lá, faço tudo o máximo que eu posso na visão deles</i> , pra mim é isso aí.
Não com a minha mãe não porque... <i>ela [mãe]... mesmo você fazendo, se esforçando, pra ela não tava bom, ela queria mais... não, a gente faz do jeito que a gente sabe, do jeito que consegue</i> , aí não tem como, aí se ela faz diferente, aí ela que se vira.
A com a visão da minha família [atual] me sinto muito melhor por causa que <i>eles sentem que eu posso fazer, tipo, eu vou fazer o que posso pra ajudar em tudo</i> , por minha mãe não <i>por minha mãe já me sinto horrível, porque pra ela quer mais, eu não vou fazer mais mesmo ela pedindo, a pessoa ruim do jeito que ela é ela não merece, não merece</i> . Entendi?
[Sobre a história do seu nascimento] <i>foi uma bagunça da bexiga eu lembro pelo que meu pai conta. Que a gente morava no sítio que é pra fora da cidade</i> , esse sítio de vez em quando a gente vai para algum canto fazer alguma entrega aí passa lá na frente. E <i>meu pai falou</i> que era mais ou menos de tarde assim duas horas, tava chovendo muito forte e <i>não tinha carro, meu pai pegou o cavalo e veio na cidade na chuva atrás de ambulância pra ir buscar minha mãe grávida lá, foi um dia bem loco ele fala...</i> aí chegou aqui ainda não deu tive que nascer em P. aí nasci lá.
<i>Quem cuidava assim de mim era ela (mãe)</i> , no começo, <i>mas minha vó [paterna] chegava, diz minha vó, que chegou muitas vezes assim e me via largado... como eu era criancinha... e ela [mãe] ocupada, sentada, deitada, muitas vezes dormindo...</i> quando minha vó morava muito longe, mas ela já tinha carro já, o marido dela (avó paterna) tinha carro, aí ela ia sempre visitar.
[modo como é corrigido atualmente] ah... <i>na conversa né!</i> Eu <i>difícilmente eu vou fazer alguma coisa errado</i> porque já é eu faço sempre as coisas da minha rotina eu <i>num bebo, num fumo nem nada...</i> aí <i>difícilmente acontece aí de precisar ser corrigido só questão de briga com meu irmão</i> aí é <i>meu pai tem que entra no meio...</i> isso aí tá certo.
Ah <i>é o jeito certo né</i> [modo de correção], <i>porque a minha mãe, ela queria bater pra resolver as coisas, eu fazia do jeito que ela queria ou eu apanhava</i> , mas <i>do jeito que minha família faz é muito melhor, chega e conversa, senta e conversa</i> é mais fácil, <i>ninguém precisando perder a cabeça...ótimo.</i>
<i>A gente a minha vida inteira veio da roça, a gente sempre foi sitiante... pela família da minha mãe ela é meio ruim por causa que meu vô é ruim, ele é italiano daqueles ruim</i> , ele não é italiano puro, mas ele é mestiço, ela também. E aí ele saiu de lá do país dele lá, ele fala português, português ele fala, e...conheceu minha vó que já morreu, <i>só que ele [avô materno] levou uma vida muito difícil também, os dois bebia muito, a infância da minha mãe e dos meus tios, pela parte da minha mãe, também foi ruim</i> , mas do mesmo jeito... mas às vezes ela acha [mãe] <i>porque a infância dela foi ruim ela não tem que deixar a infância minha e dos meus irmãos ruim também, entendeu?</i> E com <u><i>a família do meu pai sempre foi ótima todo mundo sempre se ajuda do jeito que pode, uma mão lava a outra</i></u> , a gente tem a nossa criação, minha vó tem a dela,

<i>minha vó [paterna] precisa de uma razão para o gado a gente leva, quando a gente não tem ela entrega,</i> é isso aí, o meus bisavó por parte do meu pai não cheguei a conhecer não... nenhum dos dois, tem só o meu padrinho e meus tios mais antigo aí que ainda tão vivo ne e raramente assim eu vejo eles, eu converso com ele.
Tenho [avós paternos vivos], tenho só que <i>eles são separados também</i> mas sempre tão... <i>eles é de boa, hoje eles são amigos, a gente combina um almoço em família, aí meu pai chama os dois porque fica chato chamar um só... eles sentam, assim, eles conversam,</i> minha vó com o marido dela agora e meu vô é sozinho, eles tem... ele mora com o amigo dele e eles conversa, dá risada fica junto é isso aí, <i>amizade.</i>
Olha só o meu avó [materno, vivo] mas <i>nem converso com ele porque ele também é ruim e ele bebe, bebe, o dia inteiro, todos os dias ele bebe, então pra você fala com ele tive sã, é raro, raro, então não converso com ele não.</i>
Ah... acho tipo...<i>meu pai, ele sempre quis ter um sítio ne, a gente tem, mas não é nosso, é alugado,</i> tipo <i>porque a gente sempre veio do sítio, então aí ele se inspirou nisso daí né, ele se inspirou nisso daí e é isso que a gente vive hoje, eu não acho ruim acho bom até, é melhor do que ficar na cidade até...</i> muito barulho, muita bagunça tendeu?
Não sei... porque meu pai nunca falou assim nada de mais nada de como ele foi criado mais é isso aí, <i>eu ajudo ele com dezessete anos, ele [pai] disse também que com quinze ele já tinha carteira registrada na roça,</i> antigamente podia né, hoje não pode mais e <i>hoje eu trabalho o máximo que eu posso com ele,</i> to esperando fazer dezoito anos... <i>Talvez o patrão do meu pai vai me chamar pra trabalhar também, a vou tá fazendo o mesmo serviço, só que agora eu ganho meu dinheiro tendeu?</i>
E, tipo, <i>o jeito que eles cuida eu acho que é do mesmo jeito, meu pai,</i> agora o vô da minha vó... <i>minha vó [paterna] diz que o vô dela era muito agressivo, aqueles povo antigo né, se você não fizesse o certo tinha uma vez só pra resolver isso depois ia apanha, apanhava.</i>
Ai tipo eu não sei muito, ela diz que <i>eles sempre beberam, meu vô e minha vó por parte dela [mãe] beberam, e eles brigavam, brigavam entre si e queriam bate neles [filhos] também só que aí depois que eles foram ficando maior, mais velhos né, eles não deixavam mais apanha de graça, eles não revidava, mas segurava né, no seu limite, e tava certo!</i> porque <i>ficar apanhando de pessoa bêbada por motivo de pinga,</i> isso aí eu não tenho muito deles...ela só falava a mesma história, ela sempre contou a mesma história e meus tios se perguntar pra eles confirmam, só isso aí mesmo.
Não porque <i>a gente vive coisa completamente diferente</i> é uma relação assim que <i>eles era difícil [pais] e ela [mãe] que se tornou pessoa ruim por causa de motivo dela, dos pais dela, mas isso não significa que a gente tem que ter também pelos motivos dela, pelo motivo dela a gente tinha que sofrer,</i> entendeu?
<i>A com minha mãe não aprendi nada, aprendi só limpa a casa que ela obrigava a gente faze, com meu pai aprendi muita coisa, ele me deu um pouco de educação e hoje tudo que eu sei praticamente foi ele que me ensinou, tudo que eu sei ele que me ensinou,</i> e esse negócio de educação tive mais na escola, eu nunca fui uma pessoa

assim ne <i>eu sempre fui quieto na sala de aula</i>, daí a pessoa via a professora corrigindo o zoto eu ficava quieto assim eu só olhava e aprendia entendeu? <i>Porque ela [mãe] não dava educação muito... o negócio dela era só bate ou aprende.</i> Meu pai não, <i>meu pai sempre me ensinou numa boa, ele ensina, se a gente não consegue ele vai lá e faz, ensina como é que é, e ensina pra mim lição de casa da escola ele me ajudava fazer, ensinava</i>, ele falava pra eu fazer primeiro eu falava que não conseguia ele <i>ia me ajudando</i>, e assim que eu <i>fui aprendendo</i>.
tipo (risos) <i>por parte da minha mãe não passaria nada</i>, agora <i>do mesmo jeito que meu pai me ensinou assim na calma, conversando, explicando, do mesmo jeito eu ensinaria meus filhos</i>, a não fazer coisa errada, a não sair pra rua beber, matar ou usar droga e isso aí, ensinaria também eles mexe também com os animais na calma, e é isso aí.
[O que é família?] <i>Família é as pessoas que tão sempre ali do seu lado que cuida de você que vão te ajudar, te proteger de qualquer coisa, e sempre que você precisar eles vão estar lá, meus pais, meus pais, assim, meu pai</i>, minha madrasta e meu avô, eles sempre vão tá lá pra ajuda.
<i>Minha família sempre que preciso de alguma coisa eles tentam me ajudar o máximo que eles podem</i> também né do mesmo jeito <i>eu tento retribuir pra eles, o máximo que eu posso</i>.
O que que eu espero [da família]? Não espero <i>mais nada</i> porque já deu agora <i>eu já to velho, eu tenho que construir a minha vida ne, só, não só né, é que eu não pretendo larga meu pai sozinho</i>, já com trinta e oito anos, tipo, <i>ele já tá meio velho pelo serviço que ele faz</i>, sempre trabalhou em serviço muito pesado, <i>eu não pretendo ir morar, arrumar uma mulher agora e ir morar sozinho não, sempre vo tá ali pra ajuda ele, sempre vó tá ali</i>.
No momento atual... mais ou menos ne que <i>tem vez que eu tô de boa, tem dia que eu acordo estressado sem motivo, tudo me incomoda, qualquer coisa me incomoda, isso aí eu já não entendo, aí começa a me incomodar na parte assim da manhã, tudo me incomoda aí depois eu vou me acalmando</i>, vo ficando de boa entendeu? Isso aí não sei <i>as coisa começa a dar errado de manhã cedo aí já não é um dia bom</i>, que nem meu pai fala se você levanta e tudo começa a dar errado de madrugada já não é um dia bom pra você, para tudo o que você está fazendo aquele dia procura descansar.
Não sei, <i>é do nada é aleatório</i>, posso dormir bem é que eu acordo assim, <i>acordo irritado do nada, eu sempre tô de boa</i>.
Ah, <i>era ruim</i> por causa que <i>eu tava sempre tentando tirar os pensamentos ruim da minha mãe de mim, só quanto mais eu tentava mais eu ficava lembrando dela, os pensamento ruim dela, das coisas que ela fazia, aí que eu fui procurar ajuda, eu não, minha família</i>.
Desde sempre, <i>ela sempre foi uma pessoa ruim</i>, então <i>sempre tava ali [pensamentos], quando eles separam que foi mais... por causa que eu não precisava pensar né já</i>

tava vendo ali, ai depois que eu fui que eu fui começando a ter a vida diferente, mas mesmo assim ainda tava na cabeça...

Não, *hoje não, parou* [pensamentos ruins sobre mãe], *porque ela [mãe] parou de tentar fazer alguma coisa né*, parece que ela cansou, sabe que não vai dar mais certo e parou, e *ela fica lá na dela lá, eu não falo mais com ela e é isso aí, a gente ta de boa agora com minha família.*

Ah de tentar arruinar, ela sempre ligava (entonação), ela ligava pra ficar...ficava ligando para minha madrastra e fica ameaçando, que ia pegar ela na rua, bater nela, não sei o que.... *pessoa ruim*, entendeu?

ah, porque ai *eu já acordo querendo quebra tudo...* ai eles me deixa de boa quieto, ai eles pedem pra alguém fazer outras coisas, ai eu vou pro meu quarto, vou assistir um vídeo no youtube, procuro...na maioria das vezes eu *ligo e fico conversando com meus amigos, fico jogando e conversado com eles, ai mais tarde já tô de boa.*

Não, *porque eu to de boa, isso ai [emoções e pensamentos] é uma coisa aleatória pra mim, to normal e acordo estressado sem motivo nenhum, uma coisa muito aleatória,* porque *não tem relação, a gente sempre tá de boa e feliz é isso, acho que é mais dos neurônios memo sei lá.*

Isso aí [relacionamento afetivo] eu *não ligo muito...* que nem *eu falei “tô ali pra ajudar minha família”,* do jeito que meu pai tá, ele sente muita dor nas costas quando ele ta fazendo algum serviço muito pesado *daí eu vou lá e falo “não, deixa que eu faço você só vai explicando e eu vou fazendo”.*

Não porque *meu pai sempre de vez em quando ele fala que eu tenho que sair, ir pra rua, conhecer alguém,* ai *eu falo “não... eu tô de boa porque isso ai agora de adolescência, isso ai não faz sentido, um monte de adolescente de dezesseis, quinze anos pra trás namorando e arrumando briguinha por causa de coisa aleatória”,* pra mim não... *eu tô de boa, se for pra arruma uma pessoa mais séria quando eu tiver mais de idade, que me compreenda... os adolescente de hoje só quererem sair, beber e ir pra farra... eu não, vou ficar ajudando a minha família e é isso aí.*

[relacionamentos sociais/amizades] Ah *bom, ótimo, a gente, eu e meus amigos gente conversa, zoa até umas horas...*(risos) teve uma noite que eu precisava trabalhar no outro dia com meu pai, falei “a gente vai ficar jogando um pouco só” tava *eu e mais quatro* em cal né, ligação, e quando eu percebi era seis horas da manhã... falei “i gente vou ter que desligar aqui vou tentar dormir alguma coisa”, *quando eu desliguei meu pai ascendeu a luz aí eu fui [trabalhar] virado né, nem falei pra ele cheguei, deitei e dormi o resto a noite.*

É não sei... porque *meus amigos também não fazem nada de errado,* sempre que eu precisava sair, que nem eu ia pra casa de um amigo meu, a maioria das vezes eu ia fazer alguma lição da escola alguma coisa, *nunca eles pediam pra minha mãe, que ela era ruim, ela falava não e ainda brigava com eles,* ai eles vinham, falavam primeiro com meu pai pra ele já ficar sabendo ai depois eles vinha pedir, ai meu pai deixava já. *Eles [família atual] percebem, assim, é uma relação boa eu e meus amigos.*

[pontos positivos do ambiente familiar] ah tudo né, amizade, a felicidade, tudo é importante ali, tudo que tem ali, a gente nunca por causa de alguma coisinha que acontece dificilmente a gente abala fica triste, só se acontecer de perder alguém, só esse motivo, mais não.
Os pontos negativos assim... quando eu e meu irmão briga, porque ai meu pai briga com a gente e fica aquele clima chato ne , meu pai chama eu ai eu vou, ai chama meu irmão também pra fazer alguma coisa ai eu já fico “ah, porque ele vai também, se ele estava errado?!...deixa que eu me viro, eu faço sozinho” ele fica estranhando, eu vou estranhar ele também... ai é perigoso a gente brigar mais.
[pensamento e sentimento sobre a família] tudo ótimo, tudo beleza, não tem muito pensamento, a gente tá ali vivendo o que da.
[E sobre a família anterior?] Era muito ruim né, sempre um clima chato dentro de casa, minha mãe acordava todos os dias estressada, brigando, ai acordava a hora ela queria também, mesmo meu pai querendo sair para trabalhar ela continuava achando ruim de tudo , botava minha irmã pra fazer serviço de casa, lavar louça, fazer comida, acho que eu tinha treze anos minha irmã tinha onze, eu era dois anos mais velho que ela tem dezesseis eu tenho dezessete, ela tem dezesseis assim porque ela faz na metade do ano, sou dois anos mais velho que ela, e é isso ai, meu irmão, meu irmão de quinze agora ele era muito novo já tinha seus nove anos, oito anos, então ela não fazia ele fazer nada porque ela dizia que ele não conseguia, quando eu fiquei mais velho, assim... ela me batia de cinta e chinelo depois que eu fiquei mais velho ela começou a me bater de soco, (parece admirado), porque ela dizia que eu já tava velhinho e já aguentava apanhar , entendeu?, é isso ai.
Eu penso que era errado né! É errado. Nenhuma criança até seus quinze, que é a idade pra começar a fazer alguma coisa, hoje em dia né, ninguém deve sofrer assim né, mas ir pra rua, assim, jogar bola, soltar pipa, brincar e zoar, zoar assim né, na brincadeira.
Porque eu nunca fui de sair da minha casa, um dos amigos que eu conheci, conheci na escola só, porque tipo, eles que puxaram a conversa ai eu ia conversando assim de vez em quando só respondia sim e não e hoje em dia já faz tempo que eu conheci eles... Tem um amigo que é meu melhor amigo que eu conheço ele desde a segunda série da escolinha, hoje em dia ainda tenho contato com ele, converso bastante com ele , e é isso ai, porque é errado né, a gente crescer apanhando por motivo nenhum, por motivo da infância do seu pai ou da sua mãe.
Não sei por que as professoras sempre falam pra estuda, se não você não vai ser ninguém (altera voz), mas tipo, pra ser sitiante eu não preciso de muito estudo o que a gente faz ali a gente já aprende lá, né , agora as professoras ensinava o básico né na escola porque sempre fala isso daí, mas hoje em dia todas as coisas eu você vai fazer tem que fazer outro curso pra você entra e faz alguma coisa. Que nem eu tava querendo fazer um cursinho de segurança, eu, meu tio e meu pai, meu pai já foi segurança também, um tempo... que ele ficou desempregado, ele pagava aluguel com o trabalho de segurança que ele fazia ai eu queria também porque eu achei legal né,

só que ai agora que ele arrumou esse sitio que agora tem mais condições e tem muita coisa pra ele fazer sozinho, ai falei “ah, deixa quieto que foi uma coisa que eu queria assim, mas eu prefiro ajudar ele do que deixar ele sofrer sozinho lá”.

Eu queria ser segurança, era isso daí que queria fazer.

...porque a gente ali, a gente se vira do jeito que dá... não tem, assim, por causa que isso daí foi uma coisa que eu queria, mas eu não cheguei ir pra fazer alguma coisa, então pra mudar é fácil.

Ah, tipo assim a minha... parei de trabalhar agora não tenho [condição financeira], tenho um dinheiro pra receber de um cara, mas ele também tá enrolado porque ele trabalhava com asfalto, as máquinas dele quebrou, daí ficou sessenta mil o conserto das máquinas, ai ele falou que quando ele conseguir pagar essas maquinas ele vai pagar meu dinheiro. Minha família, a gente tem as condição boa até, é que meu pai faz muita conta sem necessidade.

[como se sente sobre a condição financeira] – [emocionado: raiva] Ah, normal, *eu penso que ele [pai] podia para de fazer conta, paga as que tem primeiro, dar um jeito de quitar as que têm, pra depois ele ir voltando pra comprar as coisas que ele precisa*, que ele quer comprar tudo assim em cima já, mas ele não vai pagando as que tem, ele paga as que dá, entendeu? *ai é desse jeito...que vai vivendo.*

[lazer] *eu gosto mais de jogar jogos assim online*, assim, *a gente tá ali jogando*, mas se meu pai chama pra fazer eu já paro e vou lá ajudar.

isso ai já é uma coisa minha da adolescência né, porque acho que todo adolescente gosta de jogar, mas eu falo assim, eu gosto sem exceção, eu já cheguei varar a noite jogando quando eu não precisava trabalhar na outra noite.

Bom, a saúde não sei... meu pai fala... que eu bebo leite com café, mas o café deles é amargo só que eu não gosto, *eu ponho açúcar, muito açúcar, meu pai fala que eu vou pegar diabete*, ele tem a maquininha de diabete que ele tem ne, ele aplica ne mim mais sempre ta normal, eu sempre bebo e... tipo acho que não é tanto assim... bebo na hora, mas *ai como eu fico muito tempo no sol, fazendo exercício, eu sempre tô se mexendo, fazendo alguma coisa, então tipo eu não to parado de um jeito que aquilo vai me prejudicar*, entende?

Tem, que eles dizem que eu tenho que me alimentar melhor, eu sei que eu tenho, eu tento, mas ai a gente faz o que dá. Eles falo que ia me traze na nutricionista, mas eu falei que eu não preciso disso ai, é que *eu sou teimoso também, tenho que caçar jeito de fazer exercício, mas a maioria do tempo quando eu paro de trabalhar já ta de noite ai não vou ficar..., vou procurar descansar.*

Tipo acho que tem, *é a forma que eles vive também, eles não pode falar muito que eu sou gordinho, meu pai era gordinho, todo mundo, a gente sempre foi assim, ninguém respeita, tipo, a alimentação, a gente ta sempre ali, tipo assim, a gente não precisa ser saudável, a gente é saudável sim, mas a gente não faz exercício, a gente queima caloria trabalhando.*

minha mãe é ruim, é bem magra, magra.

Ah, moro com meu pai, minha madrasta K, e meus irmãos e o J. filho da minha madrasta.

Não, *primeiro ficaram com minha mãe, só eu que fiquei com meu pai já*, só que eles ficaram com minha mãe porque eles achavam que meu pai tava errado, *eles ficaram uns meses pra lá e quiseram vim... ficaram com ela lá, ai assim que eles perceberam quiseram vir embora comeu pai.*

APÊNDICE C – Quadros dos Indicadores construídos a partir do pré-indicadores

PRÉ-INDICADORES	INDICADORES
[queixa] <i>minha mãe queria que eu buscasse por causa do meu pai, por causa da pensão</i> , estava na justiça, <i>um monte de coisa, então minha mãe achou que eu precisava... minha mãe, minha vó, minha tia, todo mundo</i> , no começo eu não queria não...[Entrevista Feminina – E.F]	A busca por atendimento psicológico: percepções da adolescente e do adolescente
ai quando eu comecei, no começo comecei com a psicóloga da minha mãe a C., eu comecei a fazer com ela, mas eu gostava um pouco, mas a minha mãe falou que eu queria uma só pra mim <i>eu não queria muito não, até que eu fui acostumando</i> . [E.F]	
[queixa] <i>por causa do meu pai, briga de justiça... é pensão, meu pai não paga</i> . [E.F]	
[queixa] praticamente, <i>ai depois veio meu tio ai foi preso ai fiquei mais quieta no meu canto sem falar com ninguém</i> . [E.F]	
[queixa] ah não, <i>qualquer coisa eu também brigava, qualquer coisa eu também chorava, era um monte de coisa...</i> [E.F]	
[quando começaram sintomas] foi em dois mil e dezenove, assim que <i>meu tio [esposo da tia materna] foi preso</i> , dia vinte, acho que dia vinte e dois de dezembro que ele foi preso, <i>dois dias antes do natal</i> , ai minha tia também já estava para ganhar criança, meu primo. [E.F]	
<i>...fiquei chateada, fiquei sem saber onde eu tava, lugar que eu tava, confusa da vida, cabeça cheia... eu gostava, era muito grudada com ele</i> , ele ficou oito meses preso... <i>é muito ruim... acho que quando ele foi preso eu chorei mais que minha tia</i> . [E.F]	
[queixa] <i>não sei, vem de repente, qualquer coisa eu brigava, não podia falar nada pra mim que eu já brigava, com a minha vó [materna] mesmo eu brigava direto, ela era quem me dava mais raiva</i> . [E.F]	
[motivo da raiva] “ <i>geralmente por causa da minha mãe é... falava do meu pai, sobre meu pai, que meu pai era [...] vagabundo, só faz filho, fez filho e agora não quer pagar pensão</i> ” <i>falava um monte de coisa do meu pai elas, ai me dá raiva que fala o meu pai, eu não gosto quando fala do meu</i>	

<i>pai, minha mãe e minha vó fala do meu pai não dá, não gosto... acontecia direto... já me irritava... eu pegava e saía dali, ia embora pra minha casa</i> [da casa da avó] ou ficava lá fora na calçada. [E.F]	
[queixa, procura por psicólogo] ah <i>era bem pra baixo [saúde mental/emocional], era bem triste</i>. [E.F]	
<i>muita merda, muita coisa ruim</i> [pensamentos] [E.F]	
<i>antigamente eu me cortava até... eu gostava de solidão, sem ninguém, eu entrava no banheiro às vezes e me cortava, agora eu parei com isso (tristeza, choro)</i> [E.F]	
ah vim pra cá, <i>ainda bem que minha mãe fez eu vir pra a psicóloga me ajuda bastante</i>, e foi em dois mil e dezenove que eu fui melhorar, <i>pra eu pegar confiança é difícil, eu sou uma pessoa bem vergonhosa, igual minha tia</i>. [E.F]	
Ah, foi um pouco até eu parar... <i>ai quando começou isso eu diminui um pouco de ir na minha vó</i>, eu saía mais pra rua, brincava com os meninos e as meninas, <i>eu saía um pouco perto deles...ia, divertia brincando, ia pra um monte de lugar, mas com eles [família] eu não ficava muito não</i>.	
[atualmente] <i>hoje nem fala muito do meu pai, hoje eu nem ligo, meu pai tem que pagar pensão mesmo. É o certo</i>.	
[motivo da mudança de pensamento em relação à pensão] <i>a dificuldade da minha mãe que ela tava passando...compra meu material, compra comida pra dentro de casa, um monte de coisa... (emoção, choro)... ai eu vi que precisava pagar pensão, ajuda</i>.	
ahh...eh...na verdade foi <i>minha família, eles acham que eu sou muito desatento</i>, e tipo, <i>eu tenho um problema com minha mãe né</i>, que <i>ela era pessoa muito ruim</i>, ela <i>sempre brigava sem motivo, batia sem motivo...ai acabei ficando meio afastado dela</i>, e <i>hoje não me dou bem com ela não</i>... Essa é a <i>angústia</i>...eu não sabia, mas eles falaram que era pro meu bem, eu concordei, então to aqui. [E.M]	
não...é de <i>sociabilidade...eu não tenho muita conversa pra ter amigo</i>, sabe? <i>Eu sou meio quieto</i>... [E.M]	
tem, tipo, quando <i>eu fico um pouco estressado, muito nervoso</i>, eu tipo, <i>eu não consigo me controlar, eu começo a</i>	

<i>chorar e, sei lá, fico quente, sentindo muito calor, muito nervoso.</i> [E.M]	
Ah, <i>era ruim</i> por causa que <i>eu tava sempre tentando tirar os pensamentos ruim da minha mãe de mim, só quanto mais eu tentava mais eu ficava lembrando dela, os pensamento ruim dela, das coisas que ela fazia, ai que eu fui procurar ajuda, eu não, minha família.</i> [E.M]	
Desde sempre, <i>ela sempre foi uma pessoa ruim</i>, então <i>sempre tava ali [pensamentos], quando eles separam que foi mais... por causa que eu não precisava pensar né já tava vendo ali, ai depois que eu fui que eu fui começando a ter a vida diferente, mas mesmo assim ainda tava na cabeça...</i> [E.M]	
[...] e <i>minha mãe, ela me xingava de tudo quanto é nome, sem motivo, na hora que ela tava brava querendo bater no zoto. Ela me xingava de muito nome.</i> Ela me xingava de muito nome. Ela <i>me xingava me chamava de palhaço, bosta, inútil, vagabundo... só que eu tinha dez anos, ai tipo, eu ficava com isso ai...</i> [E.M]	
A <i>minha falta de atenção não sei... por causa que eu tô assim...</i> eu tô prestando... que nem na escola, <i>eu tô prestando atenção na aula do nada</i> ai quando eu vou perceber já faz mô tempo que mudou até de aula, entendeu? <i>Minha cabeça fica pensando tipo no que acontece em casa, tipo no meu sítio como as coisa ta, fico pensando, até na escola mesmo aleatoriamente,</i> entendeu? [E.M]	
[quando o nervosismo começou?] foi...nem sei, foi quando, hum...tipo, sei lá, <i>adolescência? Fiquei mais forte parece,</i> ai que começou essa questão, <i>eu não conseguia mais ter paciência pra ficar escutando,</i> mas não de querer partir pra cima dos outros... que eles começam a falar muito, aí não dá. <i>Eu fico irritado e perco o controle...</i> [E.M]	
Não porque <i>meu pai sempre de vez em quando ele fala que eu tenho que sair, ir pra rua, conhecer alguém, ai eu falo “não... eu tô de boa porque isso ai agora de adolescência, isso ai não faz sentido, um monte de adolescente de dezesseis, quinze anos pra trás namorando e arrumando briguinha por causa de coisa aleatória”,</i> pra mim não... <i>eu tô de boa, se for pra arruma uma pessoa mais séria quando eu tiver mais de idade, que me compreenda... os adolescente de hoje só quererem sair, beber e ir pra farra... eu não, vou ficar ajudando a minha família e é isso ai.</i> [E.M]	

<i>é que eu ficava muito fechada.</i> [E.F]	Ideias construídas sobre si mesmo e sobre como é visto(a) pela família
ah não, <i>qualquer coisa eu também brigava, qualquer coisa eu também chorava, era um monte de coisa...</i> [E.F]	
sei não a causa... vem de repente, parece que você se emociona muito na hora da raiva, quando <i>eu fico com raiva dá vontade de ir pra cima, daí eu pego e saio e saio chorando e fico quieta no canto, senão vou brigar muito.</i> [E.F]	
saia pra não brigar... <i>eu não gosto muito de brigar.</i> [E.F]	
ah nem ligo muito, eu gosto de me divertir com meus primos, <i>eu não ligo pra briga.</i> [E.F]	
ah tipo <i>tenho vários apelidos na minha família...</i> pro meu vô <i>fala que sou a cowboy dele</i> , ele gosta de andar a cavalo comigo, e para minha tia eu sou, ah, <i>praticamente eu ando mais com minha tia</i> , para os lugar, sair, minha tia chama mais eu do que o filho dela, meu tio, <i>eu saio com ele</i> , tipo assim, ele entrega foto ai eu vou entregar foto com ele isso ai, com meus primos <i>eu brinco bastante...</i> minha vó nem tem como explicar porque ela vive dormindo vinte e quatro horas por causa da diabete, <i>pra minha mãe eu sou normal, pra ela eu sou muito estudiosa.</i> [E.F]	
<i>eu sou vergonhosa</i> , um pouco. [E.F]	
ah... tipo na escola mesmo minha vó sempre foi bem firme com minha mãe, só com minha mãe, porque com os outros dois tios nada um pouco, com minha mãe foi bem firme, ela ensina, minha mãe também me ensina às vezes, <i>eu só... eu tenho bem dificuldade de aprender às vezes...</i> de boquejar, essas coisas, minha mãe puxou minha vó também, ela também bate, ela não é de falar às vezes, só que agora com o celular, ela tira do celular...minha mãe, puxou mais minha avó. [E.F]	
aprendi mais com a minha mãe né, porque a convivência é mais com ela, na escola mesmo, se fosse igual antigamente A,B,C tirava mais A, pois <i>minhas notas é tudo boa igual da minha mãe... só que eu não puxei muito ela nesse negócio de briga</i> com os outros, <i>eu não sou de brigar, sou mais ou</i>	

<i>menos igual meu pai, gosto de ficar quietão, não sou muito de briga, odeio briga.</i> [E.F]	
ah, minha mãe comigo às vezes ela briga, mas também ela nunca foi de brigar na escola, <i>eu também nunca fui pra direção</i>, pra lugar nenhum. [E.F]	
ah, <i>na escola eu sou completamente igual ela fala, ela fala, que ela nunca foi pra direção, eu também não fui, eu sou uma aluna boa, mais ou menos, não tão nerd, mas uma das melhores alunas da sala de aula, igual ela, ela fala que eu sento no mesmo lugar que ela senta na escola</i>, assim que o professor senta, eu sou na mesa atrás, na onde ela falava que antigamente ela sentava. [E.F]	
[...] <i>acho que quando eu tiver filho vai ser um e olha lá, filho da muito trabalho. Porque tem que comprar as coisas, tem que dar respeito, ensinar as coisas, é muita coisa. [...] o trabalho que eu do pra minha mãe já dá pra ver, Deus me livre...</i> [E.F].	
[seu estado atual] <i>não sei explicar sobre minhas emoções, não sou muito de ficar vendo as emoções... é boa, divertida, aventura.</i> [E.F]	
meus pensamentos agora tá bem melhor, é bom meus pensamento, eu gosto, tô sentido mais alegre, mais divertida, <i>eu gosto de aventuras, eu gosto muito de ficar aventurando.</i> [E.F]	
ah vim pra cá, ainda bem que minha mãe fez eu vir pra a psicóloga me ajuda bastante, e foi em dois mil e dezenove que eu fui melhorar, <i>pra eu pegar confiança é difícil, eu sou uma pessoa bem vergonhosa, igual minha tia.</i> [E.F]	
[rel. amizades] ah...bom, <i>eu não confio muito em todo mundo, tenho poucas pessoas.</i> [E.F]	
ah <i>é bem difícil eu pegar confiança hein, trabalha muito pra conseguir minha confiança, eu não sou aquela pessoa que sai falando tudo, tem que ver quem é falso, fala muito, tem gente que é muito fofoqueiro</i>, ainda mais em M, muita gente... [E.F]	
saúde, acho que meu tio que mais cuida da saúde, um pouquinho meu vó também, que nem o primo meu não tem nada de saúde coitado, já ta obeso, <i>eu vejo o que eu como, não faço regime porque eu não preciso, eu gosto bastante de exercício, eu gosto de come tudo ai depois eu corro,</i>	

brinco, faço caminhada com as meninas até o trevo e volto... gosto muito de cuidar da minha saúde. [E.F]	
só um pouquinho do meu tio, meu tio um pouco sim... é porque ele gosta mais de regime, eu não, eu já como o que o que tenho que comer porque eu gosto, e eu prefiro correr me matar do que deixar de comer. [E.F]	
é, eu gosto mais de atividade física. [E.F]	
é com minha tia e minha mãe, minha mãe queria sempre um menininho só que nunca veio, minha tia queria uma menina só que veio dois meninos... acho que com elas, com elas duas. [E.F]	
ahh...eh...na verdade foi minha família, eles acham que eu sou muito desatento, e tipo, eu tenho um problema com minha mãe né, que ela era pessoa muito ruim, ela sempre brigava sem motivo, batia sem motivo...ai acabei ficando meio afastado dela, e hoje não me dou bem com ela não... Essa é a angústia...eu não sabia, mas eles falaram que era pro meu bem, eu concordei, então to aqui. [E.M]	
não...é de sociabilidade...eu não tenho muita conversa pra ter amigo, sabe? Eu sou meio quieto... [E.M]	
tem, tipo, quando eu fico um pouco estressado, muito nervoso, eu tipo, eu não consigo me controlar, eu começo a chorar e, sei lá, fico quente, sentindo muito calor, muito nervoso. [E.M]	
[quando o nervosismo começou?] foi...nem sei, foi quando, hum...tipo, sei lá, adolescência? Fiquei mais forte parece, ai que começou essa questão, eu não conseguia mais ter paciência pra ficar escutando, mas não de querer partir pra cima dos outros... que eles começam a falar muito, aí não dá. Eu fico irritado e perco o controle... [E.M]	
escutando o que?] ah, outras pessoas falando mal, falando ruim da gente, que eles não sabem o que a gente passa, o que a gente vive, e fica falando porcarias por aí né... e minha mãe, ela me xingava de tudo quanto é nome, sem motivo, na hora que ela tava brava querendo bater no zoto. Ela me xingava de muito nome. Ela me xingava me chamava de palhaço, bosta, inútil, vagabundo... só que eu tinha dez anos, aí tipo, eu ficava com isso aí... [E.M]	

Tipo assim a maioria é estresse... estresse ai... eu perco o controle fácil. [E.M]	
É boa, ótima, ótima. A gente briga de vez em quando, mas a maioria a gente ta sempre conversando sobre alguma coisa com calma. De vez em quando a gente discute, mas por causa que ele é cabeça dura, e eu também, às vezes quer fazer alguma coisa... eu vejo que vai dar errado, tento explicar pra ele, mas ele fala que vai dar certo, ai acaba dando errado, ai a gente discuti, mas isso ai, a maioria do tempo a gente tá de boa tá brincando, conversando. [E.M]	
Ah, qualquer coisa a gente se desentende já, um xinga o outro, se meu pai não estiver por perto a gente sai no soco, a gente briga por causa que não tenho paciência com ele não, ele é teimosão, não quer fazer as coisas certas. [E.M]	
É, A primeira vez quando ela veio perguntar com quem eu ia ficar ai que eu falei que ia ficar com o pai, ai ela [mãe] começou a vim com aquele papinho de mãe “ai não sei o que, eu te pus no mundo e você não quer ficar comigo, você não me agradece por nada, você é um ingrato não sei o que...” ai eu falei não do mesmo jeito de ficar com ele. [E.M]	
Ah, eles falam que é evangélico né, a gente é evangélico, mas eu não gosto de ir para igreja não... Eu prefiro ficar em casa, de boa. É diferente né, porque eu não vou, eles querem muito que eu vou, fala que o pastor da igreja fala que sente minha falta na igreja porque eu já fui algumas vezes, mas não gosto de ir não, parei de ir porque me senti incomodado lá dentro da igreja, entendeu? ...muito sono, dentro da igreja me dá sono, dai tipo na hora que ele começava falar a língua dos anjos que eles fala aquilo lá me incomoda e pessoas se retorcendo isso ai me incomoda... [E.M]	
Pra mim eu sou uma pessoa calma, mas tudo no limite né, eu ajudo o máximo que eu posso lá, faço tudo o máximo que eu posso na visão deles, pra mim é isso ai. [E.M]	
A com a visão da minha família [atual] me sinto muito melhor por causa que eles sentem que eu posso fazer, tipo, eu vou fazer o que posso pra ajudar em tudo, por minha mãe não por minha mãe já me sinto horrível, porque pra ela quer mais, eu não vou fazer mais mesmo ela pedindo, a pessoa ruim do jeito que ela é ela não merece, não merece. Entendi? [E.M]	

[modo como é corrigido atualmente] ah... na conversa né! Eu difícilmente eu vou fazer alguma coisa errado porque já é eu faço sempre as coisas da minha rotina eu num bebo, num fumo nem nada... ai difícilmente acontece ai de precisar ser corrigido só questão de briga com meu irmão ai é meu pai tem que entra no meio... isso ai tá certo [E.M]	
Não porque meu pai sempre de vez em quando ele fala que eu tenho que sair, ir pra rua, conhecer alguém, ai eu falo “não... eu tô de boa porque isso ai agora de adolescência, isso ai não faz sentido, um monte de adolescente de dezesseis, quinze anos pra trás namorando e arrumando briguinha por causa de coisa aleatória”, pra mim não... eu tô de boa, se for pra arruma uma pessoa mais séria quando eu tiver mais de idade, que me compreenda... os adolescente de hoje só quererem sair, beber e ir pra farra... eu não, vou ficar ajudando a minha família e é isso ai. [E.M]	
isso ai já é uma coisa minha da adolescência né, porque acho que todo adolescente gosta de jogar, mas eu falo assim, eu gosto sem exceção, eu já cheguei varar a noite jogando quando eu não precisava trabalhar na outra noite. [E.M]	
O que que eu espero [da família]? Não espero mais nada porque já deu agora eu já to velho, eu tenho que construir a minha vida ne, só, não só né, é que eu não pretendo larga meu pai sozinho, já com trinta e oito anos, tipo, ele já tá meio velho pelo serviço que ele faz, sempre trabalhou em serviço muito pesado, eu não pretendo ir morar, arrumar uma mulher agora e ir morar sozinho não, sempre vo tá ali pra ajuda ele, sempre vó ta ali. [E.M]	
[seu estado atual] não sei explicar sobre minhas emoções, não sou muito de ficar vendo as emoções... é boa, divertida, aventura. [E.F]	
meus pensamentos agora tá bem melhor, é bom meus pensamento, eu gosto, tô sentido mais alegre, mais divertida, eu gosto de aventuras, eu gosto muito de ficar aventurando. [E.F]	
ah não sei explicar ainda, conversa ajuda, ai desabafa... é isso que eu tô... [E.F]	

ah tipo <i>psicólogo, minha melhor amiga, minha mãe, minha tia eu converso bastante e minha madrinha</i> que vai ser de eucaristia. [E.F]	Compreensão sobre pensamentos e sentimentos e a relação com o contexto familiar
[como está e relação com família] uh <i>tô achando que não... ou talvez um pouco</i> , não sei, não sei falar sobre isso também. [E.F] <i>antigamente eu me cortava até... eu gostava de solidão</i> , sem ninguém, eu entrava no banheiro às vezes e me cortava, agora eu parei com isso (tristeza, choro)...ah, <i>agora eu acho que era uma coisa bem estúpida o que eu fazia, nada a ver</i> . [E.F]	
<i>desabafa assim... me ajuda refrescar a memória bastante aí dá pra ver que isso não é coisa que se faz (arrependimento)</i> [E.F]	
<i>é bom você botar pra fora do que guardar pra dentro com você</i> . [E.F]	
[seu estado atual e família] <i>hoje só de a gente não brigar tanto</i> , achar motivo pra brigar <i>já tá bem melhor</i> . [E.F]	
[percepção da família] ah do jeito que agora <i>eu divirto bastante agora com eles</i> , então acho que dá pra perceber pelo meu olhar, que <i>é bem melhor do que antes</i> . [E.F]	
ah o jeito meu de hoje em dia, <i>eu ando bem mais feliz, só pelo rosto já da pra saber, só pelo jeito meu</i> . [E.F]	
Ah, porque <i>agora eu tô bem ali no meio eu converso com todo mundo, agora brinco com qualquer um</i> , aí com eu vou para I. com meu vô <i>gosto de ir bastante, eu gosto de andar a cavalo com meu tio</i> , que eu gosto, eu tenho um tio que eu gosto muito lá também <i>tô bem ali no meio deles</i> . [E.F]	
<i>bem melhor, sentindo feliz ali no meio, é gostoso está no meio da família</i> . [E.F]	
No momento atual... mais ou menos ne que <i>tem vez que eu tô de boa, tem dia que eu acordo estressado sem motivo, tudo me incomoda, qualquer coisa me incomoda, isso aí eu já não entendo, aí começa a me incomodar na parte assim da manhã, tudo me incomoda aí depois eu vou me acalmando</i> , vo ficando de boa entendeu? Isso aí não sei <i>as coisa começa a da errado de manhã cedo aí já não é um dia bom</i> , que nem meu pai fala se você levanta e tudo começa a dá errado de madrugada já não é um dia bom pra você, para tudo o que você está fazendo aquele dia procura descansar. [E.M]	

Não sei, <i>é do nada é aleatório</i> , posso dormir bem é que eu acordo assim, <i>acordo irritado do nada, eu sempre tô de boa</i> . [E.M]	
Não, <i>hoje não, parou</i> [pensamentos ruins sobre mãe], <i>porque ela</i> [mãe] <i>parou de tentar fazer alguma coisa né</i> , parece que ela cansou, sabe que não vai dar mais certo e parou, e <i>ela fica lá na dela lá, eu não falo mais com ela e é isso aí, a gente tá de boa agora com minha família</i> . [E.M]	
ah, porque aí <i>eu já acordo querendo quebra tudo...</i> aí eles me deixa de boa quieto, aí eles pedem pra alguém fazer outras coisas, aí eu vou pro meu quarto, vou assistir um vídeo no youtube, procuro...na maioria das vezes eu <i>ligo e fico conversando com meus amigos, fico jogando e conversado com eles, aí mais tarde já tô de boa</i> . [E.M]	
Não, <i>porque eu tô de boa, isso aí [emoções e pensamentos] é uma coisa aleatória pra mim, tô normal e acordo estressado sem motivo nenhum, uma coisa muito aleatória</i> , porque <i>não tem relação, a gente sempre tá de boa e feliz é isso, acho que é mais dos neurônios mesmo sei lá</i> . [E.M]	

[percepção sobre sua família] ah bem, <i>tem os defeitos, mas é uma família é bem reunida, bem comunicativa, as vezes tem uma briga ali, mas briga boba, daqui meia hora está todo mundo bem</i> . [E.F]	
[o que pensa sobre sua família] ah, <i>eu penso que é uma família boa, tem pontos negativos... é uma família ótima até, comparado umas famílias que tá pior que a gente, nois tá bem</i> . [E.F] ah <i>eu me sinto feliz, alegre, eu me sinto bem, eu gosto disso, minha família</i> . [E.F]	
[o que é família?] <i>família é... é a pessoa que te ajuda, que tá ali reunido, se divertindo, quando o outro briga depois pede desculpa se tiver errado... uma mão lava a outra, na família tem que ser</i> . [E.F]	
acho que não, <i>minha família não é muita coisa, nois é mais simplisão</i> , acho que só. [E.F]	
[O que é família?] <i>Família é as pessoas que tão sempre ali do seu lado que cuida de você que vão te ajudar, te proteger de qualquer coisa, e sempre que você precisar eles vão estar</i>	

<i>lá, meus pais, meus pais, assim, meu pai</i>, minha madrasta e meu avô, eles sempre vão tá lá pra ajuda. [E.M]	Concepções sobre família: pensamentos e sentimentos
<i>Minha família sempre que preciso de alguma coisa eles tentam me ajudar o máximo que eles podem</i> também né do mesmo jeito <i>eu tento retribuir pra eles, o máximo que eu posso</i>. [E.M]	
[pensamento e sentimento sobre a família] <i>tudo ótimo, tudo beleza, não tem muito pensamento, a gente tá ali vivendo o que da</i>. [E.M]	
[E sobre a família anterior?] <i>Era muito ruim né, sempre um clima chato dentro de casa, minha mãe acordava todos os dias estressada, brigando, aí acordava a hora ela queria também, mesmo meu pai querendo sair para trabalhar ela continuava achando ruim de tudo</i>, botava minha irmã pra fazer serviço de casa, lavar louça, fazer comida, acho que eu tinha treze anos minha irmã tinha onze, eu era dois anos mais velho que ela tem dezesseis eu tenho dezessete, ela tem dezesseis assim porque ela faz na metade do ano, sou dois anos mais velho que ela, e é isso aí, meu irmão, meu irmão de quinze agora ele era muito novo já tinha seus nove anos, oito anos, então ela não fazia ele fazer nada porque ela dizia que ele não conseguia, <i>quando eu fiquei mais velho, assim... ela me batia de cinta e chinelo depois que eu fiquei mais velho ela começou a me bater de soco, (parece admirado), porque ela dizia que eu já tava velhinho e já aguentava apanhar</i>, entendeu?, é isso aí. [E.M]	
Ah, foi um pouco até eu parar... <i>ai quando começou isso eu diminui um pouco de ir na minha vó</i>, eu saia mais pra rua, brincava com os meninos e as meninas, <i>eu saía um pouco perto deles...ia, divertia brincando, ia pra um monte de lugar, mas com eles [família] eu não ficava muito não</i>. [E.F]	
[atualmente] <i>hoje minha mãe nem fala muito do meu pai, hoje eu nem ligo, meu pai tem que pagar pensão mesmo. É o certo</i>. [E.F]	
[relação com a mãe e sua família] <i>agora tá bem melhor, agora tudo mundo tá bem reunido, todo dia nós fica na minha vó [materna] dia de sexta, sábado, domingo, às vezes os alemão faz churrasco lá, vai todo mundo... a família inteira, meus tios e meus primos ai fica tudo reunido de sexta, sábado e domingo</i>. [E.F]	

<i>antigamente nós não era assim</i>, minha tia de lá de baixo não vinha pra cá, meu tio morava no San Martins não vinha muito pra cá... [E.F]	Percepções sobre as relações familiares e ambiente/clima familiar
[relação com mãe] ah, <i>nunca foi tão ruim, sempre foi bom, mas... a minha mãe fica mais na colega dela do que em casa, então tá bom a relação com minha mãe... nois conversa, brinca as vezes, nois vê kwai junto</i>, essas coisas. [E.F]	
<i>agora com minha vó também está melhor, a gente quase não briga mais</i> ela está pegando mais no pé do meu primo agora meu primo tá morando lá faz muita bagunça muita arte... [E.F]	
<i>Tenho [contato], com meu pai eu tenho... pelo celular, whatsapp.</i> <i>ah, de vez em quando [contato pessoalmente], quando eu vou buscar um trocado lá, um dinheiro pra comer lanche às vezes</i>, com as meninas... [E.F]	
[relação com pai] <i>a nossa relação é mais menos... quando dá vontade eu converso, quando não dá não converso, às vezes a gente fica semanas, meses sem se falar, nem ligo muito pro meu pai, nunca cresci com ele.</i> [E.F]	
eu vim ter contato agora <i>depois de uns doze anos que eu fui ter contato com meu pai</i>, que ele foi morar pra P. ai <i>não tinha muita relação</i>, ai <i>quando ele separou da minha mãe, até uns seis anos ele vinha me buscar, mais depois nunca mais veio, ai voltou agora com uns treze quatorze anos eu tinha...</i> [E.F]	
<i>foi muito estranho</i> [quando voltou a ter contato com pai], <i>tipo andava com desconhecido... é muito estranho ele não tinha o que falar não tinha o que conversar, meio estranho.</i> [E.F]	
<i>normal, nem ligava muito [período distante do pai].</i> [E.F]	
<i>agora tô bem, normal, é simples [voltado a ter contato com pai]</i> [E.F]	
<i>eu nem me lembro muito quando era pequena, tem poucas fotos nossa, nem sei, eu ficava mais com a mãe dele, minha vó</i>, ela sempre morou aqui...minha vó minhas meus primos, só com a minha tia, não foi muito bom minha tia Adriana mas o resto tudo bem, <i>só com meu pai e tia Adriana tava meio afastado (emocionada)</i> [E.F]	

[relação com pai] ah <i>bem mais ou menos, bem boa a relação, nem fico comparando muito. Nós temos mais comunicação pelo celular. Eu passei só acho que uma semana só na casa dele, eu ficava em um quarto ele ficava em outro</i>, ele só chega, faz a janta e vai deitar, ele acorda as quatro horas da manhã para ir trabalhar... <i>então meio ruim.</i> [E.F]	
ah o clima? eu nem sei, <i>com a família do meu pai é mais ou menos, família da minha mãe é ótima a relação</i>, só com a parte da minha vó que assim, a família N... não é muita coisa, <i>a família A... do meu vô é boa, nós somos bem de amigos todo mundo junto.</i> [E.F]	
[clima, ambiente familiar] <i>um clima bom.</i> [E.F]	
ah <i>nós tem nossos defeitos</i>, não tem como fala que não tem, <i>porque toda família tem um defeito</i>, mais é boa <i>eu gosto da minha família.</i> [E.F]	
quando eu tiver filho vai ser um e olha lá ainda, <i>filho dá muito trabalho.</i> [E.F]	
por mim mesmo, <i>o trabalho que eu do pra minha mãe já dá pra ver, Deus me livre...</i> [E.F]	
<i>a família da minha mãe sim, a do meu pai é muita briga...</i> meu pai e meu tio, irmão dele, viveram brigado por dois anos, agora que estão se falando, agora são um grudado com o outro. [E.F]	
ah, porque <i>nois [família materna] é bem unido, quando um precisa outro vai lá e ajuda, quando precisa conversar outro tá ali, quando precisa de alguma coisa outro ajuda, nois tá bem reunido quando precisa.</i> [E.F]	
ah me sinto bem, <i>é legal ter a família.</i> [E.F]	
ah, um negócio tipo legal, que <i>você gosta de estar ali toda hora, você gosta ficar com eles.</i> [E.F]	
tipo aqui <i>no psicólogo, minha mãe...minha mãe mais ou menos porque eu não gosto muito de conversar com a minha mãe, da vergonha até com minha mãe, converso muito com a R, e com minha tia eu converso bastante.</i> [E.F]	
[relação com o contexto familiar] <i>sim, com a família da minha mãe sim... do meu pai eu não sou muito de conversar.</i> [E.F]	

Ah, porque agora eu tô bem ali no meio eu converso com todo mundo, agora brinco com qualquer um, aí com eu vou para I. com meu vô gosto de ir bastante, eu gosto de andar a cavalo com meu tio, que eu gosto, eu tenho um tio que eu gosto muito lá também tô bem ali no meio deles. [E.F]	
bem melhor, sentindo feliz ali no meio, é gostoso está no meio da família. [E.F]	
os positivos? Ah nois é muito brincalhão, nois é muito divertido, gostamos de estar ali jantar de domingo mesmo todo mundo reunido, as vezes nois reza... meu tio memo ele ama som, então ele liga o sonzinho dele, compra a cervejinha dele, meu vô também ele fica bebendo, agora ultimamente minha mãe está deixando eu beber às vezes, com a minha tia, então bem legal. [E.F]	
tem muita gente preguiçosa, minha vó mesmo, mimimi, ela inventa muita coisa pra não fazer nada, onde o carro dela for ela tem que ir atrás, mesmo se for uma coisa só de jovem mais tem que tá lá só por causa do carro dela, nem que ela fica dentro do carro pra dormir mais ela tem que ir, tem pouca coisa nossa. [E.F]	
tipo, eu tenho um problema com minha mãe né, que ela era pessoa muito ruim, ela sempre brigava sem motivo, batia sem motivo...aí acabei ficando meio afastado dela, e hoje não me dou bem com ela não... Essa é a angústia... [E.M]	
com a minha mãe foi desde sempre, ela sempre vinha com essas coisas, e... ela [mãe] e meu pai brigavam muito, ela brigava com meu pai sem motivo nenhum porque tipo...ela achava ruim, ele saía pra trabalhar e voltava muito tarde ela achava que ele ficava na rua à toa, ele trabalhava na usina entrava as seis e chegava até as onze da noite, da usina. E ela achava ruim achando que ele estava na cidade atrás de outra. Só que ela também ela não gostava do meu pai. Entendeu? [E.M]	
desde os dez anos eles já brigavam [E.M] ah, eles brigavam demais, ela [mãe] achava que meu pai não dava atenção, também brigava porque ela queria dinheiro para comprar maquiagem, essas coisas. [E.M]	
[escutando o que?] ah, outras pessoas falando mal, falando ruim da gente, que eles não sabem o que a gente passa, o que a gente vive, e fica falando porcarias por aí né... e minha mãe, ela me xingava de tudo quanto é nome, sem motivo,	

<i>na hora que ela tava brava querendo bater no zoto. Ela me xingava de muito nome. [E.M]</i>	
as pessoas falavam que eu que tinha que ficar na minha, que minha mãe que estava certa, <i>minha mãe não tá certa, não tá certa...</i> e eu não vou ficar escutando dos outros... entendeu? [E.M]	
tipo assim a <i>base do relacionamento da minha mãe é que falsidade dela</i>, que ela falava muito do zoto, que o zoto era falso, <i>hoje meu irmão, minha irmã fala que ela ta boazinha mais não acredito não, não acredito não, que ela tenha mudado não.</i> [E.M]	
Tipo assim a maioria é estresse... estresse ai... eu perco o controle fácil, que nem <i>meus irmãos...</i> é teimoso pra bexiga...meu irmão mais novo depois minha irmã. <i>Minha irmã</i>, ela já ta moça, praticamente não sabe fazer nada e se você vai falar alguma coisa pra ela, ela que acha ruim, e <i>o que mais incomoda é que meu pai fica encobrindo ela, mesmo ele sabendo que ela tá errada, ele vê ela fazendo as coisas erradas, ai ele encobre, ainda fala que pra gente que ta bom desse jeito... só que eu e meu irmão tem que fazer do jeito certo, se a gente tiver trabalhando ou com ele em algum canto</i>, entendeu? <i>Meu irmão, meu irmão que vem depois dela é teimoso, ele gosta de enfrentar o zoto</i>, ai se você vai mandar ele fazer alguma coisa ele que fala “porque não vai você?” <i>ele quer enfrentar você</i>, entendeu?, <i>enfrenta você</i> ai... você fala “meu tô ocupado em alguma coisa, fazendo alguma coisa” ele fala “não sei o que... te vira” <i>ai me da estresse já</i>, isso ai, ele fala meu...ai <i>eu falo “vai fazer o bagulho que eu pedi, to ocupado ajudando o pai em outra coisa”, ele “ah, se vira você”</i>, ai pra não brigar com ele, falo para meu pai, meu pai fala que manda ele fazer e mesmo assim ele não vai, só vai se fica no pé. Entende? [E.M]	
<i>Eu ainda tenho raiva dela [mãe]</i>, depois que eu fiz quinze anos ela parou de perguntar, mesmo assim de vez em quando ela ainda tenta, <i>ela tenta arrancar dinheiro do meu pai sabendo que a gente não tem condições</i> [emocionado] e... <i>ela fica sempre dando um jeito de atrapalhar</i>, sabe? [E.M]	
Esse ano eu falei <i>[com mãe], falo poucas vezes</i>, eu nem fui lá ainda na casa dela e... <i>eu falei com ela uma vez só por telefone por causa que meu pai ficou me enchendo o saco pra falar com ela, mas eu não queria</i>, eu falei só também oi e tchau e acabou. [E.M]	
[relação com pai]. <i>É boa, ótima, ótima. A gente briga de vez em quando, mas a maioria a gente ta sempre conversando</i>	

<i>sobre alguma coisa com calma. De vez em quando a gente discute</i>, mas por causa que ele é cabeça dura, e eu também, às vezes quer fazer alguma coisa... eu vejo que vai dar errado, tento explicar pra ele, mas ele fala que vai dar certo, aí acaba dando errado, aí a gente discuti, mas isso aí, <i>a maioria do tempo a gente tá de boa tá brincando, conversando</i>. [E.M]	
[relação com mãe] <i>agora ela tá quieta</i>, ela não tá mais... depois que eu completei dezessete anos, ela <i>parou de ficar atormentando</i>, já faz um tempinho que ela não liga né, <i>meus irmãos mesmo vai lá quase todo domingo, mas eu não vou não, fico em casa, fico lá ajudando meu pai</i>. [E.M]	
Porque <i>eu não quero! Não quero ir pra lá</i> (Emocionado). Ela fica...ela pede pro meus irmãos fala pra mim que <i>ela quer que eu ele eu vai lá, que ela quer conversar comigo, mas aí acaba que ela começa... aí eu vou falar as verdade pra ela e ela não me escuta também, ela não quer escuta, e ela começa a dá uma de brava eu vou perder a paciência, e... melhor então deixar quieto, cada um no seu canto</i>. [E.M]	
Ah, porque <i>ela [mãe] acha que só ela tá certa, ela não acha que ela é uma pessoa ruim, mas todos</i> que olham pra ela, que conversa com ela e que tem convivência com ela <i>sabem que ela é uma pessoa ruim...</i> só que pra ela não, pra ela não, os outros é ruim menos ela. [E.M]	
hum...Tipo, ela... vamos supor, <i>qualquer coisinha pra ela [mãe] já é motivo de briga, já é motivo de briga, ela gosta de fala mal dos outros, mas não gosta que fala mal dela...</i> é isso aí. [E.M]	
<i>É boa também a gente sempre conversa bastante (madrasta), brinca, da risada, a gente sempre tá ali conversando, ela fica dentro de casa, ela cuida da casa, aí quando eu posso eu ajudo ela em alguma coisinha dentro de casa</i>, é isso aí. [E.M]	
<i>Com minha irmã não</i> aí já é... <i>a gente também conversa e brinca só que quando vai explicar os baguio errado, as coisa erradas que ela tá fazendo ela não quer ouvi não</i>, ela sai andando e cabo... [E.M]	
O L. [irmão de 15 anos] ah, <i>qualquer coisa a gente se desentende já, um xinga o outro</i>, se meu pai não estiver por perto <i>a gente sai no soco, a gente briga</i> por causa que não tenho paciência <i>com ele não</i>, ele é teimosão, não quer fazer as coisas certas. [E.M]	

Não, primeiro ficaram com minha mãe, só eu que fiquei com meu pai já, só que eles ficaram com minha mãe porque eles [irmãos] achavam que meu pai tava errado, eles ficaram uns meses pra lá e quiseram vim, ficaram com ela lá, aí assim que eles perceberam e quiseram vir embora com meu pai. [E.M]	
É, A primeira vez quando ela veio perguntar com quem eu ia ficar aí que eu falei que ia ficar com o pai, aí ela [mãe] começou a vim com aquele papinho de mãe “aí não sei o que, eu te pus no mundo e você não quer ficar comigo, você não me agradece por nada, você é um ingrato não sei o que...” aí eu falei não do mesmo jeito de ficar com ele. [E.M]	
Porque eu não aguentava mais ficar ouvindo desaforo dela, ficava falando um monte de coisa aí maltratando o zoto, batia sem motivo, era perigoso um dia eu acaba perdendo a cabeça, ela fosse me bater e eu acabar batendo nela, então ai vim morar com meu pai. [E.M]	
Ah, é um clima bom [ambiente familiar], a gente sempre tá muito feliz e alegre. [E.M]	
Me sinto bem também, porque tá todo mundo feliz então fico feliz também. [E.M]	
Não com a minha mãe não porque... ela [mãe].... mesmo você fazendo, se esforçando, pra ela não tava bom, ela queria mais...não, a gente faz do jeito que a gente sabe, do jeito que consegue, aí não tem como, aí se ela faz diferente, aí ela que se vira. [E.M]	
...às vezes ela acha [mãe] porque a infância dela foi ruim ela não tem que deixar a infância minha e dos meus irmãos ruim também, entendeu? E com a família do meu pai sempre foi ótima todo mundo sempre se ajuda do jeito que pode, uma mão lava a outra, a gente tem a nossa criação, minha vó tem a dela, minha vó [paterna] precisa de uma razão para o gado a gente leva, quando a gente não tem ela entrega, é isso aí, o meus bisavó por parte do meu pai não cheguei a conhecer não... nenhum dos dois, tem só o meu padrinho e meus tios mais antigo aí que ainda tão vivo ne e raramente assim eu vejo eles, eu converso com ele. [E.M]	
Ah de tentar arruinar, ela sempre ligava (entonação), ela ligava pra ficar...ficava ligando para minha madrasta e fica ameaçando, que ia pegar ela na rua, bater nela, não sei o que.... pessoa ruim, entendeu? [E.M]	

[pontos positivos do ambiente familiar] ah tudo né, amizade, a felicidade, tudo é importante ali, tudo que tem ali, a gente nunca por causa de alguma coisinha que acontece dificilmente a gente abala fica triste, só se acontecer de perder alguém, só esse motivo, mais não. [E.M]	
Os pontos negativos assim... quando eu e meu irmão briga, porque ai meu pai briga com a gente e fica aquele clima chato ne, meu pai chama eu ai eu vou, ai chama meu irmão também pra fazer alguma coisa ai eu já fïco “ah, porque ele vai também, se ele estava errado?!...deixa que eu me viro, eu faço sozinho” ele fica estranhando, eu vou estranhar ele também... ai é perigoso a gente brigar mais. [E.M]	
minha mãe é ruim, é bem magra, magra. [E.M]	
Foram há dez anos, ficaram dez anos casados, ai quando separaram eu tinha quatro anos de idade... não três pra fazer quatro, eu era pequeninha. [E.F]	Família de origem X família atual: noções sobre gerações
estavam; o dois estavam casados. Minha mãe... ela fala que eu fui planejada, que meu pai queria um filho, mas os dois queria um menino só que acabou vindo eu, ai tem vários nomes que eles escolheram, só que minha mãe que escolheu meu nome, meu pai queria Verônica, ai já tinha e é bem feio, tem vários nomes só que ai já tinha na família, ai minha mãe colocou M. com Y e S pra ser diferente, ai no pós parto ela entrou em depressão... eu nasci as onze e trinta e quatro da noite, dia seis de abril... tem várias fotos minha e da minha mãe, meu pai escolheu meu padrinho e minha madrinha, que minha madrinha hoje em dia já morreu, só isso, acho que foi só isso que eu conheço. [E.F]	
Ah... minha tia, minha mãe as vezes me dava banho, mas era mais minha tia e minha vó que cuidava de mim. [E.F]	
ah meu pai ele num... gostava, meu pai, ele fala que não gosta de mulher grávida, ele tem nojo, então minha mãe teve mais ajuda da minha tia minha vó, e a tia dela, minha B.... só isso que eu sei. [E.F]	
ah eu sinto normal, eu não me lembro de nada, não vivi, eles que tava cuidando, eu que dava trabalho. [E.F]	
meus bisavôs sei muito não, dos meus avô, só sei que ele tinha um monte de coisa, casa, mercado dele aqui em M., era bem de vida só que perdeu tudo na pingaiada,	

<i>pingaiada que hoje em dia ele anda bebum ai pela rua de M. [avô paterno]... ele e minha vó são aposentados [paternos]. [...] ela aposentada por doença e ele por tempo de serviço, de carpinteiro [E.F].</i>	
<i>O pai da minha da minha mãe trabalha até hoje, ele vai fazer quase setenta anos, ele e minha vó também são casados uns 56 anos, ai teve minha mãe primeiro, depois veio meu tio e minha tia, agora do meu pai é vagabundo... o meu vó [E.F]</i>	
[relação com família de origem e atual] <i>ah nenhum pouquinho, minha mãe talvez só um tiquinho do meu vó, meu pai acho que foi da família da minha vó da mãe dele, bem pouca coisa. [E.F]</i>	
Ah, <i>minha mãe do jeito de criar puxou totalmente a mãe dela, meu pai, acho que ele puxou... acho que ele puxou minha vó, ele é quetão na dele, ele não fala nada, mais quando ele fica bravo ele vem pra valer só que ele não bate</i>, ele não sabe bate, se ele bate vai bate de soco. [E.F]	
ah... tipo na escola mesmo <i>minha vó sempre foi bem firme com minha mãe</i>, só com minha mãe, porque com os outros dois tios nada um pouco, <i>com minha mãe foi bem firme, ela ensina, minha mãe também me ensina às vezes</i>, eu só... eu tenho bem dificuldade de aprender às vezes... <i>de boquejar, essas coisas, minha mãe puxou minha vó também, ela também bate, ela não é de falar às vezes</i>, só que agora com o celular, ela tira do celular...<i>minha mãe, puxou mais minha avó. [E.F]</i>	
<i>aprendi mais com a minha mãe né, porque a convivência é mais com ela, na escola mesmo</i>, se fosse igual antigamente A,B,C tirava mais A, pois <i>minhas notas é tudo boa igual da minha mãe...</i> só que eu <i>não puxei muito ela nesse negócio de briga</i> com os outros, <i>eu não sou de brigar, sou mais ou menos igual meu pai, gosto de ficar quetão, não sou muito de briga, odeio briga. [E.F]</i>	
ah, <i>minha mãe comigo às vezes ela briga</i>, mas também <i>ela nunca foi de brigar na escola, eu também nunca fui pra direção</i>, pra lugar nenhum. [E.F]	
[Sobre a história do seu nascimento] <i>foi uma bagunça da bexiga eu lembro pelo que meu pai conta. Que a gente morava no sítio que é pra fora da cidade</i>, esse sítio de vez em quando a gente vai para algum canto fazer alguma entrega ai passa lá na frente. E <i>meu pai falou</i> que era mais ou menos	

de tarde assim duas horas, tava chovendo muito forte e não tinha carro, meu pai pegou o cavalo e veio na cidade na chuva atrás de ambulância pra ir buscar minha mãe grávida lá, foi um dia bem loco ele fala... ai chegou aqui ainda não deu tive que nascer em P. ai nasci lá. [E.M]	
Quem cuidava assim de mim era ela (mãe), no começo, mas minha vó [paterna] chegava, diz minha vó, que chegou muitas vezes assim e me via largado... como eu era criancinha... e ela [mãe] ocupada, sentada, deitada, muitas vezes dormindo... quando minha vó morava muito longe, mas ela já tinha carro já, o marido dela (avó paterna) tinha carro, ai ela ia sempre visitar. [E.M]	
A gente a minha vida inteira veio da roça, a gente sempre foi sitiante... pela família da minha mãe ela é meio ruim por causa que meu vô é ruim, ele é italiano daqueles ruim, ele não é italiano puro, mas ele é mestiço, ela também. E ai ele saiu de lá do país dele lá, ele fala português, português ele fala, e...conheceu minha vó que já morreu, só que ele [avô materno] levou uma vida muito difícil também, os dois bebia muito, a infância da minha mãe e dos meus tios, pela parte da minha mãe, também foi ruim, mas do mesmo jeito... mas às vezes ela acha [mãe] porque a infância dela foi ruim ela não tem que deixar a infância minha e dos meus irmãos ruim também, entendeu? [E.M]	
Tenho [avós paternos vivos], tenho só que eles são separados também mas sempre tão... eles é de boa, hoje eles são amigos, a gente combina um almoço em família, ai meu pai chama os dois porque fica chato chamar um só... eles sentam, assim, eles conversam, minha vó com o marido dela agora e meu vô é sozinho, eles tem... ele mora com o amigo dele e eles conversa, dá risada fica junto é isso ai, amizade. [E.M]	
Olha só o meu avó [materno, vivo] mas nem converso com ele porque ele também é ruim e ele bebe, bebe, o dia inteiro, todos os dias ele bebe, então pra você fala com ele tive sã, é raro, raro, então não converso com ele não. [E.M]	
E, tipo, o jeito que eles cuida eu acho que é do mesmo jeito, meu pai, agora o vô da minha vó... minha vó [paterna] diz que o vô dela era muito agressivo, aqueles povo antigo né, se você não fizesse o certo tinha uma vez só pra resolver isso depois ia apanha, apanhava. [E.M]	
Ai tipo eu não sei muito, ela diz que eles sempre beberam, meu vô e minha vó por parte dela [mãe] beberam, e eles	

<i>brigavam, brigavam entre si e queriam bate neles [filhos] também só que aí depois que eles foram ficando maior, mais velhos né, eles não deixavam mais apanha de graça, eles não revidava, mas segurava né, no seu limite, e tava certo! porque ficar apanhando de pessoa bêbada por motivo de pinga, isso aí eu não tenho muito deles...ela só falava a mesma história, ela sempre contou a mesma história e meus tios se perguntar pra eles confirmam, só isso aí mesmo. [E.M]</i>	
Não porque <i>a gente vive coisa completamente diferente</i> é uma relação assim que <i>eles era difícil [pais] e ela [mãe] que se tornou pessoa ruim por causa de motivo dela, dos pais dela, mas isso não significa que a gente tem que ter também pelos motivos dela, pelo motivo dela a gente tinha que sofrer, entendeu? [E.M]</i>	
... porque <i>é errado né, a gente crescer apanhando por motivo nenhum, por motivo da infância do seu pai ou da sua mãe.</i>	

[como é corrigida pela família] <i>minha mãe que me batia, qualquer coisa... se eu fosse mal educada ela já metia o tapa em mim em qualquer lugar, qualquer lugar me dava um tapa, meu vó, meu vó nunca me bateu, ele é mais de fala, meio quietão, pouca coisa que fala, é aquele que fala mas não briga muito, meu pai também nunca me bateu, nunca falou um a, só minha mãe, mais ninguém, ela que dava ordem (emocionada). [E.F]</i>	Pensamentos e sentimentos sobre formas de castigo utilizadas pela família
<i>ah hoje em dia é mais minha tia que fica pegando no meu pé, minha tia, não pode bater prato, tem que sentar desse jeito, não pode colocar o cotovelo na mesa, um monte de coisa, minha tia que me ensina mais as coisas. [E.F]</i>	
[mãe] <i>ah, agora só através da conversa, faz tempo que ela não me bate, ou, tira meu celular também que é meu ponto fraco, não aguento ficar sem celular, tira uns dois, três dias, aí quando é muito pesado é indeterminado até eu parar... [E.F]</i>	
<i>já faz tempo que ela não me bate, ainda bem... bem melhor que apanhar, quando minha mãe batia, batia pra valer, prefiro ficar sem celular do que apanhar. [E.F]</i>	
ah... tipo na escola mesmo <i>minha vó sempre foi bem firme com minha mãe</i>, só com minha mãe, porque com os outros dois tios nada um pouco, com minha mãe foi bem firme, ela ensina, minha mãe também me ensina às vezes, eu só... eu tenho bem dificuldade de aprender às vezes... de boquejar, essas coisas, <i>minha mãe puxou minha vó também, ela também bate, ela não é de falar às vezes, só que agora com</i>	

<i>o celular, ela tira do celular...minha mãe, puxou mais minha avó. [E.F]</i>	
[modo como é corrigido atualmente] ah... <i>na conversa né!</i> Eu dificilmente eu vou fazer alguma coisa errado porque já é eu faço sempre as coisas da minha rotina eu num bebo, num fumo nem nada... ai <i>dificilmente acontece ai de precisar ser corrigido só questão de briga com meu irmão</i> ai é <i>meu pai tem que entra no meio... isso ai tá certo</i> [E.M]	
Ah <i>é o jeito certo né</i> [modo de correção], <i>porque a minha mãe, ela queria bater pra resolver as coisas, eu fazia do jeito que ela queria ou eu apanhava,</i> mas <i>do jeito que minha família faz é muito melhor, chega e conversa, senta e conversa é mais fácil, ninguém precisando perder a cabeça...ótimo.</i> [E.M]	
<i>A com minha mãe não aprendi nada, aprendi só limpa a casa que ela obrigava a gente fazer, com meu pai aprendi muita coisa, ele me deu um pouco de educação e hoje tudo que eu sei praticamente foi ele que me ensinou, tudo que eu sei ele que me ensinou,</i> e esse negócio de educação tive mais na escola, eu nunca fui uma pessoa assim ne <i>eu sempre fui quieto na sala de aula,</i> daí a pessoa via a professora corrigindo o zoto eu ficava quieto assim eu só olhava e aprendia entendeu? <i>Porque ela [mãe] não dava educação muito... o negócio dela era só bate ou aprende.</i> Meu pai não, <i>meu pai sempre me ensinou numa boa, ele ensina, se a gente não consegue ele vai lá e faz, ensina como é que é, e ensina pra mim lição de casa da escola ele me ajudava fazer, ensinava,</i> ele falava pra eu fazer primeiro eu falava que não conseguia ele <i>ia me ajudando,</i> e assim que eu <i>fui aprendendo.</i> [E.M]	
tipo (risos) <i>por parte da minha mãe não passaria nada,</i> agora <i>do mesmo jeito que meu pai me ensinou assim na calma, conversando, explicando, do mesmo jeito eu ensinaria meus filhos,</i> a não fazer coisa errada, a não sair pra rua beber, matar ou usar droga e isso ai, ensinaria também eles mexe também com os animais na calma, e é isso ai. [E.M]	
<i>quando eu fiquei mais velho, assim... ela me batia de cinta e chinelo depois que eu fiquei mais velho ela começou a me bater de soco, (parece admirado), porque ela dizia que eu já tava velhinho e já aguentava apanhar,</i> entendeu?, é isso ai. [E.M]	

<i>Eu penso que era errado né! É errado. Nenhuma criança até seus quinze, que é a idade pra começar a fazer alguma coisa, hoje em dia né, ninguém deve sofrer assim né, mas ir pra rua, assim, jogar bola, soltar pipa, brincar e zoar, zoar assim né, na brincadeira.</i> [E.M]	
<i>... porque é errado né, a gente crescer apanhando por motivo nenhum, por motivo da infância do seu pai ou da sua mãe.</i> [E.M]	

[atualmente] <i>moro só com minha mãe...</i> [E.F]	
<i>mora na mesma rua</i> [avó materna]... <i>minha mãe mora num quarteirão e ela no outro.</i> [E.F]	
agora <i>tá morando minha tia, meus dois primos e meu tio e meu vô, tá morando todo mundo lá</i> [na casa da avó M]. [E.F]	
<i>sempre morei com a minha mãe.</i> [E.F]	
eu <i>vivia na casa da minha tia antigamente</i> , eu gostava de lá. [E.F]	
[mora com] <i>todo mundo junto... nós só vai pra dormir praticamente em casa... nós vive na minha vô;</i> agora mesmo ela tá lá arrumando as coisa. [E.F]	
<i>Ah, moro com meu pai, minha madrasta K, e meus irmãos e o J. filho da minha madrasta.</i> [E.M]	
Não, <i>primeiro ficaram [irmãos] com minha mãe, só eu que fiquei com meu pai já,</i> só que eles ficaram com minha mãe porque eles achavam que meu pai tava errado, <i>eles ficaram uns meses pra lá e quiseram vim... ficaram com ela lá, ai assim que eles perceberam quiseram vir embora com meu pai.</i> [E.M]	

Configuração e
modelos familiares

[motivo da mudança de pensamento em relação à pensão] <i>a dificuldade da minha mãe que ela tava passando...compra meu material, compra comida pra dentro de casa, um monte de coisa... (emoção, choro)... ai eu vi que precisava pagar pensão, ajuda.</i> [E.F]	
Ah, <i>quando começa a faltar as coisas dentro de casa.</i> [E.F]	
Ah, não sei... <i>eu não sou muito de reparar nessas coisas, meu vô memo ele dá de tudo, não deixa faltar nada.</i> [E.F]	

<i>é mais ou menos [condição financeira]... porque quando começa a faltar as coisas, um pouquinho dentro de casa, mas não é que é um monte de coisa, só um pouquinho às vezes quando não dá pra comprar, aí começa aperta um pouco, meu vô fica devendo às vezes no carro, mais aí é coisa de um mês, dois mês só que falta. [E.F]</i>	Condições e características socioeconômicas das famílias
<i>dá um jeito [quando falta], as vizinhas às vezes...aí minha vó pega na vizinha da frente, ela também pega lá, minha vó pega lá, minha vizinha pega lá, uma vai trocando com a outra quando falta, a vizinha é praticamente da família, mais é vizinha. [E.F]</i>	
<i>Ela [mãe] não pode trabalhar porque ela operou da coluna. [E.F]</i>	
<i>faz, desde.... desde quando eu nasci, porque pós parto ela entrou em depressão pós parto... aí então não tá trabalhando, as vezes ela faz uma faxina aqui outra ali com coisa que ela aguenta. [E.F]</i>	
<i>ah, meu vô ajuda bastante lá dentro de casa, ela tá trabalhando...ah, é meio ficando dela, ela vai dia de sexta, uma sexta sim, uma sexta não... da uma organizadinha, ganha cem real, cento e oitenta, aí ajuda dentro de casa. [E.F]</i>	
<i>ela faz uma faxininha praticamente no vizinho na rua de casa, na esquina. [E.F]</i>	
<i>da minha mãe [avô paterno] trabalha até hoje, vai fazer setenta anos quase, trabalha até hoje como pedreiro. [E.F]</i>	
<i>ah tem que comprar as coisas, tem que dar disciplina, tem que dar respeito, ensinar as coisas, é muita coisa... [E.F]</i>	
<i>ah... quando não tenho dinheiro pra fazer as coisas... [E.F]</i>	
<i>Quando começa faltar às vezes alguma coisinha, às vezes não tem dinheiro pra comprar as coisas, ou quando atrasa alguma conta aí eu percebo que tá faltando um pouco de dinheiro, mais é pouca coisa às vezes... [E.F]</i>	
<i>A eu me sinto normal, não fico muito atenta ali no meio, é mais com eles, eu fico normal, não to pagando conta, não me preocupo com nada, fico normal, quetinha. [E.F]</i>	

Eu ainda tenho raiva dela [mãe], depois que eu fiz quinze anos ela parou de perguntar, mesmo assim de vez em quando ela ainda tenta, ela tenta arrancar dinheiro do meu pai sabendo que a gente não tem condições [emocionado] e... ela fica sempre dando um jeito de atrapalhar, sabe? [E.M]	
Ah tipo assim... pro nosso ser... meu pai trabalha ele ganha bem até... o negócio é que gosta de gastar (risos), ele comprou umas vaca né, pra ajuda a gente no leite, tá dando um dinheirinho, mas o dinheiro que ele gastou nas vacas foi mais. Ah é boa as a condições, a gente não passa necessidade. [E.M]	
A gente a minha vida inteira veio da roça, a gente sempre foi sitiante... pela família da minha mãe ela é meio ruim por causa que meu vô é ruim, ele é italiano daqueles ruim, ele não é italiano puro, mas ele é mestiço, ela também. E ai ele saiu de lá do país dele lá, ele fala português, português ele fala, e...conheceu minha vó que já morreu, só que ele [avô materno] levou uma vida muito difícil também, os dois bebia muito, a infância da minha mãe e dos meus tios, pela parte da minha mãe, também foi ruim... [E.M]	
[Sobre a história do seu nascimento] foi uma bagunça da bexiga eu lembro pelo que meu pai conta. Que a gente morava no sítio que é pra fora da cidade, esse sítio de vez em quando a gente vai para algum canto fazer alguma entrega ai passa lá na frente. E meu pai falou que era mais ou menos de tarde assim duas horas, tava chovendo muito forte e não tinha carro, meu pai pegou o cavalo e veio na cidade na chuva atrás de ambulância pra ir buscar minha mãe grávida lá, foi um dia bem loco ele fala... ai chegou aqui ainda não deu tive que nascer em P. ai nasci lá. [E.M]	
Ah... acho tipo...meu pai, ele sempre quis ter um sítio ne, a gente tem, mas não é nosso, é alugado, tipo porque a gente sempre veio do sítio, então ai ele se inspirou nisso dai né, ele se inspirou nisso dai e é isso que a gente vive hoje, eu não acho ruim acho bom até, é melhor do que ficar na cidade até... muito barulho, muita bagunça tendeu? [E.M]	
Não sei... porque meu pai nunca falou assim nada de mais nada de como ele foi criado mais é isso ai, eu ajudo ele com dezessete anos, ele [pai] disse também que com quinze ele já tinha carteira registrada na roça, antigamente podia né, hoje não pode mais e hoje eu trabalho o máximo que eu posso com ele, to esperando fazer dezoito anos... Talvez o patrão do meu pai vai me chamar pra trabalhar também, a vou tá fazendo o mesmo serviço, só que agora eu ganho meu dinheiro tendeu? [E.M]	

Ah, tipo assim a minha... <i>parei de trabalhar agora não tenho [condição financeira], tenho um dinheiro pra receber de um cara, mas ele também tá enrolado</i> porque ele trabalhava com asfalto, as máquinas dele quebrou, daí ficou sessenta mil o conserto das máquinas, aí ele falou que quando ele conseguir pagar essas maquinas ele vai pagar meu dinheiro. <i>Minha família, a gente tem as condição boa até, é que meu pai faz muita conta sem necessidade.</i> [E.M]	
[como se sente sobre a condição financeira] – [emocionado: raiva] Ah, normal, <i>eu penso que ele [pai] podia para de fazer conta, paga as que tem primeiro, dar um jeito de quitar as que têm, pra depois ele ir voltando pra comprar as coisas que ele precisa,</i> que ele quer comprar tudo assim em cima já, mas ele não vai pagando as que tem, ele paga as que dá, entendeu? <i>ai é desse jeito...que vai vivendo.</i> [E.M]	
ah e conversar com minha amiga, <i>ter uma amiga para conversar é sempre bom</i> [E.F]	
[rel. amizades] ah...bom, <i>eu não confio muito em todo mundo, tenho poucas pessoas.</i> [E.F]	
ah <i>é bem difícil eu pegar confiança hein, trabalha muito pra conseguir minha confiança, eu não sou aquela pessoa que sai falando tudo, tem que ver quem é falso, fala muito, tem gente que é muito fofoqueiro,</i> ainda mais em M, muita gente... [E.F]	
... minha mãe gosta bastante da D, M, algumas meninas, <i>acho que eu tenho o que... umas quatro ou cinco amigas só e olhe lá, que eu confio são duas.</i> [E.F]	
<i>minha mãe acha bom, ela fala pra não ter muita confiança nos outros, nas pessoas,</i> pra ver se merece muito a amizade; <i>tem gente que usa você pra ter algum coisa, tem gente interesseira demais.</i> [E.F]	
[influência sobre amizade] <i>acho que da minha mãe também, ela tem só três amigas, que ela confia mesmo só tem duas, acho que é mais dela,</i> ela tem uma amiga de infância e tem a L e a D, mais nenhuma. [E.F]	
[relacionamento afetivo] <i>namoro só depois dos vinte anos [ênfase]</i> [E.F]	

<i>porque eu quero ter meu futuro, ter minha casa, meu carro, conseguir um emprego bom... namorar só da prejuízo, só dá trabalho. Eu quero da atenção mais para meus estudos e pelo meu curso.</i> [E.F]	Contexto familiar e relacionamentos afetivos e sociais
<i>com a minha mãe eu acho, minha mãe fala assim que ela namorou só depois dos dezenove anos.</i> [E.F]	
<i>ah, meu pai é bem namoradeiro, minha mãe não, minha mãe é mais de boa.</i> [E.F]	
[percepção sobre influência] <i>é da minha mãe, meu pai mesmo já teve um monte de mulher, já teve três filho já com três mulher diferente, acho que minha mãe ficou dez anos casada com meu pai e casou depois de novo e ficou mais cinco anos, depois ela nunca mais casou também, nem namorou mais nenhum, só fica...as pessoas que ela fica ela nem me fala muito, tô mais por fora, só fica e tchau, ela não traz pra dentro de casa, então acho que vem mais a minha mãe.</i> [E.F]	
[namoro] namorei por um ano, um ano e meio, aí depois nunca mais <i>só daqui alguns anos.</i> [E.F]	
não...é de <i>sociabilidade...eu não tenho muita conversa pra ter amigo</i>, sabe? <i>Eu sou meio quieto...</i> [E.M]	
ah, porque aí eu já acordo querendo quebra tudo... aí eles me deixa de boa quieto, aí eles pedem pra alguém fazer outras coisas, aí eu vou pro meu quarto, vou assistir um vídeo no youtube, procuro...na maioria das vezes eu <i>ligo e fico conversando com meus amigos, fico jogando e conversado com eles, aí mais tarde já tô de boa.</i> [E.M]	
Isso aí [relacionamento afetivo] eu <i>não ligo muito...</i> que nem <i>eu falei “tô ali pra ajudar minha família”</i>, do jeito que meu pai tá, ele sente muita dor nas costas quando ele tá fazendo algum serviço muito pesado <i>daí eu vou lá e falo “não, deixa que eu faço você só vai explicando e eu vou fazendo”</i>. [E.M]	
Não porque <i>meu pai sempre de vez em quando ele fala que eu tenho que sair, ir pra rua, conhecer alguém, aí eu falo “não... eu tô de boa porque isso aí agora de adolescência, isso aí não faz sentido, um monte de adolescente de dezesseis, quinze anos pra trás namorando e arrumando briguinha por causa de coisa aleatória”, pra mim não... eu tô de boa, se for pra arruma uma pessoa mais séria quando eu tiver mais de idade, que me compreenda...</i> os adolescente de hoje só quererem sair, beber e ir pra farra... eu não, <i>vou ficar ajudando a minha família e é isso aí.</i> [E.M]	

[relacionamentos sociais/amizades] Ah <i>bom, ótimo, a gente, eu e meus amigos gente conversa, zoa até umas horas...</i>(risos) teve uma noite que eu precisava trabalhar no outro dia com meu pai, falei “a gente vai ficar jogando um pouco só” tava <i>eu e mais quatro</i> em cal né, ligação, e quando eu percebi era seis horas da manhã... falei “i gente vou ter que desligar aqui vou tentar dormir alguma coisa”, <i>quando eu desliguei meu pai ascendeu a luz aí eu fui [trabalhar] virado né, nem falei pra ele cheguei, deitei e dormi o resto a noite.</i> [E.M]	
É não sei... porque <i>meus amigos também não fazem nada de errado</i>, sempre que eu precisava sair, que nem eu ia pra casa de um amigo meu, a maioria das vezes eu ia fazer alguma lição da escola alguma coisa, <i>nunca eles pediam pra minha mãe, que ela era ruim, ela falava não e ainda brigava com eles</i>, aí eles vinham, falavam primeiro com meu pai pra ele já ficar sabendo aí depois eles vinha pedir, aí meu pai deixava já. <i>Eles [família atual] percebem, assim, é uma relação boa eu e meus amigos.</i> [E.M]	
<i>Porque eu nunca fui de sair da minha casa, um dos amigos que eu conheci, conheci na escola só, porque tipo, eles que puxaram a conversa aí eu ia conversando assim de vez em quando só respondia sim e não e hoje em dia já faz tempo que eu conheci eles... Tem um amigo que é meu melhor amigo que eu conheço ele desde a segunda série da escolinha, hoje em dia ainda tenho contato com ele, converso bastante com ele.</i> [E.M]	
ah... tipo <i>na escola mesmo minha vó sempre foi bem firme com minha mãe</i>, só com minha mãe, porque com os outros dois tios nada um pouco, <i>com minha mãe foi bem firme, ela ensina, minha mãe também me ensina às vezes, eu só... eu tenho bem dificuldade de aprender às vezes...</i> [E.F]	Contexto familiar e a relação com os estudos e o trabalho
<i>aprendi mais com a minha mãe né, porque a convivência é mais com ela, na escola mesmo</i>, se fosse igual antigamente A,B,C tirava mais A, pois <i>minhas notas é tudo boa igual da minha mãe...</i> [E.F]	
ah, <i>na escola eu sou completamente igual ela fala, ela fala, que ela nunca foi pra direção, eu também não fui, eu sou uma aluna boa, mais ou menos, não tão nerd, mas uma das melhores alunas da sala de aula, igual ela, ela fala que eu sento no mesmo lugar que ela senta na escola</i>, assim que o	

professor senta, eu sou na mesa atrás, na onde ela falava que antigamente ela sentava. [E.F]	
A disciplina na escola, tomara que seja bom aluno , que... da escola que vem o futuro né , se não souber aprender na escola... aprender, como vai ser seu futuro? Minha mãe fala, pra eu estudar bastante pra o que eu quero ser. Eu quero ser polícia. Ai tem que tirar notas boas. [E.F]	
Porque tinha um vizinho que me inspirou , melhora a cidade [polícia] [E.F]	
[estudos] ah, influência só se for da minha mãe, porque minha mãe é a única pessoa ali que terminou, completou a escola até o terceiro colegial , minha tia, ela fez o terceiro só que ela repetiu, então ela parou no segundo, meu tio quis parar também, meu tio era só C, minha tia era B, C e D, e minha mãe era só A, então eu puxei a minha mãe nessa relação... mais minha mãe. [E.F]	
acho que não, acho que vem mais de fora, de ver os policial o que eles faz , porque minha família não tem ninguém, tem boleiro, fotográfico mas não tem nenhum. [E.F]	
O que que eu espero [da família]? Não espero mais nada porque já deu agora eu já to velho, eu tenho que construir a minha vida ne, só, não só né, é que eu não pretendo larga meu pai sozinho , já com trinta e oito anos, tipo, ele já tá meio velho pelo serviço que ele faz , sempre trabalhou em serviço muito pesado, eu não pretendo ir morar, arrumar uma mulher agora e ir morar sozinho não, sempre vo tá ali pra ajuda ele, sempre vó ta ali. [E.M]	
Não sei por que as professoras sempre falam pra estuda, se não você não vai ser ninguém (altera voz), mas tipo, pra ser sitiante eu não preciso de muito estudo o que a gente faz ali a gente já aprende lá, né , agora as professoras ensinava o básico né na escola porque sempre fala isso daí, mas hoje em dia todas as coisas eu você vai fazer tem que fazer outro curso pra você entra e faz alguma coisa. Que nem eu tava querendo fazer um cursinho de segurança, eu, meu tio e meu pai, meu pai já foi segurança também, um tempo... que ele ficou desempregado, ele pagava aluguel com o trabalho de segurança que ele fazia ai eu queria também porque eu achei legal né, só que ai agora que ele arrumou esse sitio que agora tem mais condições e tem muita coisa pra ele fazer sozinho, ai falei “ah, deixa quieto que foi uma coisa que eu queria assim, mas eu prefiro ajudar ele do que deixar ele sofrer sozinho lá”. [E.M]	

<i>Eu queria ser segurança, era isso daí que queria fazer.</i> [E.M]	
...porque <i>a gente ali, a gente se vira do jeito que dá...</i> não tem, assim, por causa que isso daí <i>foi uma coisa que eu queria, mas eu não cheguei ir pra fazer alguma coisa, então pra mudar é fácil.</i> [E.M]	
Ah, tipo assim a minha... <i>parei de trabalhar agora não tenho [condição financeira], tenho um dinheiro pra receber de um cara, mas ele também tá enrolado...</i> porque ele trabalhava com asfalto, as máquinas dele quebrou, daí ficou sessenta mil o conserto das máquinas, aí ele falou que quando ele conseguir pagar essas máquinas ele vai pagar meu dinheiro. <i>Minha família, a gente tem as condições boas até, é que meu pai faz muita conta sem necessidade.</i> [E.M]	
Tem, que eles dizem que eu tenho que me alimentar melhor, eu sei que eu tenho, eu tento, mas aí a gente faz o que dá. Eles falo que ia me trazer na nutricionista, mas eu falei que eu não preciso disso aí, é que eu sou teimoso também, tenho que caçar jeito de fazer exercício, mas a maioria do tempo <i>quando eu paro de trabalhar já tá de noite aí não vou ficar..., vou procurar descansar.</i> [E.M]	
Tipo acho que tem, é a forma que eles vive também, eles não pode falar muito que eu sou gordinho, meu pai era gordinho, todo mundo, a gente sempre foi assim, ninguém respeita, tipo, a alimentação, a gente tá sempre ali, tipo assim, a gente não precisa ser saudável, a gente é saudável sim, mas a gente não faz exercício, <i>a gente queima caloria trabalhando.</i> [E.M]	

<i>Eu sou católica. É tudo católica [família materna];</i> [E.F]	
<i>por parte de pai acho que são tudo evangélico; meu pai é meio católico, meio evangélico vai qualquer um.</i> [E.F]	
ah o mesmo valor, praticamente, <i>na minha família nem todo mundo vai para a igreja só a minha vó que é,</i> gosta de ver, televisão, um monte de coisa, <i>ela e minha bisavó..., agora eu geralmente as vezes vou para a igreja com colega, amigos...</i> ontem mesmo eu fui para a igreja... <i>sem minha mãe, minha mãe não é muito de ir para a igreja,</i> última vez que foi na igreja foi na minha eucaristia. [E.F]	

[lazer, diversão] com a minha tia, <i>eu sou igual a minha tia, eu jogo bola com os meninos igual ela, eu gosto muito de estar na rua com os meninos, e brincar bastante</i>, minha tia mesmo, <i>eu jogando bola sou igualzinha ela</i>, às vezes ela até joga bola comigo, até hoje ela joga. [E.F]	Contexto familiar e o lazer, cuidados com a saúde e religiosidade
saúde, <i>acho que meu tio que mais cuida da saúde, um pouquinho meu vó também</i>, que nem o primo meu não tem nada de saúde coitado, já ta obeso, <i>eu vejo o que eu como, não faço regime porque eu não preciso, eu gosto bastante de exercício, eu gosto de come tudo ai depois eu corro, brinco, faço caminhada com as meninas até o trevo e volto... gosto muito de cuidar da minha saúde</i>. [E.F]	
só um pouquinho do meu tio, meu tio um pouco sim... é porque ele gosta mais de regime, eu não, eu já como o que o que tenho que comer porque eu gosto, <i>e eu prefiro correr me matar do que deixar de comer</i>. [E.F]	
<i>é, eu gosto mais de atividade física</i>. [E.F]	
Ah, <i>eles falam</i> que é evangélico né, <i>a gente é evangélico</i>, mas <i>eu não gosto de ir para igreja não... Eu prefiro ficar em casa, de boa</i>. É diferente né, porque <i>eu não vou, eles querem muito que eu vou</i>, fala que o pastor da igreja fala que sente minha falta na igreja porque <i>eu já fui algumas vezes, mas não gosto de ir não</i>, parei de ir porque me senti incomodado lá dentro da igreja, entendeu? <i>muito sono, dentro da igreja me dá sono</i>, dai tipo na hora que ele começava falar a língua dos anjos que eles fala aquilo lá <i>me incomoda</i> e pessoas se retorcendo isso ai <i>me incomoda...</i> [E.M].	
[lazer]_<i>eu gosto mais de jogar jogos assim online</i>, assim, <i>a gente tá ali jogando, mas se meu pai chama pra fazer eu já paro e vou lá ajudar</i>. [E.M]	
Bom, a saúde não sei... meu pai fala... que eu bebo leite com café, mas o café deles é amargo só que eu não gosto, <i>eu ponho açúcar, muito açúcar, meu pai fala que eu vou pegar diabete</i>, ele tem a maquininha de diabete que ele tem ne, ele aplica ne mim mais sempre ta normal, eu sempre bebo e... tipo acho que não é tanto assim... bebo na hora, mas <i>ai como eu fico muito tempo no sol, fazendo exercício, eu sempre tô se mexendo, fazendo alguma coisa, então tipo eu não to parado de um jeito que aquilo vai me prejudicar</i>, entende? [E.M]	
<i>Tem, que eles dizem que eu tenho que me alimentar melhor, eu sei que eu tenho, eu tento, mas ai a gente faz o que dá</i>.	

Eles falo que ia me traz na nutricionista, mas eu falei que eu não preciso disso ai, é que <i>eu sou teimoso também, tenho que caçar jeito de fazer exercício, mas a maioria do tempo quando eu paro de trabalhar já ta de noite ai não vou ficar..., vou procurar descansar [E.M]</i>	
Tipo acho que tem, <i>é a forma que eles vive também, eles não pode falar muito que eu sou gordinho, meu pai era gordinho, todo mundo, a gente sempre foi assim, ninguém respeita, tipo, a alimentação, a gente ta sempre ali, tipo assim, a gente não precisa ser saudável, a gente é saudável sim, mas a gente não faz exercício, a gente queima caloria trabalhando. [E.M]</i>	

APÊNDICE D

Roteiro da entrevista de História Oral

BLOCO I – Relação entre PARTICIPANTE e FAMÍLIA

1. Qual o motivo que fez você e/ou sua família terem procurado por atendimento psicológico?
2. Quando que esse motivo/problema começou?
3. Em sua opinião existe uma causa ou várias causas para esse problema?
4. Em sua opinião, quais fatores ou coisas colaboraram para que o problema continuasse/se mantivesse?
5. Atualmente como é sua família? Ou seja, com quem você mora?
6. Como você percebe a condição financeira de sua família?
7. Você possui religião? E sua família?
8. Se sim, qual é? Neste aspecto religioso, você se percebe diferente ou seguindo os meus valores religiosos da sua família?
9. Como você considera a sua relação com os membros de sua família? Pai; mãe; irmãos e entre seus pais, caso more com ambos? (perguntar pausadamente, um por um)
10. Como você considera o ambiente/clima familiar? Por qual motivo considera assim?
11. Como você enxerga sua família? E como se sente em relação a isso?
12. Como acha que é percebido/entendido pela sua família?
13. Qual a história do seu nascimento?
14. Como é corrigido por sua família? E o que acha sobre essa forma de correção?
15. O que você sabe sobre a família de origem de seus pais?
16. Percebe alguma relação com a sua família atual?
17. O que você aprende ou aprendeu com seus pais?
18. Tem algo que passaria a sua próxima geração, caso tenha?
19. O que é família para você?
20. Sua família se enquadra nessa visão? Por quê?
21. O que você espera da sua família?

BLOCO II – Relação entre PARTICIPANTE – FAMÍLIA – SOCIALIDADE/SOCIABILIDADE

22. Como você considera sua saúde mental/emocional (condições cognitivas - seus pensamentos - e afetivas - seus sentimentos e emoções) no momento?
23. Como você considerava sua saúde mental/emocional quando procurou a ajuda da Psicologia?
24. Desde quando está assim e ao que você atribui uma ou possíveis causas?

25. Como acha que sua família percebe seu estado atual – cognitivo (modos de pensar) e afetivo (sentimentos, emoções)?
26. Percebe alguma relação das suas emoções e formas de pensar com o seu contexto familiar?
27. Você possui algum relacionamento afetivo, romântico?
28. E sua sexualidade, percebe relação ou possível influência do seu contexto familiar?
29. Como você considera seus relacionamentos sociais, de amizades?
30. Como acha que sua família percebe seu estado atual quanto às amizades?
31. Quais são os pontos positivos do seu ambiente familiar?
32. E os pontos negativos do ambiente familiar?
33. O que você sente e pensa em relação a sua família?

BLOCO III – Relação entre PARTICIPANTE – FAMÍLIA – ESTUDOS/TRABALHO

34. Existe, na sua percepção, relação entre os seus estudos e do que pretende fazer/trabalhar no futuro com o seu contexto, ou com sua vivência, e relacionamento familiar?
35. Como você percebe a sua condição financeira e de sua família? Como se sente em relação a isso?
36. Quanto ao seu lazer/diversão, o que gosta de fazer nos momentos livres, você percebe alguma relação ou possível influência do seu contexto, ou da sua vivência, familiar?
37. Quanto a sua saúde, e formas de cuidar ou não dela, você percebe alguma relação ou possível influência do seu contexto, ou da sua vivência, familiar?
38. Como se sente e o que passa pela sua cabeça ao responder todas essas questões que envolvem a sua família?
39. Gostaria de acrescentar algo mais?

ANEXOS

TERMO DE ASSENTIMENTO

O que significa assentimento?

O assentimento significa que você concorda em fazer parte de um grupo de adolescentes, da sua faixa de idade, para participar de uma pesquisa. Serão respeitados seus direitos e você receberá todas as informações por mais simples que possam parecer.

Pode ser que este documento denominado TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO contenha palavras que você não entenda. Por favor, peça ao responsável pela pesquisa ou à equipe do estudo para explicar qualquer palavra ou informação que você não entenda claramente.

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **“O SENTIDO DE FAMÍLIA: implicações para a atenção aos adolescentes numa Unidade Básica de Saúde”**, sob a responsabilidade da pesquisadora Bruna Karen Grilo Pereira, RG nº48.868.408.0.

Local da Pesquisa: Departamento de Saúde, Saneamento e Bem Estar Social, Rua: Tenente Cassimiro Dias, nº724 – Centro – Martinópolis, CEP: 19500-000, SP.

I - Pesquisa e procedimentos: Informação ao Participante

Uma pesquisa científica é um estudo organizado com vários procedimentos de investigação, buscando responder uma ou mais perguntas para solucionar um problema de relevância social.

Esta pesquisa tem como objetivo compreender qual o sentido de família para os adolescentes de quatorze a dezessete anos atendidos pelo serviço de psicologia de uma Unidade Básica de Saúde – UBS – do interior paulista.

Para que fazer a pesquisa?

Esta pesquisa surgiu a partir de questionamentos sobre a relação entre o contexto e a configuração familiar, bem como a história e cultura de cada família e as possíveis influências que esse grupo tem sobre a formação subjetiva do adolescente, levando-me a necessidade de aprofundar a temática da vivência familiar indagando como os efeitos produzidos por essa vivência constituem o sentido de família para o adolescente e se este sentido se relaciona com outras questões da adolescência, tais como estudo, trabalho, sexualidade, religiosidade.

Pretende-se utilizar de entrevista com 2 sujeitos, que poderá se prolongar por mais de uma sessão, caso necessário, tendo em vista a finalidade de responder aos objetivos do estudo. A(s) entrevista(s) serão agendadas e gravadas para posterior transcrição e análise dos dados.

Em relação aos benefícios desta pesquisa, espera-se contribuir para ampliar a compreensão do participante sobre si mesmo e sobre como as relações e os vínculos familiares confluem para outras situações da sua vida.

II - Sigilo/Anonimato

Esta pesquisa irá manter o anonimato do(a) participante durante e após a sua realização. A pesquisadora se compromete no cuidado em preservar a identidade do(a) participante submetido a entrevista e sua gravação.

III- Liberdades/Garantias

É assegurado ao participante o direito de retirar-se da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou penalização; bem como a liberdade de não responder às perguntas ou não participar de momentos que possam causar-lhe constrangimento de qualquer natureza.

A sua participação é voluntária. Caso você opte por não participar não terá nenhum prejuízo no seu atendimento e/ou tratamento.

IV – Procedimentos

Que devo fazer se eu concordar voluntariamente em participar da pesquisa?

Caso você aceite participar, será agendado um dia e horário específico nesta Unidade Básica de Saúde, onde se realizará a entrevista e sua gravação (para posterior transcrição e análise) que poderá durar em média 60 minutos, e, caso necessário, será agendado outro dia para a continuidade.

Se você ou os seus responsáveis tiver(em) dúvidas com relação ao estudo, direitos do participante, ou no caso de riscos relacionados ao estudo, você deve contatar a pesquisadora responsável pelo estudo ou membro de sua equipe - Bruna Karen Grilo Pereira, pelo telefone 18-99791/5655.

Se você tiver dúvidas sobre seus direitos como um paciente de pesquisa, você pode contatar o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos (CEP) da FCL/Assis, pelo telefone 3302-5607. O CEP é constituído por um grupo de profissionais de diversas áreas, com conhecimentos científicos e não científicos que realizam a revisão ética inicial e continuada da pesquisa para mantê-lo seguro e proteger seus direitos.

DECLARAÇÃO DE ASSENTIMENTO DO PARTICIPANTE

Eu li e discuti com a pesquisadora responsável pelo presente estudo os detalhes descritos neste documento. Entendo que eu sou livre para aceitar ou recusar, e que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. Eu concordo que os dados coletados para o estudo sejam usados para o propósito acima descrito.

Eu entendi a informação apresentada neste TERMO DE ASSENTIMENTO. Eu tive a oportunidade para fazer perguntas e todas as minhas perguntas foram respondidas.

Eu receberei uma cópia assinada e datada deste TERMO DE ASSENTIMENTO.

Data

Assinatura do Adolescente

Data

Assinatura da Pesquisadora Responsável

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)
(Capítulo IV, itens 1 a 8 da Resolução 466/2012 – Conselho Nacional de Saúde)

Este termo deverá ser elaborado em duas vias. Depois de lido, rubricado e assinado, uma via ficará em poder do PARTICIPANTE ou de seu representante legal e a outra via em poder do pesquisador responsável.

Seu filho(a) _____
está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **“O SENTIDO DE FAMÍLIA: implicações para a atenção aos adolescentes numa Unidade Básica de Saúde”**, sob a responsabilidade da pesquisadora Bruna Karen Grilo Pereira, RG nº48.868.408.0.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Campus de Assis. Quaisquer dúvidas quanto aos aspectos éticos poderão ser esclarecidas no telefone (18) 3302-5607 ou pelo e-mail cep@assis.unesp.br, ou diretamente com a pesquisadora no telefone 18.99791/5655 ou e-mail bruna.karen@unesp.br.

I. A pesquisa:

Esta pesquisa tem como objetivo compreender qual o sentido de família para os adolescentes de quatorze a dezessete anos atendidos pelo serviço de psicologia de uma Unidade Básica de Saúde – UBS – do interior paulista.

II. Procedimentos:

- a) Pretende-se utilizar de entrevista com 2 sujeitos, que poderá se prolongar por mais de uma sessão, caso necessário, tendo em vista a finalidade de responder aos objetivos do estudo. A(s) entrevista(s) serão agendadas e gravadas para posterior transcrição e análise dos dados;
- b) Caso você aceite seu filho (a) participar, será agendado um dia e horário específico nesta Unidade Básica de Saúde, onde se realizará a entrevista e sua gravação, que poderá durar em média 60 minutos.

III. Riscos/Desconfortos e Benefícios

- a) **Possíveis riscos ou desconfortos:** essa pesquisa tem como possíveis riscos o desconforto ou vergonha durante a entrevista; cansaço ou aborrecimento ao responder as questões da entrevista; alterações na autoestima ou visão de mundo decorrente da evocação de memórias e/ou reflexões sobre a historicidade do próprio sujeito bem como de sua família.

Caso ocorra algum desses riscos, seu filho(a) poderá contar com o suporte necessário do Serviço de Psicologia desta Unidade Básica de Saúde, bem como entrar em contato diretamente com a pesquisadora ou ainda com o Comitê de Ética e Pesquisa pelos dados acima.

b) **Benefícios esperados:** Em relação aos benefícios desta pesquisa, espera-se contribuir para ampliar a compreensão do participante sobre si mesmo e sobre como as relações e os vínculos familiares confluem para outras situações da sua vida.

IV. Liberdades/Garantias

É assegurado ao participante o direito de retirar-se da pesquisa a qualquer momento, sem prejuízo ou penalização; bem como a liberdade de não responder às perguntas ou não participar de momentos que possam causar-lhe constrangimento de qualquer natureza.

A participação do seu(sua) filho(a) é voluntária. Caso ele(a) opte por não participar ou você queira retirar o seu consentimento ele não terá nenhum prejuízo no seu atendimento e/ou tratamento.

V. Sigilo/Anonimato

Esta pesquisa irá manter o anonimato do(a) participante durante e após a sua realização. A pesquisadora se compromete no cuidado em preservar a identidade do(a) participante submetido a entrevista e sua gravação.

VII. Publicação

Esta pesquisa poderá ser publicada em sites, revistas e congressos científicos, garantido o sigilo das informações pessoais e do anonimato.

CONSENTIMENTO DO RESPONSÁVEL OU REPRESENTANTE LEGAL

Eu, _____, RG nº _____, abaixo assinado, responsável por _____, autorizo sua participação no estudo **“O SENTIDO DE FAMÍLIA: implicações para a atenção aos adolescentes numa Unidade Básica de Saúde”**, como PARTICIPANTE. Fui devidamente informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Bruna Karen Grilo Pereira sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de sua participação. Foi-me garantido, ainda, que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade ao PARTICIPANTE pesquisado.

Declaro, ainda, que () concordo / () não concordo com a publicação dos resultados desta pesquisa, ciente da garantia quanto ao sigilo das informações pessoais e do anonimato.

Local e data _____, _____ de _____ de _____.

Assinatura do Representante Legal

Eu, Bruna Karen Grilo Pereira, pesquisadora responsável pelo estudo, obtive de forma voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do Responsável do PARTICIPANTE para a participação na pesquisa.

Assinatura da Pesquisadora